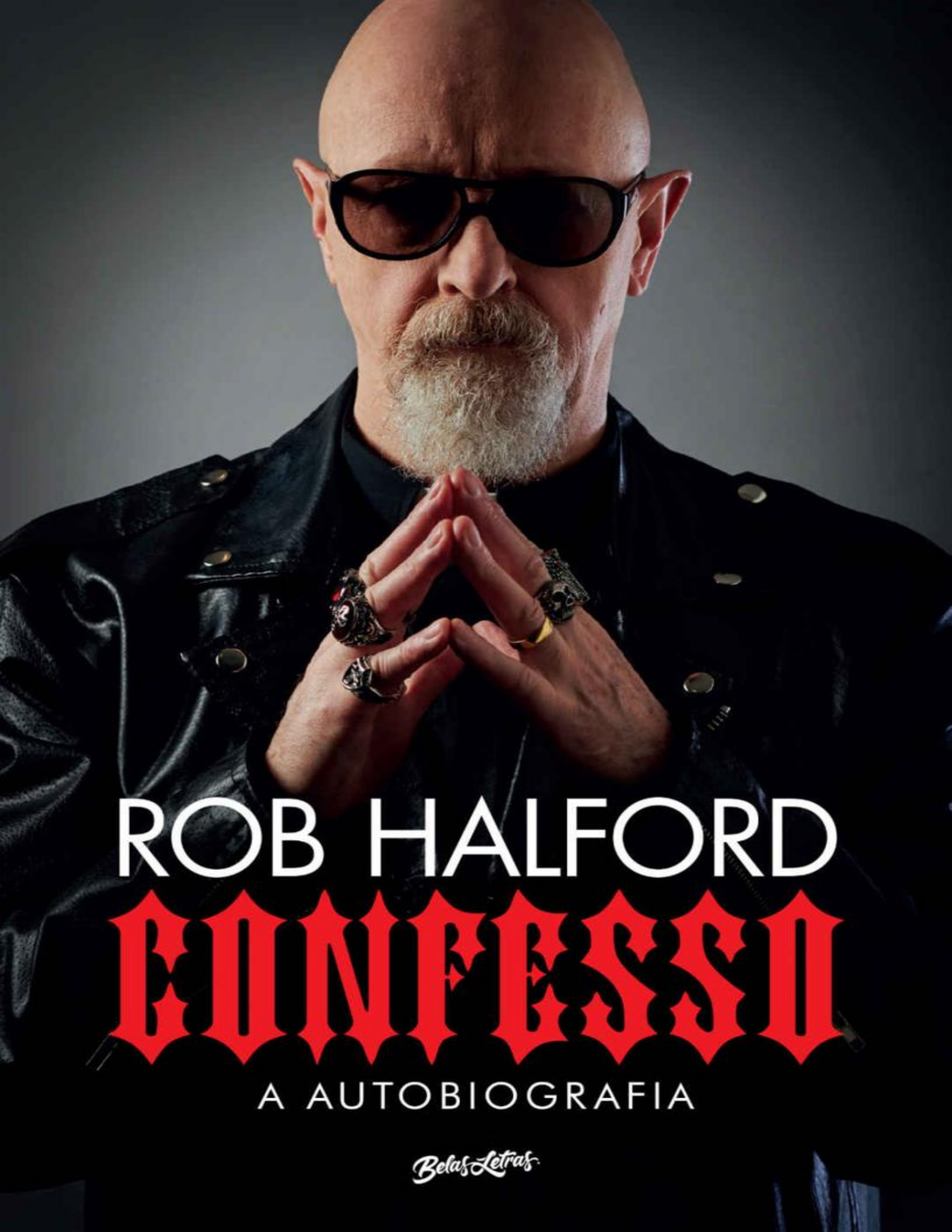


ROB HALFORD

CONFESSO

A AUTOBIOGRAFIA

Belas Letras

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

CONFESSO

A AUTOBIOGRAFIA

ROB HALFORD

COM IAN GITTINS

TRADUÇÃO
PAULO ALVES

Belas Letras

Título original: Confess: The Autobiography
Copyright © 2020 Rob Halford
Todos os direitos reservados

Publicado mediante acordo com Hachette Book Group, Inc.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida para fins comerciais sem a permissão do editor. Você não precisa pedir nenhuma autorização, no entanto, para compartilhar pequenos trechos ou reproduções das páginas nas suas redes sociais, para divulgar a capa, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível (e como somos modestos).

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (*publisher*), Marcelo Viegas (edição), Celso Orlandin Jr. (diagramação e projeto gráfico), Paulo Alves (tradução), Jaqueline Kanashiro (revisão), EM&EN (design de capa) e Larry Rostant (fotos da capa).
Obrigado, amigos.

Produção do e-book: **Schäffer Editorial**

Nota do editor: ao longo da narrativa, o leitor encontrará dois tipos diferentes de notas: as notas do próprio autor, identificadas com letras; e as notas do tradutor, numeradas.

ISBN: 978-65-5537-071-3

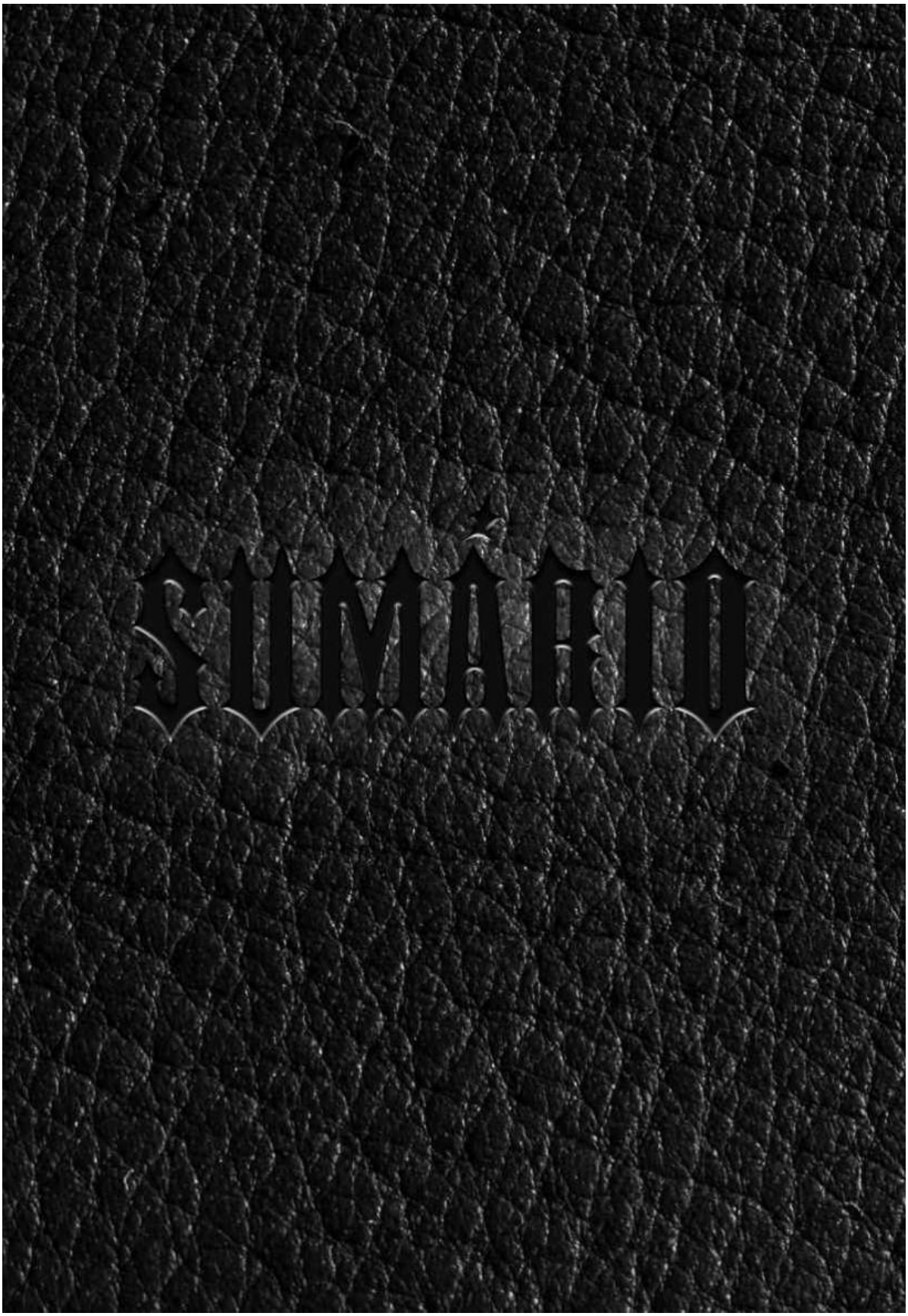
2021
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Belas Letras Ltda.
Rua Coronel Camisão, 167
CEP 95020-420 – Caxias do Sul – RS
www.belasletras.com.br

Aviso Legal

Fui totalmente franco neste livro de memórias.

Esta é a minha mais absoluta verdade, porém, não cabe a mim insistir que outras pessoas desnudem suas almas de maneira tão livre.

Em *Confesso*, alguns nomes e outros detalhes identificadores foram mudados – para proteger os inocentes *e* os culpados.


SUMÁRIO

Introdução – Estou sufocando!
1. Rápido, barquinho...
2. Uma mãozinha aos amigos
3. Seis *barley wines* e um Mogadon
4. Entrando para o sacerdócio
5. Nem míseros cinco contos!
6. O Super-Homem num casaco de pele
7. Os anos de couro de Shirley Bassey
8. O chicote estrala para Marie Osmond
9. Glória, glória, *glory hole*
10. Quando eu chegar a Phoenix...
11. Adoro um homem de uniforme
12. Senhoras e senhores, sentem-se, por favor!
13. É ele. Isso é amor!
14. Na corte do Rei da Filadélfia
15. O cheiro de pólvora
16. Quem nos dera ter essa sorte! (Sorte, sorte, sorte...)
17. Eu – eu – eu bem que pedi uma pastilha!
18. Em boca fechada não entra mosquito
19. Batendo na porta de Sharon Tate
20. A rainha e eu

21. Primeiro de abril, só que não
22. O fogo e o poder do heavy metal
Epílogo – Berrando feito louco para sempre

Bênçãos do Metal

Créditos das músicas

Caderno de imagens

Introdução

Estou sufocando!

São 8h30 da manhã de um dia de semana, no início dos anos 1960. Hora de ir para a escola. Digo "*ta-ra*"[1] para a minha mãe e saio pela porta da frente. Passado o portão, pego a esquerda, vou até o fim da rua, viro à esquerda na Darwin Road. Sigo um pouco por ela, pego a direita, respiro fundo... e cruzo o canal.

À margem do canal – ou do "corte", como dizemos em Walsall –, havia uma metalúrgica imensa chamada G. & R. Thomas Ltd. Era o tipo de fábrica infernal que dera ao Black Country[2] esse nome durante a Revolução Industrial: uma vala barulhenta, arfante e fedida, onde a maioria dos rapazes de Walsall passava os dias trabalhando.

Durante a minha infância, eram estrondos, zunidos e fedor 24h por dia. Demoraria muito, e custaria muito, fechar aquelas caldeiras enormes para depois acendê-las de novo, então a fábrica nunca parava. E a imundície e o veneno que ela arrotava eram inacreditáveis.

Metalúrgicas como a G. & R. Thomas Ltd. moldavam e dominavam o lugar onde eu vivia – e *como* eu vivia. Na minha casa, minha mãe pendurava os lençóis brancos no varal depois de lavá-los, e os recolhia manchados de fuligem cinzenta e preta. Na escola, eu me sentava e tentava escrever numa carteira que vibrava ao ritmo da prensa industrial gigante na fábrica do outro lado da rua:

THUNK! THUNK! THUNK!

Às vezes, no caminho da escola, eu via as silhuetas dos operários da G. & R. Thomas esvaziarem o caldeirão gigante da caldeira no poço de areia. O metal derretido escorria como lava e imediatamente se solidificava em chapas enormes de ferro-gusa.

Ferro-gusa. O nome parecia resumir a feiura daquilo.

Passar pela indústria todos os dias no caminho para a escola era um teste de resistência a que eu nem sempre tinha certeza de que iria sobreviver. A fumaça sufocante que emanava da fábrica e passava por cima do corte era incrivelmente tóxica. Se o vento soprasse na direção errada, e parecia ser sempre esse o caso, fragmentos de cascalho trazidos pela fumaça entravam no seu olho e ficavam lá por dias. Doía pra caralho.

Sempre disse que pude sentir o cheiro e o sabor do heavy metal antes mesmo da música ser inventada...

Assim, eu respirava fundo, apertava minha mochila bem firme contra as costas e corria pela ponte o mais rápido o possível. Nos piores dias, quando a névoa tóxica e a poluição eram tão espessas que parecia ser possível cortá-las, meu cérebro entrava em pânico e se rebelava contra aquele suplício:

Estou sufocando!

De algum modo, eu nunca *de fato* me sufocava, e sempre chegava ao outro lado, ainda que tossindo e cuspindo. E então repetia a coisa toda à tarde, quando voltava para casa. Estava acostumado. Era essa a vida no Black Country.

Houve muitas outras vezes na vida em que pensei: *estou sufocando*. Anos claustrofóbicos, de desespero – tantos anos! –, em que me senti aprisionado: o vocalista de uma das maiores bandas de heavy metal do planeta e, ainda assim, com medo de dizer ao mundo que eu era gay. Passava noites em claro, preocupado e me perguntando:

O que aconteceria se eu assumisse?

Nós perderíamos todos os fãs?

Seria o fim do Judas Priest?

Esse medo e essa angústia me levaram a alguns lugares muito obscuros. Era difícil respirar afundado no poço de merda do alcoolismo e do vício. Era difícil respirar quando eu saltava feito uma bolinha de *pinball* entre relações fadadas ao fracasso com homens que nem sequer compartilhavam da minha sexualidade. E foi mais difícil do que nunca no dia em que um amante perturbado me deu um abraço de despedida... minutos antes de apontar uma arma para a própria cabeça. E puxar o gatilho.

Quando você está sufocando, vai acabar *assim* se não tomar cuidado, e foi o que quase aconteceu comigo: meu estilo de vida autodestrutivo quase me matou. Até tentei eu mesmo fazer isso. No entanto, sobrevivi. Cheguei ao outro lado. Respirei fundo e atravessei a ponte até o outro lado do corte.

Hoje, estou limpo, sóbrio, apaixonado, feliz... e destemido. Vivo uma vida honesta, e isso significa que nada nem ninguém pode mais me machucar. Sou uma versão roqueira de um dos meus primeiros e secretos heróis: Quentin Crisp (que aparecerá mais adiante neste relato). *Sou a bicha imponente do heavy metal*.

Pensei num título perfeito para estas memórias: *Confesso*. Mais apropriado, impossível. Porque, acreditem, este padre corrompido pecou, pecou e pecou de novo, mas agora é hora de confessar esses pecados... e talvez até receber a bênção de vocês.

Portanto, oremos.

Confesso é a história de como aprendi a respirar de novo.

1 *Expressão de despedida popular na região do Black Country, no País de Gales e ao norte da Inglaterra, semelhante a um "tchau-tchau".* (N. do T.)

2 *Região nas West Midlands, na Inglaterra, a oeste de Birmingham, que compreende os distritos de Dudley, Sandwell, Wolverhampton e Walsall.* (N. do T.)

1

Rápido, barquinho...

No princípio, havia o Beechdale.

E era bom.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o povo britânico agradeceu aos esforços de Winston Churchill com um chute na bunda dele e a eleição de um governo trabalhista, que rapidamente estabeleceu um programa amplamente socialista para a construção de centenas de milhares de novas casas, de propriedade pública, para compensar a falta de moradia do Pós-Guerra.

Sob o comando do novo primeiro-ministro, Clement Attlee, e do ministro da Saúde, Aneurin Bevan, novos conjuntos habitacionais surgiram por todo o país para substituir as casas bombardeadas durante a guerra e para dar às famílias da classe trabalhadora britânica um lugar para morar. Um desses conjuntos foi o Gypsy Lane Estate, em Walsall, que logo foi rebatizado de Beechdale.

A 15 minutos a pé do centro de Walsall e a 15 km ao norte de Birmingham, o Beechdale foi construído do zero, novo em folha, numa terra industrial devastada no início dos anos 1950. Nas duas primeiras décadas da minha vida, foi o meu cadinho; o centro do meu mundo, das minhas esperanças, dos meus sonhos, dos meus medos, dos meus triunfos e das minhas derrotas. Porém, curiosamente, não foi lá que nasci.

Depois que meus pais, Joan e Barry Halford, se casaram, em março de 1950, moraram com meus avós maternos em Birchills, Walsall. A casa era minúscula, então, quando minha mãe ficou grávida de mim, ela e meu pai se mudaram para a casa da irmã dela, Gladys. Gladys e o marido, Jack, moravam em Sutton Coldfield, no caminho para Brum (como nós do Black Country chamamos Birmingham).

Nasci em 25 de agosto de 1951 e fui batizado Robert John Arthur Halford. Arthur era um nome que tinha história na família: era o nome do meio do meu pai e o primeiro nome do meu avô (cujo nome do meio era Flavel; fico feliz por não ter herdado esse!).

Minha irmã, Sue, chegou um ano depois, e meus pais ganharam uma casa do governo na Lichfield Road, em Walsall. Depois, em 1953, minha família se estabeleceu no número 38 da Kelvin Road, no Beechdale.

As casas geminadas e robustas de tijolos vermelhos do Beechdale eram simples, como tendem a ser nos conjuntos habitacionais britânicos, mas, como muitas das moradias da era Bevan, havia um certo idealismo por trás delas. Eram maiores do que o tamanho mínimo estipulado pela

legislação e até contavam com jardins na frente e nos fundos.

O Conselho de Walsall sem dúvida imaginara essas casas com gramados bonitos e flores no jardim... mas as coisas não saíram bem assim. Nos anos do Pós-Guerra, ainda havia racionamento de comida, então as famílias do Beechdale usavam seus espaços externos para plantar batatas, legumes e verduras. Basicamente, havia hortas na frente das casas.

Ainda consigo visualizar exatamente a disposição na casa de número 38 da Kelvin Road. No térreo, havia uma sala de estar, uma cozinha e um quartinho. No andar de cima, um lavabo, um banheiro minúsculo, o quarto dos meus pais, um depósito e o quarto que Sue e eu compartilhávamos. Minha cama ficava ao lado da janela.

O Beechdale tinha um ar de boa vizinhança e um verdadeiro espírito comunitário. Os moradores sempre visitavam uns aos outros. Algumas dessas pessoas achavam que era duro viver no conjunto, mas eu não. Minha mãe[a] me dizia para manter distância de certas ruas – “Não importa o que aconteça, não vá por ali!” –, mas o máximo que vi foram umas geladeiras velhas enferrujadas em alguns jardins. Não dava para dizer que era barra-pesada.

Assim como todos os proletários do Black Country, meu pai trabalhava nas fábricas de aço. Começou como engenheiro numa firma chamada Helliwells, que fabricava peças para aviões e ficava situada no aeródromo de Walsall – que há muito tempo não existe mais.

O trabalho combinava com meu pai, que sempre foi apaixonado por aviões. Ele foi reserva da RAF e, quando sua

convocação chegou, ficou ansioso para ser chamado para a Força Aérea. Em vez disso, o colocaram no Exército e ele passou a Segunda Guerra Mundial na planície de Salisbury.

Peguei do meu pai a paixão por aviões e nós construíamos aeromodelos Airfix juntos – Flying Fortresses, Spitfires, Hurricanes. Ele me levava até o aeródromo para ver os planadores decolarem, e fomos uma ou duas vezes a Londres, para ver os aviões no aeroporto de Heathrow. *Isso* era empolgante.

Depois da Helliwells, meu pai foi trabalhar numa fábrica de tubos de aço. Quando um colega pediu demissão para abrir uma nova companhia, a Tube Fabs, meu pai se juntou a ele. Deixou o batente para se tornar comprador, e nós paramos de plantar batatas no jardim para cultivar um gramado bonitinho, com uma passagem no meio. Também compramos um carro. Isso nos dava uma sensação muito especial. Era só um Ford Prefect, nada chamativo, mas, por algum motivo, parecia que nosso *status* havia melhorado. Eu adorava ser levado de carro até os lugares, em vez de pegar o ônibus toda vez.

Minha mãe ficava em casa quando Sue e eu éramos crianças, como era comum às mulheres naquela época, fazia faxina todos os dias e mantinha a casa impecável. Acreditava piamente que “a limpeza nos aproximava de Deus”. A qualquer hora do dia ou da noite, nossa casa parecia um imóvel-modelo, de visitação de imobiliária.

Tínhamos um aquecedor a carvão, e minha mãe sempre reclamava com um dos nossos parentes distantes, Jack, quando ele entregava os grandes sacos de carvão. Da janela, eu observava enquanto ele tirava o saco da

caminhonete e, coberto de fuligem, passava pelo nosso portão e pela moto do meu pai para deixá-lo no depósito.

“Não faz muito pó, Jack!”, minha mãe o repreendia.

“É carvão, querida!”, ria Jack. “O que você esperava?”

O futuro chegou à nossa casa na forma de um aquecedor de imersão. Para economizar, minha mãe só nos deixava colocá-lo na banheira por quinze minutos antes do banho, então nos sentávamos em alguns centímetros de água morna. Ou todas as luzes da casa se desligavam, porque nos esquecíamos de colocar moedas no medidor de gás.

Meus pais colocavam centavos na caixa do medidor, na sala. A caixa era tão gelada, que minha mãe deixava gelatina lá para solidificar. Quando o fiscal vinha para esvaziar o medidor, sempre sobravam uns cinco ou seis centavos. Com sorte, minha mãe dava um ou dois para mim e Sue.

Nas noites de inverno, o número 38 da Kelvin Road era como a Sibéria. Eu me enterrava sob os cobertores e observava o gelo se formar na face interior das janelas. O chão do nosso quarto era de linóleo. Para usar o lavabo à noite, eu tinha de sair disparado pelo piso congelante.

O lavabo era minúsculo, com espaço suficiente só para nos sentarmos na privada, com os joelhos tocando as duas paredes laterais. Meu pai fumava muito, entrava lá com o jornal e lá ficava sentado por 1 hora, baforando.

Minha mãe sempre o alertava antes de entrar: “*Oi*! Não esqueça de abrir a janela!”. No inverno, ele nunca abria. Depois que ele saía, tínhamos de esperar pelo menos cinco minutos até a fumaça do cigarro se dissipar. *A fumaça e o resto*.

Meu pai colocava o pagamento na mesa toda noite de sexta-feira e minha mãe cuidava das finanças. As refeições eram simples: carne e dois legumes; *fish and chips* da barraquinha ou da van, que passava pelo conjunto toda sexta; e uma iguaria local saborosa, almôndegas com ervilha.

Chegou a hora de começar a escola. Fiquei com muito medo ao caminhar até a Beechdale Infant School naquele primeiro dia de aula, segurando a mão da minha mãe enquanto pisoteávamos a lama, já que parte do conjunto ainda estava sendo construída. A escola ficava a dois quarteirões de casa, que mais pareciam 100 km.

O horror, o horror! Quando chegamos lá e minha mãe me abraçou no parquinho, se despediu de mim com aquele curioso adeus típico do Black Country – "*Ta-ra*, tchauzinho, Rob!" – e foi embora... fiquei desesperado. *Fui abandonado!* Urrei e me esgoelei (o que as crianças em Walsall chamam de chorar).

Meus primeiros dias na escola foram traumáticos, mas então me afeiçoei por uma professora muito glamourosa que, aos meus olhos de 5 anos de idade, parecia uma estrela de cinema. Agarrava-me à saia dela toda manhã. *Se esta dama está aqui, então a escola é legal!*

Essa professora foi uma aparição, uma salva-vidas e um anjo para mim. Se eu ao menos me lembrasse do nome dela! Na verdade, não consigo me lembrar de muita coisa da pré-escola, exceto aquele terror inicial – e a agonia de participar da peça teatral do nascimento de Jesus.

O Natal foi chegando, como costuma acontecer, e eu fui escalado para interpretar um dos Três Reis Magos. Ainda me

lembro da minha fala: “Vimos sua estrela no Oriente!”. O problema foi que, como todos os bons reis, eu tive de usar uma coroa.

A minha era feita de papelão e presa por um grampo que espetava minha cabeça. Assim que a professora colocou a coroa em mim, senti o grampo cravando um buraco no meu crânio. Não parava de tentar ajeitá-la, e a professora só perdia a paciência comigo.

“Robert Halford, pare de mexer na coroa!”

“Mas, senhora, machuca muito! Ai!”

“Já, já para de machucar!”

Não parou. Durante toda a nossa versão infantil do milagre do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo, aquele grampo maldito ficou enterrado no meu crânio até minha cabeça latejar.

Nunca conheci os pais da minha mãe, pois eles morreram quando eu era bem novo, mas eu venerava meus avós paternos, Arthur e Cissy, e passava muitos fins de semana na casa deles, a uns 3 km da nossa. Meu pai me deixava lá na sexta à noite e me buscava no domingo à tarde.

O lavabo deles ficava do lado de fora, então ir até lá à noite era pior ainda do que na nossa casa. Eu me preparava mentalmente para abrir a porta da cozinha e correr no escuro até a casinha de tijolos no jardim dos fundos. No inverno, o assento ficava tão gélido, que eu pensava que ia ficar grudado nele.

Além disso, meu avô não acreditava na utilidade do papel higiênico. “Não precisamos gastar dinheiro com isso!”, dizia. “Jornal funciona tão bem quanto! Era o que

usávamos na guerra!” Lá estava eu, com 7 anos de idade, no meio do jardim, rangendo os dentes de frio naquele breu, limpando a bunda com o *Walsall Express & Star*.

Vovó e vovô contavam histórias brilhantes. Contaram-me como correram até o abrigo antiaéreo durante a guerra, olhando para os aviões nazistas no céu noturno, prestes a bombardear Coventry. Consigo imaginar as cadernetas de racionamento de leite e açúcar deles, com capas de papel pardo, meio alaranjado, meio marrom, tipo cartelas de rifa.

Vovô combateu por um tempo em Somme, na França, na Primeira Guerra Mundial, mas, assim como a maioria dos homens que sobreviveram àquele inferno, nunca falava a respeito. Porém, certo dia, fuçando pela casa deles, fiz uma descoberta incrível.

Minha avó costumava fazer uma caminha para mim no quarto deles, juntando duas cadeiras e colocando alguns travesseiros sobre elas. Era a cama mais confortável do mundo. Ao lado dela, ficava um pequeno closet com uma cortina, e um dia abri essa cortina e encontrei um baú.

Curioso, abri o baú... e descobri que ele estava cheio de objetos da Primeira Guerra. Uma pistola Luger, uma máscara de gás e uma porção de insígnias de fardas alemãs. O mais incrível era um velho e autêntico capacete à la general Kitchener, com um rebite em cima.

Coloquei o capacete e fui atrás de vovó e vovô, com a minha cabecinha balançando debaixo do peso da peça. “O que é isso, vovô?”, perguntei. Ao me ver, de início ele ficou irritado e gritou para que eu tirasse aquilo... mas meus avós nunca ficavam bravos comigo por muito tempo.

Em todo caso, eu estava cada vez mais afeito a passar os fins de semana com eles – porque, em casa, meus pais andavam brigando feio.

Nunca discutiam na nossa frente, mas, quando Sue e eu íamos dormir, as brigas começavam. Os dois gritavam e soltavam os cachorros. Sue e eu nunca soubemos o motivo das discussões, mas, deitados na cama, fazíamos caretas ao ouvi-las.

Quando elas se intensificavam, eles erguiam a voz – e, às vezes, meu pai batia na minha mãe. Não era frequente, mas ouvíamos gritos e o *SMACK!* de um tapa, e minha mãe urrava. É o pior som que uma criança pode ouvir.

De vez em quando, gritavam um para o outro que iam embora. Certa vez, meu pai de fato foi. Sue e eu estávamos na sala, a briga começou na cozinha e nós o ouvimos berrar: "Chega – vou dar no pé!".

Papai subiu as escadas, fez as malas e saiu batendo a porta da frente. Olhei boquiaberto pela janela enquanto ele sumia pela rua no crepúsculo, e pensei sentir meu coração se partir: *Ele foi embora! Papai foi embora! Nunca mais vou vê-lo!*

Ele foi até o fim da rua, deu meia-volta e retornou. Porém, aqueles segundos pareceram o fim do meu mundo... e ter de ouvir aquelas discussões brutais me afetou de uma forma que só fui compreender muito mais tarde na vida.

Mas *Confesso* não é uma autobiografia das tristes – longe disso! As brigas me afetaram muito na época, mas diminuíram à medida que Sue e eu crescíamos. Nossos pais

eram carinhosos e protetores conosco, e nunca, jamais eu diria que tive uma infância de abuso ou tristeza.

Minha mãe era uma pessoa muito calma e firme, exatamente o tipo de rocha de que toda criança precisa. Quando estávamos juntos, em família, eu quase nunca a via perder a paciência... exceto no Dia em Que Fomos à Luta-Livre.

Eu ainda era bem novo, mas me lembro como se fosse ontem. Fomos ao Walsall Town Hall e conseguimos bons assentos, perto do ringue. Acomodamo-nos e o primeiro *round* começou – e minha mãe perdeu completamente o controle.

Um dos lutadores deu um golpe traiçoeiro e ela se levantou e começou a berrar com ele: “Você não pode fazer isso, seu trapaceiro sujo! Juiz! Juiz! Desqualifique esse cara!”. Parecia enlouquecida. Eu nunca a tinha visto desse jeito!

Fiquei estupefato, e meu pai, mortificado. “Sente-se, mulher!”, sibilou para minha mãe. “Você está chamando a atenção para nós!”

Mamãe voltou a se sentar, mas ainda estava espumando: “Ele deveria ser chutado desse ringue por causa disso!”.

Ela não estava satisfeita. Na segunda tentativa de golpe sujo do vilão da luta-livre, mamãe saltou do assento e correu feito um relâmpago até a beira do ringue, de onde começou a golpeá-lo com a bolsa por entre as cordas. *Cada pancada!*

Ainda consigo ver a expressão do meu pai. A família Halford nunca mais foi à luta-livre.

Eu gostava de fazer o pequeno percurso do Beechdale até a cidade. Adorava a agitação de Walsall. Minha mãe, Sue e eu pegávamos o trólebus na frente do *pub* Three Men in a Boat[b] para ir até o mercado de comida que se estendia pela colina até a St. Matthew's Church.

Sue e eu implorávamos para ir até a Woolworth, na rua principal de Walsall, a Park Street, para comprar doces. Uma vez, tive um ataque de pânico lá dentro. Anunciaram pelos alto-falantes que a loja estava prestes a fechar, e eu surtei.

"Mamãe!", eu gritava. "Precisamos sair daqui! Rápido! Vão fechar!" Fiquei apavorado com visões dignas de pesadelo de uma noite preso na Woolworth. E então repensei: "Ah, espera aí, vamos ficar trancados na seção de confeitaria a granel! *Isso* seria legal...".

Mamãe deixava a mim e a Sue no cinema da cidade, o Savoy, para as sessões matutinas para crianças em alguns fins de semana. Assistíamos a filmes e episódios de *Cisco Kid*. Não conseguíamos *ouvi-los* – as sessões eram um caos, com crianças correndo para todo o lado, berrando, chapadas de refrigerante.

A rainha foi a Walsall em 1957. Fui vê-la no parque cívico e atração turística da cidade, o Arboretum. Fiquei *muito* empolgado: *É a rainha! Diretamente da TV!* Ela usava um casaco de cores muito vivas e, quando acenou para a multidão, imaginei que estivesse acenando só para mim.

Depois, fiquei sabendo que ela mandava fazer suas selas em Walsall, e isso me deixou ainda mais orgulhoso. A cidade é famosa por sua indústria de couro; certa vez, fui com uma excursão da escola a uma fábrica de couro e vi como eram feitas as correntes, os chicotes e os rebites de couro.

Pensando bem, *Correntes, Chicotes e Rebites de Couro* poderia ter sido um bom título para este livro!

Walsall parecia mágica no Natal, com as ruas lotadas e cobertas de neve. Um camarada que parecia um mendigo vendia batatas e castanhas assadas. Suas mãos ficavam pretas por causa do braseiro, mas isso nunca me impediu de pedir: “Mamãe, por favor, posso comer uma batata? Por favor?”.

O cara me entregava a batata numa folha de jornal com uma pitada de sal. Parecia muito exótico, e, para mim, tinha o sabor de caviar – não que eu fizesse a mínima ideia de qual era o gosto de caviar naquela época! Na verdade, pensando bem, até hoje não faço.

Os dias de Natal da infância eram sempre iguais. Eu passava a noite inteira acordado, ansioso para abrir os presentes, e tudo acabava antes das 8h da manhã. Eu ganhava uma caixa de doces sortidos – KitKats, Fruit Pastilles da Rowntree, Smarties – e isso dominava o resto do dia:

“Mamãe, posso comer um KitKat?”

“Não, estou assando o peru! Vai estragar a sua ceia de Natal!”

“Ah, *mamãe*! Posso comer um Smartie[3] então?”

“Sim, coma, mas um só!”

Dez minutos depois:

“Mamãe, posso comer um KitKat?”

E assim por diante, até depois do discurso da rainha...

Houve um ano em que meu pai me deu um presente muito legal: um pequeno motor a vapor com um combustor em que você colocava álcool e acendia. Você apontava a

chama púrpura para uma pequena caldeira, colocava água e então o motor girava uma roda. Era uma peça belamente elaborada.

Em 1958, mudei de escola e fui para a Beechdale Juniors, vizinha da escola das crianças. O nível das aulas ficou um pouco mais alto e eu tive de aprender a escrever... com uma caneta tinteiro! É incrível pensar que era assim que aprendíamos.

Quando aprendi a ler, me interessei intensamente por quadrinhos. Recebia exemplares de *Beano* e *Dandy* toda semana em casa. Eram entregues por debaixo da porta logo antes de eu sair para a escola, e eu passava a manhã toda na aula louco para voltar para casa na hora do almoço e começar a lê-los.

Eu adorava as tirinhas – Dennis, o Pimentinha; Korky the Cat; Minnie the Minx –, mas não sei se as mensagens que elas passavam eram das melhores. Lembro-me de um personagem do *Beano*, Little Plum, que dizia: “Mim fumar um cachimbo da paz!”. As crianças britânicas cresceram achando que os povos nativos norte-americanos falavam assim!

Bem, a década de 1950 na Grã-Bretanha não foi uma época politicamente correta. Na casa dos meus avós, eu tinha um cofrinho para colocar trocados. Era um torso de metal de um homem negro com os lábios exagerados. Você colocava a moeda na mão dele, pressionava o ombro e ele levava a moeda até a boca. O simpático nome dado pelo fabricante era *Black Sambo*.

Não imagino esse brinquedo voltando com tudo...

Eu adorava TV e corria da escola para casa na hora do almoço para assistir aos programas infantis. Curtia as animações em preto e branco de Gerry e Sylvia Anderson. *The Adventures of Twizzle* era sobre um garoto cujos braços e cujas pernas se esticavam. *Torchy the Battery Boy* era um personagem que tinha uma lâmpada na cabeça. *Four Feather Falls* era sobre um xerife com armas mágicas e um cavalo falante.

À medida que os Andersons ficavam mais sofisticados, fizeram *Fireball XL5*, *Stingray* e *Thunderbirds*. Eu adorava todos, assim como programas como *Muffin the Mule* – que trazia uma senhora chique tocando serenatas ao piano para um burrinho de brinquedo dançante – e *The Woodentops*, uma família de marionetes.

Pois bem, eu era só uma criança comum, que fazia coisas comuns, no final dos anos 1950... e então passei por um momento extraordinário. Chamam isso de epifania, certo? Esses momentos em que você sente que tudo em sua vida – seu destino – está no lugar certo.

Aconteceu mais ou menos assim.

Foi numa aula de música na Beechdale Junior e a professora estava escolhendo quem entraria para o coral da escola, sentada ao piano vertical, enquanto os alunos, um de cada vez, se levantavam para cantar.

A professora tocava uma cantiga escocesa sobre Bonnie Prince Charlie, o príncipe Carlos Eduardo Stuart, chamada “The Skye Boat Song”. Eu conhecia a música porque já a havíamos cantado na aula antes, então, quando chegou a minha vez, fui até a frente da sala e cantei:

Speed, bonnie boat, like a bird on the wing
Onward the sailors cry
Carry the lad that's born to be king
Over the sea to Skye.[4]

Eu gostava da música, então cantei a plenos pulmões. Quando terminei, a professora, sentada ao piano, ficou me encarando. A princípio, não disse nada, e então pediu:

"Cante de novo para nós".

"Sim, senhora."

Ela se voltou para o resto da sala. "Todos vocês, parem o que estão fazendo, fiquem em silêncio, e ouçam o Robert", disse. "Ouçam!"

Eu não sabia muito bem qual era sua intenção, mas ela tocou "The Skye Boat Song" ao piano de novo, e eu entoei a canção a plenos pulmões de novo. Desta vez, ao final, algo estranho aconteceu: a sala toda começou a aplaudir espontaneamente.

"Venha comigo", disse a professora, e me conduziu até a sala de aula ao lado. Entramos e ela falou com o professor, que assentiu.

"Turma, quero que vocês ouçam Robert Halford cantar essa canção", disse ele.

Agora isso estava ficando MUITO estranho.

Cantei "The Skye Boat Song" novamente, desta vez a cappella, sem o piano. Quando terminei, a sala começou a aplaudir, assim como a minha turma havia feito. Fiquei lá parado, olhei para eles e absorvi os aplausos.

Eu amei demais aquilo!

Sei que toda criança ama ser amada, e deseja atenção, mas, para mim, era mais do que isso. Naquele momento,

pela primeira vez, pensei: *OK, isso é o que eu quero fazer!* Foi maravilhoso, e quando digo que penso naquele dia como o início da minha carreira no *show business*, só é brincadeira em parte. Porque, em muitos aspectos, de fato foi.

Perto do final do meu período na Beechdale Juniors, fiz o exame que toda criança na Grã-Bretanha fazia para saber se era inteligente e poderia ir para a escola de gramática local, ou se seria relegada à escola secundária moderna[5]. Passei, mas não queria me separar dos meus amigos, então recusei ir para a de gramática.

De todo o modo, a essa altura eu já tinha outras coisas em mente.

Porque, à medida que a puberdade se aproximava, comecei a me dar conta de que eu não era exatamente como os outros meninos.

a A maioria dos britânicos escreve “*mum*” para se referir à mãe, mas Sue e eu escrevíamos “*mom*”, porque era assim que falávamos. Todo Dia das Mães era um inferno encontrar cartões que soletrassem a palavra desse jeito, como em Walsall.

b Referência a um famoso filho de Walsall, Jerome K. Jerome, autor do romance cômico *Três homens num barco* (*Three Men in a Boat*).

3 *Confeito de chocolate semelhante aos M&M’s.* (N. do T.)

4 “Rápido, barquinho, como um pássaro a voar / Avante, bradam os marinheiros / Leve o garoto que nasceu para ser rei / Pelo mar até os céus.”

5 *Sistema educacional britânico em que, até meados da década de 1960, os estudantes, ao 11 anos de idade, realizavam uma prova denominada* 11-plus*, e aqueles que passavam nesse exame poderiam se matricular nas* grammar schools *(“escolas de gramática”), chamadas assim pois antigamente eram voltadas apenas ao ensino do latim, passando depois para um currículo escolar mais amplo, ao passo que aqueles que não passavam eram aceitos apenas nas* secondary modern schools *(“escolas modernas secundárias”).* (N. do T.)

2

Uma mãozinha aos amigos

Aos 10 anos, eu já sabia que era gay.

Bem, talvez não exatamente. Nessa idade, eu não sabia o que era “ser gay”, mas decerto sabia que gostava mais da companhia de meninos do que de meninas, e achava os meninos mais atraentes.

A primeira pista surgiu ainda na Beechdale Juniors, quando tive uma paixonite séria por um garoto chamado Steven. Sentia-me muito atraído por ele e queria estar perto dele o tempo todo. Seguia-o pelo parquinho no recreio para tentar brincar com ele.

Duvido que Steven tenha percebido alguma coisa, ou, se percebeu, só achou que eu era um colega grudento e irritante. Provavelmente não fazia mais ideia do que eu do que estava acontecendo – mas realmente causou um rebuliço hormonal no meu jovem e sensível coração.

Por sorte, minha atração por Steven passou logo, como sempre acontece com as paixões pré-adolescentes, e

chegou a hora de ir para a escola dos alunos grandes. Fui transferido da Beechdale Juniors para a Richard C. Thomas, uma escola secundária grande e antiga, numa pequena cidade vizinha, Bloxwich.

Toda manhã, vestia calça cinza, paletó e gravata azul com uma faixa dourada, pegava minha bolsa e caminhava 20 minutos até a escola. Depois de prender a respiração e passar disparado pela G. & R. Thomas Ltd., fazia um pequeno desvio até uma padaria e comprava um pão quentinho direto do forno por meio centavo. Comia metade e guardava o resto para depois.

Caminhava para a escola todos os dias, mesmo debaixo de chuvas torrenciais ou ventanias das mais fortes. Nesses dias, todo mundo da turma chegava ensopado e o vapor se formava sobre as nossas cabeças na fila, enquanto nossas roupas secavam da chuvarada. Pelo menos ganhávamos uma garrafinha de leite de graça.

Senti-me rapidamente em casa na escola secundária moderna. Apesar dos lampejos precoces de confusão sexual, estava me tornando eu mesmo e era um garoto confiante. Tinha uma boa turma de amigos e não era particularmente tímido nem bagunceiro. Apenas um rapaz normal de Walsall.

Fui um aluno decente. Minha matéria favorita era literatura inglesa, e me interessava por poetas como W.B. Yeats. Gostava das aulas de música e era bom em geografia. Acredito fortemente no destino, então, para mim, tudo isso faz sentido: passei a vida escrevendo letras, fazendo música e viajando pelo mundo!

Também era bom em desenho técnico, mas a matéria em si não me interessava em nada. Inclusive, até me assustava um pouco. Qualquer coisa baseada em engenharia me cheirava às temidas fábricas de aço – e, com todo respeito ao meu pai, que passou a vida nelas, não era lá que eu queria acabar. Ainda não fazia ideia do que queria da vida, mas sabia que não era *aquilo*.

Além disso, fui para o exterior pela primeira vez. Quando eu tinha uns 13 anos, a escola nos levou para a Bélgica para um fim de semana. Fomos para Ostend e ficamos em quartos compartilhados, num albergue não muito longe da praia.

Ir para outro país parecia uma tremenda aventura e algo muito importante. Lembro-me de ficar impressionado com o quão tudo era *diferente*: a comida, os carros, as roupas, as pessoas e, é claro, o idioma. Tudo isso, até as toalhas de mesa de linho do restaurante do hotel, parecia mais *sofisticado* do que Walsall.

Meu melhor amigo na escola era Tony, um garoto também do Beechdale. Compartilhávamos do mesmo senso de humor. Voltávamos para casa recitando os esquetes de Peter Cook e Dudley Moore de *Derek and Clive*, ou inventávamos os nossos próprios, muito rudes, o que, é claro, sempre apetece a garotos adolescentes.

A *outra* coisa que garotos adolescentes acham infinitamente fascinante, é claro, é o sexo – que começou a ter um papel cada vez mais central na minha vida. Tudo começou quando me ensinaram a bater uma.

Meu instrutor foi um moleque um ou dois anos mais velho que eu, que morava um pouco acima na minha rua,

no Beechdale. Num fim de semana, eu estava no conjunto com dois amigos da escola quando esse garoto nos abordou.

“Vocês querem aprender a fazer um negócio bem legal?”, perguntou ele.

“Sim, claro! Maneiro!”

“Certo. Sigam-me!”

Fomos até a casa dele, ele nos levou até um quarto no andar de baixo, fechou a porta... e colocou o pau para fora. “É assim que se faz”, disse. “Segura *desse* jeito.” Ele começou a se esfregar, para cima e para baixo, cada vez mais forte. “Se você fizer mais rápido, a sensação é demais!”, acrescentou, enrubescendo um pouco.

Eu não sabia *o que* pensar daquilo, mas meus dois amigos abaixaram a calça e começaram a imitá-lo, então achei melhor fazer o mesmo. A princípio, fiquei envergonhado – *quer dizer, vocês também ficariam, não?* –, mas então acabei curtindo, e quer saber? Ele estava certo: quanto mais rápido, melhor a sensação *mesmo*!

O garoto era provavelmente um pervertido a desabrochar, mas não nos tocou nem pediu para “segurar os nossos”; apenas se incumbira de ensinar a nós a antiquíssima e não tão nobre arte da masturbação. E revelou todo um novo mundo de prazer para mim.

Daí em diante, era o que eu fazia o tempo todo. Em casa, fui despejado do quarto que dividia com Sue. Foi ideia dela, que queria mais espaço e privacidade, mas eu não me importei de passar para o quartinho menor. Principalmente porque agora era muito mais fácil bater uma.

Eu socava sempre que tinha chance, e a mesma coisa na escola. Encontrava os amigos com quem tivera a aula de masturbação no Beechdale, ou uns outros dois... e nós batíamos uns para os outros.

Tínhamos o esconderijo perfeito para isso. Eu ainda ia bem na escola e fora recompensado com o título de bibliotecário. Gostava disso, e gostava de ir à banca de jornal todos os dias para buscar os jornais e colocá-los na biblioteca.

O melhor, porém, era poder usar uma salinha de madeira anexa à biblioteca para trabalhar no sistema de classificação decimal. De fora, não havia como ver lá dentro – ou assim pensávamos –, então era fácil se esconder lá para um arroubo rápido de prazer mútuo quando nos desse vontade. O que era... *sempre*.

Certa tarde, eu estava na salinha com um bom amigo, Pete Higgs. Tudo se deu da maneira de sempre – num minuto, estudávamos diligentemente para um trabalho da aula de inglês; no seguinte, estávamos batendo um para o outro.

Pete e eu estávamos em cima da mesa, com as roupas no chão e as calças no tornozelo, quando dei uma olhada para a porta fechada. Na parte superior, havia uma faixa fina de vidro que eu nunca havia notado – e nessa janela surgiu o rosto chocado do professor de inglês.

Merda!

“Abaixe-se!”, sussurrei para Pete, e nós dois caímos para debaixo da mesa. Ficamos agachados, com o coração batendo forte como os martelos na fábrica do outro lado da rua.

O professor não entrou, mas fiquei com o coração na boca.

Puta merda!

Isso era ruim. Deveria haver consequências. Nada aconteceu nos dois dias seguintes, mas eu temia nossa próxima aula de inglês. Tudo correu normalmente, mas, quando o sinal tocou ao final da aula e nós íamos saindo da sala, o professor nos chamou.

“Halford! Higgs! Fiquem aqui!”

Acenou para nos aproximarmos, o que fizemos lentamente.

“Estendam as mãos!”

Ambos estendemos as mãos diante dele.

“Vocês *sabem* o porquê disso, não?”

Pete olhou para mim. Eu olhei para ele. Nós dois olhamos para o professor.

“Sim, senhor”, falei, assentindo.

O professor nos golpeou com força com a palmatória. Três golpes hábeis em cada mão. Seis dos bons.

“Vocês *nunca* mais vão fazer isso nesta escola!”, ele nos repreendeu.

“Não, senhor!”

“Agora, saiam!”

O sangue correu para as minhas mãos e formou vergões latejantes em ambas as palmas, e eu me esforcei para conter as lágrimas daquela dor lancinante. Porém, obviamente, nada disso nos impediu de fazer de novo... *e de novo...*

Pode soar curioso para vocês, mas eu e meus amigos batendo uma uns para os outros não era uma coisa gay.

Éramos só amigos se divertindo e, bem, *dando uma mãozinha um ao outro*. Meus amigos eram héteros: se tornaram pais, e tenho certeza que a essa altura são avôs.

Mas isso era com eles. A *minha* história era bem diferente.

Se aos 10 anos eu tinha suspeitas, no início da adolescência tive certeza de que era gay; me interessava mais por garotos do que por garotas: isso era simples de entender. Nem fiquei horrorizado com essa percepção: sentia que era natural e normal. Porém, instintivamente, soube que era melhor ficar quieto.

De todo o modo, o que eu sabia sobre sexualidade gay? Walsall no início dos anos 1960 não fervilhava de informação sexual! Eu era um garoto confuso, que não sabia nada daquele mundo proibido que me atraía. Mas, de vez em quando, uma pista me era dada.

As viagens de férias da minha família eram baratas – a chance de irmos para o exterior era a mesma de irmos para a Lua –, mas animadas e ótimas. Blackpool era um dos nossos destinos favoritos. A praia era congelante e o mar parecia estar a uns 2 km de distância. Eu corria pela areia, mergulhava nas ondas e corria de volta pela praia, e então mamãe me enrolava numa toalha para evitar a hipotermia. Certa vez, alugamos um chalé velho e baleado, que ficava ao lado da ferrovia em Rhyl, ao norte do País de Gales. Sempre que um trem passava, o chalé inteiro sacudia.

Eu devia ter uns 13 anos quando fomos para Westward Ho![6], em Devon. Ficamos hospedados num parque de *trailers* à beira da praia, e certa tarde fui até a loja do parque só porque não tinha mais nada para fazer.

Vi um livro que trazia dois homens juntos na capa, peguei e folheei algumas páginas, que de cara atiçaram minha curiosidade. A história tinha algumas cenas eróticas gays, então comprei o livro e o escondi sob a camisa para levá-lo até o *trailer*.

Por todo o resto das férias, lia o livro sempre que tinha chance. Sempre o levava escondido até o banheiro do parque. Não me estimulava sexualmente, mas explicava algumas coisas que eu ainda não entendia: *Ah, OK, então é isso que gays fazem!* Era como um livro didático que preenchia algumas das lacunas do meu conhecimento.

Quando chegou a hora de voltar para casa, esperei meu pai colocar todas as nossas coisas no porta-malas do carro e, quando ele virou as costas, enfiei o livro bem no fundo. Não queria que ninguém o descobrisse – meu pai menos ainda! O bizarro foi que, depois de tomar tanto cuidado para escondê-lo, me esqueci completamente do livro quando chegamos em casa. A viagem de Devon até Walsall é longa, então meus pais esperaram até o dia seguinte para tirar as malas do carro. Quando vi o que estavam fazendo, a ficha caiu como um raio na minha mente horrorizada: *Inferno do caralho! Aquele livro!*

Talvez eles não o achem. Tentei me convencer disso. Grandes chances... Eu estava assistindo à TV na sala quando meu pai entrou furioso e jogou o livro contra mim.

“O que é *isso*?”

“Isso o quê?”

“Você sabe o quê! Esse livro!”

“É só um livro.”

“Ah, é? Bem, você sabe sobre o que é esse livro?”

“Sim”, respondi.

Meu pai me olhou fixamente: “E você nega?”.

Suponho que havia algumas coisas que eu poderia ter dito. “Eu estava curioso, pai! Só por brincadeira!”, por exemplo. Teria sido até meio que verdade. Mas não foi o que eu disse.

“Não”, respondi. “Não nego.”

E esse fui eu me assumindo para o meu pai aos 13 anos. Ele me encarou, virou as costas, saiu e bateu a porta.

Ele nunca mais tocou no assunto – pelo menos não comigo. Mas o livro causou um certo buchicho na família. Sei que meu pai falou dele para minha mãe, e um tempo depois a notícia chegou até minha avó, Cissy. Quando a encontrei, ela parecia alegremente despreocupada com a coisa toda.

“Não se preocupe, meu amor!”, ela me reassegurou. “Lembro-me de que o seu pai passou por uma fase como essa!”

O quê? Eu sabia que meu pai tinha sido um rapaz muito bonito, e eis que descobri que, muito antes de ele conhecer minha mãe, um cara ficou muito apaixonado por ele e não parava de lhe dar presentes. Ou pelo menos foi o que vovó me disse. Será que eles se pegaram? Vai saber.

Eu nem fiquei tão chocado com o que vovó me disse. Aquilo só se somou à confusão generalizada que crescia rapidamente em torno de mim.

Em todo o caso, papai tinha seu próprio material literário secreto. Certo dia, na minha própria casa, fui fuçar no quarto dos meus pais, sem nenhum motivo em particular.

Abri o guarda-roupa, mexi em alguns pares de sapato... e, debaixo deles, havia três ou quatro revistas.

Eram exemplares da *Health and Efficiency*, uma publicação para naturistas, coisas que meus pais *definitivamente* não eram. “O que *essas* revistas estão fazendo aqui?”, me perguntei. “Não podem ser da mamãe – devem ser do papai!” Não eram revistas de sacanagem nem pornografia propriamente dita. No máximo, eram bastante, bem, *naturais*, mas achei muito excitantes as fotos de rapazes pelados em situações corriqueiras.

Encontrei outra publicação altamente instrutiva num centro juvenil, em Bloxwich. Certo dia, fui ao banheiro e achei um livro de fotografias eróticas em preto e branco de um cara chamado Bob Mizer, que hoje sei que foi um fotógrafo homoerótico americano revolucionário.

Aos 14 ou 15 anos, eu não tinha a menor ideia de quem era Bob Mizer, mas fiquei hipnotizado com as fotos dele. O livro era cheio de imagens de rapazes sarados de fio dental, deitados em rochas ou apoiados em postes. Ao folhear o livro na cabine do banheiro, minha cabeça implodiu.

Briguei rapidamente com a minha consciência: devia afaná-lo ou não? *Foda-se!* Minha consciência nunca ia ganhar *essa* briga! Escondi o livro na parte de trás da calça, dei uma desculpa esfarrapada aos meus amigos, dizendo que precisava fazer lição de casa, e corri para casa o mais rápido que pude.

Aquele livro era um baú do tesouro! Era cheio de histórias fotográficas roteirizadas. Em uma delas, um cara de colete dizia a outro cara de colete: “Minha moto quebrou, você pode consertá-la?”. E então, quando o segundo cara se

debruçava sobre a moto, o primeiro dizia: “Ei, que bela bunda!”, e começava a apalpar essa bunda.

As fotos de Mizer eram inestimáveis para mim. Batia uma feito louco com elas. É impressionante quantas punhetas um garoto adolescente consegue bater com uma única foto antes de se cansar dela. O livro ficava escondido no meu quarto e, considerando que minha mãe fazia faxina todos os dias, é incrível que ela nunca o tenha achado.

Naquele mesmo banheiro do centro juvenil, em Bloxwich, achei um consolo esquecido numa prateleira. Dei uma lavada nele na pia e o levei para casa escondido no meu casaco. Ele me deu horas de prazer desenfreado e, quando não o estava usando, o escondia debaixo das roupas no armário. Meus pais nunca suspeitaram de nada.

Ou era o que eu pensava. Certa noite, eu assistia à TV na sala e meu pai lia o *Express & Star*. Sem tirar os olhos do jornal, ele dirigiu um comentário a mim.

“Talvez fosse bom você se livrar *daquele objeto*, Rob.”

Gelei. *Como ele sabia? Desde quando ele sabia?* Mesmo assim, de volta ao meu quarto, não consegui jogá-lo fora. Seria como cortar um braço! O consolo permaneceu escondido no guarda-roupa (do jeito que estava), e meu pai nunca voltou a mencioná-lo.

Eu era um adolescente desconcertado cujos hormônios estavam atirando para todo o lado. Procurava por informação em todo lugar, e não chegava a lugar algum. Tudo era um mistério para mim. E o que aconteceu na minha mais nova atividade pós-escola não ajudou.

Uma pequena fábrica de metais local começou um programa informal no qual os alunos podiam ir até lá um dia

por semana depois da aula para aprender a usar equipamentos como tornos, morsas e brocas. Suponho que a ideia era nos conquistar jovens, de forma que talvez nos interessássemos o bastante para ir trabalhar com eles como aprendizes dali um ano ou dois.

Embora eu não tivesse interesse nenhum em trabalhar nas fábricas – como já falei, a ideia me horrorizava –, mesmo assim fui com uns dois colegas. Era só por 1 hora depois da escola e, bem, *era alguma coisa para fazer*. Melhor do que ficar entediado em casa.

Infelizmente, logo descobrimos que o sujeito que dava as miniоficinas tinha uma abordagem muito diferente ao conceito de "conquistar os jovens". Ele não estava interessado em nos ensinar habilidades de engenharia. Só queria nos bolinar.

O sujeito, de meia-idade e de bigode, nos mostrava como fazer pás de jardinagem ou atiçadores de lareira, e então ficava em cima da gente. Ele me dava uma peça de metal marcada à caneta, me dizia para lixá-la seguindo a linha e, enquanto eu lixava, ele colocava a mão nas minhas nádegas ou na parte da frente das minhas calças.

O cara percorria a oficina de garoto em garoto, passando a mão em todos nós, e ninguém dizia nada. Ele nunca nos falava uma palavra sequer ao fazer isso. Acontecia toda semana... e mesmo assim, eu e meus colegas nunca chegamos a conversar a respeito. Era como se nunca tivesse acontecido.

Eu estava me esforçando para me aceitar como gay e, embora o que ele fazia não me excitasse – parecia sujo, sórdido e nojento –, eu só pensava: "*Bem, OK, é isso que os*

caras gays fazem? É assim que funciona?”. Eu até me perguntava: “*Essas coisas acontecem em todas as fábricas então?*”.

O mais esquisito é que nós continuamos a ir por pelo menos seis semanas. *Vai saber por que caralhos*. Eu apenas não sabia o que mais fazer. E então, um dia, depois de uma apalpada particularmente intrusiva, comentei com um dos meus colegas, no caminho de volta para casa, que estava meio entediado das oficinas.

“Eu também!”, disse ele, num tom que se parecia muito com alívio. “Vamos parar de ir, então?”

“Sim”, respondi.

E foi isso. Nunca mais tocamos nesse assunto.

Eu gostava de garotos, mas ainda saía com garotas. Um evento que frequentávamos regularmente era um baile – numa época antes das discotecas – quinzenal num clube, em Bloxwich.

Sempre gostei de dançar e até fiz umas aulas de danças tradicionais extracurriculares, nas quais aprendi a Les Lanciers e o Gay Gordons[7]. Gay Gordons! Eis *aí* um nome instigante! A essa altura, eu já havia deixado as danças tradicionais para trás, e quando levei uma garota, Angela, ao baile em Bloxwich, ganhei a competição de twist. Fiquei decepcionado com o prêmio – uma agenda do gibi *Eagle* com uma capa vermelha de plástico.

Mas veja bem, meu desapontamento não foi tão grande quanto o de Angela com o que eu fiz em seguida. O DJ do baile deixava cartões perto dos toca-discos para que escrevêssemos pedidos de músicas e mensagens para ele

ler em voz alta. Por razões que só o meu eu adolescente e bobo sabe, escrevi o seguinte:

> Por favor, toque “These Boots Are Made For Walking”, de Nancy Sinatra, e diga: “Essa vai para Angela, de Rob. Essas botas são feitas para andar, mas o que EU tenho é feito para outra coisa”.

O que diabos eu tinha na cabeça? Parecia um velho tarado!

Estou bem certo de que aquele foi o meu último encontro com Angela...

Levar as garotas ao baile em Bloxwich não era barato e eu decidi arrumar um emprego aos sábados. Meu avô trabalhava na Reginald Tildesley, uma concessionária de carros. Sempre havia vinte carros no pátio e, por meses, eu e um colega da escola, Paul, íamos até lá nos fins de semana e lavávamos cada um deles.

Era dureza, mas eu não me importava – às vezes, ficava até bem animado em ir, porque parecia coisa de adulto. O dono da concessionária nos dava umas duas libras pelo serviço, o que era bastante dinheiro em meados dos anos 1960. Porém, um dia, depois de termos ralado por horas, ele nos entregou cinquenta centavos.

“O que é *isso*?”, perguntei horrorizado.

“É o pagamento de vocês.”

“Cinquenta centavos? A gente sempre ganha duas libras!”

“Bem, é tudo o que vocês vão receber. É pegar ou largar.”

Pegamos, mas não voltamos mais.

O ensino de línguas estrangeiras não era muito popular nas escolas secundárias modernas naquela época, mas a minha escolheu alguns alunos para ter aulas de francês, e eu fui um deles. Eu adorava. Gostava da professora, a sra. Battersby, e rapidamente me tornei seu aluno mais aplicado.

Eu gostava do francês porque parecia exótico. Esforçava-me para falar "sem sotaque", isto é, sem um sotaque de Walsall. Queria falar "*Ouvrez la fenêtre*", não "*Oo-vray lah fennetr-ah!*", porque *ninguém* quer ouvir o belo idioma francês transformado num *yam-yam*.

O que é *yam-yam*? É um termo depreciativo usado pelo pessoal de Birmingham para ridicularizar o sotaque do Black Country: *"Am yow from Walsall?" "I yam!"*. Para quem é de fora, os sotaques de Birmingham e do Black Country podem parecer semelhantes – mas são muito, muito diferentes.

Com meu gosto pela aparente sofisticação do francês, veio um interesse cada vez maior por música, por teatro... e por roupas. A escola era bastante liberal e deixava os alunos mais velhos abandonarem o uniforme e usarem as roupas que quisessem. Tornei-me um seguidor assíduo da moda.

Como todo adolescente, eu só queria ser descolado e andar na moda. Passei a andar cheio de marra pelo Beechdale em mocassins que manchavam tão facilmente, que, toda vez que eu os calçava, ficava com medo de sujá-los ou de molhá-los na chuva.

Eu tinha um casaco de veludo cotelê verde que usei tanto, que mamãe precisou remendar os cotovelos. Uma gravata e calças largas folgadas complementavam o visual.

Graças à Henry’s, a única boutique meio decente de Walsall, eu estava sempre na estica.

Não havia como usar aqueles trajes pelo Beechdale sem incitar alguns comentários acalorados, e me lembro de uma vez que estava voltando para casa de um dos bailes no clube em Bloxwich, certa noite, quando tinha uns 15 anos. Fiquei com vontade de comer batata frita e parei no trailer de cachorro-quente ao lado do conjunto. Também passara a pentear meu cabelo de forma bufante e para frente, como os Small Faces, e o meu visual chamou a atenção de dois bebuns que devoravam cachorros-quentes.

“*Oi*, cara, olha como cê tá vestido, sua maricona!”, foram as boas-vindas de um deles, no *yam-yam* mais carregado. “O cê é, um rapaz ou uma menina?”

Não respondi, mas fiquei com a pergunta na cabeça e, de certa forma, ela me assombrou. A essa altura, eu já sabia que era gay, mas os bebuns dizerem que eu parecia uma mulher me fez ficar preocupado: *É isso que todo mundo acha que eu pareço? Isso é parte de quem, e do que, eu sou?*

Quando eu estava prestes a completar 16 anos e me preparava para os exames finais na escola, a família Halford recebeu uma novidade bombástica. Sue e eu com certeza ficamos surpresos, e foi igualmente espantoso para mamãe e papai. Ganharíamos um novo irmãozinho: Nigel.

Nigel certamente não foi planejado, mas sua vinda foi ótima. Era adorável ter um nenê na casa, mamãe e papai se deleitavam, e Sue e eu o amávamos. A chegada dele parecia mágica.

Apesar disso, depois do nascimento de Nigel, minha mãe ficou deprimida. Sofria variações de humor e ficava muito calada e introvertida, até que seu médico a receitou comprimidos de felicidade, como eu sempre chamei os antidepressivos. Eu conheceria a depressão cara a cara anos depois.

Porém, como todo adolescente, eu estava absorto na minha própria e egoísta vida... o que me levou a um encontro sobrenatural distintamente estranho. *Na Bélgica.* Foi uma bizarrice daquelas.

Por algum motivo, eu e meu melhor amigo, Tony, decidimos recriar a viagem da escola de um fim de semana em Ostend. Conseguimos passagens de ônibus e balsa baratas e fizemos reservas numa pensão da cidade. O lugar tinha cinco ou seis andares, e a proprietária nos deu um quarto no último andar.

Nossas camas ficavam em lados opostos do quarto. Na primeira noite, assim que nos deitamos, a minha cama começou a... balançar.

“Rob, *o que* cê tá fazendo?”, perguntou Tony, desconfiado, na escuridão.

“Nada!”, eu respondi, com o coração a mil. “É a minha cama que está chacoalhando!”

Levantei-me e acendi a luz. A cama agora estava imóvel e parecia completamente normal. Quando apaguei a luz e voltei a me deitar, começou de novo. Não durou muito tempo, mas eu não consegui dormir muito naquela noite.

Tony e eu demos um giro por Ostend no dia seguinte, e eu fiquei ansioso na hora de ir para a cama à noite. E com razão. Assim que apaguei a luz, minha cama voltou a vibrar

violentamente. Balançava tanto, que eu achei que fosse cair dela.

Parecia uma porra de uma cena de *O Exorcista*. A cama chacoalhava loucamente e até os quadros na parede tremiam. Durou muito mais tempo do que na noite anterior, e foi assustador.

Na manhã seguinte, enquanto a proprietária nos servia o café, tentei contar a ela, no meu francês torto, com ajuda do meu dicionário de bolso, o que havia acontecido:

"Er, *excusez-moi, Madame! Hier soir, mon lit*, er, *tremblait!*"[8].

Ela me encarou e sacudiu a cabeça. "Não falamos sobre isso!", rosnou, e saiu andando. E fim de papo... mas acho que a crença muito forte que tenho no sobrenatural nasceu naquele fim de semana na Bélgica.

De volta a Walsall, desenvolvi um novo interesse muito intenso – e que eu comecei a ter esperanças de talvez transformar numa carreira.

Assistia a muitos seriados na TV, como *Z Cars*, *Dixon of Dock Green*, *O Santo* e *Os Vingadores*[9], bem como *Play of the Month*, da BBC. Televisão, cinema e teatro me fascinavam, e eu cultivava a ideia de me tornar ator.

Seria esse o meu futuro? Estava chegando a hora de terminar a escola. Estudei bastante para meus exames finais e fui bem, mas não tinha interesse em ficar para os anos preparatórios para o ensino superior. Naquela época, alunos de classe trabalhadora não os cursavam, e eu queria cair no mundo.

Pelos meus pais, tudo bem. A atitude deles era basicamente me ajudar em qualquer coisa que eu quisesse

fazer na vida. Mamãe me perguntava com frequência: “Rob, você está feliz?”. Quando eu respondia: “Sim”, ela dizia: “Bem, se *você* está feliz, *eu* estou feliz”. É uma coisa ótima de se dizer a um filho.

Assim, meus pais e eu passávamos noites examinando prospectos da Birmingham School of Acting, nos perguntando se esse poderia ser um bom próximo passo para mim depois de me formar.

Os prospectos eram cheios de fotos de rapazes de calças apertadas com grandes volumes à mostra, o que não me desestimulou nem um pouco! Porém, pensei que o fato de eu não ter nenhuma experiência em atuação poderia ser um problema. Duvidava que considerassem uma peça infantil do nascimento de Jesus, com um grampo espetando o meu crânio.

Meu pai tinha um amigo que era envolvido com teatro amador, então foi conversar com ele. O cara disse que atuava em produções de um teatro local chamado The Grange Playhouse, onde estavam sempre à procura de novos talentos: “Diga ao Rob para dar uma passada lá! Ele vai gostar!”.

“OK, vou lá dar uma olhada”, eu disse, e calcei os mocassins, vesti o casaco de veludo verde e coloquei a gravata.

Fui conferir e... gostei muito. Fui escalado para um drama realista doméstico no qual interpretei um jovem aprisionado numa família disfuncional. A maioria dos outros atores era mais velha do que eu, mas me recebeu muito bem. O amigo do meu pai foi particularmente prestativo e incentivador.

Eu gostava de ir aos ensaios uma noite por semana e aprendia bem as minhas falas. Quando as cortinas se abriam ao início da peça, eu era a única pessoa no palco, sentado bem à frente, limpando os sapatos. O diretor disse que queria que eu cantasse o *jingle* de um comercial de TV enquanto os polia.

“Qual comercial?”, perguntei.

“Tanto faz”, respondeu ele. “Qualquer um. Pode escolher.”

O único comercial de TV que consegui lembrar foi o da pasta de dente Pepsodent, que tinha uma cantiguinha festiva difícil de tirar da cabeça, e foi o que cantei:

> *You’ll wonder where the yellow went*
> *When you brush your teeth with Pepsodent!*[10]

A peça ficou uma semana em cartaz e o *Express & Star* mandou um crítico para assisti-la. A resenha me destacava com elogios: “A atuação de Robert Halford é muito bonita e astuta... fiquem de olho nesse garoto!”. Fiquei muito contente com essas palavras e decidi parar de limpar a bunda com o jornal no banheiro da vovó.

Queria atuar mais, então fiquei animado quando o amigo do meu pai me procurou de novo. Ele conhecia pessoas que trabalhavam no Grand Theatre, em Wolverhampton, um teatro de prestígio nas Midlands. Iam todos sair para beber em Walsall – será que eu gostaria de ir junto, para ele então me apresentar a elas?

Pode apostar que sim! Sim, por favor! Ele me disse onde se encontrariam... e era um *pub* perto da casa dos meus

avós. Assim, combinei com eles de dormir lá ao final da noite, para evitar a enrolação de voltar até em casa.

Duas noites depois, o amigo do meu pai me buscou na Kelvin Road depois da hora do chá. Primeiro, me levou até um depósito de figurinos teatrais a que, de algum modo, ele tinha acesso. Era uma verdadeira Caverna das Maravilhas do Aladdin, e eu fiquei admirado com todos aqueles fantásticos acessórios medievais e roupas de época. Sempre adorei uma bela fantasia.

Em seguida, fomos para o *pub*. O pessoal do teatro era legal, ainda que meio esnobe, e entornavam uma bebida atrás da outra. O amigo do meu pai me deu rum e licor de cassis – em muitas doses.

Até então, eu mal tinha bebido. Às vezes, minha avó me dava um copinho de *shandy*[11], ou um gole do *snowball* dela no Natal. Agora, isso era beber de verdade – *Rum! Com gente do teatro!* – e muito além do que eu conhecia. Queria me enturmar, então mandei ver. Logo, porém, fiquei completamente chumbado.

Ao final da noite, o bar estava girando. “Já sei – vamos para a minha casa!”, sugeriu o amigo do meu pai. A essa altura, eu já topava qualquer coisa e, quando vi, estávamos nós dois no apartamento dele.

Talvez ele tenha me dado mais um drinque. Não me lembro. Falava sobre o teatro, e a TV estava ligada ao fundo. Eu só tentava manter a compostura e algum tipo de foco. E então, de repente, a luz se apagou e ele se encontrava bem ao meu lado.

O amigo do meu pai não estava mais falando de teatro. As mãos falavam por ele, passando pelo meu corpo todo –

meus braços, meu peito, minha virilha. Trabalhava em silêncio: nada foi dito. Era uma repetição daquelas oficinas na fábrica de metais – desta vez, porém, foi mais adiante.

Fui incapaz de reagir. O cara sabia o que queria e foi com tudo. Abriu minha calça, tirou meu pau para fora, se ajoelhou e o colocou na boca. Sentado lá, paralisado, bêbado, inerte e mudo, recebi meu primeiro boquete.

O que é isso?

O que está acontecendo?

O que eu faço?

Posso fazê-lo parar?

Fiz... coisa nenhuma. Não tenho ideia de quanto tempo aquilo durou, mas, quando acabou, o amigo do meu pai se levantou sem dizer uma palavra e saiu da sala. Lembrei que estava perto da casa da minha avó, peguei meu casaco, me conduzi para fora da casa e, em pânico e desorientado, tropecei noite adentro.

Não sabia o que pensar do que havia acontecido. Nem tinha certeza *do que* tinha acontecido. Deitei no quarto de hóspedes da minha avó me sentindo esquisito, e então apaguei. Na manhã seguinte, com a cabeça explodindo na minha primeira ressaca, meus pensamentos corriam por todo lugar: *É ISSO que gays fazem? É isso que é ser gay? É isso que as pessoas do teatro fazem? Eu passei por um teste do sofá?*

Hoje, é claro, sei que o cara era um completo predador sexual; um pedófilo. Viu minha juventude, percebeu a minha vulnerabilidade e abusou dela e de mim. Na época, eu não soube o que sentir. Pensei que devia ser culpa minha.

Quando voltei para casa, mais tarde naquele dia, meu pai perguntou como havia sido a noite.

“Ótima”, balbuciei.

“Meu amigo cuidou bem de você?”

“Sim”, respondi. “Cuidou sim.”

Nunca contei ao meu pai o que o amigo dele havia feito comigo, pois isso o teria arrasado. Nem teria contado o episódio neste livro se meu pai estivesse vivo.

Depois de toda tempestade, vem a bonança. É difícil achar a “bonança” num abuso sexual, mas aquela noite sinistra trouxe uma. Alguns dias depois, um dos outros caras do teatro que estavam no *pub* entrou em contato comigo. Havia uma vaga de assistente de cena disponível no Wolverhampton Grand – estaria eu interessado?

Eu estava. Fui entrevistado pelo diretor de cena do teatro e ele me contratou, para começar imediatamente. Meu futuro próximo estava garantido... e era exatamente o que eu queria.

Eu ia entrar para o teatro.

6 *Vilarejo costeiro que de fato leva um ponto de exclamação no nome, como o título do romance homônimo que lhe serviu de inspiração.* Best-seller *de 1855 do escritor Charles Kingsley,* Westward Ho! é ambientado na cidade vizinha de Bideford. (N. do T.)

7 *Les Lanciers é uma variação da quadrilha, datada dos séculos 18 e 19, e Gay Gordons é uma dança tradicional do interior da Escócia.* (N. do T.)

8 *"Desculpe-me, senhora! Na noite passada, minha cama estava tremendo!"* (N. do T.)

9 *Série inglesa de espionagem dos anos 1960, não relacionada aos personagens da Marvel Comics.* (N. do T.)

10 "Você vai se perguntar onde o amarelo foi parar / Quando escovar os dentes com Pepsodent!"

11 *Cerveja com limão.* (N. do T.)

3

Seis *barley wines* e um Mogadon

O primeiro emprego é uma coisa importante, um rito de passagem, e começar a trabalhar no Wolverhampton Grand aos 16 anos me deu essa sensação. Embora fosse louco por atuar e pelo teatro, não sabia muita coisa a respeito, e não tinha certeza do que esperar.

Bem, foi soberbo. Eu adorei o trabalho.

Fui admitido como assistente de cena/eletricista *trainee*/faz-tudo e trabalhava para o diretor de cena. Passei as primeiras semanas preparando chá, varrendo o palco, fazendo serviços gerais e me acostumando com a mudança completa no meu estilo de vida diário.

Não havia mais disparadas para passar correndo pela G. & R. Thomas Ltd. de manhã cedo. Agora, eu pegava o ônibus para Wolverhampton para chegar ao Grand ao meio-dia, trabalhava a tarde toda e nas peças à noite, depois,

pegava um ônibus noturno de volta a Walsall e chegava em casa, já toda escura, por volta da meia-noite.

Funcionava bem para mim (e me transformou no notívago que sou até hoje). O filho do diretor de cena era técnico de iluminação, e os dois me colocaram sob sua tutela. Evoluí rápido no trabalho e em questão de meses já operava toda a iluminação das peças.

Em quase todo teatro, o equipamento de iluminação fica na frente do palco, mas, no Grand, ficava nas coxias. Isso o tornava mais difícil de operar, mas logo peguei o jeito e, por meses, assisti, fascinado, a peças incríveis serem encenadas a poucos metros de mim. Trabalhei na iluminação de tudo: shows de variedades, de repertório, balés, óperas de D'Oyly Carte, *Orfeu no Inferno*. Os artistas corriam ao meu redor para entrar e sair do palco, ou esperavam as deixas para entrar, e eu me encontrava bem no meio daquilo tudo.

Adorava ficar próximo de grandes estrelas da TV. Tommy Trinder, famoso comediante, visitou o Grand. Eu o assistira inúmeras vezes no *Sunday Night at the London Palladium*, e foi demais quando ele lançou seu bordão: "Seus sortudos!".

A Woodbine, marca de cigarros, patrocinava os shows de variedades e dava um minimaço de cinco unidades para todo mundo no dia desses espetáculos. Toda noite, duas mil pessoas baforavam à espera do show começar. Quando eu apertava um botão e a cortina subia, uma névoa de fumaça de cigarro tomava o palco.

Não surpreendentemente, eu mesmo comecei a fumar – mas, sendo meio esnobe, rejeitava o Woodbine e o Player's

No. 6 e preferia Benson & Hedges. Por algum motivo, achava que esse era mais sofisticado. Que trouxa!

Aprendi tudo sobre como trabalhar com iluminação teatral no Wolverhampton Grand. A outra habilidade que peguei rapidamente foi como *beber*.

O teatro tinha um espírito de “trabalhar pesado, se divertir pesado”. O ritual consistia em, 10 minutos depois do final do espetáculo, toda a equipe se congregar no bar. Entornávamos o máximo de bebidas o possível, o mais rápido o possível, e depois eu saía trançando as pernas para pegar o último ônibus para Walsall.

Fiquei de saco cheio dos ônibus, economizei parte do meu salário e comprei uma lambreta Honda 50, paga em parcelas. Ela em nada interferiu na minha bebedeira pós-trabalho, e eu costurava irregularmente pela A41 depois da meia-noite. Houve algumas noites em que eu ficava impressionado por ter conseguido chegar em casa.

Beber era ótimo, eu adorava e, quando fiz 18 anos, pude beber legalmente. Lancei-me de bom grado na grande tradição britânica de jovens rapazes bêbados. Nas noites de folga, eu ia até um animado boteco local chamado Dirty Duck.

Beber se tornou a minha vida social... porém, desde o início, nunca fui um bebedor casual. Tinha um propósito. *Eu bebia para ficar bêbado*. Descobri que o melhor caminho para o estupor era *barley wine*[12], então eu tomava algumas, depois buscava meu acompanhamento preferido – um Mogadon.

Mogadon é o nome comercial do nitrazepam, um calmante e ansiolítico potente. Se eu tomasse um depois de

uma ou duas cervejas, ficava com aquela sensação aconchegante e avoada que queria. Sempre havia uma ou duas figuras suspeitas no Duck com uns comprimidos para fornecer:

"Aí, amigo, cê tem um Mogadon?".

"Opa. Nos dê uma *barley wine* e eu te dou um!"

Eu ficava torto de bêbado. Acordava na manhã seguinte querendo morrer, mas até a hora do almoço a ressaca já tinha passado e eu estava pronto para a próxima. Como todo adolescente, eu tinha superpoderes de recuperação.

Sue havia se formado na escola, era aprendiz de cabeleireira e comprara um Austin 100 verde. Era o xodó dela, e ela me dava uma carona até o Duck, porque estava saindo com um dos bebedores de lá, um rapaz adorável que todo mundo chamava de Brian, o Leão, por causa de sua juba vistosa.

Inspirado por Sue, tentei brevemente aprender a dirigir. Brian tinha um Mini e, numa tarde de domingo, disse que me deixaria guiá-lo. Levou-me até uma rua residencial tranquila, não muito longe da casa da minha avó, e me deixou assumir o volante.

"Engate a primeira, pise no acelerador *bem devagar* e solte a embreagem", me instruiu ele.

Sem jeito, pisei fundo no acelerador e soltei a embreagem rápido demais, então o carro disparou feito um foguete. Voamos pela rua, totalmente fora de controle, por uns cinquenta metros, batemos num carro estacionado à esquerda e, só para coroar, em outro estacionado à direita.

"PARA! PARA! PARA!", rugiu Brian, o Leão. Pisei com tudo no freio e pulei para fora do carro. Trocamos rapidamente de

lugar e saímos vazados dali. Ao olhar para trás, vi gente sair de casa para ver que diabos tinha acontecido.

“Sinto muito, cara!”, eu disse a Brian quando alcançamos uma distância segura daquela carnificina e ele encostou o carro. A frente estava toda amassada e eu implorei para ele me deixar pagar pelo conserto, mas ele não quis saber. Fiquei mais quinze anos sem dirigir um carro.

O Wolverhampton Grand abriu meus olhos para todo o tipo de grandes dramas e produções teatrais, mas, ao final da adolescência, outra forma de arte começou a ganhar minha afeição: fui me apaixonando fortemente pela música.

Eu adorava *Juke Box Jury*, um programa de TV com o ridiculamente esnobe David Jacobs, que tocava discos para um grupo de jurados que dava notas a eles. Uma das juradas era uma adolescente de Wednesbury, que ficava pertinho de nós, chamada Janice Nicholls. Quando ela gostava da música, sempre dizia, “*Oi’ll give it foive!*”[13]. Foi a primeira vez que ouvi o sotaque do Black Country em rede nacional na TV.

Assistia ao *Top of the Pops* religiosamente toda semana e curtia bandas como Freddie and the Dreamers, Cliff Richard and the Shadows e The Tremeloes. Em Walsall, comprava compactos na W. H. Smith ou numa loja de música de rico chamada Taylor’s, que tinha um piano de cauda na vitrine.

Porém, meu caso de amor com a música, assim como o de muita gente, começou de fato com os Beatles.

Eu gostava dos primeiros compactos deles, mas foram o *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* e o Álbum Branco que me fisgaram. O Álbum Branco me deixava hipnotizado.

Achava aquilo cósmico. Passei semanas ouvindo, analisando as letras, e colei as fotos que acompanhavam o disco nas paredes do meu quarto com fita adesiva.

Dei uma geral radical no meu quartinho. Pintei as paredes de roxo-escuro, removi a porta e, no lugar dela, instalei uma cortina laranja-clara. Era uma tentativa *gauche* e adolescente de ser *cool*, mas minha mãe não pegou esse fator descolado:

“Rob! *Mas que...* por que você arrancou a porta do quarto?!”.

“O quarto é meu! Posso fazer o que eu quiser!”, bufei, um adolescente típico.

Ouvia a Radio Luxembourg – quando conseguia sintonizar a transmissão ruidosa em onda média – e o programa *Top Gear*, de John Peel, na nova Radio 1. Adorava os artistas de blues antigos que ele tocava e dos quais eu nunca tinha ouvido falar: Muddy Waters, Howlin’ Wolf e Bessie Smith.

Se você fosse um jovem ligado em arte, como eu me considerava, a música era de suma importância no final dos anos 1960, e eu me alimentava dela. Jimi Hendrix explodiu a minha cabeça e eu comprei todos os discos dele. Gostava dos Rolling Stones, mas me atraía mais por artistas com vozes grandiosas e potentes, como Joe Cocker ou a brilhante Janis Joplin.

Não se pode dizer que Bob Dylan é uma potência vocal, mas eu me interessava pela forma como ele usava as palavras. Apesar disso, não gostava de como todas as músicas dele pareciam politizadas. Mesmo que concordasse

com as ideias dele, eu sentia que a música deveria ser um espaço para fugir dessas coisas.

Sentia o mesmo em relação ao Verão do Amor de 1967. Eu gostava da *ideia* de paz e amor, especialmente quando John Lennon falava nisso, porém, ao ver as atrocidades que aconteciam em lugares como o Vietnã e na Rodésia (hoje Zimbábue), elas pareciam estar a anos-luz de tal idealismo.

Há um certo elemento pessimista e até *taciturno* da natureza do Black Country que se recusa a se deixar levar por sonhos hippies e pelo *flower power*. Eu comprava o *NME* e a *Melody Maker* e lia tudo sobre a paz e o amor na Califórnia, mas, até onde eu sabia, aquilo poderia muito bem estar acontecendo em Marte.

Vivia num conjunto habitacional em Walsall e ia trabalhar de lambreta. Enchia a cara de *barley wine* no Dirty Duck. Toda essa coisa hippie parecia fora do meu alcance: dois mundos distintos.

Apenas ocasionalmente esses dois mundos se encontravam. Numa tarde de domingo, em 1968, eu estava trabalhando numa matinê no Grand. Naquele dia, fui o operador dos holofotes, e a sala minúscula onde eu ficava para controlá-los ficava tão quente, que parecia uma sauna.

Havia uma janelinha e, no intervalo, a abri e coloquei a cabeça para fora para tomar um ar. Ouvi uma música vinda da rua e dei uma olhada lá embaixo. Um casal de cabeludos caminhava de mãos dadas, usando calças boca de sino, bandanas e uma jaqueta de veludo franjada. Pareciam estar passeando pelo Haight-Ashbury. Levavam um rádio transistorizado e, apropriadamente, a canção que subia até a escaldante sala de luzes era um sucesso do ano anterior,

“San Francisco (Be Sure to Wear Flowers in Your Hair)”, de Scott McKenzie. Olhei para eles, totalmente atônito, e pensei: *Puta merda! O sonho hippie é real! Conseguiu chegar até Wolverhampton!*

Anos depois, li Ozzy Osbourne dizer exatamente a mesma coisa: “Eu ouvia falar de gente na Califórnia que usava flores no cabelo e pensava: ‘*Que diabos isso tem a ver comigo? Sou de Birmingham e meus bolsos são furados!’*”.

A primeira banda que vi ao vivo certamente não era de hippies sonhadores que tentavam mudar o mundo, e sim Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick and Tich, um grupo pop do sudoeste da Inglaterra com uma série de sucessos nas paradas. Não era muito a minha praia, mas quando vi que eles tocariam no Silver Web, um clube em Wolverhampton, fui vê-los.

“Você parece meio jovem”, disse o segurança, me olhando de cima a baixo.

“*Nah*, sou nada, amigo, trabalho no Grand Theatre!”

Meu truque funcionou e ele me deixou entrar. O show foi incrível. Tinha um toque de glam precoce, havia um bar, então fiquei devidamente daquele jeito, e adorei ver uma banda de verdade de perto tocar músicas a que eu assistira no *Top of the Pops*.

Fui ver o Crazy World of Arthur Brown num pequeno e curioso clube, em Walsall. Arthur Brown era um *one-hit wonder*, mas *que* hit: “Fire”, que ele tocara no *Top of the Pops*, usando um elmo em chamas. Só havia umas cem pessoas ao show em Walsall, mas ele apresentou o show teatral completo, incluindo um galeão de papel machê.

Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick and Tich e Crazy World of Arthur Brown eram bandas divertidas, mas não faziam um som que mexia comigo e chegava no fundo da minha alma. Isso veio na virada da década, quando ouvi bandas como Led Zeppelin e Deep Purple.

Dado o lugar de onde eu vinha, e a pessoa que sou, eu *sempre* ia me interessar por música mais pesada. E ela chegou no momento certo para mim. Tudo estava ficando mais barulhento no final dos anos 1960. Começara o processo que levaria ao surgimento do heavy metal.

Jim Marshall inventara os enormes amplificadores que deixariam as guitarras mais altas, então os bateristas tinham de tocar seus instrumentos com mais força para serem ouvidos. As garotas berravam mais alto; os Beatles não conseguiram ouvir a si mesmos tocar, afundados pelos gritos no Shea Stadium. Os volumes disparavam em todo lugar.

E, à medida que as guitarras e as baterias ficavam mais altas, a mesma coisa aconteceu com os cantores. Eu adorava grandes vozes, e ouvir Robert Plant e Ian Gillan soltarem as deles a plenos pulmões causou *mesmo* coisas em mim.

A empolgação ao ouvi-los era incrível, e eu simplesmente soube: *É isso. É esse tipo de música que quero fazer.*

Fiquei louco pelo Led Zeppelin. Nunca vou me esquecer de me deitar na minha cama no Beechdale, entre os dois alto-falantes, e ouvir “Whole Lotta Love” pela primeira vez. Fiquei maravilhado com a conversa entre Robert Plant e Jimmy Page, do canal esquerdo para o direito alternadamente.

O Zeppelin e o Purple despertaram algo em mim... e mudaram minha forma de pensar. Antes deles, eu ainda queria ser ator. Ao lado do palco no Grand todas as noites, observando atores e comediantes serem ovacionados de pé, eu pensava que aquela deveria ser a melhor sensação do mundo. Ouvir Plant e Gillan mudou isso. Agora, de súbito, eu queria ser um *cantor*.

Graças a um dos meus professores de música da escola, havia uns dois anos que eu fazia uns sons com algumas bandas locais. Ele me convidara para cantar com sua banda, Thark – que nome esquisito! –, então eu ia aos ensaios e soltava a voz em algumas músicas. Era só por diversão e eu nunca pensei que fosse levar a nada.

Havia uma cena esparsa de músicos na região de Walsall e, por meio do Thark, conheci uma banda chamada Abraxis. Passei a frequentar os ensaios e a cantar covers com eles também, e a banda acabou se transformando no Athens Wood, que consistia em três caras, Mike Cain, Barry Shearu e Phil Butler, mais eu. Fazíamos um rock progressivo *bluesy* e levávamos a coisa um pouco mais a sério.

O interessante é que eu não tinha desejo algum de tocar guitarra ou qualquer outro instrumento. Não tinha interesse em carregar uma bateria por aí. Ser apenas o cantor era confortável: *Este sou eu; eu sou o instrumento*[a]. Tudo o que eu queria fazer era soltar a voz a plenos pulmões, o mais alto que pudesse.

A música vinha se tornando o centro da minha vida, mas eu ainda ia ao Grand todos os dias, de lambreta. E os sentimentos incipientes de confusão sexual que me

encucavam na escola não se abrandavam – estavam piorando.

O meio teatral sempre teve amigos da Dorothy[14] de sobra, e o Grand não era exceção. Roy, um dos funcionários, foi o primeiro cara gay que conheci (sem contar os tarados que abusaram de mim). Ele me apresentou a seu namorado, Danny, que era *drag queen* profissional.

Danny faria um show no Butlin's, em Skegness, então nós três resolvemos passar o fim de semana lá e compartilhamos um trailer com uma só cama. Eu dormia no meio: o recheio do sanduíche. Demos alguns pegas, mas não fomos muito adiante.

Bem, devemos ter ido adiante o bastante. Uma semana depois, no meu quarto em casa, na Kelvin Road, senti uma coceira no púbis e abaixei a calça para dar uma olhada. Meus pelos eram uma selva emaranhada e infestada de criaturinhas saltitantes. *Ah, merda! Que porra é essa?* Não fazia ideia do que era aquilo, então fui procurar meu pai.

"Pai, tô com um... certo problema", balbuciei.

"O que é?"

Abaixei a calça e mostrei a ele, que bateu o olho e já soube exatamente do que se tratava.

"Você pegou chato!", disse. "Com quem você tem andado?"

"Como assim?", perguntei, tenso, pois sabia *exatamente* o que ele queria dizer.

"Bom, só se pega chato de outras pessoas", ele respondeu, e então me deu uma colher de chá. "Ou de um assento de privada."

“Ah, é isso, então!”, concordei avidamente. “Foi do assento da privada!” Mas tive um medo indescritível.

Meu pai foi até um médico e voltou com um frasco de algo que parecia leite, e me instruiu a colocar um pouco da substância num algodão e aplicar nos meus pelos pubianos todos dias. Ardia feito ácido. Fiquei com aqueles chatos por meses, eles simplesmente não sumiam. E eu nunca ousei contar a Roy.

Minha confusão sexual se intensificou. O mundo gay ainda era um mistério para mim. Era um mundo que me despertava curiosidade – *como não despertaria?* –, mas também me assustava, depois das experiências ruins que tive. Eu era um garotinho perdido, mas estava desesperado para pisar naquele mundo e tentar ter um relacionamento.

Nos classificados, vi um pequeno anúncio de um cara à procura de outros homens para “amizade e talvez um pouco mais”. Rá! Escrevi para a caixa postal, ele me respondeu, e nós combinamos de eu visitá-lo em Redhill, em Surrey.

Não sei dizer ao certo qual era a minha expectativa durante a viagem de trem. Não necessariamente esperava fazer sexo... mas era possível que acontecesse. *Seria essa a minha primeira vez?* Não foi. Era um cara legal, da minha idade, mas não houve química entre nós. Fomos a Londres fazer compras, e depois peguei o trem de volta para casa.

No Grand, quando chegou a temporada de pantomima, fizemos uma produção suntuosa, com uma orquestra completa. O diretor musical era muito a fim de mim e não me deixava em paz. Não havia como ele deixar isso mais escancarado. O cara era bem mais velho que eu, e eu diria que um avanço em relação ao cara da fábrica e ao amigo

pervertido do meu pai, no sentido de que ele não tentou me bolinar nem me molestou. Era respeitoso, mas nunca parava de tentar flertar comigo.

Eu detestava. A essa altura, já sabia das intenções dele e do que ele estava atrás, mas não tinha atração por ele, e aquilo precisava parar. Estava me enlouquecendo. Um dia, depois que ele deu em cima de mim de novo, fiquei farto. Sabia que precisava fazer alguma coisa... mas o quê?

E então aconteceu a coisa mais estranha. Não sei de onde isso saiu, ou por que, mas me veio uma ideia urgente à cabeça: *Preciso ir à igreja.*

Assim, fui. No horário de almoço, saí do Grand e caminhei até a St. Peter's Collegiate Church, na Lichfield Street. É uma antiga igreja católica, grande e ornamentada, no centro da cidade, e estava vazia quando cheguei. Dirigi-me até uma estátua da Virgem Maria e... *me comuniquei com ela*. Não me lembro se falei em voz alta, ou se só pensei com muita força, mas disse o seguinte à Nossa Senhora de Lourdes:

Preciso muito de ajuda aqui. Estou muito confuso em relação ao que sinto e ao que estou passando. Não sei se é certo, se é pecado, se é do mal, ou se tudo bem. Não sei o que fazer!

E uma coisa extraordinária aconteceu. Enquanto eu dizia – ou pensava? – essas palavras, uma onda de paz me tomou. Foi como se toda a minha angústia e frustração tivessem desaparecido. Senti o perfume de rosas. Olhei ao meu redor na igreja, mas não vi nenhuma flor.

O que aconteceu naquela igreja em Wolverhampton, naquela hora do almoço? Será que eu havia sido *de fato*

abençoado pela Virgem Maria? Bem, sei o quanto isso pode soar tolo, mas, cinquenta anos depois, ainda me arrepio ao lembrar. E, por um tempo, minha angústia foi embora.

A música me ajudava. Encontrava muito alento em bandas como o Zeppelin. Quando estava confuso e não queria ser quem eu era, e ficava com raiva de mim mesmo e dos meus desejos, ouvia música a todo volume. Com ajuda do Zeppelin e da Virgem Maria, eu dava um jeito de segurar as pontas.

Em 1970, fui ao festival da Ilha de Wight, para ver o Hendrix. No ano anterior, Woodstock foi o momento definidor da geração hippie nos EUA. Na balsa a caminho de Ryde, com um amigo, eu pensava que era nossa vez: *"É isso! Esse é o nosso Woodstock!"*.

O festival foi avassalador. O The Who cegou o público com holofotes de defesa antiaérea no início de seu *set*. Hendrix entrou no meio da noite, quando eu já estava paralisado, e foi inacreditável. Acampamos lá... bem, não tínhamos barraca. Deitamos na grama e apagamos.

A música me chamava e eu sabia que era hora de deixar o Grand. Meu período no teatro foi maravilhoso, mas minhas prioridades haviam mudado. Eu entrara para o teatro porque queria ser ator... e agora, não queria mais. Queria ser cantor numa banda.

O Athens Wood ensaiava à noite, e eu não poderia ir se estivesse na labuta nas luzes quentes do teatro sete noites por semana. Precisava de um trabalho regular durante o dia. Assim, em 1970, depois de quase dois anos no Grand, dei *adieu* ao teatro e me vi... no mundo das lojas de roupas.

Havia uma rede de lojas de moda masculina britânica chamada Harry Fenton, com filiais por todo o país. A loja na Park Street, no centro de Walsall, tinha uma vaga para vendedor júnior. *Por que não?*, pensei. Liguei para a loja, fiz uma entrevista e consegui o emprego.

Em pouco tempo, me tornei gerente. Não adorava vender roupas da mesma forma que amara o Grand, mas o trabalho era OK. O horário funcionava bem para mim, o salário era decente e eu gostava de bater papo com os clientes. Se tem uma coisa em mim que *nunca* mudou, é isto: adoro jogar uma boa conversa fora.

A Fenton até então era uma loja bem tradicional, de roupas bastante pomposas, para cavalheiros, mas a empresa repensou seu público-alvo e se voltou para os caras mais jovens, que normalmente comprariam roupas em boutiques. Houve um influxo repentino de peças mais descoladas: ternos de poliéster, calças boca de sino, gravatas *kipper* e sapatos plataforma.

Esse novo estoque me servia como uma luva, já que significava que, de súbito, eu tinha uma seleção muito melhor de peças para afanar. Bem, afanar não: *pegar emprestado*. Coisa que eu fazia vorazmente. Pegava um novo terno ou uma camisa descolada e calças boca de sino e os usava para sair no fim de semana.

Na segunda-feira, ainda de ressaca, recolocava o terno, fedendo a bebida, cigarro e desodorante Old Spice, de volta na arara, e tentava recolocar os alfinetes na camisa e reenfiá-la no embrulho de papel celofane como se nunca tivesse sido usada. *Aqueles alfinetes malditos!*

Depois que me tornei gerente, pude colocar a música que quisesse na loja, então mandava ver “School’s Out”, do Alice Cooper. Recebemos algumas reclamações, mas... *eu sou o gerente! Coloco para tocar a música que eu quiser!*

O Athens Wood conseguiu uns dois shows num *pub* da cidade. *Tocar ao vivo!* Era o que eu queria, porém, encarei as apresentações com um estranho misto de autoconfiança e terror.

Antes do primeiro show, fiquei com medo de que não fosse ninguém, ou que as pessoas fossem embora depois da primeira música. Não foi muito diferente disso. Uma meia dúzia de beberrões inveterados se apoiou no bar e ficou olhando calada. Quando alguém saía andando, eu rezava em silêncio: *Por favor, que estejam indo ao banheiro e não para casa!*[b]

Porém, muito mais importante para mim foi o fato de que, quando os shows engrenaram, eu adorei. Foi fácil desfilar pelo palco e gritar para estranhos. Rapidamente, me dei conta de que, quando caminhava pelo palco, me tornava mais confiante e extrovertido. Não ficava arrogante, mas não duvidava de mim mesmo.

Aquele espaço na frente, entre o guitarrista e o baixista, combinava muito bem comigo. Parecia natural; onde eu deveria estar.

Não rolou para o Athens Wood. Em pouco tempo, as coisas estagnaram e nós fomos cada um para seu canto. A essa altura, eu estava curtindo heavy metal cada vez mais e entrei numa banda de hard rock blueseiro chamada Lord Lucifer, que tinha muito mais atitude. Sentia-me bem à vontade no meio dessa turma. Já tinha passado da lambreta

para uma moto BSA, e pintei o nome da banda no tanque, com chamas ao redor. O visual era irado – mas o Lord Lucifer nunca fez um show.

Quando eu não estava fazendo coisas das minhas bandas, ia ao máximo de shows que podia. Virei figurinha carimbada num clube de rock chamado Whiskey Villa, no salão de uma antiga igreja metodista, no coração de Walsall. Lá, vi outro dos meus primeiros heróis, Rory Gallagher, com sua banda, Taste.

Agora que minhas noites estavam livres, eu me aventurava até Birmingham para shows em casas como o Henry's Blueshouse, em cima de um *pub*, onde vi blues dos bons. Certa noite, vi um show de Muddy Waters e não conseguia acreditar que ele estava *ali*, na minha frente, em Birmingham. Era como ver Mozart!

Ia com Sue ao Mothers, em Erdington, uma versão do Marquee londrino nas Midlands. Vi o Zeppelin e o Pink Floyd lá, e acho que, numa noite em que bebi até cair, vi o Earth antes de se tornar Black Sabbath.

Nas noites em que não havia nada, eu ia até o Dirty Duck e enchia a cara. *Enchia muito a cara*. A essa altura, já bebia com muita frequência e consistência, e não via razão para não entornar uma *barley wine* atrás da outra e engolir os Mogadons. Na hora de ser chutado do bar, meus instintos de pombo-correio entravam em ação e eu conseguia chegar em casa aos trancos e barrancos.

Certa noite, numa sexta-feira, Sue me levou de carro até o bar e eu virei seis *barley wines* e um Mogadon. No caminho de volta para casa, vomitei pela janela do carro. Acordei na manhã seguinte sem absolutamente nenhuma

lembrança disso, e ouvi Sue, puta da vida, suplicar para o nosso pai lá embaixo:

“Pai, levei o Rob ao Duck ontem à noite e ele vomitou na porta do meu carro todinha! Ele ainda está desacordado e eu estou atrasada para o trabalho – você pode limpar para mim, por favor?”.

Ele limpou. Só Deus sabe por que ele não me arrastou da cama para eu mesmo limpar.

Mas Sue também não era nenhuma anjinha. Minha irmã estava passando por uma fase rebelde. Além do salão, ela começara a fazer alguns trabalhos como modelo fotográfico e virou adepta de fazer biquinho e usar calças coladas.

Nessa época, eu já tinha uma coleção de discos bem decente e, certa noite, quando o DJ de rock do Duck ficou doente, me ofereci para cobrir o posto dele. Ao chegar lá, descobri que tocaria os discos entre as performances de uma *go-go dancer* – Sue! Tinha um sentimento de protetor para com minha irmã mais nova, e não sabia como me sentiria ao ver caras babando por ela[c].

Se passássemos da hora no Dirty Duck ou fôssemos para a casa de alguém, eu ficava acordado a noite inteira e ia cambaleando para a Harry Fenton, ainda bêbado, na manhã seguinte. Por sorte, como eu era o gerente, não havia ninguém para me encher o saco. E a loja parecia se virar bem por conta própria.

Uma lenda urbana que corre há muito tempo a meu respeito é que, antes de me tornar cantor, trabalhei num cinema pornô. Essa anedota está até na *Wikipédia*, e *todo mundo* sabe que tudo o que está escrito lá é verdade

absoluta, certo? Bem, não exatamente. Eis a *verdadeira* história.

No caminho para o trabalho, eu passava por uma série de lojas sem-vergonha instaladas em antigas casas vitorianas. Estavam ali desde os primórdios dos tempos e eram, em sua maioria, lojas de quinquilharias e assistências técnicas de aspiradores de pó... mas, por trás de uma porta surrada e suja, com a tinta toda descascada, havia um *sex shop*.

Depois das minhas experiências com o romance gay nas férias e com o livro de fotos de Bob Mizer, fiquei curioso com a pornografia, então, de vez em quando, dava uma passada lá depois do trabalho. A loja era do tamanho de uma sala de estar e tinha livros indecentes e revistas pornôs de Amsterdam pendurados nas paredes em sacos plásticos.

Havia algumas revistas gay também. Curiosamente, eu nunca comprei nada, mas fiz amizade com o rapaz do balcão e nós trocávamos muita ideia sobre música. Certa noite, apareci na loja ao sair do trabalho e ele me pediu um favor.

“Aí, Rob, estou meio ocupado nos próximos dois fins de semana – cê poderia dar uma olhada na loja? Te pago!”

“Sim, claro!”

Então, por dois fins de semana, fui gerente de uma loja pornô. Foi maneiro.

Apareciam algumas mulheres, porque também vendíamos consolos e brinquedinhos sexuais, mas, em sua maioria, os clientes eram homens sozinhos. Eu sacava de cara o que um sujeito queria assim que ele passava pela

porta: *Ah, esse veio atrás das revistas de peitões!* Raramente errava.

No caminho para casa depois do expediente na Harry Fenton, eu com certeza fazia algumas paradas salubres. Além da loja pornô, passava com frequência num banheiro público para uma pegação anônima.

Bem ao lado da British Home Stores, no centro de Walsall, havia um antigo banheiro subterrâneo da Era Vitoriana, com grades na entrada. Eu ficava de bobeira ali perto e, assim que via algum rapaz apetitoso entrar, o seguia sorrateiramente.

Tentava sacar se eles só precisavam mijar, ou se, quem sabe, estavam atrás de algo a mais. Noventa e nove por cento das vezes se tratava da primeira opção, é claro, mas se eu percebesse o menor dos sinais de que havia outros interesses, tentava fazer contato visual e sorrir.

Isso era de um risco desgraçado. Naquela época, violência homofóbica era muito comum, e eu sabia que estava baixando a guarda para ser espancado por ser gay. *Mas, sério, o que mais eu poderia fazer?* Eu detestava o fato de ter de me colocar em perigo para conseguir um pouco de companhia masculina.

Nunca cheguei a ser atacado, exceto por alguns olhares estranhos ou pela pergunta *"Que porra cê tá querendo?"*. De vez em nunca, eu tinha sorte e dava uma pegada tensa e apressada. Mas, na maioria das vezes, me arrastava de volta para o Beechdale cabisbaixo, um pescador que não conseguiu fisgar nenhum pau.

Era frustrante... assim como o fato de não chegar a lugar nenhum com minhas empreitadas musicais. As chamas

lívidas pintadas no tanque da minha BSA não conseguiram acender o Lord Lucifer, que acabou. No entanto, eu tinha mais esperanças no meu projeto seguinte.

Fiquei amigo de mais alguns caras no circuito local de shows e formamos uma banda chamada Hiroshima. Paul Watts tocava guitarra e Ian Charles tocava baixo, mas eu era mais próximo do baterista, um camarada amigável, mas muito tenso e reativo, chamado John Hinch.

O Hiroshima tocava o tipo de som que eu ouvia o tempo todo: um blues rock progressivo e barulhento. Ouvir discos antigos de blues – e ver o Muddy Waters em Birmingham – me deixou intrigado pela gaita e eu comprei uma. Fazia solos e não era nada mau.

John Hinch morava em Lichfield, que tinha muito verde e era muito classe média em comparação a Walsall, e passávamos noites ensaiando no salão de uma igreja perto da casa dele. O Hiroshima não tocava covers, mas não sei se as nossas "músicas" próprias tinham alguma estrutura: éramos especializados em improvisos livres e *jams* intermináveis.

Talvez tenha sido essa a razão pela qual os dois shows que fizemos em *pubs* foram pouco memoráveis. Minhas principais lembranças são de caras segurando *pints*, olhando para nós, dando de ombros e voltando para o bar.

Assim, me ocorreu que o Hiroshima não era minha via expressa para o sucesso musical... e então a maior oportunidade da minha vida caiu no meu colo.

Foi realmente assim, direto e reto.

Sue havia parado de acariciar a juba de Brian, o Leão, e agora namorava um camarada simpático de nome Ian Hill,

que ela conheceu no Dirty Duck. Ian tocava baixo numa banda chamada Judas Priest, que já rodava pelo circuito havia um tempinho.

Recentemente, a banda se deparara com alguns problemas. O vocalista e o baterista saíram e precisavam de substitutos. Um dia, Sue estava me falando disso – e então parou e me encarou.

“Sabe, Rob, você deveria fazer um teste para entrar no Priest”, sugeriu.

Olhei para ela enquanto a possibilidade me passava pela cabeça.

Humm.

“Pois é”, falei. “É, acho que deveria, mesmo.”

12 *Estilo de cerveja do tipo* strong ale *originado no século 17 na Inglaterra. Apesar do nome – que se traduz literalmente como "vinho de cevada" –, não leva vinho nem uvas em sua composição, mas foi batizada assim devido ao alto teor alcoólico: entre 8 e 12%, próximo daquele do vinho.* (N. do T.)

13 "*I'll give it five!*" ("Vou dar nota cinco!")

a Cogitei intitular essa autobiografia *Rob Halford: Eu sou o instrumento*, mas não por muito tempo.

14 "Friend of Dorothy" *é uma expressão que remonta a pelo menos a época da Segunda Guerra, quando a prática homossexual era ilegal nos EUA, e a gíria era usada para se referir à orientação sexual de alguém sem que pessoas que não fizessem parte da comunidade LGBTQIA+ soubessem o que significava.* (N. do T.)

b Ainda me sinto assim. Posso estar no palco de uma arena lotada, mas, se vejo alguém se encaminhando para uma saída, me entristeço na hora. Nós, artistas, somos uma raça insegura.

c Meu pai com certeza sabia como se sentia – detestava com todas as forças!

4

Entrando para o sacerdócio

O fato é que eu já conhecia um pouco do Judas Priest.

A banda existia havia uns três ou quatro anos. Como Sue namorava Ian, eu conhecia um pouco da história da banda e que houvera altos e baixos. Logo de cara, o guitarrista John Perry morreu num acidente de carro. Diversos membros passaram pela banda, como acontece com qualquer outra, assim como um bom tanto de azar. Assinaram um contrato de gravação, mas a gravadora faliu antes que pudessem lançar qualquer coisa. O Priest então acabou para, depois, se reunir com uma formação praticamente toda nova.

Cheguei até a ver um show deles, em algum lugar em Birmingham, mais ou menos um ano antes. Minhas principais lembranças eram de que Ken Downing, o guitarrista, era novo na banda, e que o visual de Ian era incrível, um baixista magérrimo com os cabelos até a cintura. Lembro-me de pensar que eles *definitivamente* tinham alguma coisa diferenciada.

Faziam muitos shows nas Midlands, mas agora passavam por mais um perrengue. O vocalista, Al Atkins, que estava na banda desde o início, acabara de anunciar que precisaria sair. Estava casado, tinha filhos e não estava ganhando dinheiro suficiente com música para sustentá-los.

Nem tudo era um mar de rosas nessa época, mas eu gostava do som e do visual do Judas Priest, que me parecia uma banda muito mais profissional do que o Hiroshima, que ia do nada para lugar nenhum. Dei o OK a Sue. Ela poderia, por favor, mencionar meu nome a Ian e Ken?

Mais ou menos uma semana depois, eles foram até o Beechdale para me encontrar. Ora, é justo dizer que Ken e eu temos lembranças conflitantes desse primeiro encontro. Ken diz que quando Sue abriu a porta para eles na casa da Kelvin Road e me chamou, eu desci a escada com uma gaita. Parece plausível: naquela época, eu tocava direto. *Eis*, porém, o nosso ponto de divergência: ele alega que, enquanto descia a escada, eu cantava uma música de Doris Day. *Doris Day?! Por que caralhos eu estaria cantando uma música de Doris Day?* Ian pelo menos diz que era Ella Fitzgerald, o que é bem melhor...

Que seja. Ken, Ian e eu nos sentamos na sala e batemos um papo, nos demos muito bem logo de cara. Ken idolatrava Hendrix, então, quando eu disse a ele que era um grande fã, foi um ponto positivo para ambos. De fato, nossos gostos musicais em geral eram bem parecidos.

Ken era muito obstinado em relação ao Judas Priest, o que me agradava. Não parecia desanimado por ter perdido o vocalista, e falava em termos otimistas sobre o que ele

queria que a banda conquistasse. Ian era mais sossegado, como eu já sabia.

O Priest não havia perdido apenas o cantor. O baterista, Congo Campbell, também pediu as contas, então, quando Ken e Ian me convidaram para uma *jam* com eles – ou simplesmente para "um som", como dizíamos –, sugeri levar John Hinch comigo.

"Claro", disse Ken. "Por que não?"

Eles me explicaram que o Judas Priest geralmente ensaiava no salão de uma escola, apelidado de Holy Joe's, anexo a uma igreja em Wednesbury, a pouco mais de 4 quilômetros de Walsall. Assim, uns dois dias depois, Hinchy e eu fomos até lá.

Ken, Ian, John e eu fizemos um som e brincamos com *riffs* por pelo menos umas 3 horas. Todos nos sentimos muito à vontade na companhia uns dos outros, então não fiquei nervoso. Na verdade, fui com tudo, com muitos agudos, interjeições tipo "*Ooh, aah, baby!*" e meus melhores movimentos à la Plant e Joplin. Foi uma sensação muito boa logo de início.

Se eu tivesse feito esse teste em Los Angeles, é claro, Ian ou Ken teriam dito: "Uau, mano, isso foi incrível! Com a sua voz e o nosso instrumental, nós vamos dominar o mundo!". Porém, não é esse o temperamento pé no chão de Walsall[a]. Em vez disso, Ken só assentiu com a cabeça, satisfeito.

"Foi bom, não?", ponderou. "Querem fazer mais um som ainda nesta semana?"

E foi isso, simples e fácil. Eu agora era o cantor do Judas Priest. Voltei para casa me sentindo muito feliz.

Rapidamente, entramos numa rotina de ensaios aos fins de semana e à noite durante a semana. Nossas *jams* no Holy Joe's contavam com um curioso ritual. O Holy Joe em pessoa – o padre Joe, o velho vigário da igreja vizinha – vivia no recinto e aparecia por lá para recolher o pagamento do aluguel do salão.

O padre Joe parecia gostar de tomar umas, e nem tentava esconder. "Vamos lá, rapazes, estou seco!", ele nos dizia enquanto remexíamos nos bolsos dos jeans em busca de algumas notas para pagá-lo. Assim que o fazíamos, ele disparava alegremente para o *pub* da esquina.

No Holy Joe's, tocávamos uns covers de vez em quando, mas logo de cara já tentamos compor músicas próprias. Quando entrei, o Priest já tinha algumas protocanções primitivas deixadas pela formação anterior. Para ser sincero, eu não as achava muito boas, mas adorava o som e o *feeling* da banda.

Não conversávamos muito a respeito, mas sabíamos instintivamente que, se tocássemos muitos covers, poderíamos ficar conhecidos como uma banda cover. Havia muitas no circuito, e não havia nenhum problema nisso... mas não era para nós. Queríamos ser independentes e originais.

Nunca chegamos a discutir se eu deveria ser o principal letrista, mas fazia sentido. Eu amava a literatura e as palavras desde a escola e o Grand e os vocalistas das bandas são quem escrevem as letras mesmo: *é assim que funciona*. Foi a minha primeira oportunidade de fato de tentar me expressar artisticamente.

Nossos primeiros encontros de composição aconteciam, em sua maioria, num apartamento decadente no Meynell House, prédio em Handsworth Wood, em Birmingham. Ian morava lá, e embora só tivesse um quarto, a maior parte do Priest, mais alguns amigos, dormiam lá direto. E, é claro, Sue também dormia bastante lá.

O apartamento sujo e desarrumado era metade comuna hippie, metade catre rock ‘n’ roll, e eu passava muito tempo lá. Muito, muito mesmo. Ficávamos acordados até alta madrugada, fumando, fazendo *jams* e buscando *riffs* legais: “Peraí, Ken, o que você acabou de tocar? Toque de novo!”. Aposto que os vizinhos *amavam*.

Outro lugar que eu frequentava muito era a casa onde Ken morava com a namorada, Carol, em Bloxwich. Eu passava em casa depois de sair da Harry Fenton, tomava o chá e então seguia para a casa de Ken para assistir à TV e ouvir discos.

A essa altura, meu cabelo já estava bem comprido e eu andava por aí num sobretudo de estampa meio hippie. Certa vez, estava voltando da casa de Ken a pé, por volta da meia-noite, acabara de passar pela G. & R. Thomas Ltd. quando uma viatura da polícia parou cantando pneu ao meu lado. *Mas que...?*

Os dois policiais saltaram do carro e me agarraram. “Tá certo, seu lixo, te pegamos! Pensou que ia se safar, né?”, disse um deles. Fiquei chocado... e com medo.

“Hein? O que está acontecendo?”, perguntei.

“Não venha nos peitar não! Você sabe o que você fez!”

“Não fiz nada! Só estou voltando da casa do meu amigo...”

“Ah, é? Vamos te levar de volta à casa que você acabou de assaltar! Agora, cale a boca!”, e me jogaram no banco traseiro da viatura, e ainda me deram um tapa na cabeça, e partimos.

Rodamos por uns 10 minutos, mas eu não fazia ideia de onde estávamos. Paramos na frente de uma casa, os policiais me tiraram do carro e me empurraram até a porta. Tocaram a campainha e uma mulher de meia-idade atendeu.

“Pegamos o ladrão, senhora”, disse um deles. “Você poderia só confirmar que é ele?”

A mulher olhou para mim. Com o cabelo na altura dos ombros e o casaco estampado, minha aparência era bem distinta.

“Ele não se parece absolutamente *em nada* com o ladrão!”, disse ela, para então dar as costas e fechar a porta.

Os dois policiais se entreolharam, deram de ombros, me soltaram e voltaram até o carro, comigo atrás deles. Entraram na viatura.

“Ei! E eu?”, perguntei.

“O que tem você?”

“Não sei nem onde estou. Vocês podem me deixar onde me pegaram?”

“Não é problema nosso, camarada”, disseram ao entrar no carro e ir embora. Andei perdido por meia hora até conseguir me localizar, e cheguei em casa às duas da manhã. *Policiamento da comunidade, ao melhor estilo setentista!*

Embora eu soubesse que era gay, por um tempo uma parte de mim ainda estava em negação. Não que eu achasse que havia algo de *errado* com ser gay, eu só não queria ser um – provavelmente por causa da confusão e dor que eu pressentia que isso me traria mais tarde na vida.

Isso significava que eu ainda me envolvia com garotas. Havia uma moça adorável chamada Margie, irmã de uma amiga de Sue, que sempre aparecia na casa de Ken quando eu estava por lá. Era de um temperamento doce e quieto e adorava o Priest.

Margie e eu nos acomodávamos no sofá e rolava uma pegação pesada. Eu gostava e ficava excitado, mas, ao mesmo tempo, nunca me sentia *satisfeito*. Enquanto isso acontecia, uma voz não saía da minha cabeça: *Mas o que você está fazendo? Você é gay!*

Certa noite, combinamos que Margie e eu dormiríamos na casa de Ken, no quarto de visitas. A caminho de lá, estava completamente resoluto: *OK, então talvez esta seja a noite em que vou perder a virgindade para uma mulher!* Estávamos todos num círculo, como de costume, e então, quando chegou a hora de dormir, Ken me puxou de lado e sussurrou:

“Quando subir para o quarto, olhe debaixo do travesseiro!”

Foi o que fiz enquanto Margie estava no banheiro. Ken deixou uma camisinha para mim. Eu não soube *o que* pensar. Achei meio presunçoso da parte dele, mas também que ele era apenas um bom amigo tentando me ajudar. Quando Margie veio para a cama, demos mais uns pegas... e foi isso. A camisinha não foi usada, e nunca seria.

Isso me fez perceber que era errado enrolar Margie: *eu era gay, e ponto final*. Gostava dela e não queria magoá-la, mas eu estava numa bagunça hormonal e emocional lamentável e fui completamente incapaz de comunicar esse fato a ela.

Então, como a maioria dos rapazes, terminei de um jeito merda. Pouco depois de termos passado a noite juntos, eu estava sentado na minha cama, na Kelvin Road, numa tarde de domingo, mandando ver na gaita. A campainha tocou e Sue, lá de baixo, me chamou.

"Rob! Margie está aqui para te ver!"

Merda! O que eu faço agora?

Entrei em pânico. "Não quero vê-la!", gritei lá de cima.

"Hein? Rob, não seja otário, ela está aqui agora! Você vai descer ou não?"

"Não, não vou descer! Não quero vê-la!"

Eu tinha 22 anos e estava agindo como um adolescente patético. Por sorte, Margie foi muito mais legal do que eu merecia, e nós continuamos amigos. Mas eu peguei a dica que o meu corpo e a minha mente estavam me dando. Foi a última vez que tentei sair com uma mulher por um longo, longo tempo.

No Meynell House, em Birmingham, dividindo o apartamento e o catre da banda com Ian, havia uma figura de uma excentricidade muito particular que se tornaria muito significativa na história do Judas Priest: Dave "Corky" Corke.

Corky era o empresário da banda, embora ninguém soubesse exatamente como isso se deu. Aparentemente,

ele só andava com os caras e um dia se designou para o cargo. Porém, ninguém podia negar que ele se lançou no papel de empresário com um deleite absoluto.

Corky fazia um corre pesado, do tipo que provavelmente toda banda precisa fazer no começo. Natural de West Bromwich, era um cara baixinho, gordinho e irrequieto, de cabelos cacheados, um bigode estranho, que parecia nunca crescer, e uma visão péssima, que o obrigava a usar óculos fundo de garrafa.

Falava mais do que a boca. Era um falastrão adorável, e seu talento para a tagarelice abriu portas que, caso contrário, teriam permanecido firmemente fechadas. Ele nos disse que tinha um escritório em Birmingham. Não tinha. O que *tinha* de fato era um carro que ele estacionava ao lado de um orelhão na frente do *pub* The Beacon, em Great Barr. Dava o número do orelhão como se fosse o telefone do escritório e ficava sentado no carro com a janela aberta, à espera das ligações.

E então subiu na vida – literalmente! Corky teve acesso a um prédio de escritórios no centro de Birmingham e, de algum modo, conseguiu fazer um gato no telefone do elevador (que estava ali somente para contatar um técnico em caso de emergência) para fazer chamadas externas e até internacionais. Fazia todos os negócios subindo e descendo entre os andares do prédio.

Ouvi Corky dar alguns de seus telefonemas trambiqueiros em nosso nome e fiquei boquiaberto. “Estou ligando da DCA, de Birmingham, e represento a banda internacional Judas Priest!”, era como ele se apresentava.

“São a melhor banda de rock da Grã-Bretanha e contam com um público enorme!”

Ele martelava a nosso respeito até dar dor de ouvido ao pobre coitado do outro lado da linha, que então cedia: “OK! OK! Eles podem tocar na próxima terça! Pago dez libras!”. Tenho certeza que a maioria dos nossos primeiros shows só aconteceram porque o pessoal ficava desesperado para Corky desligar o telefone.

Contudo, é preciso dar o braço a torcer para ele – funcionava. Corky parecia conhecer os *promoters* das principais cidades do Reino Unido, e de uma boa parte das cidades menores também. Apesar de ainda ser uma banda desconhecida e sem contrato, o Priest fazia uma porrada de shows.

Demos um jeito de juntar dinheiro para comprar uma van Ford Transit, o que ampliou nosso escopo. Com meio de transporte e a lábia de Corky, estávamos prontos para os negócios.

Deus sabe quantas horas – dias! – passamos naquela van, nos primeiros meses. Lá íamos nós para Manchester, Newcastle, Cardiff ou Hull. Tocamos em muitos *pubs* e clubes sociais no norte. Tocamos no Cavern, em Liverpool, o que foi eletrizante. E sempre nós dávamos bem em St. Albans.

Inclusive, desfiguramos a Transit voltando de um show, em St. Albans. Eu estava bêbado feito um gambá e, de súbito, senti a necessidade de expurgo. Botei a cabeça para fora da van... e vomitei em toda a lateral dela.

“Que inferno, o que você bebeu, Rob?”, perguntou Ken.

“Só uma garrafa de Beaujolais e três Valiums”, murmurei.

Quando chegou a hora de limpar a van, no dia seguinte, meu vômito a tinha marcado como removedor de tinta. Nada tirava aquela mancha, e ela se tornou o diferencial da nossa Transit. Joia!

Pagávamos os nossos pecados. Tocávamos para um público de bêbados que nunca tinham ouvido falar de nós e só estavam lá pela cerveja. Nunca sabíamos como os shows iam rolar. Em algumas noites, arrebentávamos. Em outras, as músicas eram seguidas de um silêncio retumbante... ou do som de uma única batida de palma.

Uma batida de palma. Nisso, eu me perguntava: *É uma palma de aprovação? Uma palma sarcástica? Uma palma indignada? Que tipo de palma é essa?!*

Se tivéssemos dinheiro, dormíamos em pousadas, mas normalmente estávamos zerados e voltávamos dirigindo à noite ou dormíamos na Transit. Tentar tirar uma soneca por entre guitarras e amplificadores era uma merda, pior ainda por estarmos acabados, então o interior da van ficava muito abafado. Eu resolvia o problema ficando bêbado até apagar.

Todavia, aqueles shows foram ótimos para nós. Tocássemos bem ou tocássemos mal, estávamos aprendendo. Estávamos conhecendo melhor o jeito de tocar uns dos outros e ficando mais afiados como banda e mais próximos como amigos. Era uma verdadeira curva de aprendizado.

Eu também estava me encontrando como cantor e ampliando minhas influências para desenvolver uma voz própria. Era uma época interessante na música. Ainda

idolatrava Plant e Gillan, mas também sempre tive uma queda pelo pop e adorava muito do que rolava nas paradas.

O início dos anos 1970 foi o grande momento do glam rock, e eu adorava os *riffs* explosivos e a extravagância daquilo tudo. Gostava da parte visual tanto quanto da música. Sempre pensei que um *pop star* deve se vestir como um *pop star*, e o glam preenchia todos os requisitos.

Eu adorei ver Marc Bolan e seu T. Rex no *Top of the Pops*, e David Bowie foi um baque para mim. Ambos, bem como o Roxy Music, me pareciam mágicos, alienígenas, e *acima* de tudo o mais que estava rolando. Pareciam estar rompendo limites e eu prestava muita atenção neles.

Nem tudo do glam se encontrava num ar tão rarefeito, e eu também curtia as bandas mais engraçadas. Adorava a teatralidade exagerada do Sweet, pavões do pop que beijavam as câmeras do *Top of the Pops* ao desfilar diante delas. Gary Glitter era uma caricatura divertida, ainda que os eventos posteriores tenham tornado impossível ouvi-lo[15].

Tínhamos nosso próprio herói local do glam rock. A maior parte do Slade era de Wolverhampton, mas Noddy Holder é natural de Walsall e cresceu no Beechdale, a duas ruas de mim. Nunca o conheci e ele se mudou de lá quando o Slade ficou famoso, mas de vez em quanto eu via seu Rolls-Royce estacionado no conjunto quando ele ia visitar a mãe[b].

Porém, havia mais uma banda daquela época que abalava minhas estruturas mais do que qualquer outra, e ainda abala – o Queen.

Ouvi Queen pela primeira vez quando Alan Freeman tocou em seu programa na Radio 1, e depois Kenny Everett fez a mesma coisa. O som era bom, mas foi só quando os vi

no *Top of the Pops* que fizeram minha cabeça por completo. De cara, Freddie Mercury já se tornou um deus para mim.

Não era o fato de ele ser gay – eu nem percebi isso. Eu via as bandas glam e *confabulava*. Sabia que Noddy não era gay, nem Brian Connolly, do Sweet, mas não tinha certeza quanto a Bolan ou Bowie. Quanto a Freddie, isso nem me ocorreu: só o considerei um artista fantástico, extrovertido e extravagante.

Vi um show do Queen no início da carreira, no Birmingham Town Hall. Todos eles usavam trajes brancos de Zandra Rhodes, e foi incrível. Começaram com "Now I'm Here" e lá estava a silhueta de Freddie sob um holofote à esquerda do palco.

"*Now I'm here...*", cantou ele.

O holofote se apagou e outro se acendeu, do lado direito do palco – e lá estava Freddie, cantando debaixo desse também!

"*Now I'm there...*"

Como eles fizeram isso?

Era um sósia? Um boneco de papelão? Mesmo tendo trabalhado como iluminador, eu não fazia ideia, mas aquilo era brilhante. Os holofotes se alternavam e Freddie aparecia em ambos os lados do palco... e então, de repente, ambos se apagaram e *lá estava ele*, no centro do palco, bradando a canção a plenos pulmões. Incrível!

Foi a minha fixação por Freddie que levou à ideia ultrajante que nosso empresário teve em seguida. Corky organizou um ensaio fotográfico para a banda, e Sue me fez um permanente suave formidável. Alguns dias depois, Corky

apareceu no Holy Joe's, acenando animadamente com as fotos em preto e branco individuais na mão.

"Ei, dei apelidos a todos vocês!", anunciou. "Isso vai nos ajudar a chamar mais atenção!"

Ele nos entregou as fotos: Ian agora se chamava Ian "The Skull" Hill, notícia que ele recebeu com sua indiferença benigna de costume; Ken se tornou Ken "K. K." Downing, o que pareceu agradá-lo bastante. E então Corky me passou a minha foto.

Sob a minha imagem numa pose não intencionalmente caricata, dizia:

Rob "The Queen" Halford

Mas. Que. Porra?

Minha primeira reação foi uma risadinha, mais por vergonha... mas eu também estava ofendido.

"Que porra você *acha* que está fazendo, Corky?", perguntei.

"É só para chamarmos a atenção!" Ele abriu um sorriso largo enquanto os olhos brilhavam atrás das lentes grossas dos óculos.

"Bem, essa droga não é o melhor jeito de fazer isso!"

Fiquei mortificado e, quando levei a foto para casa e meu pai viu, ficou lívido. Subiu pelas paredes. "Rasgue essa porcaria – agora!", berrou. Felizmente, Rob "The Queen" Halford não vingou como K. K. Downing.

Ken diz que o resto do Judas Priest já sabia que eu era gay desde o início da banda. Da forma como ele diz, deve ser verdade, e ainda assim, parte de mim ainda fica

perplexa que minha orientação estivesse tão óbvia para eles.

Naquela época, gays eram representados na TV por figuras ridículas, como o sr. Humphries, da sitcom *Are You Being Served?*, interpretado por John Inman. Eram “rainhas” histéricas e afetadas, caricatas ao máximo, que olhavam para as calças de todo cara; figuras jocosas com bordões estúpidos tipo “Estou livre!”[c].

Aquilo não tinha nada a ver comigo. Eu sabia que era gay, mas, por fora, era só um rapaz qualquer de Walsall, tão pé no chão quanto Ken, Ian e John. Conversávamos de igual para igual e ríamos das mesmas coisas. Enchíamos a cara juntos como qualquer grupo de amigos. Eu não me sentia *diferente*.

Porém, o Priest claramente sabia, e sou grato por eles não só nunca terem se importado com isso, como também nunca terem sequer *mencionado* o assunto para mim. No início dos anos 1970, isso foi incrivelmente avançado da parte deles – e muitos rapazes de classe trabalhadora das Midlands não teriam se comportado da mesma forma.

Apesar da minha afeição pelo estilo glam, meu visual no palco atirava para todo o lado. Comprei um traje no mercado de roupas Oasis, em Birmingham, na certeza de que iria parecer misterioso, como Bowie. Que nada. Eu parecia um jogador de críquete de salto plataforma. Ainda consigo ver perfeitamente Ken olhando torto para mim.

Usei muitos estilos de cabelo ao longo dos anos – raspado dos lados, permanente, franja –, de acordo com o que eu curtia na época, mas era hora de deixá-lo crescer.

Finalmente, fui capaz de fazer isso depois de pedir as contas da Harry Fenton.

Estava ficando muito difícil para mim chegar em casa às 4h da manhã depois dos shows do Priest, para então me arrastar para chegar à loja às 9h. Foi uma aposta arriscada, já que eu estava desistindo de um salário regular para dar um salto no escuro, mas a sensação não era essa. Eu queria que a banda fosse para frente. Ponto final.

O Priest continuou a batalhar para cima e para baixo do país. A matraca de Corky ainda continuava a nos render frutos e, no verão de 1973, ele conseguiu nos colocar como banda de abertura de uma turnê do Budgie, um power trio de hard rock *bluesy* de Cardiff.

Ficamos impressionados com o Budgie, que estava muito adiante de nós, no sentido de que já tinha álbuns lançados por uma gravadora grande, e eu já os havia visto na TV e na *Melody Maker*. Mesmo com tudo isso, os caras foram ótimos e cuidaram muito bem de nós na estrada.

Nossas viagens para St. Albans sempre eram muito boas, mas sabíamos que shows em Londres eram o Santo Graal se o Priest quisesse chegar a algum lugar. Era *para lá* que os olheiros das gravadoras iam para procurar novos talentos e os jornalistas para escrever a respeito destes. Era *lá* que precisávamos estar.

Por sorte, a turnê do Budgie contava com um show importante – no lendário clube Marquee, na Wardour Street, no Soho. Foi eletrizante subir no palco onde Hendrix, o Zeppelin e os Stones tocaram, mas também um choque descobrir que o camarim era do tamanho de um armário,

todo grafitado. Acrescentamos nossos nomes à parede, óbvio.

Além de conseguir shows para nós, Corky ficava na orelha dos chefes de gravadoras enquanto zanzava entre o quinto e o sexto andar, na tentativa de nos conseguir um contrato. Também deu um jeito de arrumar um emprego – num selo novo de Londres, a Gull Records.

Corky convenceu seu chefe, David Howells, a ir ao nosso show, no Marquee. Para uma banda de abertura, fomos arrasadores, e nos encontramos com Howells em seguida. O cara era um engravatado agradável, que parecia saber do que estava falando e não tentou nos enrolar. Gostamos disso.

Howells não revelou muita coisa naquela noite, mas chegou a dizer a Corky que não *se importava* com o nosso visual, mas adorava o nosso som. Fizemos a nossa parte, e agora só podíamos esperar a decisão dele. Em todo o caso, tínhamos algo importante a cumprir.

O Judas Priest estava prestes a fazer seus primeiros shows no exterior.

O falatório de Corky se tornou realidade e ele de fato conseguiu transformar o Priest numa banda internacional ao arranjar duas semanas de shows na Holanda e na Alemanha. Estávamos totalmente ansiosos na balsa até Calais e no caminho até a Holanda de carro. Como qualquer banda jovem em sua primeira empreitada no estrangeiro, nos sentíamos como um exército invasor. *Estamos aqui para fazer rock e para conquistar!*

Os shows foram ótimos, e eu fiquei com a impressão de que os fãs europeus *entendiam* nossa música melhor do que

o pessoal do Reino Unido. Fomos bem recebidos, especialmente na Alemanha, um país muito heavy metal, onde ficamos bons em pedir *vier eier und pommes*: quatro ovos com fritas.

Algumas semanas depois, no final de março de 1974, fizemos duas semanas na Noruega, e começamos com uma viagem de barco noturna de Newcastle até Stavanger. Não fazíamos ideia de que poderíamos ter reservado uma cabine. Em vez disso, passamos a noite toda no convés, tremendo com o frio do Atlântico Norte e bebendo que nem uns idiotas para nos manter vivos. *Perfeito!*

Essa turnê foi uma lição bem objetiva sobre como fazer as coisas com a cara e a coragem. Corky ficou no Reino Unido e marcava os shows, enquanto viajávamos. Isso décadas antes do surgimento dos celulares, então tínhamos de seguir uma estranha rotina para descobrir aonde deveríamos ir em seguida.

Corky nos dava um horário determinado para ligarmos para ele. Ao atender, ele berrava: “Tem uma caneta? Rápido, anota aí os próximos três shows!”. Agora ele trabalhava num escritório, mas ainda estava acostumado a cuspir as ligações antes que alguém quisesse usar o orelhão ou o pegasse no pulo no elevador.

Um dos telefonemas dele para a Noruega foi muito mais empolgante do que os demais. Certa tarde, ligamos para ele de uma casa de shows, um pouco antes da passagem de som. Ele parecia mais alucinado do que o normal.

“Ei, caras, caras, adivinhem só!”, grasnava ele. “Consegui um contrato de gravação!”

a Se a cidade de Walsall tivesse um lema, seria algo do tipo:
“Não Gostamos de Causar”.

b Quase cinquenta anos depois, ainda não conheci Noddy. O quão besta é uma coisa dessas?! Tentamos armar alguma coisa uma ou duas vezes, mas, até hoje, não aconteceu. Espero que aconteça – aposto que vamos dar umas boas risadas.

15 *Em fevereiro de 2015, Gary Glitter foi condenado a 16 anos de prisão por estupro de vulnerável, atentado ao pudor e outra tentativa de estupro, e houve diversas outras acusações anteriores contra ele, relacionadas a crimes de pedofilia.* (N. do T.)

c Hoje, desprezam o sr. Humphries como um estereótipo ofensivo, mas nunca pensei dessa forma. Ele parecia um cara legal, e eu gostava do fato de que todos os colegas dele na loja o aceitavam como ele era. Até a conservadora sra. Slocombe.

5

Nem míseros cinco contos!

O contrato era com os novos empregadores de Corky: a Gull Records. A Gull era um selo novo e independente, mas distribuído pela Pye e pela Decca, o que nos empolgou muito, afinal, eram duas das maiores gravadoras do mundo. Os balões de pensamento em cima das nossas cabeças diziam: *É isso!* Yay*! Chegamos lá!*

A Gull nos ofereceu 2 mil libras de adiantamento e horas de estúdio para gravarmos nosso primeiro disco. Mesmo em 1974, 2 mil libras era um pouco sovina, mas, para nós, parecia uma fortuna. Era como se fossem *dois milhões* de libras, porque significava que teríamos a oportunidade de gravar *um disco de verdade!*

Quando voltamos da Noruega, fomos direto para Londres para assinar o contrato. Corky provavelmente tentou nos esclarecer um pouco do que diziam as letras pequenas, não me lembro muito bem, mas tudo o que queríamos fazer era

ir direto ao ponto: “Tá, tá, que seja, Corky! Onde assinamos?”.

Agora que era nosso chefe no selo, David Howells tinha algumas ideias... *interessantes* para a banda. Ele achava que quartetos de rock sem firulas eram meio chatos, e sugeriu que incluíssemos um quinto membro. Será que consideraríamos um tecladista? Ou um saxofonista?

Rebatemos com firmeza essas ideias vagas, mas outra sugestão dele nos fez parar para pensar. Que tal um segundo guitarrista?

Humm. Talvez agora esteja ficando interessante...

Ouvíamos muita música, e uma banda que todos nós curtíamos era o Wishbone Ash. Tinha dois guitarristas, Andy Powell e Ted Turner, e as harmonias das duas guitarras solo soavam incríveis em álbuns como *Argus*. Ken, em particular, era muito fã do som deles.

Esse foi um fator crucial. Obviamente, Ken seria o membro da banda mais afetado, caso um segundo guitarrista entrasse, e muitos guitarristas protegem seu território de forma ferrenha. Porém, por um mérito enorme dele, Ken gostou da ideia e disse estar disposto a tentá-la.

Foi aí que Corky sugeriu Glenn Tipton.

Eu não o conhecia pessoalmente, mas já tinha ouvido falar dele. Tocava guitarra num trio de hard rock de Birmingham chamado The Flying Hat Band, que fazia muitos shows na região e tinha uma base sólida de fãs. Eu já tinha visto um desses shows e achei OK. Decidimos entrar em contato com ele.

Ken e eu fomos a um show da Flying Hat Band para dar uma olhada atenta. Parecia haver algo de especial em

Glenn. Alguns dias depois, Ken, Ian e eu estávamos na Wasp Records, uma loja de discos em Birmingham, quando, coincidentemente, Glenn apareceu. Sem dizer nada a Ian ou a mim, Ken se dirigiu até ele, se apresentou e foi direto ao ponto:

"Olá, Glenn. Nós somos o Judas Priest. Temos um contrato de gravação. Você gostaria de entrar na banda?".

Batemos um papo com ele. Glenn ouviu em silêncio e não falou muita coisa. No entanto, percebi que uma afirmação em particular havia aguçado o interesse dele: *temos um contrato de gravação*, o que a Flying Hat Band não tinha. Ele nos agradeceu pelo interesse e disse que iria pensar.

Por obra do acaso, a Flying Hat Band encerrou as atividades, então, quando Corky procurou Glenn alguns dias depois, atrás de alguma resposta, esta foi positiva: ele estava dentro. Glenn veio fazer um som conosco, trocar ideias e nos conhecer melhor.

A história dele era um pouco diferente da nossa. Vínhamos todos do conjunto habitacional, ao passo que ele vinha de uma parte bacana de Birmingham e era mais de classe média. Parecia ser um cara comedido, discretamente absorto, que guardava seus pensamentos para si.

Contudo, todos nos demos bem e, musicalmente, funcionou logo de cara. Era notável que Glenn era um guitarrista supertalentoso, e quando ele e Ken começaram a trocar *riffs*, elevaram o Priest a outro nível instantaneamente. Ganhamos muito mais peso, energia e urgência. Foi espetacular.

De repente, nosso som ficou excitante, do caralho.

Tivemos a oportunidade de nos acostumar com essa nova formação ao passar o mês de junho em turnê pela Grã-Bretanha com o Thin Lizzy e nossos velhacos, o Budgie. Um pouco antes disso, o Lizzy fizera muito sucesso com “Whiskey in the Jar”, mas os caras eram tranquilos e amigáveis. Acharam nossa banda excelente, e a turnê foi um grande barato.

E então chegou a hora de entrar em estúdio e gravar um álbum. David Howells reservou para nós o Basing Street, o estúdio na zona oeste de Londres montado pelo fundador da Island Records, Chris Blackwell. Arrumou também um produtor para nós: Rodger Bain.

Rodger era bem renomado e, pelo menos de início, ficamos impressionados com ele. Havia produzido os três primeiros álbuns do Black Sabbath, além de alguns discos do Budgie, e estava muito bem estabelecido como produtor de heavy metal.

Trabalhar com ele foi bastante intimidador, assim como gravar no Basing Street, um estúdio profissional de primeiríssima linha. Parecia a porra da *Enterprise*, a nave de *Jornada nas Estrelas*. Mas Rodger era um cara tranquilão, disposto a ouvir nossas ideias e, aos poucos, ficamos mais relaxados naquele ambiente.

Estávamos fazendo um álbum em circunstâncias, digamos, *desafiadoras*. A Gull não tinha dinheiro para pagar por sessões no Basing Street durante o dia, então trabalhamos à noite, começando às 8h, quando as bandas maiores, com contratos de peso, iam embora. Gravávamos até o Sol nascer, como *vampiros*.

Mas não tínhamos dinheiro nem para comprar caixões onde repousar nossas cabeças vampirescas. Não podíamos pagar pousadas, então dormíamos na Transit, na frente do estúdio. Era uma semana de verão que fazia um calor escaldante, e Notting Hill é uma parte badalada e barulhenta de Londres, então não conseguimos dormir muito.

Senti a pressão no estúdio, muito mais do que quando tocávamos ao vivo. A princípio, mergulhei num estado mental meio besta, em que entrava em pânico sempre que a luz vermelha se acendia para indicar que estávamos sendo gravados. *É isso!*, eu pensava. *É agora ou nunca! Só tenho essa chance!*

Isso era besta, porque sempre poderíamos refazer os *takes*, mas eu detestava essas repetições, com Rodger e os outros caras do Priest me encarando do outro lado do vidro do estúdio. Sentia-me um fracasso – embora acredite que muitos músicos se sentem assim na primeira vez que entram em estúdio.

O bom era que Glenn já tinha experiência como compositor na Flying Hat Band e trouxe muitas ideias. Juntou-se rapidamente a mim e Ken e encontramos um bom ritmo como o trio de compositores da banda[a].

Eu tirava as letras do nada. Fiquei contente com “Run of the Mill”, sobre um velho que reflete sobre ter levado uma vida medíocre. Peguei bastante pesado com o pobre coitado do velhote:

> *What have you achieved now you’re old?*
> *Did you fulfil ambition, do as you were told?*[16]

Hoje, me pergunto: *De onde saíram essas palavras, escritas por um moleque de 22 anos?* Acho que eu provavelmente tinha medo de fazer essas mesmas coisas e deixar a vida passar por mim, como eu via acontecer com tanta gente todos os dias.

“Dying to Meet You” é outra música raivosa. Trata da futilidade da guerra e dos assassinatos legalizados cometidos em nome dela, e é uma canção escrita de uma perspectiva muito pacifista e hippie:

> *Killer, killer, you keep your thoughts at bay,*
> *Maiming, destroying every day…*[17]

Musicalmente, como o heavy metal ainda era tão novo, sentíamos que estávamos criando algo do zero. Sabíamos que fazíamos parte do mesmo clube do Purple, do Zeppelin e do Sabbath, mas queríamos a nossa própria identidade. Estávamos nos embrenhando rumo ao som que tínhamos na cabeça.

Rodger Bain era um cara bem tranquilo mesmo, talvez tranquilo *até demais*, porque, na última noite, enquanto corríamos para terminar tudo, ele dormia profundamente. Roncando no sofá. O Sol já estava nascendo e os pássaros cantando quando ele acordou, se sentou e nos perguntou: “Vocês acabaram?”.

“Sim, achamos que sim”, respondemos.

“Certo, então é melhor eu começar a master”, disse ele, e subiu alegremente para o andar de cima do estúdio.

Nós nos entreolhamos, estupefatos. Achávamos que masterizar um LP era um processo longo e cuidadoso, não

algo que você acorda e vai fazer em 1 hora. De todo o modo, Rodger tinha pedigree. *Ele deve saber o que está fazendo.* Entramos na van e voltamos para Walsall.

O álbum foi uma decepção em muitos sentidos. Não gostamos do título, *Rocka Rolla*, mas era o nome do primeiro compacto e, naquela época, era assim que funcionava. *Definitivamente* não gostamos da capa, uma paródia do logo da Coca-Cola numa tampinha de garrafa. Uma merda, nada a ver com heavy metal.

Mas a decepção maior foi com o *som* do álbum. Quando o ouvimos, parecia fraco e diluído, não como o disco que achávamos que estávamos fazendo. No estúdio, fomos com tudo, comigo gritando a todo volume e com Ken e Glenn disparando *riffs* como se fossem balas de metralhadoras duplas. No entanto, a produção de Rodger perdeu essa força e deixou o som... morno.

Ainda assim, era empolgante ter um álbum lançado. Lembro da minha única cópia em vinil (valeu, Gull!) chegar pelo correio na Kelvin Road. Foi maravilhoso ver o quão orgulhosos meus pais ficaram ao segurar o disco. Eu também estava orgulhoso... mas ainda sentia que fora uma oportunidade perdida.

Essa impressão se confirmou quando o álbum se consolidou feito prego na areia. Foi mais uma *fuga* do que um lançamento para o mundo do rock. Não chegou nem perto das paradas e praticamente não foi tocado no rádio.

Demos um punhado de entrevistas que não nos ajudaram em nada. Uma resenha na revista *Sounds* dizia: “Não larguem seus empregos regulares”, o que era uma pena, porque eu já tinha largado. Uma entrevistadora

chegou convencida de que nos chamávamos Judith Priest. Talvez ela esperasse se encontrar com uma cantora-compositora das sérias?

Em todas as entrevistas, as perguntas eram insossas e chatas: *De onde tiraram o nome da banda? Quais as suas influências?* Entre nós, bolamos rapidamente um novo apelido desdenhoso para os jornalistas musicais: onanistas. Tínhamos até um gesto muito expressivo com as mãos para acompanhar o termo.

Foi também uma época de grandes mudanças na minha vida, quando eu disse *au revoir* (e não com sotaque *yam-yam*) ao Beechdale Estate. Sue já tinha saído de casa para ir morar com Ian, no Meynell House, e lá estava eu, com 22 anos, ainda morando com mamãe e papai. Era hora de partir.

Minha oportunidade veio por meio de um amigo, Nick, que trabalhava de *roadie* para a banda. Ele morava numa casa compartilhada na Larchwood Road, no Yew Tree Estate, a 8 quilômetros em sentido Birmingham, e mencionou que havia um quarto vago.

“Sério? Você acha que *eu* poderia morar com vocês?”, perguntei.

“Claro, desde que pague o aluguel!”

Nick era enfermeiro no hospital de West Bromwich, e os outros dois quartos também eram alugados por enfermeiros: Denise e Michael. Éramos os quatro solteiros, com 20 e poucos anos, e gostávamos de encher a lata. Rapidamente, a casa se tornou uma república festeira.

Nós quatro nos considerávamos alheios à sociedade careta, *cara*, então tornamos o lugar o mais boêmio o

possível. Em Walsall, em 1974, isso significava espalhar almofadas e pufes (cadeiras eram coisa de burguês!) pela casa e dormir num colchão no chão, para ficar próximo à terra. A casa sempre fedia a incenso e patchouli.

Nick e Michael eram gays. Não eram assumidos (porque *ninguém* era, naquela época) e nós nunca conversávamos a respeito disso, mas nós três sabíamos que éramos gays. Embora não fosse falado, isso nos dava uma sensação tranquilizadora: *Ufa, finalmente tenho alguns amigos que são como eu!*

Os dois me levaram a um bar gay pela primeira vez, no Grosvenor House Hotel, na Hagley Road, em Birmingham, um lugar muito classudo, cheio de cortinas luxuosas de veludo vermelho e caras se pegando discretamente. Não conheci ninguém, mas fiquei muito impressionado com o lugar.

Também me levaram a um bar gay mais animado, o Nightingale, numa área de Birmingham chamada Camp Hill. E foi lá que conheci Jason.

Ele estava sentado com alguns amigos numa pequena área de alimentação do bar quando o notei. Era um cara bonito e eu esperei até que ele ficasse sozinho para juntar coragem para ir até lá e me apresentar. Estávamos os dois bem sóbrios e batemos um bom papo.

Combinamos de nos encontrar novamente e, aos poucos, alguns encontros depois, nos tornamos um casal. Ele era um cara bacana – bastante masculino, mas também meio hippie, gostava muito de Monet, de cultivar flores silvestres e, mais do que tudo, de Barbra Streisand.

Nosso relacionamento era muito tranquilo. Jason não gostava de rock ou de heavy metal, mas tínhamos coisas o suficiente em comum para curtir a companhia um do outro. Ele não bebia nem fumava, e nenhum de nós tinha dinheiro, então não saíamos muito. Na maior parte do tempo, ficávamos em casa, assistíamos à TV... e ouvíamos álbuns de Barbra Streisand.

É claro que Jason precisava ser um segredo. Meus colegas de casa sabiam sobre nós, mas eu nem *sonhava* em apresentá-lo à minha família ou à banda. Só era bom estar com alguém, e isso dava um pouco mais de sentido a ser gay: *Ah, OK, então é ASSIM que pode ser!*

Tínhamos um relacionamento muito confortável, mas não tenho certeza de que levávamos muito a sério. Nunca fui à casa dele – acho que ele ainda morava com os pais. Ele dormia comigo no Yew Tree, mas o sexo, se é que se pode chamar assim, não ia além da mão-boba.

Fiquei com Jason por meses, talvez por um ano, e então nós só... perdemos o gás. Não houve nenhuma cena – não acho que trocamos palavras atravessadas no tempo inteiro que passamos juntos. Não foi um grande caso de amor passional, mas pelo menos me ensinou como era ter um namorado.

Um parceiro.

No outono de 1974, o Judas Priest caiu na estrada para promover *Rocka Rolla*. Houve alguns pontos altos: voltamos ao Marquee e também tocamos no prestigiado Barbarella's, em Birmingham.

Foi uma turnê marcada pela decepção com o péssimo desempenho do álbum. Quando viajamos novamente para a Europa continental, no início de 1975, íamos ávidos a todas as lojas de discos na esperança de encontrar *Rocka Rolla* nas prateleiras, e não vimos uma cópia sequer.

Que porra a Gull estava fazendo?

A turnê pela Europa teve perrengues de sobra – com direito a Ian e eu quase congelarmos até a morte numa tempestade de gelo na Alemanha. Não é uma história recomendável àqueles de coração fraco.

A essa altura, tínhamos passado a Transit para a frente e conseguido uma van Mercedes de segunda mão. Foi uma clara evolução... até uma amarga tarde de fevereiro em que John Hinch tentava valentemente dirigir pela tempestade, sob uma temperatura externa de -31 graus.

Estávamos a caminho de um show em Stuttgart, mas conflitos no Oriente Médio haviam causado uma crise petrolífera, e só caminhões de grande porte e veículos de serviço eram permitidos nas *autobahns*. A estrada parecia um rinque de patinação enquanto seguíamos pelos montículos de neve a 30 km/h.

Fazia tanto frio, que o diesel congelou no motor. A van deu uma última escorregada pela folha de gelo e parou por completo. *Porra! E AGORA, o que fazemos?*

Ken, Glenn e John bravamente se ofereceram como os capitães Oates[18] e saíram nas temperaturas abaixo de zero para buscar ajuda. Ian e eu ficamos na van para cuidar dos equipamentos e esperar por eles.

Eles demoraram uma porra de uma eternidade. A princípio, Ian e eu nos sentamos nos bancos da frente,

fitando a tempestade ao nosso redor. Ficou muito frio, e nós fomos para os fundos da van e nos enterramos debaixo de montanhas de cobertores em cima de dois colchões.

Horas se passaram. E depois, mais algumas horas. Não havia nada para comer ou beber e estávamos prestes a ter hipotermia. Apagamos e dormimos. Quando despertei, foi como acordar num iglu. Havia cristais de gelo por toda a van. Olhei para Ian, que ainda dormia. O cabelo comprido dele estava congelado sobre seu rosto.

Onde diabos eles estão? Terão eles morrido na tempestade?

Ian acordou e nós nos arrastamos para a frente da van de novo... e então os vimos. Três silhuetas apareceram na neve no horizonte, vindo com dificuldade em nossa direção. E pareciam carregar alguns itens. Eram... uma caixa? E uma garrafa?

Ken, Glenn e John abriram a porta e caíram para dentro da van. Estavam fedendo a álcool e traziam uma garrafa de scotch e uma caixa de chocolates.

“Encontramos um café hippie!”, Ken explicou alegremente. “O pessoal lá foi muito legal – foi maneiro! Deram comida para a gente, depois tomamos umas doses e festejamos um pouco. Acho que adormecemos... e aí já era de manhã! Enfim, cá estamos! Vocês dois estão bem?”

Ele deveria nos agradecer por não o termos esganado.

Nesse episódio, não tive culpa nenhuma, mas a responsabilidade pelo próximo momento terrível da turnê foi basicamente minha – ou melhor, do meu traseiro problemático. Não foi, bem da verdade, um dos meus melhores momentos.

Passávamos por Amsterdam e eu precisava muito fazer o número 2, e a Holanda, embora seja o grande país que é, tem a peculiaridade de não contar com banheiros públicos em lugar nenhum. Já estava saindo da toca e, como dizemos em Walsall, *quando cê tem que fazer, cê tem que fazer*! Tomei medidas emergenciais.

Enquanto Hinchy dirigia, fui para os fundos da van e achei um envelope pardo. Agachei-me e, discretamente, caguei dentro dele. Por sorte, foi do tipo rápido e seco, que nem precisa de papel higiênico. Disparou feito um corredor olímpico na linha de partida.

Bem, ótimo... com a exceção de que agora eu estava na situação delicada de segurar um envelope pardo cheio da minha merda. Voltei para a frente da van, abri a janela e discretamente arremessei o pacote num dos famosos canais de Amsterdam.

Talvez o resto da banda não tenha notado o que fiz? Até parece! Fui pego assim que o fedor de repente tomou conta da van. “Argh, Rob, seu desgraçado!”, reclamaram eles, enquanto meu cocô boiava alegremente pelo canal.

Fizemos nossa primeira aparição na TV naquela turnê, em Ostend (de novo esse lugar!). Era um programa de variedades para toda a família, e Corky enrolou os produtores, dizendo a eles que éramos tipo Cliff Richard and The Shadows. Mandamos ver “Never Satisfied” para um público de belgas bem vestidos de meia-idade, que não tiveram tempo nem de anotar a placa.

Uma oportunidade televisiva muito mais empolgante apareceu na Inglaterra, quando fomos convidados a participar do *The Old Grey Whistle Test*, programa musical

semanal da BBC 2 a que eu assistia religiosamente desde o início da adolescência. Era focado em álbuns, em vez da fixação cintilante do *Top of the Pops* pelas paradas de compactos, e parecia mais *sério* em relação ao que abordava e a como abordava.

Presumimos que iríamos a Londres para gravar nossa participação no BBC Television Centre, em White City. Fiquei ansioso por isso, já que estava morrendo de vontade de conhecer o lendário apresentador do programa, "Whispering" Bob Harris, que sempre falava como se estivesse compartilhando um segredo sagrado.

Assim, fiquei decepcionado quando Corky me disse que nossa apresentação seria filmada no Pebble Mill Studios da BBC, em Birmingham. Ao chegarmos, encontramos tapetes posicionados sobre as caixas dos amplificadores para abafar o volume daquele som terrivelmente *barulhento* do heavy metal.

Nossa primeira reação foi remover os tapetes. Sem chance! Naquela época, os sindicatos mandavam, e não fomos autorizados a mexer em nada. Ao lado de uma caixa de papelão numa mesa ali perto, um cartaz aconselhava os funcionários:

PEGUEM SEUS PROTETORES AURICULARES AQUI.

Eu ia parecer na TV britânica pela primeira vez e não fazia *a mínima ideia* do que vestir. Assim, vasculhei as roupas de Sue e peguei emprestada uma blusa plissada rosa com um cinto, que usei com uma calça boca de sino com lantejoulas. Parecia um Jim Morrison de baixo orçamento.

Não coordenamos nosso visual. Ken usou uma camisa de estampa *paisley* de cores vivas que Carol fez para ele, calça pantalona apertada e um chapéu fedora branco. Ian estava todo de branco, como um Jesus emaciado. Parecíamos três bandas em uma: uma latinha de confeitos de heavy metal sortidos.

Tocamos duas músicas. A Gull nos fez tocar a faixa título de *Rocka Rolla*, e nós escolhemos tocar também "Dreamer Deceiver", uma faixa *prog* melancólica de 6 minutos, meio Zeppelin, com um verso sobre "*purple hazy clouds*"[19] que fazia homenagem a Hendrix. Era uma música grandiosa e séria, então desabotoei minha blusa – perdão, a blusa de Sue – e mandei ver.

Acabou muito rápido, mas eu curti muito, e o milagre moderno do YouTube te permite assistir à nossa performance imortal ainda hoje. Lá estou eu, posando na blusa brilhante de Sue, encarando as câmeras por entre duas cortinas de cabelo (ah, bons tempos aqueles!).

No entanto, detestei assistir à minha performance. Ao se apresentar, você expõe um lado muito íntimo de si, e sempre que assistia a mim mesmo num palco, pensava: *Será mesmo que eu deveria estar fazendo isso?* Até hoje não suporto me ver numa tela.

A parte legal de assistir ao programa na íntegra foi ver o bom e velho Whispering Bob, barbado de dentes tortos e zeloso como sempre, murmurar "Eis o Judas Priest!", numa voz que parecia uma leve brisa a 3 quilômetros de distância. Pelo menos ele nunca nos chamou de Judith.

Saímos em turnê por todo o verão de 1975, dos Winter Gardens de Cleethorpes a Nags Head, em High Wycombe –

os principais pontos do circuito de “cerveja-e-bandas” do rock setentista. Apesar de não termos dinheiro, tentamos incluir um elemento de espetáculo no nosso show.

Eu queria desfilar pelo palco com o microfone sem precisar de fato segurá-lo, então peguei um cabo de vassoura, pintei de vermelho, limei e colei o cachimbo do microfone na ponta. *Voilà!* Um cajado estiloso de pedestal de microfone! Colei pequenos espelhos retangulares nele com cola de contato, como o chapéu que o Noddy Holder usou no *Top of the Pops*. Levei horas para fazer isso.

Também fizemos experimentos com gelo-seco rudimentar, improvisado com zero cuidado com saúde e segurança, com bombas de fumaça de uma loja de equipamentos militares. Um camarada chamado Kosha, que às vezes nos ajudava como *roadie*, acendia o apetrecho atrás da bateria de John e espalhava a fumaça pelo palco.

Naquela época, o xodó de Ken era o fedora branco que ele usou na TV, que tinha até uma caixa apropriada para ser transportado conosco na van. Num determinado show, de repente ouvi Ken gritar furiosamente no meio de uma música, olhei de lado e o vi soltando os cachorros para cima de Kosha, que estava usando o fedora para abanar a fumaça pelo palco.

Como todo bom *roadie*, ele não lavava as mãos havia alguns dias. Estavam encardidas, e o chapéu de Ken, sempre imaculado, agora estava todo manchado e amassado. Tentei ficar sério, mas não tive sucesso.

Foi durante essa sequência de shows que recebemos a notícia altamente surpreendente de que íamos tocar no festival de Reading.

A oportunidade surgiu de um jeito bastante inesperado, e tenho de contar essa história com muito cuidado. Num show no norte do país durante essa turnê, um camarada que viajava conosco conheceu um cara no público que disse ser um dos produtores do festival de Reading e pediu recomendações de bandas novas e boas. Foi só quando estávamos na van, voltando para casa depois do show, que nosso amigo revelou que havia fechado negócio com o cara no banheiro do lugar.

"Adivinhem só! Vocês vão tocar no festival de Reading."

O quê? Ficamos atordoados, maravilhados, incrédulos, e a van se encheu de palmas e comemorações. "Como você conseguiu *isso*?", um de nós perguntou, quando o barulho diminuiu.

"O cara disse que se eu deixasse ele chupar o meu pau, vocês poderiam tocar no Reading. Então, deixei!"

Pois é. Ah, bem, suponho que é preciso dar seus pulos da maneira que for possível... mesmo que seja um teste do sofá!

De imediato, comecei a ficar obcecado pelo que vestiria no Reading e fui atrás de mandar fazer um traje. Eu havia feito amizade com uma designer de moda chamada Fid, que conheci num clube e morava numa quitinete na frente da loja de Malcolm McLaren e Vivienne Westwood, a Sex, na King's Road, em Londres. Quando eu ia até lá, dormia no sofá dela.

Fid fazia roupas para Rod Stewart e Elton John, e fez uma formidável para mim. Sempre gostei da ideia de músicos de rock serem como menestréis medievais – *menestréis heavy metal!* –, viajando de cidade em cidade, e achei num livro

uma foto de um alaudista medieval vestindo um gibão. Pedi a Fid que reproduzisse a peça.

Ela fez um gibão vermelho fantástico para mim, além de uma calça preta e dourada. O festival de Reading não conseguiria nem anotar a placa[b].

Tive a ideia de usar uma relíquia de família como cereja do bolo. Meu pai tinha uma bela bengala antiga, com cabo de prata, que pertencera a seu avô. Imaginei-me girando-a enquanto desfilava inquieto pelo grande palco do festival, então perguntei se poderia tomá-la emprestada.

“Para que você quer?”, perguntou ele.

“Só para usar como acessório no palco, pai.”

Ele me encarou, ponderando.

“Tá, pode levar. Mas não a quebre!”

O festival de Reading foi irado. Abrimos o evento no primeiro dia, no palco principal, com o Sol brilhando às 2h da tarde. Eu detestava tocar de dia – ainda detesto –, mas a adrenalina bateu com tudo e fui que fui.

Na verdade, não foi só adrenalina. Entornei umas garrafas no trailer velho e caindo aos pedaços que nos deram como camarim no *backstage*, e já estava alegre quando subimos no palco. Foi por isso que, debaixo de um céu azulíssimo e sem nuves, cumprimentei a plateia com um “Boa-noite!”.

A coragem etílica funcionou que foi uma beleza enquanto eu fazia piruetas pelo palco, no traje extravagante de Fid, com o peito à mostra e manejando a bengala do meu pai como se estivesse regendo uma orquestra. O show foi ótimo e recebemos aplausos fortes e entusiasmados. Fizemos muitos amigos naquele dia.

Mais uma vez, as maravilhas do YouTube permitem que essa performance do Priest seja preservada para a posteridade. Hoje, quarenta e cinco anos depois, parece completamente biruta. Um cara a filmou da plateia com uma câmera Super 8 de forma tão trêmula, que eu pareço uma diva do teatro sob o efeito de crack ao me contorcer pelo palco. O que seria uma descrição certeira.

Estava desesperado por chamar a atenção. Ao final do *set*, sem motivo aparente, comecei a tripudiar o público, que estava nos aplaudindo calorosamente: “Talvez vocês gostem dessa próxima, caso se deem ao trabalho de tirar as agulhas do braço!”. *Hein? O que é que dizem mesmo sobre a arrogância dos jovens?*

Depois do nosso show, continuei a beber até não conseguir mais parar em pé. Fiquei chumbado durante todo o fim de semana, enquanto festejávamos e víamos bandas como UFO, Hawkwind, Wishbone Ash e Yes. Compartilhar um espaço no *backstage* com bandas que eu idolatrava e lia a respeito há anos foi sensacional.

É isso!, pensei. *É aqui que queremos estar!*

O festival teve um ponto negativo. Feito um completo babaca, passei o fim de semana empunhando a bengala do meu pai. Numa das noites, me desentendi com alguém e, na minha fúria etílica, bati a bengala com toda força contra a porta de um trailer, e ela se partiu no meio.

Ah, puta merda, inferno!, pensei. *O que eu tinha feito AGORA?* Morri de medo de contar para o meu pai o que aconteceu. Quando contei, ele só suspirou e me olhou muito decepcionado. Foi pior do que se ele tivesse me dado uma bronca.

Contudo, depois do Reading, sentíamos que havíamos crescido imensamente só com aquela apresentação. Estávamos acostumados a tocar em *pubs*, botecos e clubes pequenos, mas agora tínhamos agitado um público enorme de festival. Era mais um passo em direção ao sucesso.

Quando não estava na estrada com o Priest, ia me acostumando à vida na minha nova casa, no Yew Tree Estate. Era uma diversão do caralho. Muita bebida – em sua maioria, vodca com tônica – e muitos baseados na Larchwood Road. Nunca fui muito de fumar, mas logo me vi simpatizando com a ideia.

Demos uma festa de arromba com o tema "Ouse Ser Diferente". Dissemos a todos os nossos amigos que se vestissem da forma mais louca, quando mais doido melhor – e deveria ser num estilo *diferente* de alguma forma. Aluguei uma fantasia de polícia: capacete, farda, cassetete, algemas, apito. Mas não era exatamente *diferente*, era só uma fantasia de guarda.

Então arrumei alguns acessórios... calcinha rendada, meia-calça preta e um par de saltos agulha. Devo dizer que fiquei muito satisfeito com o resultado, e a festa foi um pandemônio.

O Yew Tree era um conjunto habitacional tranquilo, e a maioria das casas na Larchwood Road tinha um carro na frente, o que significava que nossos amigos não achavam lugar onde estacionar. Ouvimos muitas buzinas e berros enquanto eles davam voltas e mais voltas no quarteirão.

Já completamente bêbado, pensei: *Quem poderia resolver essa situação melhor do que um guarda de trânsito?* Assim, corri lá fora, na minha fantasia de guarda,

de meia-calça rendada e salto agulha, e comecei a orientar o tráfego e a soprar meu apito. Todas as cortinas da rua começaram a ficar inquietas.

Depois que a festa começou, a fumaça de maconha dominou a casa. Eu não sabia que a erva era cultivada em casa: Nick estava plantando cannabis na nossa estufa.

Eu não fazia ideia disso até o dia em que o encontrei secando as folhas no forno. “O que você está cozinhando, cara? Tem cheiro de baseado!”

“Estou fazendo jardinagem”, respondeu ele, com um sorriso largo. E *aí* a ficha caiu.

A princípio, fiquei preocupado, porque cultivar maconha era um crime sério e nós poderíamos ir todos para a cadeia. Mas os rapazes fardados nunca bateram à nossa porta (com ou sem salto agulha) e eu passei a apreciar o fato de o nosso suprimento ser tão conveniente.

Nick adorava um baseado. Gostava de ligar um pedaço de haxixe aos dois fios de uma bateria de carro e colocá-lo dentro de uma grande campânula de hospital, com um buraco em cima, para usar como um *bong* gigante. Ele queimava a erva, a campânula se enchia de fumaça, e ele então enfiava um canudo pelo buraco e inalava tudo de uma vez. Nem tossia. Eu raramente experimentava – a única vez que experimentei, engasguei e tossi feito um tuberculoso.

Como Denise, Nick e Michael eram enfermeiros, frequentemente estavam a postos, mesmo quando só relaxávamos em casa. Numa noite de sábado, por volta das 2h da manhã, estávamos todos largados na sala, bebendo e fumando baseados, quando o telefone tocou.

Denise atendeu, era do hospital. “Precisamos ir para lá”, disse ela aos outros dois. “Houve um acidente na estrada e vão precisar fazer algumas cirurgias.” Enquanto eles suspiravam e se levantavam penosamente dos pufes, devo ter passado uma expressão muito decepcionada por nossa noite ter acabado.

Denise me olhou. “Quer vir conosco, Rob? Pode vir, se quiser”, sugeriu.

“Poxa, eu topo, então!”

No caminho, estava eletrizado, dos baseados, da bebida e por antecipação. *O que será que eu veria?* Quando chegamos lá, me ensinaram como me higienizar, me deram um uniforme, incluindo uma máscara cirúrgica, e me conduziram até a sala de cirurgia.

Fiquei num canto enquanto eles ajudavam o cirurgião a salvar a perna de uma vítima do acidente de carro. A perna estava mutilada e toda retorcida, mas, mesmo assim, não fiquei nada enjoado. *Adoro essas coisas.* Sempre que a BBC exibia programas que mostravam cirurgias, eu os assistia avidamente.

Sozinho naquele canto, eu balançava discretamente, fascinado pelo que via. O cirurgião me viu – suponho que estranhos bêbados e chapados chamem a atenção numa sala de cirurgia – e perguntou: “Quem é esse?”. Quando Denise respondeu: “Ah, ele está com a gente”, ele só me ignorou e continuou a salvar a perna do cara.

A turnê de *Rocka Rolla* foi ótima, mas não havia como negar o fracasso do álbum – e, o pior de tudo, ficamos sem um tostão.

O adiantamento de 2 mil libras acabara há muito tempo, e o dinheiro que entrava das vendas de discos não fazia nem cócegas. Eu já havia gastado minhas economias do que ganhara na Harry Fenton. Vendi minha preciosa coleção de discos a amigos e alguns dos outros membros da banda arrumaram serviços que pagavam em dinheiro vivo para dar conta do aluguel.

Ken conseguiu um emprego esquisito de meio período numa fábrica em que ele batia ponto, jogava baralho e nunca tinha de fazer nada. Ian construía móveis de escritório por 5 libras por dia. Glenn vendia cachorros-quentes da rede Mr. Sizzle na frente do Birmingham Town Hall. Trombei com ele por acaso lá certo dia e o mão de vaca nem me deu um cachorro-quente de graça.

A situação estava um lixo, e nós decidimos conversar com o pessoal da Gull e ver se eles poderiam nos pagar um salário semanal. O selo havia tirado a sorte grande naquele verão – com um compacto que chegou à primeira posição, “Barbados”, uma música infantil, arremedo de reggae, da dupla Typically Tropical, então esperávamos que, por estarem cheios da grana, poderiam nos subsidiar.

Entramos na van, fomos até Londres e nos reunimos com David Howells no escritório dele, na Carnaby Street, para apresentar nossos argumentos.

“Se vocês puderem pagar cinco contos por semana, seria excelente”, dissemos a ele. “Isso daria 25 libras por semana. Conseguimos viver com isso, na medida, e teremos mais tempo para compor, ensaiar, fazer shows e nos comprometer com a banda.”

“Sinto muito, rapazes”, Howells nos disse. “Não posso. Simplesmente não temos esse dinheiro.” E ficou por isso mesmo.

Nem para nos dar míseros cinco contos. Não conseguíamos acreditar. Na van, reclamamos metade do caminho de volta a Birmingham, e a outra metade ficamos num silêncio sepulcral.

Nem míseros cinco contos.

A única salvação foi que a Gull não quis nos dispensar depois do fracasso de *Rocka Rolla* e desembolsou o dinheiro para um segundo álbum, nos mesmos termos do primeiro: 2 mil libras adiantadas. A essa altura, sabíamos que era uma roubada – chamávamos o acordo da Gull de “quatro quintos de cinco oitavos de foda-se!” –, mas era pegar ou largar.

Antes de voltar a entrar em estúdio, sabíamos que precisávamos de uma mudança na formação da banda. Estávamos evoluindo musicalmente e queríamos um baterista mais ousado para complementar o que vínhamos fazendo. Não achávamos que John Hinch estava à altura.

Os ensaios andavam frustrantes. “John, cara, você poderia tentar alguma coisa um pouquinho diferente?”, nós perguntávamos, enquanto ele levava os mesmos ritmos de sempre. “Talvez você pudesse tentar *desse jeito*? Ou *desse outro*?” John se esforçava ao máximo, mas simplesmente não fazia o que queríamos ou, para ser sincero, nem parecia que ia chegar a fazer.

Era uma pena perder John, porque eu tocava com ele desde o Hiroshima. Uma banda é como uma família. Porém, no fim das contas, a música vem em primeiro lugar. Sabíamos que aquilo era necessário. Glenn levou a pior, e

ficou incumbido de ir à casa de Hinchy, em Lichfield, para dar a má notícia.

Retornou com uma história e tanto. Ele não havia avisado John que iria até lá, então, quando bateu na porta, John ficou surpreso em vê-lo: “Oi, Glenn! O que você está fazendo aqui?”.

“Preciso conversar uma coisa contigo”, respondeu Glenn.

Segundo ele, nesse momento, John ficou boquiaberto, como se soubesse o que estava por vir. Devia saber, porque, quando Glenn entrou na casa, John correu para o segundo andar, sem dizer nada, para se recompor.

Quando ele desceu, uns 2 minutos depois, Glenn foi direto ao ponto: “Sinto muito, mas trago uma má notícia. Decidimos tirá-lo da banda”.

John era bom em carpintaria e fizera uma caixinha bacana para guardar alguns dos cabos da banda enquanto estivéssemos na estrada. A caixa estava no chão da sala e, assim que Glenn deu a má notícia, John começou a chutá-la.

“Bom, vocês não vão ficar com *isto aqui*, então!” Chutou a caixa vigorosamente mais algumas vezes contra o rodapé, começou a chorar e correu para cima. Glenn podia ouvi-lo soluçar. “*Er*, vou indo, John!”, gritou do corredor, e foi embora dali bem rápido.

Era uma história triste, e eu fiquei chateado por John ao ouvi-la. Ser chutado de uma banda é uma merda.

Precisávamos encontrar um substituto logo e, por sorte, havia um à mão: Alan “Skip” Moore, um dos primeiros bateristas do Priest, de antes de eu entrar, voltou a assumir o posto. Eu não conhecia Skip[c], mas ele era um cara ótimo,

calmo e sossegado, e se encaixou de volta na banda sem muito esforço.

OK. Agora era a hora daquele segundo álbum – e, a essa altura, recebemos uma notícia bombástica. David Howells nos informou que queria que o disco fosse produzido pelo... Typically Tropical, que rendera a Gull um compacto de número 1 naquele verão com aquele reggae falcatrua!

De início, ficamos ultrajados com essa decisão sem noção. *Somos uma banda de heavy metal! Não tocamos pop caribenho de piada, caralho!* Porém, depois de nos acalmarmos, nos demos conta de que fazia mais sentido do que parecia.

O Typically Tropical era uma dupla de produtores de estúdio e engenheiros de som, Max West e Jeffrey Calvert. Quando os conhecemos no Rockfield Studios, em Monmouthshire, no País de Gales, onde gravaríamos o álbum, eles entraram em sintonia conosco.

Max e Jeffrey confessaram não conhecer nada de metal, mas disseram que sabiam como fazer um álbum do ponto de vista técnico: onde posicionar os microfones, como operar a mesa de som na mixagem, e por aí vai. Tudo bem, dissemos, porque *nós sabemos* como queremos soar.

O Rockfield era um estúdio em que você se hospedava, e lá ficamos para gravar *Sad Wings of Destiny*. Nunca nem saímos do complexo: não tínhamos dinheiro para ir a lugar nenhum. Quando passamos para o Morgan Studios, em Londres, para mixar o disco, a Gull nos deu 50 centavos por dia para gastar na cantina do estúdio. *Cinquenta centavos! Eu me sentia o Oliver Twist!* Só conseguíamos comprar uma refeição por dia.

Porém, gravar o disco foi uma experiência ótima. Max e Jeffrey eram caras legais, cumpriram o que prometeram e nos deixaram moldar o som do álbum. Eu estava muito mais confiante no estúdio do que quando fizemos *Rocka Rolla*, e fiquei contente com os vocais gravados.

Trabalhei bastante nas letras. Detestava quantas músicas de rock pesado falavam de ficar bêbado ou foder: assuntos babacas e previsíveis. Eu andava lendo muita ficção científica de autores com Isaac Asimov, e adorei incorporar essa influência em canções como “Island of Domination”.

Compusemos algumas músicas de cantar a plenos pulmões. “Victim of Changes” é, até hoje, uma das mais populares do Priest, porém, teve um nascimento bem estranho. Havia duas músicas que vínhamos ensaiando – “Whiskey Woman”, que o Priest já tinha antes da minha entrada, e uma que eu acabara de escrever, chamada “Red Light Lady”.

Quando as tocávamos, parecia faltar alguma coisa em ambas. “Por que não pegamos partes de cada uma delas e juntamos?”, sugeriu Glenn.

“Hein? Não podemos fazer *isso*!”, falei. “São duas músicas diferentes!” Mas foi o que fizemos, e o resultado foi ótimo.

Certo dia, chegou um envelope da Gull no estúdio com um compacto de uma canção que David Howells queria que fizéssemos um cover para o álbum. Era “Diamonds and Rust”, música da cantora folk Joan Baez sobre seu relacionamento com Bob Dylan, que havia sido um grande sucesso nos EUA no início do ano.

Caímos para trás. *Estão tirando com a nossa cara? Nós somos o Judas Priest, porra! Isso não tem nada a ver com a gente!* E então nos sentamos, ouvimos com atenção e nos demos conta de que era uma canção brilhante e sensível. “OK”, decidimos. “Vamos mostrar a eles o que podemos fazer com essa música...” No final, a faixa não entrou no álbum – não combinava com o clima todo, então a guardamos para usar no futuro.

Quando ouvimos o resultado final de *Sad Wings of Destiny*, ficamos satisfeitíssimos. E o disco ainda trouxe um crédito muito importante: “Coproduzido pelo Judas Priest”, que consta em cada um dos nossos álbuns desde então.

Tínhamos acabado de gravar *Sad Wings of Destiny* e eu estava de volta ao Yew Tree Estate, um pouquinho antes do Natal de 1975, quando vi um filme da TV que virou minha cabeça do avesso.

Vida Nua é uma cinebiografia estrelada por John Hurt no papel de Quentin Crisp, um homossexual extravagante que emergiu de uma criação suburbana britânica para se tornar modelo, garoto de programa, socialite e *bon vivant* à la Oscar Wilde. Nunca escondeu sua sexualidade e apanhava quase que diariamente.

O filme capturava o trauma, a dor, a mágoa e a alegria desafiadora de sua vida, e eu o assisti hipnotizado por sua sinceridade e coragem. *Ser gay tão abertamente!* Parecia impensável, e a anos-luz de distância da minha própria e limitada existência.

A afeição de Quentin por caras hétero e homens de uniforme espelhavam algumas agitações que eu mesmo já sentia, e *Vida Nua* era repleto de falas inesquecíveis. A

minha favorita era como ele explicava por que nunca reagia às agressões homofóbicas dispensadas a ele: “O amor é nunca fechar a mão. O amor é nunca cerrar um punho”.

Em 1976, Ian Hill se tornou meu cunhado. Ele e Sue se casaram numa igreja em Bloxwich. Naquela época, as despedidas de solteiro aconteciam na noite anterior ao casamento, e a de Ian foi um estouro. Fomos a um clube chamado Bogart’s, em Birmingham. Skip ficou tão bêbado, que dormiu no banheiro e nem percebemos.

Ele acordou de madrugada, com o clube já fechado e completamente escuro. Tentou sair à força, acabou disparando o alarme e foi levado pela polícia, que pensou que ele estivesse tentando *entrar* no lugar! Passou a noite na cadeia e perdeu o casamento.

Fui padrinho de Ian, mas me lembro muito pouco daquele dia, só de estar com uma ressaca braba e de usar uma gravata fina. Arreguei de fazer o discurso de padrinho – acontece que acho mais fácil pavonear num palco do que fazer um discurso num casamento!

Graças a coisas como o *The Old Grey Whistle Test* e o festival de Reading, o nome do Judas Priest vinha crescendo consistentemente. Quando *Sad Wings of Destiny* saiu, na primavera de 1976, se esgueirou na parada de álbuns... na quadragésima-oitava posição, por uma semana. Estava longe de ser um triunfo avassalador, mas *deu* um gás na nossa confiança: “*Porra! Estamos na parada!*”.

Ralamos aquele verão escaldante inteiro na turnê do álbum. Os shows eram ótimos, o que àquela altura já era costumeiro, mas ainda estávamos falidos e todos nós

sentíamos que alguma coisa tinha de acontecer. Fomos o mais longe que pudemos com a Gull, então que diabos fazemos agora?

Por sorte, a resposta apareceu rapidamente. O Judas Priest estava prestes a conseguir um contrato de gravação digno de gente grande.

a Glenn se mostrou menos impressionante no Basing Street quando, sem querer, derramou um *pint* de cerveja num piano Steinway de cauda! Se eles tivessem descoberto e nos feito pagar pelos danos, teríamos ido à falência.

16 “O que você conquistou, agora que está velho? / Realizou suas ambições, [ou] fez o que lhe mandaram?”

17 “Assassino, assassino, você foge dos seus pensamentos / Mutliando, destruindo todos os dias...”

18 *Referência ao capitão Lawrence “Titus” Oates, oficial do Exército britânico que explorou a Antártida no início do século 20.* (N. do T.)

19 “Nuvens de neblina roxa”.

b Fid também me fez uma... bem, só dá para chamar de calça peluda. Ela me garantiu que a calça seria a próxima sensação da moda, mas eu ficava parecendo um urso da cintura para baixo. Nunca tive coragem de usá-la.

c Não faço ideia por que chamávamos Alan Moore de “Skip”. Era um baterista muito consistente e eu nunca o ouvi “pular” [*“skip”*] uma batida!

6

O Super-Homem num casaco de pele

Sabíamos que estávamos estagnando com a Gull e com Corky. O selo não tinha os recursos nem as ideias para que progredíssemos, e, embora fôssemos gratos por tudo o que Corky fez por nós com suas artimanhas, não parecia ser ele o sujeito que nos levaria ao próximo nível.

Precisávamos de um estouro... que aconteceu de forma surpreendentemente fácil. Glenn conhecia um cara de Birmingham chamado David Hemmings, que havia começado a trabalhar numa agência de empresariamento de artistas em Londres, a Arnakata. Hemmings e seus chefes foram nos ver tocar, e a Arnakata aceitou agregar o Priest. Foi difícil dar a notícia a Corky, ele não a levou nada bem.

A Arnakata era gerida por dois irmãos com sobrenomes diferentes – Mike Dolan e Jim Dawson. Isso me parecia meio esquisito, e eu tampouco estava totalmente convencido de

que a agência *entendia* o metal, ou de que era envolvida o bastante na música para saber o que estávamos fazendo.

Mesmo assim, eles claramente possuíam os contatos, a influência e o profissionalismo que até então nos faltavam. Conheciam um agente de A&R[20], Robbie Blanchflower, da CBS Records, que gostou do nosso som e nos recomendou para seu chefe, Maurice “Obie” Oberstein.

Obie era um americano que, mais tarde, se tornaria lendário na indústria musical. Ele foi a um show do Priest, em Southampton, e gostou de nós o bastante para nos oferecer um contrato. No entanto, parecia pensar que fôssemos punks, e comentou com David Hemmings: “Fiquei surpreso por não terem cuspido em mim!”.

Infelizmente, a Gull ficou tão brava quanto Corky por causa da nossa partida e se recusou a nos vender os direitos dos dois álbuns que gravamos com eles. Tanto a Arnakata quanto a CBS tentaram negociar com o selo a nosso favor, sem sucesso.

Nos anos seguintes, voltamos a abordar David Howells muitas vezes, oferecendo cada vez mais dinheiro por *Rocka Rolla* e *Sad Wings of Destiny*, mas a resposta era sempre um “não” seco. É uma pena: esses dois primeiros álbuns são parte importante da história do Priest, mas estão totalmente fora de nosso controle.

Ao assinarmos o contrato com a CBS, soubemos que agora estávamos lidando com gente grande. Enquanto a Gull nos adiantara 2 mil libras para cada um daqueles dois primeiros discos, a CBS nos deu 60 mil libras para fazer o terceiro. *Dindim!*

Para falar a verdade, 60 mil libras não era um dinheiro tão excepcional assim para uma banda de cinco integrantes gravar num estúdio caro, de primeira linha, mas, para nós, parecia uma pequena fortuna. O fato de uma gravadora *major* estar disposta a investir tanto em nós também deu um grau na nossa autoconfiança.

Além disso, achávamos que merecíamos. Num terceiro álbum, as bandas acertam o passo e, a essa altura, sabíamos qual era a nossa identidade e estávamos em sintonia com nossas habilidades. Éramos uma unidade afiada, e Glenn, em particular, vinha trazendo algumas boas ideias musicais novas.

Assim, estávamos num ponto alto quando entramos no Ramport Studios, na zona sul de Londres, no início de 1977, para gravar o álbum que se tornaria *Sin After Sin*... sobretudo por quem era o produtor.

A CBS nos juntou a Roger Glover, o então ex-baixista de uma das nossas bandas favoritas, o Deep Purple, e o homem que deu o título a “Smoke on the Water”. A primeira tarefa dele foi nos ajudar a resolver um problema de RH.

Alan Moore fez um bom trabalho em *Sad Wings of Destiny*, mas ainda não estávamos totalmente satisfeitos. Isso significava que íamos começar nosso terceiro álbum sem baterista. Roger Glover nos tirou desse impasse ao nos apresentar um jovem prodígio chamado Simon Phillips. Embora fosse basicamente um músico de estúdio, Simon era de fato um baterista brilhante, que compreendia o que queríamos no começo de cada música e acertava na mosca de primeira. Era também simpático, sensato e um parceiro de trabalho perfeito, apesar de ter apenas 15 anos.

“Vocês gostariam que eu repetisse?”, perguntava ele depois de gravar mais um primeiro *take* impecável. “Não, você foi ótimo, cara, já está bom!”, dizíamos. Simon era, de longe, o músico – e o ser humano – mais maduro naquele estúdio.

Começamos as sessões de *Sin After Sin* bastante impressionados com Roger Glover e nos sentíamos privilegiados por ter a oportunidade de trabalhar com ele. Em questão de uma semana, o despedimos.

Não foi culpa de Roger. Ele não estava fazendo nada de errado, mas, depois de termos coproduzido *Sad Wings of Destiny* com o Typically Tropical, sentíamos que sabíamos como captar o som da banda melhor do que qualquer um. Glenn em particular estava bem treinado nesse aspecto.

Bem, talvez não soubéssemos tanto quanto pensávamos que sabíamos, porque depois de enrolarmos sem nenhuma eficácia no estúdio por três ou quatro semanas, tivemos de perguntar a Roger se ele topava voltar e retomar as rédeas. Tivemos sorte de ele não ser alguém que guarda rancor.

Com Roger de volta para coproduzir conosco, acertamos o passo. Para esse álbum, eu estava determinado a escrever minhas melhores letras até então... resolução que, de início, levou Roger a formar uma impressão equivocada de mim.

Quando não estava gravando os vocais, eu me mantinha reservado no estúdio, e geralmente me sentava sozinho num canto com a cabeça enfiada num livro. Roger obviamente ficou curioso, e depois de alguns dias se aproximou para ter uma palavrinha comigo.

“Você está muito concentrado nesse livro, Rob”, apontou. “É uma... Bíblia?”

“Nunca!”, ri, mostrando o livro a ele. “É o *thesaurus* de Roget!” – Roger pareceu bastante aliviado!

O sr. Roget[21] e eu nos mostramos uma dupla de sucesso. Sempre fui ávido em ampliar meu vocabulário de composição, e tenho aquele mesmo tomo até hoje. Fiquei bem satisfeito com as minhas letras em *Sin After Sin*, à medida em que apurei meu estilo natural de abordar traumas psicológicos e filosóficos por meio de narrativas dramáticas e apocalípticas de deuses, demônios e guerreiros que travam batalhas épicas, nas quais o Bem – e o heavy metal! – sempre subjuga o Mal.

“Sinner” foi um ótimo exemplo disso. Adoro pintar imagens com as palavras e, se me permitem ser um pouco pretensioso por um momento, gosto de pensar que os primeiros versos têm um ar quase blakeano de danação extravagante:

> *Sinner rider, rides in with the storm,*
> *The devil rides beside him*
> *The devil is his god, God help you mourn*[22]

Porém, sem sombra de dúvida, a canção mais importante para mim em *Sin After Sin*, de um ponto de vista pessoal, é “Raw Deal”.

“Raw Deal” trata de perambular pelos bares gay de Fire Island, popular reduto homossexual na costa de Nova York. Não que eu já tivesse visitado a Fire Island, ou perambulado por bares gay além do ocasional bailinho no Nightingale, em Birmingham. Tudo saiu (im)puramente da minha imaginação luxuriosa:

All eyes hit me as I walked into the bar
Them steely leather guys were fooling with the denim dudes
A coupla colts played rough stuff
New York, Fire Island[23]

Achei completamente flagrante e óbvio, uma afirmação seca da minha necessidade sexual de "corpos pesados se agachando, roubando, ávidos por ação"[24]. Porém, a música também tinha um lado pesado e obscuro. O sinistro último verso concluía que a vida era apenas um "golpe baixo, maldito, podre, fumegante"[25].

"Raw Deal" era uma música de saída do armário, um respiro para minha angústia como gay não assumido. Pensei que talvez tivesse ido longe demais e que as pessoas, ao pegarem a letra, juntariam dois e dois. Isso poderia abrir portas para mim ou, mais provavelmente, batê-las na minha cara.

Porém... nada aconteceu. A banda não falou nada da letra – os caras sempre tiveram um respeito tremendo pelas minhas letras e sempre as incumbiram somente a mim – e provavelmente achou que eu só estava contando uma história. Nem os críticos nem os fãs perceberam nada. Foi um uivo de cólera que ninguém ouviu.

Não sei se fiquei decepcionado ou aliviado.

Se esse foi um uivo de cólera, "Here Come the Tears" foi um grito de ajuda. Glenn e eu compusemos essa música delicada e sofrida, e para mim foi catártico expor meu coração solitário ao tratar da minha vida comprometida:

Once I dreamed that life would come and sweep me up away,
Now it seems life's passed me by, I'm still alone today
Here come the tears[26]

De novo, ninguém percebeu! Entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Os críticos ficaram mais interessados no fato de termos incluído no álbum “Diamonds and Rust”, o cover de Joan Baez que não entrou em *Sad Wings of Destiny*.

Quando tocamos *Sin After Sin* para os engravatados da CBS, a sensação foi a de um desastre. Por razões desconhecidas, Roger Glover botou o volume no onze e atacou nossos novos chefes corporativos com puro barulho. Levei as mãos aos ouvidos: não é uma boa reação ao ouvir seu próprio álbum!

Que porra você está fazendo, Roger? Eu tinha certeza de que a CBS ficaria horrorizada, mas, no final, os executivos só nos parabenizaram e disseram que era ótimo. Talvez eles quisessem mesmo um ataque retumbante de heavy metal a todo vapor, e foi o que entregamos a eles.

Roger sempre alega que nunca foi pago pela produção do álbum. Não faço ideia de por que isso teria acontecido, mas não teve nada a ver conosco. Cinquenta anos depois, ele de vez em quando ainda me pentelha, de brincadeira, para que eu lhe mande um cheque.

O grande medo que todos nós tivemos quando *Sin After Sin* saiu era que ninguém o ouvisse – porque o punk rock estava na crista da onda. Em 1977, o punk estava em todo lugar. Não se falava de mais nada na imprensa musical, e parecia que nada mais importava – incluindo o heavy metal.

Para mim, isso parecia uma tolice. Eu gostava de algumas das bandas punk, e fui ver os Sex Pistols em Wolverhampton por volta dessa época. Foi um show secreto, para o qual eles tiveram de usar o pseudônimo The Spots,

porque estavam banidos de casas pelo país todo devido aos ultrajes nos tabloides.

Johnny Rotten subiu no palco e, se afogando no próprio mar de escarro, disse: “Eu nem sei se nós vamos tocar para vocês! Já pegamos a porra do seu dinheiro, agora pode ir todo mundo se foder! Não estamos nem aí!”. Eles tocaram, *sim*, e eu gostei – para mim, soavam como heavy metal. Mas o *hype* em torno do punk era muito grande. Nunca que aquilo iria durar... e não durou.

De qualquer forma, Johnny Rotten teria detestado o que eu fiz em 1977! Desde que vi a rainha, no Arboretum, em Walsall, aos 6 anos de idade, eu era um grande monarquista, e fui a Windsor para o Jubileu de Prata. Ela fez uma longa caminhada do castelo até a multidão e, como sempre, mandou um aceno só para mim. Ou pelo menos eu assim imaginei.

No seu lançamento, *Sin After Sin* teve um bom desempenho. As revistas que não estavam obcecadas pelo punk gostaram do disco e ele chegou ao top 30. Era um álbum potente e contava com o peso promocional e de marketing da CBS, em vez de um camarada que dava telefonemas de um elevador. E agora era hora de levá-lo para a estrada.

Simon Phillips não quis sair em turnê conosco – provavelmente tinha provas na escola ou alguma coisa assim –, então fizemos testes para bateristas em Londres. Escolhemos um cara de Belfast chamado Les Binks, que era um ótimo músico, de trato fácil... e poderia começar imediatamente.

Ensaiamos para a turnê no famoso Pinewood Studios, na zona oeste de Londres. No primeiro dia, depois de montarmos nosso equipamento, fomos atrás de um hotel. Por volta das 10h da noite, nos vimos diante de uma mansão gótica de filmes de terror clássico.

Hein? Que lugar era esse?

Tocamos a campainha... e uma freira pequenina abriu a porta. *Ops!* Começamos a nos desculpar, pensando que estávamos no lugar errado, mas ela nos interrompeu e sorriu: *Não, era ali mesmo, e ela estava à nossa espera.* A freira nos conduziu por uma escadaria velha e rangente até os nossos quartos.

No dia seguinte, fui acordado às 5h da manhã por um zumbido grave. Eis que estávamos hospedados numa pensão gerida por freiras suecas – bom, era barato –, e eram elas começando seus cânticos matinais, que ouvi todos os dias por uma semana.

Tomávamos café da manhã com as freiras às 7h, e jantávamos com elas às 8h da noite. O rango era ótimo, mas ficávamos meio intimidados com elas, então nos sentávamos e comíamos em silêncio. Na ponta do salão, sentava-se uma venerável freira anciã, que parecia ter uns 100 anos.

Certa noite, ela gesticulou em nossa direção. “Quem são eles?”, perguntou.

“São um grupo musical”, respondeu outra freira.

“Eles não falam muito, não?”, disse a anciã. “São um bando de burros?” Muito boa pergunta.

Enquanto gravávamos no Pinewood, estavam filmando o primeiro *Superman* no mesmo complexo. Certo dia, fiquei

boquiaberto com o *set*. Preparavam-se para filmar a famosa cena em que o Super-Homem resgata Lois Lane quando um helicóptero cai do topo do arranha-céu do *Planeta Diário*.

Ao retornar para o nosso estúdio, vi algo vindo em minha direção. *Era um pássaro? Era um avião?* Não, era um cara enorme e, quando ele se aproximou, vi que era Christopher Reeve. Fazia frio, então ele estava usando um casaco de pele... em cima da fantasia do Super-Homem.

Só consegui cuspir por entre os dentes: “Ah, olá, Super-Homem!”.

“E aí!”, disse o Homem de Aço. “Qual é a boa?”

“Estou ensaiando aqui com a minha banda.”

“É mesmo? Qual o nome da banda?”

“Judas Priest.”

“Demais! Bom, boa sorte para vocês!”

“Obrigado!” E, assim, Clark Kent passou por mim para tirar o casaco de pele e resgatar Lois Lane de um helicóptero em queda.

Agora que o Priest estava numa gravadora *major*, nosso meio de transporte melhorou um pouco. Demos tchau para a van Mercedes fedorenta e oi para um Volvo laranja-claro de segunda mão, no qual íamos aos shows enquanto os *roadies* (mais um acréscimo!) iam na frente, na van. Boa! Tudo dava a sensação de progresso.

O Volvo teve um bom pedaço arrancado logo numa das primeiras vezes que o usamos. Havíamos ido a uma reunião com a gravadora em Londres, e Ian nos conduzia pela Wardour Street, no Soho. Glenn abocanhava um sanduíche e, quando paramos num semáforo, ficou satisfeito.

Abriu a janela e jogou o resto do almoço na rua. Todos assistimos enquanto o sanduba planou, aparentemente em câmera lenta, até atingir a nuca de um motoqueiro enorme. O cara voltou-se para nós e nos encarou de olhos arregalados.

O sinal abriu. “Vai, vai!”, berramos para Ian, que pisou fundo. Começamos a rir, pensando ter nos safado, mas um minuto depois – *merda!* – o motoqueiro apareceu do nosso lado, rosnando para nós e golpeando o Volvo com uma corrente de metal. O amassado que ele fez no porta-malas deve estar lá até hoje.

Os shows na Grã-Bretanha foram bons e nós tocamos – e lotamos – em casas maiores. Um dos destaques foi tocar como *headliners* no Birmingham Town Hall, bem como no Apollo Victoria Theatre, em Londres. Porém, contávamos as horas para a chegada de junho, que trazia uma promessa quase que inacreditavelmente empolgante. Nós íamos para os EUA.

Mesmo já no avião a caminho de lá, eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Era apaixonado pelo país desde a infância: a música, os filmes, a iconografia, a própria *ideia* daquele lugar. Ir para lá parecia mais do que um sonho.

Fiquei louco no percurso do aeroporto JFK até Manhattan. Lá estavam todas as imagens a que eu assistira boquiaberto na TV por toda a vida: os arranha-céus imponentes, os táxis amarelos a buzinar, o vapor que saía dos bueiros. Parecia que eu havia entrado num filme.

Nova York no ano de 1977 era mais tensa, frágil e excitante do que nunca. Foi um verão escaldante e todo

mundo evitava o Central Park, porque havia um *serial killer* à solta, que depois ficaria conhecido como Filho de Sam. Ele matou seis pessoas a tiros até ser preso, em agosto daquele ano. Disse que o cachorro do vizinho havia ordenado que ele cometesse os assassinatos.

Fomos levados a um hotel no Columbus Circle, perto do Central Park, onde dividi um quarto, como de costume, com Ken. Sob efeito do *jet lag*, deixamos as malas no chão e saímos direto para a rua, para absorver a cidade de Nova York.

Era fenomenal. A cidade era tão louca, imensa e avassaladora, que eu mal sabia o que sentir. Fomos ao quartel-general da nossa gravadora nos EUA, o que parecia importante. No meio da Times Square, olhei ao meu redor e bebi de tudo aquilo: *Uau! Não estou mais em Walsall!*

Naquela época, essa parte de Nova York ainda era tomada por *sex shops* sujos e cinemas pornôs. Eu me senti como Robert De Niro, em *Taxi Driver*, com a diferença de que eu *amei* por completo todos aqueles animais, aquelas prostitutas e drag queens naquele zoológico humano. Ken e eu fomos assistir à *Garganta Profunda*, do qual eu já ouvira muito falar, e foi muito excitante.

Não há ninguém no mundo como os nova-iorquinos. Entramos numa deli para comprar comida. Havia tantas opções, que tive vertigem. Quando chegou a minha vez na fila, ainda não tinha escolhido. O dono gritou comigo – "Ande logo ou saia da minha frente!" – e atendeu ao cara que estava atrás de mim.

Na noite seguinte, fui sozinho ao Studio 54. Ouvira muito falar dessa casa noturna onde tudo valia e suponho que

estivesse secretamente na esperança de conseguir dar uns pegas com algum cara. Não consegui, mas adorei o clima de discoteca completamente hedonista. Tive certeza de que ainda iria voltar lá.

Depois de alguns dias de deleite em NYC, era hora de começar a turnê. Iríamos de avião para os destinos mais distantes, e alugaríamos carros para os percursos mais curtos. Tivemos de nos acostumar à vastidão dos EUA e a passar de um fuso horário a outro.

Fomos a banda de abertura do REO Speedwagon e do Foreigner. Ambos eram grandes nos EUA, mas eu não me animava muito com nenhum deles. O sentimento era mútuo, já que, fora do palco, mal os víamos ou trocávamos palavras. Bandas de abertura estavam bem para trás na lista de prioridades deles, e dava para perceber. Em alguns shows, o espaço que nos davam no palco só cabia metade do nosso equipamento. Estávamos na base da cadeia alimentar.

Mesmo assim – foda-se! Não estávamos nem aí! Éramos o Judas Priest e estávamos em turnê pelos EUA!

Os primeiros cinco shows foram no Texas, onde já tínhamos alguns fãs, principalmente porque um radialista de lá, Joe Anthony, adorava *Sad Wings of Destiny* e tocava nossas músicas até gastar. Quando fomos ao programa dele para dar uma entrevista, ele ficou empolgado como se fôssemos os Beatles.

Na maioria das cidades, éramos recebidos com um silêncio sepulcral, ligávamos os instrumentos e tentávamos estourar algumas cabeças. O silêncio passava a ser atordoador à medida que um balão de pensamento surgia

sobre as cabeças do público – *Quem caralhos são esses caras?* –, e então nós as conquistávamos por pura força bruta e volume.

Como o REO Speedwagon e o Foreigner eram enormes, tocávamos em alguns lugares gigantescos. Em St. Louis, tocamos para 45 mil pessoas num show cuja atração principal era o Ted Nugent. Ele rodava pelo palco com um arco e flecha em chamas, feito Tarzan, porque... bem, porque esse é o tipo de coisa que o Ted Nugent faz.

Parecia que não dava para ver onde a multidão terminava... mas eu não curti esse show. Fiquei nervoso e não consegui dormir na noite anterior, e o Sol a pino estava tão quente, que queimou meus pés nas botas de couro de ponteira de aço. Pensei estar tendo alucinações.

Mas você supera essas coisas, eu me recordei de algo que aprendi no Wolverhampton Grand: *Quando você apresenta um espetáculo, tente alcançar o cara que está lá no fundo*. Assim, pulei, acenei e exagerei cada movimento, e pareceu dar certo.

Adoramos cruzar os States, mas eu não via a hora de voltar para Nova York, que seria nossa base para os últimos shows da turnê. Voltamos para lá no dia 13 de julho de 1977, e nos vimos em uma das noites mais notórias da história da cidade.

Eu mal havia chegado ao hotelzinho ao lado do Central Park quando as luzes do nosso quarto sem janelas no vigésimo andar se apagaram. *Hein?* Corri para a escada de incêndio, onde trombei com Ian, e olhei lá fora. A cidade inteira estava na escuridão. *Seria algum sonho surreal?*

Iluminando o caminho com fósforos, descemos pela escada de incêndio e, quando chegamos ao térreo, o bar estava lotado de gente. Alguém subiu com o carro na calçada e acendeu os faróis altos para iluminar o salão. Assim, nos jogamos na bebida.

Isso era muito Nova York: fazer uma festa no meio de um desastre.

A cidade já estava paranoica por causa do Filho de Sam, e ficou pior à medida que os tumultos e saques começaram. Ouvimos tiros a noite toda, e no dia seguinte fiquei sabendo que quarteirões inteiros da Broadway foram incendiados e mais de quatrocentos desordeiros presos.

Glenn pegou um voo mais tarde do que o nosso, e chegou ao hotel completamente pálido. No táxi vindo do JFK, ele viu saqueadores arrebentarem vitrines com tacos de baseball e roubar motoristas nos túneis. Chegou ileso, mas estava muito abalado.

A luz voltou no dia seguinte e nós terminamos a turnê no New York Palladium, o que foi um barato total. E então tivemos um barato maior ainda. A Arnakata nos ligou de Londres com uma mensagem insana. Robert Plant ficara sabendo que o Judas Priest estava em turnê pelos States.

Será que nós queríamos abrir dois shows do Led Zeppelin?

Será...? Porra, *o que* eles achavam que iríamos responder? Não nos contínhamos de empolgação. Abrir para o Zeppelin nos EUA... Jesus Cristo, isso era mesmo coisa de conto de fada! O único percalço era a logística.

Os shows eram parte do Day on the Green, festival no Oakland-Alameda County Coliseum, na Califórnia.

Aconteceria dali a uma semana, e nós não tínhamos mais praticamente dinheiro algum. Assim, voamos para a Califórnia e dividimos um único quarto num hotel pulgueiro perto do estádio.

O festival era uma produção de Bill Graham e, de antemão, nos perguntamos se iríamos conhecer o lendário produtor de shows. Com certeza conhecemos! No dia do primeiro show, estávamos fazendo social na área de convivência do *backstage* e Glenn, rude, colocou os pés numa mesa. Bill Graham apareceu, marchou até nós e tirou os pés de Glenn da mesa com um tapa. “Que diabos *vocês* estão fazendo aqui, porra?” Ele presumiu que fôssemos só um bando de desocupados (claramente, um astuto juiz de caráter).

“Eles são o Judas Priest, senhor!”, informou-lhe um dos seguranças. Bill pediu desculpas e foi muito mais simpático depois disso. Viemos a conhecê-lo muito bem, e ele sempre cuidou da banda de forma brilhante nos EUA.

O show foi uma experiência extraordinária, extracorpórea, de verdade. Como o festival tinha de acabar no início da noite, tocamos num horário desgraçado de cedo. Uma neblina cobriu Oakland, então, quando entramos, eu só conseguia ver o público mais próximo do palco. O fundo do estádio se perdia na névoa.

Só tocamos por 20 minutos, mas, ao longo desse tempo, a neblina se dispersou rapidamente. Ao final, pude ver um mar de 80 mil pessoas que chegava até as últimas fileiras da arquibancada mais distante. Foi uma forma explosiva, eufórica e inesquecível de encerrar uma primeira e incrível turnê pelos EUA.

O show foi de um prestígio *tremendo*, e de fato apresentou o Priest ao país. Tristemente, seria a última apresentação do Led Zeppelin nos EUA, já que o filhinho de Robert, Karac, faleceu subitamente de uma infecção estomacal, e a banda cancelou o restante da turnê e voltou para casa.

Na manhã seguinte ao Day on the Green, o Judas Priest também partiu de volta para a Grã-Bretanha, depois de seis semanas na América. Senti-me como se, de algum modo, tudo tivesse mudado. A vida nunca mais seria a mesma para a banda... nem para mim.

20 *O departamento de Artista & Repertório dos selos e gravadoras* (N. do T.)

21 *O thesaurus (dicionário de palavras com significados e ideias semelhantes) elaborado por Peter Mark Roget foi lançado para o público inglês em 1852 e é amplamente usado. Embora seja um tipo específico de dicionário (um thesaurus, ou tesauro), é mais ou menos como nos referimos ao Dicionário Aurélio por aqui.* (N. do T.)

22 "Cavaleiro pecador, que chega com a tempestade / O demônio cavalga a seu lado / O demônio é seu deus, Deus lhe ajude em seu pranto."

23 "Todos os olhos me fitaram assim que entrei no bar / Aqueles caras de couro e aço se engraçavam com os caras de jeans / Uns garanhões pegando pesado / Nova York, Fire Island."

24 *"Heavy bodies ducking, stealing, eager for some action."*

25 "*[a] goddamn, rotten, steaming, raw deal*".

26 "Já sonhei que a vida viria me recolher e me levar para longe / Hoje, parece que a vida passou por mim, ainda estou sozinho / Lá vêm as lágrimas."

7

Os anos de couro de Shirley Bassey

Quando você desperta de um sonho vívido e vibrante, a realidade monótona pode parecer seriamente desestimulante. A turnê pelos EUA foi como um delírio febril – ou, para ser sincero, como um sonho molhado! Quando voltei para casa, fiquei num grande bode por alguns dias.

Depois de cruzar os States por semanas, correr de olhos arregalados pelos inferninhos da Times Square e pular diante de 80 mil fãs do Zeppelin, foi inevitável me sentir vazio ao esperar o ônibus para ir até o Dirty Duck, debaixo de uma chuva miserável. Eu saíra para ver o mundo, e de repente o Yew Tree Estate, em Walsall, parecia muito pequeno.

Encerrar uma turnê pode ser um baque *e tanto*. Num minuto, você está impressionando multidões, dando autógrafos e sendo entrevistado no rádio. No minuto seguinte, está se arrastando para o mercadinho da esquina,

só para, quando voltar, levar uma bronca dos seus colegas de quarto porque esqueceu de comprar seda.

Sente vontade de contar às pessoas tudo o que fez, mas elas nem sempre querem ouvir. “Como foi nos EUA, Rob?”, um camarada me perguntava no Duck.

“Ah, meu Deus, foi fantástico!”, eu dizia. “Nova York foi incrível, e St. Louis, e o Robert Plant é um cara ótimo...”

“Ah, é? Parece excelente!”, era a reação. “Vou levar o carro na inspeção veicular amanhã...”

Eu era jovem e precoce, e essas coisas eram frustrantes – mas, agora que estou mais velho, consigo enxergar que essa natureza pessimista natural do Black Country, essa recusa na cara de pau de puxar o saco de alguém, foi uma bênção para mim. Porque, sem ela, talvez eu tivesse me tornado um perfeito babaca.

Porém, não tinha muito tempo para sentir pena de mim mesmo – o Priest tinha outro álbum a fazer.

A CBS nos providenciou um novo produtor para o disco que viria a ser *Stained Class*: Dennis Mackay, cujo CV era eclético e incluía produções para o Curved Air, o Gong e Tommy Bolin. Começamos a trabalhar no Chipping Norton Recording Studios, onde também ficamos hospedados, na região das Cotswolds.

Foi nessas sessões que percebi pela primeira vez as tensões no ataque duplo de guitarras de Glenn e Ken. Em geral, os dois se entendiam bem, pelo menos na superfície, mas não havia como negar que eram duas figuras completamente diferentes.

Glenn era – e sempre foi – um indivíduo muito confiante, seguro e obstinado. Sabe o que quer fazer e como quer

fazer. Desde o início, tinha uma visão muito consistente de como queria que a banda soasse, e isso ficou evidente em *Stained Class*.

Ele e eu compusemos a faixa-título e “Exciter”, e ele compôs “White Heat, Red Hot” sozinho. Porém, a faixa que é provavelmente a minha favorita do álbum foi escrita por mim e Les Binks.

Les já estava bem à vontade como baterista do Priest, e nós dois escrevemos “Beyond the Realms of Death” (aquele *thesaurus* de Roget valia ouro!) juntos. É uma canção cujo protagonista, já completamente exausto, é acossado pelas dificuldades do mundo. Alguns dos versos são bem pessoais:

> I’m safe here in my mind
> I’m free to speak with my own kind[27]

“Com meus semelhantes.” Porque, em 1978, a ideia de ser capaz de conversar com outros homens gays, aberta e livremente e sem estigmas, parecia tão provável quanto chegar a Marte num salto com vara. Eu só sabia o seguinte: *nunca vai acontecer*.

Dennis Mackay fez um bom trabalho no álbum. Ainda éramos propensos à enrolação do rock progressivo, e ele viu que as nossas músicas podiam ser meio longas. Apontou que não precisávamos fazer uma grande declaração musical, e insistiu nesse ponto. *Cortem o excesso! Sejam cirúrgicos!*

A CBS estava interessada em incluir uma faixa que talvez tivesse boa execução nas rádios de rock americanas, e

sugeriu um cover de “Better by You, Better Than Me”, do Spooky Tooth. Foi um acréscimo de última hora ao álbum, que já estava sendo mixado, e James Guthrie foi o produtor, também recomendado pela CBS, já que Dennis Mackay já não se encontrava mais disponível.

Lançado no início de 1978, *Stained Class* foi bem recebido e em questão de dois meses depois das gravações já estávamos em turnê novamente. As casas subiram de nível mais uma vez – Olá, Hammersmith Odeon! Boa noite, Birmingham Odeon! – e houve uma mudança notável em mais uma coisa.

À medida que o Priest ficava maior e nossas faixas ganhavam mais execuções nas rádios, a composição do nosso público começava a mudar. Os sujeitos *headbangers* raivosos que constituíam a maior parte da nossa base de fãs se mantiveram leais como sempre, mas também começamos a ganhar mais fãs mulheres... e as primeiras groupies.

Bem, eu não. Os fãs ainda não sabiam que eu era gay, é claro. Se alguma garota desavisada desse em cima de mim, eu poderia afastá-la educadamente. Mas e se eu quisesse um pouco de ação na estrada – e eu queria muito, *muito* mesmo –, que diabos deveria fazer?

Para os caras héteros, o ritual era fácil. Poderiam convidar uma garota para o *backstage*. Aceita um drinque? Gostaria de ir para o nosso hotel? Gostaria de conhecer o meu quarto?

Eu não podia fazer *nada* disso. Se eu me interessasse por um cara no público, como proceder? Quais seriam as chances de esse cara ser gay (ou, se fosse, de admitir que

era)? E se eu entendesse errado, tomasse uma atitude equivocada e levasse um soco na boca? E, é claro, o medo predominante que limitaria minha existência por décadas?

E se a notícia de que sou gay vazasse, os fãs não quisessem mais saber de uma banda liderada por um gay, e isso fosse o fim do Judas Priest?

O Priest era a coisa mais importante da minha vida, e mesmo se eu estivesse disposto a sacrificá-lo pela minha sexualidade – o que eu *não* estava –, eu simplesmente não poderia fazer isso com Ken, Glenn ou Ian. Não seria justo com eles. O problema era meu, não deles.

Não, a coisa mais segura, a *única* coisa a se fazer era permanecer firmemente no armário. E isso significava que os nossos fãs estavam fora do meu alcance.

Outra mudança importante que se deu em 1978 no mundo do Priest foi a renovação completa e total da nossa imagem. A ideia foi de Ken, e eu topei rapidamente. Fui com ele para Londres para termos nossas medidas tiradas para trajes de couro customizados. Ken se recorda que, assim que o cara mediu a parte interna da minha perna, eu já estava dentro, mas gosto de pensar que não sou *tão* barato assim.

Não tanto.

Quando voltamos para Walsall e mostramos aos outros caras as nossas novas camisas e calças de couro sob medida, todos gostaram da ideia. Assim, fomos todos mais uma vez a Londres para encomendar mais trajes.

Alguns dos costureiros que frequentávamos eram hilários. Um lugar no Soho era de propriedade de uma mona de meia-idade, alta e muito afetada, de cabelo comprido e

cavanhaque tipo Guy Fawkes. Sempre que entrávamos no ateliê, ele rodopiava e batia palmas de empolgação.

"*Yay*! Aqui estão eles, *meus meninos*!", guinchava. Seu truque mais impressionante era um chute de dançarina de cabaré impressionante – o pé dele chegava acima da cabeça. "Nada mau para um homem de 58 anos, hein, meninos?", ele perguntava. Tenho de admitir, ele era muito flexível... e muito possivelmente tinha hipermobilidade articular.

Suzi Watkins, uma canadense que trabalhava na Arnakata, nos levou a uma loja de S&M e fetiche, em Wandsworth. Além das calças, dos quepes, das botas e dos braceletes de couro, havia anéis penianos, correntes e chicotes! Achei que um ou dois dos rapazes do Priest pareceram meio desconfortáveis lá.

Nosso visual de couro e rebites foi montado gradualmente ao longo das semanas seguintes, e veio de forma muito natural. Ao meu ver, estávamos canalizando uma série de coisas, da cultura *macho* à Marlon Brando, mas o resultado final foi que, de repente, nos *parecíamos* com uma banda de heavy metal.

O maior mito a respeito do nosso visual é que eu teria, de algum modo, arquitetado essa imagem como um disfarce e um desafogo para a minha homossexualidade – que eu vibrava ao me vestir no palco como gostaria de me vestir na rua ou no quarto. Isso é uma completa baboseira.

Eu não tinha interesse algum em S&M, dominação ou em toda essa subcultura *queer* de couro e correntes. Nada disso me atraía. Minha preferência sexual era por homens, é

claro, mas eu era – e ainda sou – bem baunilha[28]. Nunca usei um chicote entre quatro paredes na minha vida.

Ou já? Espera aí, me deixa pensar um minuto...

Les foi o que demorou mais a se alinhar com nosso novo visual. Parecia que não tinha entendido o recado. Ken, Glenn, Ian e eu chegávamos para sessões de fotos vestidos de couro dos pés à cabeça, e Les aparecia todo sorridente de jeans e uma camisa de cowboy desgrenhada.

Eu ficava doido: *Les! Estamos tentando passar um visual aqui!* Mas nunca soube como abordar o assunto com ele. *Pelo menos ele está escondido atrás da bateria*, eu pensava. Por fim, ele meio que se alinhou, meio a contragosto, e comprou uma jaqueta de motoqueiro.

Nossos fãs, homens e mulheres, decerto não detectaram nenhum elemento gay críptico oculto em nossa nova imagem. Só acharam que parecíamos machões, masculinos, machos alfa. Imitações das nossas roupas começaram a surgir no público, sinal certeiro de que o visual era um sucesso.

Devo admitir que, de vez em quando, ainda olho as fotos do Priest do final da década de 1970 e suspeito que aqueles foram os nossos anos de couro de Shirley Bassey. Mas provavelmente esse sou só eu sendo eu.

Eu não via a hora de voltar aos EUA, e o grande momento chegou em março, quando começamos uma turnê de dois meses. Pousamos mais uma vez no JFK e demos o pontapé inicial com dois shows num teatro mais ou menos grande, perto da Union Square, o Palladium. Não foi o melhor dos começos.

A CBS mandou uma limo para o nosso hotel antes do primeiro desses shows, mas ela nunca chegava. Ficávamos cada vez mais agitados no *lobby*, à medida que a hora de entrar no palco se aproximava. Não havia nenhum táxi à vista, então perguntei na recepção qual era a maneira mais rápida de chegar no teatro.

"Bem, senhor, os ônibus param bem *ali*..."

Não tivemos escolha a não ser pegar um ônibus comum. Os nova-iorquinos já viram de tudo, mas até mesmo eles foram pegos de surpresa ao compartilhar o trajeto de volta para casa com uma gangue de britânicos suados e desesperados, vestidos de couro e rebites, falando com um sotaque estranho e desconhecido: "Nós nunca vamos chegar lá!".

Tirei proveito de um dia livre em Nova York, antes do segundo show, para correr para a Times Square e comprar algumas revistas pornô gay nos *sex shops*. Era possível encontrar coisas que eu nunca tinha visto no Reino Unido e meus olhos estavam inquietos. Na verdade, *tudo* se destacava demais!

Escondi as revistas nos *cases* de equipamentos para levá-las para casa ao final da turnê. Não acho que eram de fato ilegais, mas eu ficaria constrangido caso elas fossem pegas na alfândega. Detestava me sentir culpado por causa delas... mas, bem, era assim que as coisas eram.

Depois dos shows no Palladium, partimos para outro passeio pelo país, dessa vez com o Foghat e o Bachman-Turner Overdrive. Foi a mesma coisa que na turnê anterior pelos EUA – não tivemos contato algum com os *headliners* e fomos tratados que nem merda. Num dos shows, eles nos

deram um único holofote, que me iluminava enquanto a banda tocava no escuro.

Viajávamos num ônibus de turnê entre um show e outro. A princípio, ficamos loucamente impressionados com nosso ônibus grande, moderno e novinho em folha, que tinha camas e até um lounge: *Uau! Isso é o futuro!* Podia ficar meio claustrofóbico, mas eu gostava de poder encher a cara e cair na cama.

Costuramos nosso caminho do Texas até a Califórnia, e uma data em particular estava circulada em vermelho no meu calendário pessoal. Nosso destino era São Francisco, cidade conhecida pela cultura gay e pela próspera comunidade homossexual. Eu a imaginava como uma terra de fartura.

Desde que li a respeito da publicação em algum jornaleco no Nightingale, em Birmingham, queria obter um exemplar do *The Advocate*, jornal de ativismo gay publicado em São Francisco. O Priest se hospedou num Holiday Inn no Fisherman's Wharf, e eu saí do hotel para dar de cara com uma fileira de máquinas de venda de jornais, do tipo que você coloca uma moeda e abre uma portinhola para retirar o exemplar.

The New York Times, *The Washington Post*... espera, lá está! *The Advocate!*

Senti-me como se tivesse encontrado o Santo Graal. Precisava de 25 centavos para abrir a caixa, então vasculhei os bolsos da minha calça de couro em busca de moedas. Droga! Só tinha uma nota de 1 dólar.

Uma mulher de meia-idade bem vestida passava por mim, e eu, na empolgação, saltei na direção dela. "Com

licença,
assenhorateriavintecincocentavosouquatromoedaspratrocar porumdólar, por favor?", grasnei.

Ela me fitou e ergueu as sobrancelhas. "Per-dão?" Nesse momento, me ocorreu que os norte-californianos provavelmente não falavam *yam-yam* fluente. Tentei mais uma vez, mais devagar: "Sinto muito, mas a senhora poderia trocar 1 dólar por quatro moedas de 25 centavos para mim?".

Ela pôde, eu levei o *The Advocate* de volta para o quarto e li de ponta a ponta. Havia páginas sobre eventos, palestras e discotecas gays, e classificados de encontros. Comparei aquilo com a minha vida sórdida em Walsall, onde eu entrava furtivamente em banheiros públicos. *Eu estava na Terra Prometida!*

O principal bairro gay de São Francisco é o Castro, que eu ansiava por conhecer... mas não fui. Tive medo, como era de costume. Estávamos ficando maiores nos EUA, e de vez em quando eu era reconhecido – e se um fã me visse e espalhasse a notícia de que Rob Halford andava se esgueirando por áreas gay?

Outra obra de literatura gay que comprei em São Francisco foi o *Bob Damron's Address Book*. Era um volume fino e discreto, no tamanho exato para guardar no bolso de trás da calça jeans, e trazia uma lista de bares, saunas e pontos de encontro gays em centenas de cidades, grandes e pequenas, por todo o país.

Enquanto nosso ônibus cruzava a noite, eu me deitava na cama, acendia a luz, fechava a cortina e memorizava as informações. O livro me dizia que o Fire Pit era o melhor bar

gay de Birmingham, Alabama. Se eu estivesse em Covington, Kentucky, deveria ir ao Jouche Bo's. Na parada em Hollywood, deveria tentar o Annex West, na Melrose Avenue.

Nunca fui a *nenhum* deles. O máximo que ousei fazer foi dar um passeio pelas áreas gays que calhassem de se encontrar próximas ao hotel da banda, ou grudar a cara rapidamente contra as janelas dos clubes gay, como um moleque de rua dickensiano cobiçando bolos[a] que não estão a seu alcance.

Ao fazermos shows de abertura em locais grandes, eu era deliberadamente extravagante e elaborei alguns movimentos espetaculares com o pedestal de microfone. O tiro saiu pela culatra no Agora Ballroom, em Cleveland, quando meti o pedestal no teto e um monte de gesso caiu sobre a minha jaca.

Depois de Cleveland, retornamos brevemente a Nova York por uma noite, para tocar no Bottom Line. Eu andava ansioso por esse momento... já que havia uma possibilidade de ação ajeitada para depois do show. Um cara gay que trabalhava na CBS, e sabia de mim, me colocou em contato com seus amigos "que queriam me conhecer".

Encontrei-me com eles, que me levaram a uma casa bem grande perto do Central Park. Estava me sentindo bem – já me vi com um drinque na mão assim que cheguei e os caras puxavam muita conversa comigo, dizendo o quanto adoravam o Priest e o quanto eu era ótimo no palco.

Alguém repôs a minha bebida e eu comecei a me sentir zonzo. E então me senti *muito* zonzo: *Que porra está acontecendo?* Uns dois caras me conduziram a um outro

cômodo, e aí só me lembro de mãos por todo o meu corpo... e um cara mais velho me pagando um boquete.

Soube que ele era mais velho quando o vi tirar a dentadura para terminar o serviço.

Voltei cambaleando para o hotel e só no dia seguinte me dei conta de que devem ter batizado minha bebida. Isso me fez me sentir ludibriado, aborrecido e irritado... e alimentou *flashbacks* horríveis do amigo do meu pai "que gostava de teatro".

O Priest percebeu rapidamente o quanto o mundo poderia se abrir para nós, agora que tínhamos um contrato com uma *major*. Depois do giro pelos EUA, só passamos dois meses em casa, nas Midlands, antes de partir para a nossa próxima grande aventura – nossa primeira viagem ao Japão.

Foi estonteante. Adorei a sociedade japonesa logo de cara. Minha primeira visita a Nova York foi incrível, mas a cidade parecia assustadoramente familiar, já que eu a havia visto em tantos programas de TV e filmes. Chegar a Tóquio foi como se tivéssemos pousado num planeta completamente novo.

Nessa primeira viagem, a CBS reservou para nós um hotelzinho que recebia basicamente executivos japoneses. Os quartos eram do tamanho de selos, se você ficasse em pé e abrisse os braços, conseguiria tocar duas paredes opostas.

Naquela época, eu não viajava com pouca bagagem. Por algum motivo desgraçado, levava comigo todas as peças de roupa que possuía, tanto para usar no palco quanto fora

dele – trocava de roupa três ou quatro vezes, porque, sei lá, *é o que* rockstars *fazem, certo?* Amontoava todas elas num baú enorme de alumínio, como as pessoas faziam na desgraça do *Titanic*.

Na primeira noite, pedi ao serviço de quarto uma refeição de três pratos. A porta estava entreaberta e o garçom chegou, carregando penosamente duas bandejas cheias e pesadas. E não viu meu baú monstruoso bem na entrada do quarto.

BANG! SPLASH!

O cara voou, foi puro pastelão. Tropeçou com tudo na minha bagagem, e todas aquelas porções e pratos de comida japonesa voaram para tudo quanto é lado e pousaram em todas as superfícies possíveis. Na cama, nas paredes, no chão, na TV. Até em cima de mim!

Foi um esquete de comédia e eu não conseguia parar de rir... até que vi o quão horrorizado ficou o pobre garçom. Ele fazia reverências da cintura para cima tão rápido que seu tronco parecia um borrão, e se desculpava freneticamente.

Na hora, me transformei numa caricatura do inglês no estrangeiro. “ESTÁ TUDO BEM!”, berrei para ele, num volume três vezes maior do que costumava falar, como se isso fosse *obviamente* ajudá-lo a me compreender melhor. Abri um sorriso largo e fiz um joinha tranquilizador. “NÃO TEM PROBLEMA!”

O cara não se tranquilizou mas nem de longe. Saiu do quarto de marcha ré, ainda se desculpando, e disparou para chamar o pessoal da limpeza.

Gostaria de poder dizer que me equiparei aos padrões de respeito e decoro do hotel... mas não foi o caso. Os shows

no Japão começavam todos às 6h da tarde, o que significava que às 9h já estávamos de volta ao hotel, com alguns drinques na cabeça e tempo para gastar. Uma combinação letal.

Nunca fui do tipo que arregaça quartos de hotel – como rapaz de classe trabalhadora, sabia que a pobre mãe de alguém ia ter de limpar a bagunça –, mas tive uma fase em que me interessei muito por extintores de incêndio.

Na turnê de *Stained Class*, coloquei um num elevador vazio, acionei o gatilho, apertei todos os botões e saí correndo enquanto as portas se fechavam. O extintor disparado e fora de controle viajou por todos os andares do hotel, ensopando quem estivesse esperando pelo elevador. Era o máximo que alguém poderia se divertir com um elevador desde Corky e seus telefonemas.

O Priest sempre pregou peças constantes na nossa equipe de estrada. Quando descobri que um dos caras estava hospedado a dois quartos do meu, em Tóquio, me pareceu a oportunidade perfeita para atacar – e tornar internacional o meu amor por extintores de incêndio.

Tirei um da parede, coloquei o bico debaixo da porta dele, apertei o gatilho e corri de volta para o meu quarto. Deixei a porta entreaberta e fiquei espiando, à espera da diversão, quando, de repente, ouvi uma gritaria furiosa... em *japonês?*

Era o quarto errado! A porta se abriu com força e dela saiu cambaleando um executivo japonês coberto de pó cor-de-rosa da cabeça aos pés. Pude ver o mesmo pó cobrindo a parede e o carpete atrás dele. Eu pensava que todos os

extintores continham água, mas parece que os japoneses faziam as coisas de um jeito diferente!

Tranquei a minha porta discretamente. O cara rosa, ofendido, continuou a uivar, ouvi gritos e gente correndo pelo corredor, e então, 5 minutos depois, uma sirene. Pela janela, vi uma viatura da polícia estacionar.

Merda!

Quando ouvi batidas nas portas ao longo do corredor, vesti rapidamente meu kimono de cortesia e baguncei o cabelo. Quando bateram na minha porta, perguntei: “Quem é?”.

“Polícia! Polícia!”, respondeu uma voz. “Precisamos falar com o senhor!”

Abri a porta com um bocejo teatral. “Pois não?”

Eram dois policiais e um gerente do hotel que falava inglês. “Alguém acionou um extintor de incêndio! O senhor sabe de alguma coisa?”

“Que péssimo!”, falei. “Não, não sei de absolutamente nada. Estava num sono profundo. Sinto muito, preciso voltar a dormir. Tenho um show para fazer amanhã.”

“Perdão por incomodá-lo!”, disse o gerente. Trocamos reverências e eu voltei para a cama para morrer de rir debaixo dos lençóis.

Os shows propriamente ditos foram sensacionais. O primeiro foi num teatro chamado Nakano Sun Plaza, que tinha o dobro do tamanho do Wolverhampton Grand. Ficamos embasbacados ao saber que o Priest já tinha alguns fãs no Japão, uma honra que eu mal conseguia conceber.

Tive o que eu considerei uma ideia genial para a abertura do *set*. Como introdução, usávamos “A Grande

Porta de Kiev”, de Mussorgsky, uma bela peça de música clássica. E então, quando a cortina subisse...

“Não seria ótimo se começássemos de costas para o público?”, sugeri à banda.

“Por que diabos você quer fazer isso?”, questionaram eles, não sem razão.

Expliquei meu conceito grandioso. O público ficaria empolgado quando a introdução começasse, e ainda mais empolgado quando a cortina subisse e eles vislumbrassem nossas costas por entre a fumaça do gelo-seco... e então a empolgação atingiria seu ápice quando nos virássemos! Três emoções de uma só vez!

Os caras não pareceram totalmente convencidos, mas entraram na onda. Então, na primeira noite, nos posicionamos, a belíssima partitura de Mussorgsky ecoou pelo teatro, a cortina se ergueu e... às nossas costas, a Beatlemania estourou. Ou melhor, a Priestmania.

Foi extraordinário. No final dos anos 1970, o pop e o rock ocidentais estavam só começando a fazer sucesso no Japão. Havia no país uma percepção de que esse tipo de música era só para garotas, então três quartos do público eram femininos. E gritavam enlouquecidamente.

Aquilo se assemelhava à Beatlemania de muitas maneiras: ao mandarmos a primeira música, pequenos objetos começaram a passar voando, zunindo, pela minha cabeça. Era como no início dos Beatles, quando George Harrison dizia que a banda gostava de jujuba e as fãs então passavam a saraivar a banda com jujubas nos shows.

Assim, lá estávamos nós, tentando tocar “The Ripper” enquanto umas 2 mil garotas japonesas se esgoelavam feito

loucas e pedaços de comida, doces, bichos de pelúcia e outros presentinhos voavam para cima de nós no meio do gelo-seco. Que experiência!

O Japão foi *cheio* de aventuras loucas como essa. Além da modernidade sofisticada de Tóquio, visitamos a antiquíssima cidade de Kyoto, com suas ruínas incríveis, onde comprei bonequinhas em trajes típicos para presentear minha mãe. Eu sempre levava bonecas para ela e sabia que essas teriam lugar de destaque em sua prateleira no Beechdale.

Foi um ano inacreditável para o Priest e, ao voltarmos para casa, a coisa mais sensata a se fazer seria tirar um tempo para desopilar, relaxar e fazer um balanço de tudo o que aconteceu. Merecíamos um descanso.

Então fomos direto para o estúdio para gravar mais um álbum.

27 “Aqui, na minha mente, estou seguro / Estou livre para falar com meus semelhantes.”

28 *Baunilha: gíria para quem tem hábitos sexuais mais básicos, com pouca afeição a experimentações e ousadia.* (N. do T.)

a “*Cakes*”, nos EUA, é uma gíria gay para nádegas, então minha analogia é extremamente precisa.

8

O chicote estrala para Marie Osmond

O ritmo de trabalho do Judas Priest era incrível no final dos anos 1970. Não víamos nada de mais em passar meses numa turnê enorme pelos EUA e pela Europa, voltar para casa, tirar menos de uma semana de folga e então voltar ao estúdio para gravar um novo álbum.

Isso era, em parte, incentivado pela gravadora. “Vocês estão acelerando mesmo agora!”, a CBS nos dizia. “Vocês têm algumas bandas grandes como concorrência, então não podem se permitir parar ou perder o gás. Não há tempo para desacelerar. Precisam se manter no radar!”

Era um trabalho duro... mas não parecia uma dureza. Estávamos totalmente dispostos, víamos nossa agenda árdua como um teste e como prova da nossa tenacidade e determinação como banda. Ir direto para o estúdio depois de uma turnê parecia muito natural e a coisa certa a se fazer.

Assim, o *jet lag* do nosso voo de volta do Japão mal tinha passado quando fomos para Londres, gravar o nosso segundo álbum de 1978. O produtor seria James Guthrie, porque gostamos do trabalho dele no cover do Spooky Tooth (a despeito do prazo apertado). Quando entramos em estúdio, pisamos fundo e não deixamos a bola baixar. Suponho que esta era uma vantagem da nossa agenda extenuante e ininterrupta de gravações e turnês: estávamos sempre juntos, nunca sem trabalho, e isso nos transformava numa máquina de metal bem azeitada.

Além disso, sentíamos que rumávamos de fato a algum lugar. Estávamos ficando mais consistentes, mais confiantes e absolutamente focados em tornar a banda a mais poderosa o possível. Hoje em dia, tenho de me deitar só de *pensar* na nossa carga de trabalho daquela época, que, então, era natural para nós.

O Priest nunca compunha na estrada, então sempre entrávamos em estúdio sem nada preparado e começávamos do zero. Isso nunca nos incomodou e, dessa vez, as músicas surgiram numa rapidez notável. Estávamos numa maré de sorte e a aproveitamos ao máximo.

Há uma linha tênue entre ser “influenciado” e ser “inspirado” por outra banda. Frequentemente, ser “influenciado” significa que você só copia outros artistas e tenta soar como eles. No entanto, eu decerto fui *influenciado* por “We Are the Champions”, do Queen, quando nós compusemos “Take on the World”.

Quando Glenn chegou com aquele *riff* matador, para mim pareceu perfeito escrever uma letra similar, junto a temas clássicos do Priest: otimismo, acreditar em si mesmo

e triunfar contra as adversidades. Porém, “Take on the World” também era mais do que isso, éramos nós a estabelecer uma conexão intensa e um compromisso com os nossos fãs. Naquela época, o metal ainda era ridicularizado com frequência, e esse era um hino que declarava nossa fé no valor da música em que nós, assim como nossos fãs, acreditávamos. *Estávamos juntos nessa*:

> *Put yourself in our hands, so our voices can be heard*
> *And together we will take on the world!*[29]

Quando terminamos de compor uma música, sempre consigo ouvir mentalmente como ela vai soar quando a tocarmos ao vivo. Enquanto gravávamos “Take on the World”, eu já podia ouvir milhares de fãs a entoando a plenos pulmões junto conosco. Fiquei arrepiado só de pensar.

Glenn estava afiadíssimo e compôs uma faixa que se tornaria um dos maiores clássicos do Priest de todos os tempos. No estúdio, eu ainda não largava meu fiel *thesaurus*, e uma expressão me chamou demais a atenção: “Ei, caras, ouçam só essa: *Hell bent for leather*[30]! Uau! O quão Priest é *isso*?”. Glenn pegou a deixa e fez o resto – e *que riff*!

Certa noite, fizemos uma pausa nas gravações para assistir à luta de Muhammad Ali contra Leon Spinks na disputa pelo campeonato mundial de boxe peso pesado, na TV do bar do estúdio. A banda ainda estava trabalhando enquanto eu assistia ao preâmbulo da luta, e os caras me pediram para chamá-los um pouco antes de começar.

Quando Ali e Spinks subiram no ringue, corri para a técnica e, na empolgação, dei um pulo ao passar pela porta: “Ei, caras, a luta vai começ–”.

BAM! Pulei alto demais. Bati a cabeça muito forte contra o batente de metal da porta à prova de som e caí duro de costas, como se tivesse levado um soco de surpresa do próprio Ali. *Ai!*

“Não se preocupem, foi só um arranhão”, presumi enquanto me levantava, grogue e cambaleante, e o sangue escorria pelo meu rosto.

“Não foi não, porra!”, disse Glenn. “Dá para ver o seu crânio, cara!” Corta para umas 2 horas no pronto-socorro, onde levei alguns pontos e perdi a grande luta. Em todo o caso, pelo menos tenho uma cicatriz que me faz lembrar da vitória de Ali.

Glenn escreveu uma música chamada “Killing Machine” e nós a usamos como faixa-título do álbum, porque capturava com precisão nosso momento como banda: uma máquina metálica lustrosa e implacável. Para nós, fazia total sentido... e então, no início de 1979, recebemos um telefonema da Arnakata.

Nossos empresários nos disseram que a CBS estava OK com o nome no Reino Unido, mas que a CBS dos EUA não. Houvera um tiroteio em massa numa escola nos EUA recentemente, e a gravadora achava que o título era controverso demais e poderia render muita publicidade negativa.

Glenn foi quem mais se incomodou. “Estamos falando de nós mesmos – *nós* somos uma máquina de matar!”, reclamou. “Não estamos matando gente: a máquina é a

nossa música. O Judas Priest é uma máquina de matar, com o poder do metal. Eles não entendem *isso*?"

A ironia, é claro, foi que o título alternativo escolhido pela gravadora nos EUA, *Hell Bent for Leather*, foi um golpe de mestre que pagou dividendos tanto a nós quanto a ela.

Killing Machine recebeu boas críticas no Reino Unido e foi nosso terceiro álbum consecutivo a entrar no top 40. Sempre observávamos atentamente nossas posições nas paradas. Todo artista faz isso. A banda que disser que não faz, basicamente está mentindo!

Então, ficamos perplexos com o que aconteceu em seguida. Nossos compactos anteriores não tinham feito nem cócegas nas paradas. Nem esperávamos que fizessem: éramos uma banda de metal, e aquele não era nosso mundo. Porém, com o segundo compacto de *Killing Machine*, foram outros quinhentos.

Ficamos embasbacados quando "Take on the World" entrou no top 40 na trigésima primeira posição, e não acreditamos quando a música continuou a subir até chegar à décima quarta. *Décima quarta*! Mas a maior surpresa de todas foi o que veio junto com isso: um convite para participar do *Top of the Pops*.

Uau! Ora, *isso* era de se espantar! Naquela época, já tínhamos aparecido um pouco na TV e participado de uma porção de programas de rádio, mas... *Top of the Pops*? O programa a que eu assistia religiosamente toda semana na adolescência, me empolgando ao ver Hendrix, Bolan, Bowie e o Queen? Agora nós tínhamos *mesmo* chegado a algum lugar!

Minha empolgação no trajeto até o BBC Television Centre, em Shepherd's Bush, era inacreditável. Meus pais, Sue e Nigel estavam igualmente pilhados para me assistir na TV. Você pode gravar álbuns, fazer shows, até sair em turnê pelos EUA, mas quando vai ao *Top of the Pops* é que sua família e seus amigos sabem que você tem futuro!

O programa não era bem o que eu esperava. O estúdio era minúsculo e não havia mais de trinta jovens na plateia. Os outros artistas do dia eram o Dr. Feelgood, banda de que eu gostava, e Donny e Marie Osmond, por quem eu me interessava muito menos.

O visual de couro da banda ainda estava se desenvolvendo, mas eu já o abraçara por completo. Estava uma figura e tanto, de couro preto dos pés à cabeça, com um cinto de balas, braceletes longos com rebites e a mais nova peça do meu guarda-roupa: um chicote, cortesia do mercado de Wandsworth.

Esse último item se mostrou um problema. Ainda que eu não ligasse imensamente para Marie Osmond, aparentemente ela estava mais ligada em mim. Um dos produtores do programa entrou no camarim do Priest durante os ensaios com uma má notícia:

"Rob, sinto dizer, mas você vai ter de dispensar o chicote".

"Hein? Por quê?", perguntei. "Faz parte do meu figurino!"

"Marie Osmond reclamou. Ela não está muito contente com o chicote."

O quê? Sempre fui uma alma sossegada por natureza, que detesta confronto, mas essa informação me deixou seriamente enervado.

“Espera aí! Nós somos uma banda de heavy metal britânica, num programa de TV britânico, e uma artista americana quer mandar em nós?”

“Bom, hum...”, gaguejou o produtor. “É só que...”

“Sai da minha frente!”

Não foi difícil achar o camarim dos Osmonds. Quando irrompi pela porta, chicote em punho, Marie estava sendo maquiada, com bobes enormes no cabelo. Nem notei se havia rosas de papel por ali, de tão contrariado.

“Marie, sou o Rob, do Judas Priest!”, me apresentei.

“Ah! Oi, Rob!”

“Que história é essa de que você não quer que eu use o chicote?”

“Ah, *er*, bem...”

Não dei a ela a chance de concluir a resposta.

“Vou usar o chicote porque ele é parte do nosso show, e *é o que fazemos!*”, declarei, num tom que não permitia argumentos. Marie deu um sorriso amarelo e assentiu. Priest, 1; Osmonds, 0.

Depois de umas duas geladas rápidas no bar da BBC, cantei ao vivo enquanto a banda fazia playback. A ironia foi que, no fim, esqueci de estralar o chicote, mas adorei participar do programa, e nos sentimos como embaixadores do metal.

Alguns dos fãs mais ferrenhos do Priest discordaram. Consideravam o *Top of the Pops* um programa meloso, fraco, cheio de lixo pop água com açúcar, e nossa participação teria sido praticamente um ato de traição. Ouvimos alguns resmungos vagos que teríamos “nos vendido”.

Eu não tinha tempo para essa discussão. Sempre pensei que devemos fazer o que for preciso para promover a banda e a nossa música – e promover o metal como um todo. O *Top of the Pops* estava disposto a nos deixar divulgar nosso compacto na BBC para 15 milhões de pessoas? Maravilhoso – vamos nessa!

Foi, de longe, a coisa mais *mainstream* que havíamos feito até então, e me perguntei se essa exposição mudaria minha vida cotidiana. Será que eu me tornaria uma figura pública, uma *celebridade*, obrigada a dar autógrafos sem parar e incapaz de andar por Walsall sem ser perseguida?

Não precisava ter me preocupado. *Ninguém ligou.* Até hoje me param e pedem para tirar foto comigo nos EUA, mas isso *nunca* acontece em Walsall. As pessoas me notam, mas pensam: "*Ah, não vamos incomodar o cara! Ele está de folga – vamos deixá-lo em paz!".* É uma coisa linda, pela qual sou muito grato.

Em todo o caso, eu não teria tempo para desfrutar do meu (cof-cof) recém-descoberto status de *pop star*. Ficaríamos na estrada ao longo do ano de 1979 praticamente inteiro. Olhei no calendário e tínhamos quase 140 shows pela frente.

Como não teríamos tempo de gravar um novo álbum em 1979, a CBS bolou um plano de contingência. Começaríamos a turnê no Japão, e a gravadora providenciou para que dois dos shows em Tóquio fossem registrados e transformados num álbum ao vivo – *Unleashed in the East* –, a ser lançado mais adiante no ano.

Eu não tinha objeções contra gravar um álbum ao vivo, mas tive minhas dúvidas quanto ao *timing*. Minha voz não

estava na melhor forma no Japão, em parte porque eu não conseguira dormir. Sempre sofri de insônia e, depois dessa viagem em particular, enfrentei provavelmente o pior *jet lag* que já tive.

Antes de um desses shows, passei literalmente a noite inteira acordado, sem fechar os olhos 1 minuto sequer. Fiz os shows com o esforço de um velho de guerra, mas tive um certo receio de que as gravações seriam desperdiçadas.

Em seguida, retornamos aos EUA para dois meses de shows, a maioria deles de abertura para o UFO, que, para me valer de um eufemismo, foi um arregaço absolutamente do caralho. Farreávamos com os caras todas as noites, *e muito*. O Priest tinha seus momentos de banda fanfarrona, mas o UFO era completamente doido.

No palco, intensifiquei a teatralidade. A música do Priest era tão barulhenta, poderosa, forte e dinâmica, que eu queria me equiparar a ela fisicamente. Corria pelo palco e girava os braços, e comecei a elaborar alguns movimentos que se tornariam minha marca registrada.

Brandia meu chicote todas as noites e fingia chicotear o gargarejo. Sempre atentas a uma oportunidade de marketing, a CBS e a Arnakata logo começaram a vender camisetas e *bottons* provocativos:

FUI CHICOTEADO POR ROB HALFORD!

Dei um passo adiante com meu arsenal de palco e providenciei uma metralhadora, da qual disparava balas de mentira no público, geralmente ao final de “Genocide”. Não tocávamos essa música em todos os shows, mas, quando

tocávamos, íamos à loucura nela. Havia noites em que ela chegava a quase 15 minutos.

Além disso, Ken, Glenn e eu nos alinhávamos para fazer poses e movimentos de *headbanger* sincronizados em determinados momentos do *set*, tudo parte da experiência Priest. Sabíamos que fazíamos uma música de arrebentar, mas também queríamos dar um *show*.

Elevamos o nível ainda mais uma vez quando voltamos para casa, em maio, para os shows no Reino Unido. Passamos um pouco mais do limite na nossa performance ao vivo em algum lugar das Midlands, numa das primeiras apresentações da turnê, acho que em Derby.

Chegamos ao local à tarde para a passagem de som e observávamos nossa equipe transportar o equipamento por uma viela estreita, ao lado do teatro. Vi algumas motos estacionadas mais adiante na viela e *PING!* Uma lâmpada se acendeu na minha cabeça.

“Aí, caras! Não seria demais se, hoje à noite, quando tocarmos ‘Hell Bent for Leather’, eu entrasse no palco numa moto?”

“Você está é bem doido, isso, sim!”, foi o consenso geral. “Vamos nessa!”

Dei um tempo do lado de fora até que um motoqueiro apareceu para dar uma olhada em sua moto, e eu então perguntei se poderia pegá-la emprestada. O cara era um grande fã do Priest, então topou com gosto. Conduziu a moto para dentro da casa e a estacionou nas coxias.

O resultado foi eletrizante. Quando me sentei na moto e pisei fundo no acelerador no começo da música, o público

tomou o maior choque. Entrei no palco diante de um mar de rostos perplexos:

“Hein? O que é esse barulho? Parece uma... puta que pariu, ele entrou no palco de moto!”.

O lugar foi à loucura. A partir desse momento, a moto se tornou um dos nossos rituais e nossos fãs passaram a adorá-la e a esperar por ela. A Arnakata teve algumas dores de cabeça, já que precisou negociar com cada local de show a permissão para usarmos a moto, mas valeu a pena – era um espetáculo tão incrível!

Depois do sucesso de “Take on the World”, a CBS lançou “Evening Star” como o compacto seguinte de *Killing Machine*. O lançamento rendeu mais um convite para o *Top of the Pops*. Tínhamos um show no mesmo dia, no Birmingham Odeon, mas achamos que não haveria problema em fazer ambos.

Errado.

Houve muita, mas muita enrolação no *Top of the Pops* naquele dia.

Tomamos horas de chá de cadeira. Houve passagens de som; ensaios gerais; passagens ao vivo. Tiveram problemas técnicos: sabe lá Deus quais. E o tempo foi passando.

Fomos ficando cada vez mais preocupados: “Que inferno, vocês viram que horas são?”.

Intimei um produtor que passou por nós: “Olha, amigo, que horas vamos gravar? Temos um show para fazer!”.

“Sim, sim, daqui a pouco!”, ele me assegurou e então sumiu. Mais meia hora se passou.

Chegaram as 6h da tarde e nós sabíamos que não conseguiríamos atravessar o trânsito de Londres na hora do

rush e pegar as estradas M1 e M6 até Birmingham a tempo. Uma mulher da Arnakata estava no estúdio, grudada no telefone. Conseguiríamos alugar um avião? Um helicóptero? Escolta policial? Ela tentou sem sucesso.

Enfim gravamos, mas só chegamos ao Birmingham Odeon com 1 hora de atraso em relação ao horário em que deveríamos estar no palco. Alguns fãs haviam desistido e ido embora, pensando que não fôssemos aparecer, e quando enfim entramos, houve algumas vaias isoladas. *Na nossa cidade natal!* Nós nos sentimos péssimos com todo aquele fiasco.

Depois das apresentações no Reino Unido, tivemos um raro mês sem show nenhum, o que nos deu a chance de mixar *Unleashed in the East*. Quando ouvimos as gravações dos shows de Tóquio, meus piores medos se mostraram reais.

A CBS nos juntou a um cara chamado Tom Allom para produzir o álbum. Ao longo das semanas seguintes, nos tornaríamos irmãos de sangue e travaríamos uma relação profissional longeva e produtiva com Tom, o que, a julgar pelas nossas primeiras impressões, não parecia provável.

Alguns anos mais velhos do que eu, Tom Allom falava com uma articulação perfeita e era a pessoa mais sofisticada que eu já conhecera. Poderia ser um membro menos conhecido da família real ou um militar – daí seu apelido, “o Coronel”.

Porém, superada essa postura aristocrática, Tom era um grande cara, e muito rock ‘n’ roll. Curtia o Priest e o metal, e *entendeu* a banda logo de cara. Ao contrário de alguns

produtores, ele sabia ler música e tocava piano, o que nos impressionou fortemente.

Tom se tornou membro da família Priest desde o nosso primeiro encontro, mas teve que suar para mixar *Unleashed in the East*. A banda estava afiadíssima, mas minha voz atirava para todo o lado. Dava para ouvir o *jet lag* e a fadiga enquanto eu me esforçava para alcançar as notas e morria na praia.

Estávamos mixando no complexo de estúdios de Ringo Starr, em Tittenhurst Park, uma casa de campo deslumbrante, da Era Georgiana, nos arredores de Ascot. Ringo comprou a propriedade de John Lennon e Yoko Ono, e era emocionante estar lá – mas não tínhamos tempo para nos deslumbrar. Havia uma crise a ser controlada.

Tom deu o melhor de si, mas nem ele foi capaz de transformar merda em ouro, e eu não conseguia suportar a ideia dos fãs do Priest me ouvirem em tamanha má forma e tão desafinado. Com uma careta ao ouvir as fitas, tomei uma decisão.

“Escutem só, caras. Vou entrar na sala de gravação com um microfone, e vou cantar o álbum do início ao fim. Vamos gravar e ver se conseguimos usar para alguma coisa.”

Foi exatamente o que fiz. Os vocais ficaram infinitamente melhores e Tom os mixou com a performance da banda ao vivo em Tóquio. Mantivemos isso em segredo por anos, e quando veio à tona – porque o linguarudo aqui deixou escapar numa entrevista! –, os fãs passaram a chamar o álbum de *Unleashed in the Studio*.

Meus vocais regravados foram controversos por um curto período de tempo – mas a nossa consciência estava limpa.

Não tínhamos tentado enganar os fãs: só não queríamos lançar um disco inferior do Priest, pois isso os teria enganado muito mais.

Nosso longo ano na estrada recomeçou e nós fomos à Irlanda pela primeira vez, para tocar num festival em Dublin, com o Status Quo. Já conhecíamos o Quo e eles eram caras legais, mas quase não entramos no palco para abrir para eles, porque o festival se transformou num duelo.

Os produtores do evento e a polícia irlandesa disseram que eu não poderia subir com a moto no palco de jeito nenhum. Aparentemente, pensavam que isso poderia desencadear um tumulto no público, o que eu achei uma grande baboseira. Os fãs estavam à espera da moto e nós não queríamos decepcioná-los.

Nunca na história do Priest alguém deu uma de diva, *nem eu*, mas, nessa ocasião, batemos o pé: *se não pudermos usar a moto, não entramos no palco*. O impasse durou até a hora do show... quando os organizadores enfim cederam. O rugido do público quando eu entrei com um *vrum* no palco mostrou que havíamos feito a coisa certa.

Dublin seria o último show que Les Binks faria conosco. De súbito, nosso baterista nos deixou. Foi uma surpresa e eu não tinha muita certeza do que havia por trás disso, embora, anos depois, Les viesse a dizer a Ken que foi devido a desentendimentos financeiros com a Arnakata.

Eu gostava de Les, e no fim ele havia até dispensado as camisas de cowboy, mas, para ser sincero, não senti tanto sua saída. Achava-o meio que um *baterista para bateristas*, desses que talvez se interessem mais em afiar a técnica do

que se conectar com o coração e a alma da música do Priest.

Seu substituto, Dave Holland, tocava no Trapeze, banda da qual gostávamos, mas trocou-a por nós de bom grado quando o sondamos. Assim que ele chegou, apreciei as diferenças que tinha de Les, que havia nos trazido complexidade, é claro, mas Dave nos deu simplicidade, ímpeto e *potência* – e era disso que precisávamos.

Dave estava a postos naquele outono, quando voltamos aos EUA para mais uma série de shows, dessa vez para promover *Unleashed in the East*. Os primeiros foram em arenas e em um ou outro estádio, aqui e ali, como banda de abertura da verdadeira realeza do rock americano: o Kiss.

Quando nos ofereceram esses shows, ponderamos muito. O Kiss não era uma banda de metal, e não éramos almas gêmeas musicais. Mas Gene Simmons e Paul Stanley adoravam o Priest e haviam nos solicitado pessoalmente, o que era lisonjeiro, e a oportunidade de chegar a centenas de milhares de novos fãs era irrecusável.

O Kiss Army é notoriamente difícil de agradar, mas nos demos bem. Só tocávamos 30 minutos, então atacávamos com toda força, puro metal. As plateias nos aceitavam porque éramos ferozes, comprometidos e tínhamos uma imagem marcante.

Embora Gene e Paul curtissem nossa música, não os víamos muito fora do palco. Porém, fiquei empolgado com o fato de Gene estar namorando Cher, que é uma figura gigante para os gays. Eu vivia inventando desculpas esfarrapadas para chegar perto dela só para dar um oi.

Enquanto abríamos os shows do Kiss, a CBS lançou *Unleashed in the East*. Não fazíamos ideia do quanto o álbum ia vender – suponho que não tínhamos nenhum parâmetro para isso –, então nos surpreendemos quando ele entrou no top 10 no Reino Unido e até conseguiu um lugar na Billboard 200 nos EUA!

O quê? Um álbum ao vivo? Sério? Parecia que tudo o que tocávamos virava ouro, quase não conseguíamos processar.

Eu estava prestes a viver uma experiência que seria ainda mais difícil de assimilar. Depois que os shows com o Kiss acabaram, fizemos algumas apresentações como *headliners* em teatros e arenas no Texas, no Canadá e na Costa Oeste, e encerramos com um show num velho conhecido: o Palladium, em Nova York.

A CBS nos deu uma festa de fim de turnê no Mudd Club, casa onde tocamos no início da viagem. Tocamos um *set* curto depois da meia-noite e, enquanto soltava a voz no palco, não pude deixar de notar o cara que tirava fotos bem à minha frente.

Era um sujeito pequeno, mais velho, de cabelos branquíssimos. Fotografava com uma câmera Olympus minúscula e era a cara do...

Espera, não é só parecido com ele: É ele! Andy Warhol!

Eu sabia tudo a respeito de Warhol, era um grande fã de sua *pop art* e de seus filmes de vanguarda. Para mim, ele *era* Nova York, no sentido mais puro e artístico. Para ser franco, quando me apresentaram a ele depois do nosso *set*, fiquei bem impressionado enquanto fã.

“Olá, Andy!”, comecei. “Obrigado por ter vindo! Legal esse lugar, não? Já tocamos aqui no Mudd Club antes!”

“É mesmo?”, disse Andy, bem arrastado, ainda me fotografando enquanto falávamos. CLICK!

“Sim! Esta noite também tocamos para o Palladium lotado!”

“É mesmo?” CLICK!

“Sim. E eu sou um grande fã do seu trabalho! Amo!”

“É mesmo?” CLICK!

Eu já tinha tomado algumas e o estilo monossilábico dele de conversar começava a me dar nos nervos. Sempre ouvi dizer que Warhol era muito desajeitado socialmente, e falava muito pouco, e claramente era esse o caso. Mas mesmo assim... *eu estava conversando com o Andy Warhol, porra!*

Tentei uma estratégia nova de conversação.

“Adoro vir a Nova York, sempre!”

“É mesmo?” CLICK!

Certo. Era assim, então! Fiquei de saco cheio! Além do chicote, recentemente eu incorporara algemas ao meu figurino de palco, e havia um par preso ao meu cinto de rebites. Sabe-se lá por que, peguei-as, prendi uma no meu pulso e apertei a outra no pulso de Warhol.

Ele olhou para mim e deu um riso nervoso.

“Tenho uma má notícia para você, Andy.”

“É mesmo?”

“Perdi a chave!”

“É MESMO?” Eram as mesmas palavras, mas a voz dele definitivamente subiu em tom e intensidade nesse momento!

“Não, só estou brincando contigo, cara! A chave está aqui comigo!”, disse, ao tirá-las do bolso. Warhol pareceu

muito aliviado.

“Ah, bom!”, sorriu.

Ele então variou o repertório de conversação o suficiente para sugerir que fôssemos ao Studio 54. Saímos do clube, chamamos um táxi amarelo, eu me sentei no banco traseiro com ele e nós partimos pelo trânsito de Manhattan das primeiras horas da madrugada.

Olhava absorto pela janela enquanto caía a ficha de onde eu estava e com quem eu estava. *Isso era real mesmo?* Eu não estava mais no Kansas – ou em Bloxwich! Quando chegamos ao Studio 54, Andy Warhol passou uns 2 minutos comigo... e sumiu. Desapareceu no meio da multidão. Nunca mais o vi.

Ainda tenho fotos daquela noite memorável e, quando olho para elas, uma coisa me chama a atenção: minha camiseta, que tinha um desenho de um famoso artista erótico gay, Tom of Finland, que retratava uma orgia homossexual explícita: um tumulto de paus eretos, bundas, felação e penetração anal.

Hoje, só me pergunto: *Que diabos eu estava pensando?* Ainda me encontrava firmemente no armário, e a ideia de sair dele ainda me apavorava, porém, aquela camiseta poderia muito bem ser um letreiro de neon sobre a minha cabeça com os dizeres “EU SOU GAY!”.

Se você quer ver uma imagem da angústia e do tormento que me tolheram por décadas no Judas Priest, nada é melhor do que aquelas fotos minhas com Warhol. Eu ansiava por me assumir e parar de viver uma mentira, mas não via uma forma disso acontecer.

Não é à toa que eu bebia pra caralho...

Nosso ano na estrada estava prestes a chegar ao fim. Tive menos de uma semana de folga em casa, na Larchwood Rose, onde me gabei para Nick, Michael e Denise de ter conhecido Cher e me algemado a Andy Warhol, e então chegou a hora de partir para o último braço da nossa odisseia: ir para a Europa abrir para o AC/DC, na turnê de *Highway to Hell*.

Essa seria importante para nós. Éramos grandes fãs dos roqueiros australianos, que já eram imensos. E, assim como na turnê do Kiss, sabíamos que se tratava de uma chance para nos apresentar para centenas de milhares de fãs de metal que talvez ainda não nos conhecessem. Tínhamos de fazer valer.

Em vez de gastar dinheiro com hotéis, decidimos alugar um micro-ônibus para o percurso que atravessaria a Bélgica, a Holanda, a Alemanha – MUITAS datas na Alemanha – e a França. Arrumamos um que era grande o bastante para acomodar a banda, a equipe de estrada e todo o equipamento.

Seria justo descrever essa decisão como uma falsa economia. Viajar desse jeito por dois ou três dias é OK, mas viver uns em cima dos outros por semanas a fio dá nos nervos. Ficamos abarrotados naquele micro- -ônibus feito animais aprisionados e começamos a perder a cabeça.

Odiávamos aquela porra daquele micro-ônibus.

Fomos bem recebidos pelos fãs do AC/DC, mas não vimos muito da banda. Normalmente, depois do nosso show, tínhamos de partir e dirigir noite afora até a próxima cidade. Depois de alguns dias fazendo isso, Angus Young nos procurou.

“Vocês *não gostam* da gente?”, perguntou ele.

“Hein? Como assim?”

“Vocês nunca socializam com a gente!”

“Ah, nós adoraríamos!”, asseguramos. “Não é nada pessoal! Temos de ir embora logo depois de tocar porque estamos viajando e vivendo num micro-ônibus de merda!”

“Ah, esqueçam isso!”, disse Angus. “Viagem conosco no *nosso* ônibus e tomem umas cervejas!”

Quando nos demos conta de que o “ônibus” deles era um veículo de luxo top de linha, com ar-condicionado e todo tipo de conveniência moderna, topamos sem pestanejar.

Assim, na maioria das noites, passamos a acompanhá-los. Todos os caras do AC/DC eram ótimos, muito generosos e companhias fantásticas. Bon Scott e eu nos demos bem horrores, dois cantores de metal que falavam mais do que a boca naquele ônibus de turnê (que era mesmo *muito* mais luxuoso do que o nosso).

Angus Young raramente bebia. Perguntei por que não dava nem um gole. “Porque só de tomar uma dose eu já fico trançando as pernas”, ele respondeu. Não sei se ele estava brincando, mas certa noite pude testemunhar que não, não se tratava de uma brincadeira. Ele tomou literalmente uma taça de champanhe e em questão de segundos já estava caindo de bêbado. Virou outra pessoa diante dos meus olhos.

Bon Scott era o completo oposto. Bebia *o tempo todo*: era um poço sem fundo para álcool. Bebia até cair na cama e apagar, e então no dia seguinte levantava e ia direto para o palco. Era assim que ele funcionava.

Bon também nunca parecia abatido. Parecia indestrutível. Ao final da turnê de *Highway to Hell*, todos do AC/DC e do Priest se abraçaram, e prometemos que ainda faríamos mais turnês juntos. Quatro semanas depois, Bon teve uma overdose[31] e morreu, o que nos deixou seriamente abalados.

O Priest encerrou 1979 exausto, mas em êxtase. *Que ano!* Tivemos um álbum e compactos de sucesso, viajamos pelo globo com algumas das maiores bandas de rock do mundo, ganhamos incontáveis fãs novos... e eu havia me algemado ao Andy Warhol.

Lembro-me de pensar que era difícil imaginar como as coisas poderiam ficar ainda melhores. O quão errado eu estava, porque estávamos prestes a gravar o álbum que nos lançaria numa supernova.

29 “Coloquem-se nas nossas mãos, para que nossas vozes se façam ouvir / E juntos tomaremos todo o mundo!”

30 *Numa tradução totalmente livre e ao pé da letra,* hell bent for leather *significaria algo como “de couro a caminho do inferno”. A expressão data do século 19 e significa se mover em alta velocidade, de forma determinada e inconsequente;* hell bent *é o termo que dá a ideia de ímpeto, determinação, velocidade, inconsequência, e* leather *se refere ao couro da sela de um cavalo ou do chicote usado para acelerar o cavalo.* (N. do T.)

31 *A* causa mortis *de Bon Scott amplamente divulgada e conhecida é por intoxicação alcoólica, o que, é claro, não deixa de ser uma overdose, embora o termo seja mais comumente associado a outros tipos de drogas mais pesadas. Porém, há relatos posteriores e suspeitas de que ele teria morrido de overdose de heroína.* (N. do T.)

9

Glória, glória, *glory hole*

Às vezes, não há nada como ir para o campo e colocar as ideias no lugar.

Depois de desopilarmos em Walsall e Birmingham durante as festas de fim de ano de 1979, chegou, como de costume, a hora de voltar ao estúdio. Para meu deleite, voltaríamos a nos reunir a Tom Allom em Tittenhurst Park, a casa de campo de Ringo Starr, onde havíamos mixado *Unleashed in the East*.

Da última vez que estivemos lá, passamos voando e eu ainda tive de lidar com o pânico ao desenterrar os meus vocais do show de Tóquio, então não tive muito tempo para dar uma boa olhada na propriedade. Agora, ficaríamos lá por um mês e eu pude vasculhá-la – e adorei o que vi.

Glenn e eu éramos dois fanáticos pelos Beatles, então significava muito para nós o fato de Ringo tê-la comprado de John e Yoko, que haviam morado lá. Partíamos em missões de reconhecimento, um para cada lado da mansão,

e depois nos reuníamos, sem fôlego, para contar um ao outro o que havíamos encontrado.

No primeiro dia, Glenn me disse: “Você tem que vir ver isso aqui”. Ele me mostrou um quarto bastante comum – o pulo do gato era o banheiro anexo. Havia dois vasos, a um metro e pouco de distância um do outro, com placas na parede acima de cada um:

JOHN YOKO

Tentei imaginá-los sentados lado a lado, cagando de mãos dadas. Realmente, às vezes, o amor desconhece limites.

Ficávamos superempolgados ao fazer as refeições e compor na grande sala onde John e Yoko filmaram o clipe de “Imagine”. O piano Steinway branco que John tocava já não estava mais lá há muito tempo, mas as persianas que Yoko abre no clipe ainda eram as mesmas.

Certo dia, estávamos comendo e assistindo à TV com Tom nessa sala, e começou a passar o clipe. Foi insano olhar à minha volta ao assisti-lo e pensar: “*Uau! Estou exatamente nesse mesmo lugar!* Bem, dizem que coisas simples agradam mentes simples...”.

Ringo parecia não ter mexido em nada na casa, exceto na sala de estar principal, onde ele desmanchou a lareira antiga e a substituiu por uma que parecia um enorme anel de aço inoxidável. Não combinava em nada com a casa... mas acho que ele gostava[a].

Tomei posse do quarto acima da sala de “Imagine”, porque queria uma vista do lago onde John e Yoko remaram

um barco no clipe de “Jealous Guy”. Eu estava numa fase *fitness* e corria ao redor do lago quase todas as manhãs, e sempre os imaginava na água.

O álbum que viria a ser *British Steel* se mostrou um sonho de fazer desde o primeiro dia. Os astros estavam alinhados. Tom Allom era de uma organização impecável e sempre no comando de tudo como produtor, mas era também muito astuto e conhecedor das potências e das sensibilidades do Priest.

Sabia que tocar ao vivo era a força do Priest, em que muitas das nossas melhores ideias brotavam. Nos álbuns anteriores, gravávamos primeiro a bateria, e depois íamos somando todo o restante. Tom abandonou essa abordagem e nos colocou para tocar todos juntos no estúdio. Nunca havíamos feito isso, e foi mágico.

Além de ser um ótimo produtor, Tom também era um excelente engenheiro de áudio, que sabia como aproveitar um espaço ao máximo. Gravei a maioria dos vocais num armário de vassouras. Devo admitir que não pude deixar de notar certa ironia ao cantar dentro de um armário!

Ken, Glenn e eu começamos a compor em equipe pela primeira vez, o que foi um salto e tanto. Antes, apresentávamos ideias para as músicas individualmente, ou em dupla, e então distribuíamos de acordo os créditos das composições. Agora, todos os créditos diriam: Tipton/Halford/Downing. Isso era importante no sentido de eliminar atritos em potencial, caso algum de nós achasse que suas ideias eram ignoradas ou subestimadas. Acho que bandas se separam por ressentimentos a respeito de

royalties de composição mais do que por qualquer outro motivo.

O Priest sempre esteve ciente do que acontecia musicalmente ao nosso redor. Não fazíamos parte do movimento punk nem de longe, mas prestávamos atenção nele, e acho que seu ataque curto e afiado em músicas de 2 minutos e meio ou 3 minutos plantou a semente para o *British Steel*.

Tom nos ajudou a lapidar o processo que havíamos começado em *Sin After Sin*: cortar os excessos das músicas até que só restasse um cerne visceral, reluzente e metálico. Estripamos tudo até o osso: nosso *ethos* passou a ser "o mínimo é o máximo".

Uma música de sonoridade bem punk que compusemos num tiro, logo no início, foi "Breaking the Law". O Judas Priest nunca foi uma banda política – não é a nossa praia –, mas essa canção é, sem dúvida, um exemplo de comentário social aguçado.

Apolítico de alma, fiquei bem indiferente quando Margaret Thatcher assumiu o poder no ano anterior, exceto por uma vaga noção de que ter uma mulher como primeira-ministra era algo bastante importante. Porém, em questão de alguns meses depois do início do governo dela, ficou óbvio que muita coisa ruim estava acontecendo.

As indústrias de base e as montadoras de carros nas Midlands e por todo o país enfrentavam dificuldades, e já se falava em fechamento de fábricas. O desemprego disparava. E o pior de tudo, milhões de jovens se viram sem esperanças e se sentiam ignorados.

Ao escrever a letra de “Breaking the Law”, tentei me colocar na mente de um rapaz desempregado prestes a perder a sanidade:

> *There I was completely wasted, out of work and down,*
> *All inside it’s so frustrating as I drift from town to town,*
> *Feel as though nobody cares if I live or die*[32]

Minha tentativa não era de me declarar algum tipo de porta-voz, coisa que nunca fui. Mas via muita privação de direitos, raiva e anarquia ao meu redor, e quis documentar e refletir sobre isso.

“Grinder” foi outro arroubo de comentário social sobre como as pessoas são enganadas, usadas como marionetes, alimentadas pela máquina do capitalismo e por ela cuspidas como lixo. Também me vali de mais tensão sexual[b]: “*Grinder, looking for meat...*”[33].

Numa noite fatídica, às 4h da manhã, eu tentava dormir enquanto Glenn estava com o amplificador ligado, brincando com um *riff* na sala de “Imagine”, logo abaixo do meu quarto. Suspirei, vesti meu robe e desci para ter uma palavrinha com ele.

“Que porra é essa, Glenn?”, questionei-o.

“Ah, perdão, eu te acordei?”

“Sim. Estou tentando dormir!”

“Vou abaixar o volume”, disse ele enquanto mexia no ampli.

Ao me virar para subir, alfinetei-o com um golpe final: “Você está é vivendo depois da meia-noite aqui embaixo, isso sim!”

Parei em seco. Abrimos sorrisos largos um para o outro. “Isso é um *puta* de um título para essa música!”, disse Glenn. No dia seguinte, escrevi a letra, que fala de cair na farra e se divertir. Tom pegou o clima logo de cara, e a faixa estaria prontinha antes da hora do chá.

Para “Metal Gods”, minha inspiração foi o robô gigante na capa do álbum *News of the World*, do Queen, bem como o filme *Guerra dos Mundos* e a ficção científica que eu ainda devorava. É uma canção sobre monstros do metal que obliteram a humanidade. Quem diria que dela surgiria meu apelido?

Abordamos uma vasta gama de assuntos nesse disco, de músicas festeiras rock ‘n’ roll, como “Living After Midnight”, a protesto social, passando por um hino do tipo “nós contra o mundo”, em “United”. Adorei como o álbum ficou bem redondo.

Tom Allom gostava que fizéssemos experimentos sonoros. O vidro se quebrando ao fundo em “Breaking the Law” foi Glenn estraçalhando garrafas de leite e cerveja na parede de fora do estúdio. Em “Metal Gods”, conjurei uma marcha de robôs ao chacoalhar uma gaveta de facas e garfos perto do microfone. Era trabalho, mas a sensação era de brincadeira.

Ao ouvir os *playbacks*, sabíamos que tudo estava dando certo. “Puta que pariu, está maravilhoso!”, Tom se empolgava naquele tom patrício. Nossa impressão era a mesma, sabíamos que aquilo ali era *especial*.

Agora só precisávamos de um título – e eu sabia precisamente o que queria. A caminho de um show no norte, olhei pela janela do carro e vi um letreiro enorme na

frente de uma fábrica: BRITISH STEEL. Aço britânico. Para mim, isso parecia resumir nosso álbum de todas as maneiras possíveis.

Um designer polonês, Rozlaw Szaybo, que já havia feito as capas de *Stained Class* e *Killing Machine*, nos deu a imagem de uma mão segurando uma lâmina gravada com nosso nome e o título do álbum. O design inicial dele trazia sangue escorrendo dos dedos cortados pela lâmina, mas achamos que ficaria mais durão sem o sangue:

Somos uma banda de heavy metal! Somos tão durões, que nem sangramos!

Escrevemos, gravamos, produzimos, mixamos e masterizamos *British Steel* em menos de trinta dias! Foi uma performance estupenda e, mesmo assim, não parecia apressada. Levou exatamente o tempo necessário para ser concluída.

Ao irmos embora de Tittenhurst Park, não poderíamos estar mais orgulhosos do nosso novo bebê – e eu não suportaria partir sem um *souvenir* da nossa estadia no ninho de amor de John e Yoko.

O armário onde eu despejei toda a minha angústia e gravei os vocais guardava todo tipo de parafernália dos Beatles e de Lennon. Fotos, discos de ouro e até fitas masters, além de um objeto que reconheci imediatamente.

Era um ornamento, um obelisco de acrílico de uns 45 cm de altura... que aparece no clipe de “Imagine”. Enquanto John toca piano, o enfeite surge num plinto, ao lado de Yoko, enquanto ela abre a persiana atrás do marido.

Uau! E lá estava ele!

Não pude acreditar no que estava vendo. Peguei-o e me senti segurando um pedaço da história da música. Tenho de admitir que o afanei da mansão para mostrar a alguns amigos em Walsall. Quarenta anos depois, aparentemente eu ainda o tenho[c].

British Steel viria à tona num ambiente midiático mudado. Já havíamos nos acostumado com os onanistas da imprensa musical zombarem e ridicularizarem o heavy metal rotineiramente. Agora, para a nossa surpresa, eles haviam elaborado toda uma cena para celebrá-lo.

O jornal *Sounds* foi o principal arquiteto por trás da New Wave of British Heavy Metal. As principais bandas que o movimento parecia celebrar eram Iron Maiden, Def Leppard, Motörhead, Saxon, Samson... e o Judas Priest.

Hoje, muitas bandas não gostam de ser cooptadas por movimentos manufaturados pelos jornalistas musicais e colocadas preguiçosamente em nichos, mas eu gostava da ideia daquela tal NWBHM. Concluí que, depois de anos sendo ignorado, seria legal o metal receber um pouco de atenção, para variar. Parecia uma validação.

A banda de abertura do nosso braço britânico da turnê de *British Steel* seria o Iron Maiden, uma das novas bandas celebradas pela imprensa. Na véspera do início da turnê, eles deram uma entrevista na qual o então vocalista, Paul Di'Anno, dizia que eles iam comer o Judas Priest toda noite no palco.

Isso não me incomodou nem de longe, porque a) ele estava errado, e b) esse era o tipo de coisa que bandas jovens arrogantes *deveriam* dizer! Tentamos fazer o mesmo

com todas as bandas grandes para quem *nós* abrimos, por que então eles não tentariam? Achei engraçado.

Ken discordou. Ficou ofendido e ultrajado com o comentário, e exigiu que o Maiden fosse expulso da turnê. Dissemos que seria uma reação exagerada e desmiolada a uma observação debochada, mas ele ficou absolutamente lívido.

Amo muito Ken, mas ele guarda muito rancor e ficou mordido com o insulto do Iron Maiden para sempre. Quando os caras se sentaram para nos ver passar o som antes de um dos primeiros shows da turnê, Ken tomou isso como uma afronta pessoal, por razões que eu nem sabia por onde começar a entender.

Não passamos muito tempo nem batemos muito papo com o Maiden naquela turnê, mas talvez eu tenha levado o comentário de Di'Anno sobre comer o Priest ao pé da letra demais... porque na única noite em que nos embebedamos juntos, tentei seduzi-lo! Fomos até o meu quarto para continuar a beber, mas eu estava chumbado demais para tentar qualquer coisa, e ele chumbado demais para sequer perceber que eu queria tentar.

Acho que *definitivamente* foi melhor assim.

Já estávamos em turnê quando a CBS lançou "Living After Midnight" como o compacto principal de *British Steel*. A música entrou na parada de compactos e nos rendeu um terceiro convite para o *Top of the Pops* no final de março. *Maneiro!* Só havia um problema. Tínhamos um show na mesma noite... no Birmingham Odeon.

O quê?!

De jeito nenhum! Depois de chegar 1 hora atrasados no ano anterior, de jeito nenhum íamos correr o risco de um segundo desastre! Pedimos à Arnakata para dizer à BBC: “Obrigado, mas não. Estamos em turnê e não podemos participar”.

Isso não pegou muito bem. *Ninguém* recusava o *Top of the Pops*! A CBS e os empresários ficaram horrorizados com a nossa postura e imediatamente armaram um conversa mole para nos convencer a mudar de opinião. Será que nós não tínhamos *ideia* do quanto isso poderia impulsionar *British Steel*? Eles garantiriam que os produtores ficassem cientes da nossa situação. Sairíamos de lá, no máximo, às 6h da tarde em ponto.

Aquilo não ia acontecer de novo. Promessa.

Foram completamente resolutos e nós, contra nossos instintos, caímos na lábia deles. *OK, OK! Vamos fazer!* No dia 27 de março de 1980, retornamos ao BBC Television Centre.

E aconteceu tudo de novo.

Foi um pesadelo total. Aconteceu exatamente a mesma história da outra vez: produtores tronchos correndo de um lado para o outro, falhas técnicas, horas e mais horas de espera no camarim, depois preocupação, depois o pânico à medida que íamos perdendo a cabeça.

Como é que isso pode estar acontecendo de novo? Quem podemos demitir? Quem podemos MATAR?

Foi ainda pior do que da outra vez, porque só conseguimos sair de Shepherds Bush às 9h da noite. Quando chegamos ao Birmingham Odeon, já eram 23h – horário em que deveríamos *sair* do palco. *Merda!*

Quando nosso carro estacionou ao lado da casa, alguns fãs do Priest estavam ali fora fumando. Vieram para cima de nós com os dois pés.

“Ah, aí estão vocês, *caralho*! Já era hora!”

“Essa é a segunda vez que vocês fazem isso com a gente! *A segunda!*”

“Vocês não se importam com os fãs – acham que a porra do *Top of the Pops* é mais importante do que nós!”

Tudo o que pudemos fazer foi nos desculpar repetidas vezes e nos sentir uns merdas. Naquele exato momento, determinamos uma regra da banda: nunca mais iríamos ao *Top of the Pops* num dia em que houvesse show, regra essa que nunca quebramos.

Quando *British Steel* saiu, duas semanas depois, foi recebido com as melhores críticas que tivemos até então. E não foram só os críticos que gostaram. Na semana de lançamento, o disco disparou na parada de álbuns... e chegou à quarta posição.

Uau! Por *essa* não esperávamos! Pensamos que talvez o álbum pudesse ter um bom desempenho, mas isso superava todas as expectativas! Com os olhos grudados na parada na *Melody Maker*, atentei para os artistas que nos faziam companhia no top 10: Genesis, Status Quo e, hum, Boney M. Não havia engano, estávamos na primeira divisão.

Isso abriu portas para muitas experiências novas – uma das quais foi gravar clipes. Depois que “Living After Midnight” quase chegou ao top 10, a CBS lançou “Breaking the Law” na sequência e nos pôs em contato com Julien Temple para dirigir o clipe.

Temple já havia feito um clipe ao vivo de “Living After Midnight”, mas era mais associado ao punk. Fez “God Save the Queen”, dos Sex Pistols, e acabara de trabalhar no longa-metragem deles, *The Great Rock ‘n’ Roll Swindle*.

Um pouco como Tom Allom, Julien era sofisticado, sabia exatamente o que estava fazendo e era um excelente parceiro de trabalho. Apresentou-nos um *storyboard* para “Breaking the Law”: seríamos foras da lei e roubaríamos um banco armados com nada além de nossas guitarras velhas de guerra e do poder do metal.

Era fantástico. Julian me filmou dublando o vocal no banco traseiro de um Cadillac conversível marrom que percorria a Westway até Londres, e então colocou a banda, munida de guitarras feito metralhadoras, para aterrorizar clientes num Barclays Bank desativado no Soho.

Gravar o clipe reacendeu toda aquela chama dramática que me levou ao Wolverhampton Grand em primeiro lugar. Fui bem exagerado, sem medo de ser cafona – exagero com um toque adicional de breguice!

Enquanto “Breaking the Law” pairava pouco acima do top 10 – que inferno, isso estava virando hábito! –, fizemos uma série de shows na Europa na primavera. Não era difícil deduzir qual parte do continente amava mais o Priest. Fizemos onze shows; nove deles foram na Alemanha.

As coisas estavam indo muito bem em casa, mas mesmo a essa altura eu era capaz de presumir que os EUA seriam o lugar mais significativo para nós em termos de sucesso. Os shows em teatros agora davam lugar aos shows em arenas, e *British Steel* seguiu o rastro de *Unleashed in the East* e chegou ao top 200 da *Billboard*.

Voamos para lá para dez semanas de shows naquele verão – o que me deu a chance de saciar uma das minhas proclividades sexuais mais ousadas.

Em 1980, eu me encontrava num momento muito estranho. Adorava fazer parte do Priest mais do que nunca; tínhamos gravado um álbum que eu considerava genuinamente uma obra-prima; nosso sucesso estava ficando sério em ambos os lados do Atlântico. Não havia como a nossa carreira ir melhor.

Porém, longe dos discos de ouro e dos shows lotados... todas as noites, quando eu apagava a luz e caía (trêbado, sempre trêbado) na cama em mais um quarto de hotel anônimo, ou (de vez em quando) no meu quarto, no Yew Tree Estate, me sentia frustrado e infeliz. E sozinho.

Fazia cinco anos desde o meu relacionamento com Jason. Com exceção de uma pegação rápida e aleatória aqui e ali, passei esse tempo todo sozinho... não apenas *sozinho*, mas forçado a suprimir meus desejos, minhas necessidades, *a mim mesmo*. Tinha de viver uma mentira sufocante, ou então acabar com a banda que eu amava.

Ao passar pela porta daquele quarto, eu era Rob Halford do Judas Priest, epítome de macho e deus do metal emergente. Dentro do quarto, eu era Robert John Arthur Halford, um triste rapaz do Black Country, de vinte e tantos anos, que ansiava pelo fruto proibido da companhia masculina.

Para mim, era impossível ter um parceiro como as pessoas não famosas, heterossexuais e *normais* – era *disso* o que eu sabia. O máximo que eu poderia esperar eram

encontros casuais ocasionais com estranhos. E era hora de eu ir à caça.

Os primeiros dez shows nessa turnê pelos EUA foram, mais uma vez, no Texas. Eu estava ansioso para nossas apresentações como *headliners* no Will Rogers Auditorium, em Fort Worth, no Austin Opera House e no El Paso County Coliseum, e igualmente ansioso para visitar alguns banheiros de postos de gasolina nas estradas do Texas.

Nos EUA, os banheiros desses postos de gasolina, paradas de caminhão, são territórios de caça para homens gays à procura de encontros sexuais casuais. Os caras americanos "caçam" por essas paradas porque elas são afastadas, a uma distância segura de seus amigos ou (quase sempre) de suas esposas e famílias. Há poucas chances de serem vistos ou reconhecidos.

Há menos chance ainda se você nunca vir o rosto do cara que você está chupando ou que está te chupando! Perambular pelos banheiros é a foda sem zíper definitiva, para usar o termo de Erica Jong. Na época, devia ser impossível ser gay no viril estado do Texas, por isso que – segundo li no *Bob Damron's Address Book* – as paradas de caminhão lá eram especialmente movimentadas.

De romântico não tinha nada... mas eu sentia que era a melhor opção que se apresentava a mim. Era, na verdade, a *única* opção.

Por meio de tentativa e erro e das minhas visitas furtivas ao banheiro público ao lado da British Home Stores, em Walsall, aprendi o ritual. Primeiro, você acha um cubículo com um *glory hole* – um pequeno buraco entre dois

cubículos, na altura da virilha. Depois, tranca a porta, se senta na privada e espera.

Espera, espera, depois espera um pouco mais. Em algum momento, um cara vai chegar e entrar no cubículo ao lado. Você espera alguns segundos até que ele se sente, e então bate com o pé no chão. Bem suavemente.

TAP-TAP-TAP.

Em geral, não há resposta. Porém, se o outro cara fizer o mesmo – TAP-TAP-TAP –, você aproxima o pé do cubículo dele e repete as batidas. Se isso acontecer três ou quatro vezes, seus pés irão se tocar sob a divisória. *Aí então* está rolando.

Você se levanta e coloca o pau pelo *glory hole*. O outro cara pega, te deixa duro e te chupa. Depois que você goza, ele coloca o pau dele pelo buraco e você faz o mesmo.

É preciso ficar em silêncio ao longo de toda a transação (e, acredite, se trata de uma transação). Transeuntes podem entrar no banheiro inocentemente para fazer xixi a qualquer momento. Se isso acontecer, você congela, para evitar levantar suspeitas. E reza para não ser um policial.

Há um código de etiqueta. Depois de se chuparem, você fica no seu cubículo até que o outro cara saia, lave as mãos e vá embora. É o máximo de contato humano que não envolve absolutamente nenhum contato humano real.

Mas cavalo dado não se olha os dentes...

Naquela turnê, quando o Priest parava num desses postos para almoçar, eu já corria para o banheiro. Não sei se o resto da banda sabia das minhas intenções, talvez houvesse suspeitas. Eu nunca dizia nada; eles nunca perguntavam. Como bons companheiros, me davam espaço.

À noite é quando rola mais ação nesses lugares, e uma ou duas vezes eu tomei um táxi até um posto depois de um show do Priest. Enquanto os outros caras tomavam cerveja no *backstage* (ou pegavam alguma das muitas groupies), eu dava uma desculpa que iria voltar para o hotel... e saía pela noite.

No táxi, eu pensava em como os fãs do Priest que tinham acabado de me ver imponente pelo palco ao conduzir um coro massivo em "Take on the World" ficariam atônitos se soubessem o que eu estava a caminho de fazer. *Por favor, Deus, que eles nunca descubram.*

Quando chegava aos postos, me sentava numa das privadas frias, com o coração acelerado, no meio do nada. Geralmente, nada acontecia e eu ia embora. Porém, de vez em quando, só de vez em quando, alguém se sentava no cubículo ao lado. Outro pobre sodomita, na mesma busca solitária que eu.

TAP-TAP-TAP.

Quando acontecia... *era um negócio e tanto.* Não era um alívio emocional, mas pelo menos físico era. E parecia ser a única coisa pela qual eu poderia esperar.

A turnê americana de *British Steel* foi bem boa. Lotamos todos os lugares e os shows foram fantásticos. Criamos um bom vínculo com o Def Leppard, que tocou conosco nos últimos shows. Os Scorpions também dividiram o palco conosco e foram ótimas companhias.

Na época, o Priest tinha um assessor de imprensa britânico chamado Tony Brainsby, que era muito engenhoso quando se tratava de conseguir cobertura da imprensa.

Sempre tinha algumas ideias e bolava algumas histórias que rendessem matérias, e não se preocupava muito com a veracidade delas.

Durante a turnê de *British Steel*, Tony sugeriu plantar nos jornais uma história de que eu tinha feito um filme pornô. Achei meio tolo. O álbum e a turnê estavam indo tão bem, que não me parecia que precisávamos de *hype* algum. Mas fui na onda: “OK, pode soltar, vai...”.

Tony plantou o boato, mas o único jornal que o publicou foi o *News of the World*, extinto tabloide sensacionalista de domingo... e, infelizmente, publicação que meus pais liam desde que eu era garoto.

Onde quer que estivesse no mundo, eu sempre ligava para os meus pais aos domingos. Havia me esquecido completamente da história inventada por Tony no domingo em que liguei para casa de algum lugar do Meio-Oeste dos EUA.

TRIM! TRIM! Meu pai atendeu.

“Oi, pai! É o Rob!”

“Olá.” Ele soou estranhamente seco e brusco.

“O que foi? Você está bem, pai?”

“*Eu* estou, sim. Já sua mãe, não.”

“Por que não?”

“O *News of the World*.”

A ficha ainda assim não caiu. “Hein? O que tem?”

“Seu filme pornô.”

Ah, caralho! Meu pai me explicou que ele e mamãe abriram o jornal e deram de cara com minhas supostas estripulias proibidas para menores. Minha mãe começara recentemente a trabalhar meio período numa escola da

cidade e estava morrendo de medo de encarar as colegas no dia seguinte.

“Eu não fiz nada disso!”, garanti. “Essa desgraça é tudo invenção!” Acho que meu pai acreditou em mim, porque, depois de trinta anos de leitura assídua, eles nunca mais compraram o *News of the World*. Então essa história rendeu pelo menos *alguma* coisa boa.

O Priest encerrou o ano com um último festival de rock pesado em Nuremberg... e, depois disso, eu sabia exatamente do que precisava. *De férias.*

As únicas pessoas com quem eu podia ser gay abertamente eram Michael, Nick e Denise, na casa na Larchwood Road. Naquele verão de 1980, Michael conquistou um trabalho como recepcionista num hotel em Mykonos, a ilha grega aonde os gays iam em busca de sol, mar e sexo. Decidi viajar para lá e me juntar a ele.

Passei uma noite em Atenas antes de pegar o barco para Mykonos, então fui a um bar gay sobre o qual tinha lido. Eu tomava um drinque num canto do lugar absolutamente abarrotado quando, na minha direção do outro lado do bar, vi... Freddie Mercury.

Pode parecer esquisito, mas, embora Freddie fosse um herói, eu tinha sentimentos mistos em relação a ele. “Crazy Little Thing Called Love” acabara de se tornar um grande *hit* para o Queen e, no clipe, Freddie aparece de moto, vestido todo de couro preto, e arremessa o quepe de motoqueiro. Isso me deixou com a pulga atrás da orelha: será que ele estava me imitando?

Eu ainda havia lido uma ou duas entrevistas em que perguntavam ao Queen se eles eram uma banda de heavy

metal e Freddie respondera que não. Isso me incomodava. Hoje, soa ridículo da minha parte, e de fato *é*, mas eu estava com isso na cabeça quando me deparei com ele.

Freddie me viu do outro lado do bar e acenou para mim com uma piscadinha. Eu gostaria de ter ido até lá conversar com ele, mas era impossível se mover naquele lugar e, para ser sincero, fiquei nervoso. Quando consegui juntar coragem, ele já tinha ido embora.

Michael e eu nos divertimos muito em Mykonos. Todos os dias, eu pegava um barco para a Super Paradise, uma praia nudista gay. Era um trajeto de apenas 15 minutos, mas todos os caras gostosos já tiravam a roupa ainda no barco e ficavam como vieram ao mundo. Eu achava que tinha *mesmo* morrido e ido para o Superparaíso!

Vi Freddie de novo na praia. Era meio difícil não vê-lo: tinha um iate grande, decorado com balões cor-de-rosa, e com ele circulava a ilha, cercado por um punhado de gays sarados de fio dental no convés, como cortesãos. *Maravilhoso!*

Freddie Mercury depois cantaria que queria se libertar – *I want to break free*. A julgar pelo que acontecia no barco, calculo que ele estava fazendo um ótimo trabalho nesse sentido.

De volta a Walsall, quis comprar uma casa nova para os meus pais, que já moravam no Beechdale Estate há quase trinta anos. Minha mãe, em especial, estava cansada daquele lugar e queria ir embora dali. Não é que ela o detestasse: só achava que uma mudança seria boa.

Por meio de agentes imobiliários locais, achei um lugar bacana na Birmingham Road, ao lado do Arboretum, na

parte chique de Walsall. Sue e eu dissemos aos nossos pais que íamos levá-los para um passeio de carro numa tarde de domingo, no carro de Sue, e paramos na frente da casa.

"Vocês gostam dessa casa aí à venda?", perguntei.

"Sim!", respondeu mamãe. "É adorável, não?"

"Bem, eu gostaria de comprá-la para vocês", falei. "É sua, se vocês quiserem."

Ambos me fitaram horrorizados e balançaram a cabeça. "Não seja tolo, Rob!", disse mamãe. "Não vamos te deixar fazer *isso*!" Meu pai foi igualmente categórico, era um homem orgulhoso. Do ponto de vista dele, o certo era ele prover para os filhos, e não os filhos proverem para ele.

"Mas vocês cuidaram *de mim* por vinte anos – quero fazer algo por *vocês* agora!", argumentei. Eles não quiseram saber. Sue e eu os levamos de volta à Kelvin Road e lá tomamos um chá. *Continua nos próximos capítulos*, pensei...

Porém, se meus pais não iam me deixar comprar uma casa para eles, eu poderia pelo menos comprar uma para mim. Eu já vivia a vida peripatética de um músico profissional há seis anos. O estilo de vida transitório que pareceria extravagante e estranho para noventa por cento da população se tornara rotina para mim:

Semanas dentro de um estúdio. Dias de entrevistas. Meses e mais meses vivendo com tudo dentro de uma mala (ou, no meu caso, de um baú), dormindo em hotéis ou num ônibus e cruzando o planeta, com toda a loucura que vem com isso. Poucos dias de folga. Semanas dentro de um estúdio...

Para então repetir.

Isso não era uma reclamação. Era a vida que eu sempre quis, e ainda me sentia como um missionário a espalhar a palavra do metal. Porém, de fato me ocorreu que poderia ser legal passar meus poucos e raros dias de folga em algum lugar que não apertado num quarto pequeno numa casa compartilhada num conjunto habitacional.

Eu adorava Nick, Michael e Denise e o período em que morei com eles foi fantástico. Dividir uma casa com outros dois caras gays salvou a minha vida, na época em que fui mais inseguro e vulnerável em relação a mim mesmo e à minha sexualidade.

Mas agora, depois do sucesso de *British Steel*, eu começava a receber cheques cujas quantias eram o máximo de dinheiro que eu já tinha visto na vida. Isso não subiu à minha cabeça e eu não fiquei maluco, tampouco via necessidade de continuar a viver como um estudante que não tem um tostão.

Assim como qualquer um, eu gostava da ideia de ter meu próprio lugar, onde eu pudesse me esticar e relaxar nas horas livres. Certo dia, logo depois que voltei de Mykonos, Nick chegou em casa do trabalho e me disse: “Acabei de ver uma casinha adorável à venda. Gostaria de poder comprá-la, mas acho que vai te agradar”.

Pegamos o carro dele e fomos dar uma olhada. Era um lugarzinho bem bonito, uma antiga e discreta cocheira, escondida atrás de uma cerca, numa região OK, a cerca de 10 minutos a pé do centro de Walsall. Precisava de um bom trato, mas, bem, pelo menos agora eu tinha algum dinheiro.

No momento que vi a casa soube que ia comprá-la, e comprei-a, por 30 mil libras em dinheiro. Foi um bom

investimento? Bem, quarenta anos depois, eu ainda passo um bom tanto do ano vivendo lá. Então, sim, acho que foi, sim.

Era certo que eu compraria uma casa em Walsall. A ideia fugaz de comprar um lugar em Londres passou pela minha cabeça, porque eu passava muito tempo lá a trabalho *e* diversão, mas a espantei rapidamente.

Walsall era a minha origem, era onde minha família vivia e era onde eu queria estar. *A onde eu pertencia.* Simples assim.

a Talvez ele esperasse que as pessoas olhassem para a lareira e dissessem: “*It’s a ring – oh!*”.

b Por que o App de encontros gay nunca pediu para usar essa música em seus anúncios está além da minha compreensão.

32 “Lá estava eu, completamente bêbado, sem trabalho e triste / Tudo o que sinto é frustração, enquanto vago de cidade em cidade / Sinto-me como se ninguém se importasse se vou viver ou morrer.”

33 “Moedor, à procura de carne...”

c Preciso muito devolvê-lo um dia.

10

Quando eu chegar a Phoenix...

Era hora de começarmos a trabalhar no sucessor de *British Steel*, e, dessa vez, o processo seria bem diferente. Em outubro de 1980, o Priest partiu para o popular destino de veraneio de Ibiza, uma das Ilhas Baleares, onde se reuniu ao “Coronel” Tom Allom, no Ibiza Sound Studios.

Isso se mostraria um erro – e, se devo ser franco, em retrospecto, acho que deveríamos ter voltado à propriedade de Ringo. Em Tittenhurst Park, botamos a mão na massa e nos focamos em fazer o melhor álbum possível. Em Ibiza, havia distrações demais.

A ilha ainda não havia se tornado o polo de *Balearic beat*, acid house e ecstasy, e ainda era basicamente o retiro hippie sossegado que foi desde os anos 1960. Porém, lotava de turistas e havia bares e clubes de sobra abertos a noite toda.

Não sei se todos da banda concordariam comigo, mas, para mim, o Priest perdeu a mão na produção do álbum que

viria a ser *Point of Entry*, e perdeu feio. Vínhamos na sequência de um grande disco e tínhamos de fazer algo igual ou até melhor, e simplesmente não fizemos.

Tínhamos meio que uma agenda para compor, e nos juntávamos a Tom no estúdio à tarde ou à noite, mas parecia que a coisa mais importante era terminar logo e cair no centro de Ibiza para encher a cara – e nós certamente fizemos isso bastante.

Havia pequenos bares perto do estúdio, mas nove de cada dez vezes acabávamos na Pacha. A enorme casa noturna bombava sete noites por semana e, se tivéssemos um cartão-fidelidade, o teríamos enchido facilmente.

Quando voltávamos da noitada para a *villa*, trançando as pernas, o Sol já havia nascido. Minha insônia estava piorando, então eu pedi um quarto nos fundos do complexo, longe da área social. Consegui, embora o cômodo não fosse muito maior do que um armário.

Infelizmente, também ficava bem ao lado da piscina! Eu caía na cama de manhãzinha cedo, trêbado, e rolava de um lado para o outro na tentativa de conseguir algumas horas de sono raso e suarento. Acordava de supetão, despertado pelo resto da banda e a nossa equipe rindo e pulando na piscina.

Que porra é essa?! Estou tentando dormir! Seus desgraçados egoístas e barulhentos...!

Olhava para o despertador e já eram 4h da tarde.

Havia outras distrações. Alugávamos motos de trilha Bultaco e, nelas, desbravávamos as colinas e montanhas da ilha. Quase perdemos para sempre um dos membros da nossa equipe quando ele sofreu um acidente feio.

Alugamos carros e ficamos obcecados por tentar mudar de marcha sem pisar na embreagem. Não surpreendentemente, eles sempre morriam e nós sempre tínhamos de devolvê-los e trocá-los. Assim seguimos, até que, um dia, o dono da locadora de carros apareceu na nossa *villa*.

“Chega de carros! Chega de carros para vocês!”, gritava ele para nós, sentados numa mesa bebendo cerveja à beira da piscina.

“Hein? Por que não?”

O cara trazia um envelope, que então abriu e despejou o conteúdo na mesa. Uma pilha de poeira cinza que parecia amianto. Era o componente importante para a troca de marcha dos carros e nós o havíamos reduzido a flocos de pó metálico.

“Por causa disso!”, ele proclamou. Era difícil argumentar contra aquilo.

Não podíamos culpar o cara por perder a cabeça. Depois de uma longa bebedeira, Ian havia jogado acidentalmente um dos carros dele numa lagoa profunda ao lado da *villa*. O automóvel ficou lá por uns dois ou três dias até que o pobre sujeito viesse içá-lo.

De algum modo, do meio desse pandemônio surgiu um álbum. Há lá seus momentos. Ainda gosto de “Heading Out to the Highway”, um hino de motoqueiros dos bons. “Desert Plains” e “Hot Rockin’” meio que funcionam. Mesmo sem nos esforçar muito, ainda topávamos com nosso *mojo* de vez em quando.

Porém, muitas das músicas ficaram abaixo da média. Devíamos ter evoluído a partir do sucesso de *British Steel*,

mas hoje, ao se ouvir faixas como “Don’t Go”, “You Say Yes” e “All the Way”, nota-se uma boa queda em termos de qualidade. Acho que meio que sabíamos disso na época... mas deixamos por isso mesmo e só fomos levando.

Estávamos concluindo o álbum no início de dezembro quando ficamos sabendo do assassinato de John Lennon. A notícia me abalou muito. Revivi com força todas aquelas horas que passei na adolescência no meu quarto na Kelvin Road explorando o Álbum Branco.

Não! Por quê? Que tipo de imbecil mataria um dos Beatles?

Não sabia como processar meu luto, então subi no terraço do estúdio sozinho... e a coisa mais estranha aconteceu. Uma minitempestade se formou no horizonte e desapareceu assim que surgiu, e um arco-íris apareceu bem acima do estúdio.

Ora, não vou ser besta a ponto de dizer que foi uma mensagem de John Lennon para mim, mas o que importa é que pareceu isso. E talvez a mensagem fosse:

Da próxima vez, faça um álbum melhor, caramba!

Point of Entry é o Priest no piloto automático. Até o título e a capa são meia-boca. Que porra *significa* “*Point of Entry*”? Dei a maioria dos títulos dos álbuns do Priest, e nem consigo *me lembrar* de como inventei esse! A capa com uma asa de avião[34] é horrível também, uma imitação barata de Pink Floyd.

Não fui embora de Ibiza achando que o nosso novo álbum era um desastre, mas só sabia que não estava sentindo a mesma satisfação de quando terminamos *British*

Steel. Não havíamos dado um passo adiante, mas sim para trás.

Point of Entry foi lançado em fevereiro de 1981 e recebeu as resenhas que merecia: foi considerado abaixo da média e levemente decepcionante. E então nós partimos em turnê para levá-lo ao redor do mundo ao longo do ano.

O Saxon foi a banda de abertura no primeiro braço europeu da turnê que chamamos de *World Wide Blitz*. Eram caras de Barnsley, enérgicos e pés no chão, como uma versão nossa de Yorkshire, e estabelecemos uma amizade forte com eles que perdura até hoje.

Quando saltamos para os EUA, começamos no Meio-Oeste, onde, a essa altura, já era de costume tocarmos em arenas com capacidade para 8 mil a 10 mil pessoas: um centro de convenções aqui, um auditório cívico ali. Não deixamos esse tipo de lugar nos subir à cabeça, e era raro não ver um letreiro que dizia CASA CHEIA nos shows.

Nossos empresários nos aconselharam de que precisávamos arrumar um segurança. Ficamos bem contentes com isso: *Legal! Somos grandes o bastante para precisar de segurança!* Disseram-nos que um cara chamado Jim Silvia, ex-policial nova-iorquino com contatos no serviço secreto, nos acompanharia.

Fomos instruídos a encontrá-lo no bar do hotel às 7h30min da noite. Entornávamos algumas cervejas e olhávamos ao nosso redor à procura de algum gorila em trajes de combate quando um sujeito baixinho e bem aprumado, de terno, se aproximou timidamente.

“Vocês são o Judas Priest, certo?”, perguntou, com o sotaque mais nova-iorquino que eu já tinha ouvido. Ele

soava como se tivesse sido dragado do fundo do Rio Hudson.

Não era o que estávamos esperando, mas nos demos bem com Jim Silvia logo de cara. Depois que ele se juntou a nós, passou rapidamente de segurança a *tour manager*, e nos conduzia com pulso firme. Faria parte da família Judas Priest pelos próximos trinta e cinco anos.

Depois de um mês de turnê, no começo de junho, o Iron Maiden se juntou a nós como banda de abertura, para total deleite de Ken. O primeiro show deles conosco foi no Aladdin Theatre, em Las Vegas, cidade que nunca havíamos visitado, e cujo mau gosto gritante e pomposo nos deixou embasbacados.

Antes de partirmos da Inglaterra, comprei uma filmadorazinha barata, de plástico, na Argos de Walsall. Enquanto nosso ônibus passava pela Vegas Strip, registrei imagens das fontes de neon e dos enormes letreiros que anunciavam os ícones *old school* que agraciaram os teatros dos cassinos: Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr...

Óbvio que o Judas Priest se sentia *muito* em casa com essas companhias. E, em algum lugar, ainda tenho o cartucho com essa filmagem granulada. Preciso assisti-la de novo um dia desses.

De Vegas, passamos a noite no ônibus a caminho de Phoenix, onde tocaríamos no dia seguinte. Chegamos na cidade às 4h da manhã, porém, ainda fazia 37 graus lá fora. Phoenix é um lugar notoriamente árido no verão e, ao descer do ônibus na madrugada, o calor se abateu sobre mim como se eu tivesse entrado numa sauna ou ligado um secador de cabelo bem na minha cara.

Que inferno! Era inacreditável. Na manhã seguinte, acordamos no ônibus no Valley, diante de uma vista insana de montanhas, deserto e cactos gigantes, com um coral grandioso e invisível de grilos como trilha sonora. Nessa época, eu já conhecia uma boa parte dos EUA, mas *isso* era algo diferente e muito especial.

Nesse exato momento, tive uma espécie de *click*. Num nível estranho e instintivo, senti que aquela cidade e aquele estado continuariam a me chamar de volta por muitos anos. Na hora, não havia como saber o quão certo eu estava...

Naquela tarde, o Priest tinha uma sessão de autógrafos numa loja antes do nosso show no Arizona Veterans Memorial Coliseum. Esse tipo de evento já era rotineiro para nós e, como sempre, nos sentamos lado a lado numa mesa longa para conversar com os fãs e autografar discos, camisetas, braços e qualquer coisa que pedissem.

Enquanto Jim Silvia mantinha os fãs em ordem, a fila andava e chegou a vez de um cara que me entregou um exemplar de *Sin After Sin*. Enquanto eu o autografava, ele se debruçou sobre a mesa e sussurrou no meu ouvido: “Essa música ‘Raw Deal’, desse disco, é sobre caras gays?”.

O quê?! Essas palavras me atingiram como uma martelada. Será que esse cara tinha ouvido minha música de desabafo gay, uma música sobre perambular pela Fire Island, e sacou o que todos os fãs e críticos deixaram passar batido quatro anos antes?! Será que, pela primeira vez, eu havia feito uma conexão com um gay americano?

Olhei para ele. Era alguns anos mais jovem do que eu, talvez tivesse uns vinte e poucos, rústico, bonito, com um brilho no olhar. E esperava uma resposta.

“Hum... por que você não dá um tempo por aqui, e eu converso contigo depois?”, sugeri.

Foi o que ele fez. Ficou na área e, depois que o Priest passou o som, foi até o nosso hotel para bater um papo no bar. Seu nome era David Johnson, havia se mudado da Califórnia para Phoenix e trabalhava numa loja de ferramentas.

Gostei de David logo de cara. Além de ser bonito, daquele jeito tipicamente americano, era inteligente, engraçado e interessante. No bar do hotel, nos demos bem e eu disse que ele estava certo em relação a “Raw Deal”. Voltei a vê-lo depois do show.

David era atlético e me disse o quanto adorava jogar baseball. Não soube dizer se ele era gay ou não, mas nossa conversa parecia ter um quê de flerte bastante evidente e, na cara de pau, pedi uma lembrança para me recordar dele.

Fui bem específico, inclusive: “Que tal uma *jockstrap*?”[35], sugeri (eu tinha um certo fetiche por elas na época). Na manhã seguinte, antes de o ônibus da banda partir para El Paso, David apareceu no hotel. Parecia meio desajeitado e, talvez, envergonhado, mas, quando não havia ninguém olhando, me passou uma *jockstrap* no elevador.

Aha! Ora, ISSO parecia promissor...

David e eu mantivemos contato e trocamos cartas enquanto a turnê seguia para o sul e, depois, para o leste, rumo a Nova York. Nossa correspondência não era íntima, mas era calorosa, afetuosa e cativante. Definitivamente tínhamos nos conectado.

Continuamos a nos comunicar depois que a turnê acabou e eu retornei a Walsall, para me instalar na minha nova

casa. Passei a ansiar a chegada dos envelopes de David, que vinham de avião, com sua caligrafia distinta, na minha caixa de correio.

Um assunto sobre o qual eu sempre escrevia para ele era como eu ficara assombrado com Phoenix e me apaixonara pelo clima abafado e pelas paisagens insanas, incandescentes, quase lunares. Uma das respostas dele me fez travar: “Por que você não vem morar aqui, então?”.

Naquela época, eu costumava ser bem impulsivo, e assim que li a sugestão de David, aquilo me pareceu de um bom senso absoluto.

Sim, por que não?

Eu adorava a cidade e os EUA. O Priest estava ficando maior por lá, e uma base no país viria a calhar. Eu tinha o dinheiro para isso, seria uma experiência ótima... e se rendesse um romance propriamente dito com David, melhor ainda!

Mudar-se para o outro lado do Atlântico num piscar de olhos pode soar radical para muita gente, mas, na época, eu viajava tanto, semana após semana, que um voo para os EUA parecia tão rotineiro quanto um ônibus para Birmingham. Eu não via como imigração: poderia dividir meu tempo entre os dois lares.

Claro, OK, escrevi para David. *Vamos nessa!*

Ele se ofereceu para me ajudar a achar um lugar e não demorou muito até me ligar e dizer que achou uma casa bacana na região norte de Phoenix. Ele cuidaria dos trâmites e deixaria o lugar pronto para quando eu pudesse viajar, dali a algumas semanas.

Demais! A todo vapor! Sempre fui um cara muito pé no chão, mas, por alguns dias, fiquei flutuando numa névoa de felicidade. Havia ali o potencial para uma vida nova e fantástica – uma bela casa de época em Walsall, uma casa (e talvez um homem?) em Phoenix, e eu pularia entre uma e outra a 35 mil pés de altitude sempre que tivesse vontade. Parecia uma ideia exótica e sofisticada.

No final de 1981, a turnê *World Wide Blitz* se encerrou com shows na Grã-Bretanha e na Europa. Parecia que o Priest e todas as bandas de heavy metal sempre faziam turnês nas profundezas mais obscuras e densas do inverno. Talvez fosse a época em que a música soasse melhor e fizesse mais sentido.

Os shows na Grã-Bretanha foram bons, tocamos duas noites no Birmingham Odeon, ambas *firmemente* pontuais, e duas no Hammersmith. O braço europeu também foi ótimo, especialmente agora que enchíamos casas de tamanho considerável não só na Alemanha.

Ao longo disso tudo, porém, no fundo, eu mal podia esperar para começar minha aventura em Phoenix. As cartas de David continuavam afetuosas e ele me enviou fotos da casa, que parecia muito estilosa. Ao final da turnê, em meados de dezembro, voei para os EUA.

Foi ótimo. Pelo menos no Natal o Arizona não era tanto como uma sauna gigante, e a casa era tão elegante quanto David a descrevera. Era um sobrado com dois cômodos no térreo e dois quartos no andar de cima, num bairro bem legal chamado Tapatio Cliffs. Parecia um lugar onde eu poderia viver bem feliz.

As coisas com David não se desenrolaram exatamente como eu esperava. Ele ainda era amigável e nós nos demos bem. Eu ia visitá-lo e ele passava bastante tempo na minha casa. Quando tomávamos umas a mais, ele dormia lá e chegamos a acabar na cama juntos uma ou duas vezes, embora não tenha acontecido muita coisa nela.

E daí? Por mim, tudo bem quanto a isso... por ora, pelo menos. A verdade é que acho que eu estava apaixonado por David, que era justamente o meu tipo de cara. Eu me sentia contente, nos divertíamos muito juntos e, se ele quisesse ir devagar, por mim, tudo bem. Tínhamos todo o tempo do mundo para que as coisas avançassem, à medida que e quando nos sentíssemos prontos.

Em todo o caso, não passamos mais do que um mês juntos naquela primeira viagem a Phoenix – porque era hora de o Priest voltar ao estúdio para colocar nossa carreira discográfica de volta nos trilhos.

34 *No Brasil, assim como nos EUA, no Canadá, na Austrália, no Japão e em Hong Kong, o disco foi lançado com uma capa diferente, que mostra um rolo de papel de impressora simulando uma estrada. A capa concebida originalmente e lançada no Reino Unido, na Europa, no México e na maior parte da América do Sul traz uma asa de aeronave com o horizonte ao fundo.* (N. do T.)

35 Jockstrap *é uma espécie de cueca para atletas, cujo intuito é proteger os testículos e o pênis durante as atividades esportivas.* (N. do T.)

11

Adoro um homem de uniforme

Em janeiro de 1982, o Priest voltou a se reunir com o "Coronel" Tom no Ibiza Sound Studios. Dado o trabalho preguiçoso que fizemos em *Point of Entry*, retornar a Ibiza poderia ser um caso de voltar à cena do crime. Dessa vez, porém, seria diferente.

Sabíamos que havíamos perdido o foco em *Point of Entry* e não íamos deixar isso acontecer de novo. Não que tenhamos vestido um cilício: ainda nos divertimos de sobra em Ibiza. Dessa vez, entretanto, só caíamos na farra à noite, sabendo que, antes, havíamos cumprido um bom turno de trabalho no estúdio.

Nosso plano deu certo. A gravadora vinha enfatizando que estávamos a um passo de nos tornar de fato muito grandes nos EUA. Se fizéssemos um álbum que os fãs americanos apreciassem e com que se identificassem, os EUA seriam uma mina de ouro à nossa disposição.

Foi exatamente o que fizemos com *Screaming for Vengeance*. Tom deu uma estralada no chicote (esse era o meu trabalho em cima do palco, e o de Tom fora dele!) e nos concentramos nas letras e nas músicas tanto quanto em *British Steel*. Mandamos ver na labuta e as canções deram muita liga.

A faixa-título foi uma das primeiras a ficar pronta. Eu gostava da ideia de uma música que fosse um uivo de desgosto diante de um planeta mercenário e corrompido:

> *We are screaming for vengeance,*
> *The world is a manacled place*[36]

Ken e Glenn conjuraram uma tempestade de *riffs* nessa faixa, e bem no final Glenn faz algumas acrobacias furiosas na alavanca, que soam absolutamente fantásticas. Foi pura sorte, porque nem foi intencional. Mesmo em janeiro[37], Ibiza estava infestada de pernilongos, e Glenn ouviu aquele zumbido infernal se aproximando enquanto ele terminava de gravar a música. Todas aquelas alavancadas mágicas inspiradíssimas são, na verdade, Glenn se contorcendo, na tentativa de não ser picado.

Depois de gravarmos a maior parte do álbum em Ibiza, nos realocamos para um estúdio na Flórida, onde Tom Allom agora morava, para finalizá-lo e mixá-lo.

Demos uma brincada com uma música chamada “You’ve Got Another Thing Comin’” em Ibiza, mas não chegamos a acertá-la na mosca. Ficou enterrada no lado B do disco. Tratava de alguns temas clássicos do Priest, como determinação, não desistência e a crença em si mesmo, e,

ao voltarmos a ouvi-la sob o Sol da Flórida, percebemos que havia mais ali do que pensávamos. “Hmm... É uma música muito boa *para dirigir*, não é não?”

Enquanto terminávamos o álbum na Flórida, fiz amizade com Yul Vazquez e sua namorada, Gigi Fredy. Yul viria a se tornar ator de Hollywood e apareceria em grandes filmes, como *O Gângster*, mas, na época, tocava numa banda da região, chamada Roxx, que contava com alguns covers do Priest no *set*.

Eu terminava de gravar nas primeiras horas da madrugada e então ia para um clube de rock, o Treehouse, em Fort Lauderdale. O lugar lotava lá pelas 3h da manhã, depois que as casas de strip fechavam e as garotas iam todas para lá. O Roxx tocava e eu subia no palco para mandar músicas do Priest com eles.

Eu ficava *muito* bêbado no Treehouse. Minha especialidade, meu truque de festa, era pegar os sapatos de salto alto de Gigi ou das strippers e entornar cerveja ou champanhe de dentro deles. O lugar fechava às 6h da manhã, e eu ficava até a última gota. Acho que a pobre Gigi nunca voltou para casa com os pés secos.

Quando finalizamos *Screaming for Vengeance*, achamos o disco avassalador: poderoso, curto e lapidado para ter o máximo de impacto da primeira à última faixa. Era coerente e coeso, basicamente o álbum que deveríamos ter feito depois de *British Steel*.

A imprensa musical concordou e alongou os pulsos para nos aplaudir e laudar *Screaming for Vengeance*. Enquanto promovíamos o álbum na Inglaterra, Julien Temple dirigiu um clipe para “You’ve Got Another Thing Comin’”, no

Kempton Park Waterworks. Dublamos e fizemos poses, e eu decapitei um burocrata de chapéu coco com o poder do heavy metal. Julien, velho de guerra!

Quando chegou a hora de levar o álbum para a estrada, na turnê que chamamos de *World Vengeance*, ficou claro o quanto a gravadora estava focada nos EUA. Foram marcados bem mais de cem shows para nós lá – e nenhum na Grã-Bretanha ou na Europa.

Ficamos preocupados com isso. Seria uma traição para com nossos fãs britânicos? Sentíamos que éramos embaixadores do heavy metal, e quebrar a barreira do sucesso nos EUA seria ótimo para o metal britânico como um todo, mas nossos fãs de casa estavam conosco desde o início e não queríamos traí-los.

Contudo, no final das contas, não tínhamos escolha. A gravadora americana disse que não poderia esperar um mês para que fizéssemos shows no Reino Unido, e que precisava de nós nos EUA *imediatamente*, e a Arnakata foi na onda. Assim, confiamos nos nossos empresários.

Tirei uns dias em Phoenix antes de a turnê começar. Estava ansioso para rever David, mas me perguntava cada vez mais se esse sentimento era recíproco.

Eu sabia que gostava de David – afinal, embora eu adorasse Phoenix, *ele* era a principal razão para eu ter me mudado para os EUA. A sugestão foi dele, mas eu não precisei de muito incentivo. Agora que estava lá, me vi confuso em relação ao que exatamente ele queria de mim.

David parecia sentir alguma coisa por mim. Era afetuoso e ávido em me ajudar enquanto eu me acostumava com a vida naquela terra nova e estranha, a milhares de

quilômetros de casa. Seria justo descrevê-lo como meu protetor... e, no entanto, não éramos quase nada íntimos.

Apesar disso, passávamos bons momentos juntos. Como já morava em Phoenix havia alguns anos, ele conhecia os melhores bares e clubes e me apresentou de bom grado a seu círculo social. Eram todos caras legais e tão dispostos quanto nós a encher a cara estupidamente.

Quando David e eu acabávamos na minha casa, dividindo uma garrafa de vinho ou uísque, e eu, bêbado, tentava dar em cima dele, ou ele me rejeitava educadamente e ia para o quarto de visitas, ou me ignorava e fingia que não estava acontecendo nada. Como era da minha natureza, minha reação a essa rejeição era ficar absolutamente torto de bêbado, em silêncio.

Nas raras ocasiões em que *de fato* íamos para a cama juntos, David parecia não querer estar ali e geralmente virava as costas e já dormia. Eu começava a me perguntar:

Será possível que ele seja, na verdade, hétero?

O que ele queria da nossa relação? Seria ele, no fundo, apenas um fã do Priest pilhado por andar com o vocalista da banda e que curtia ser visto comigo pela cidade?

Eu não sabia dizer. Tudo o que sabia era que a situação era confusa e frustrante, tanto emocional quanto fisicamente. Eu não sabia ao certo o que esperar da minha mudança para Phoenix, mas com certeza *não* esperava ser mantido a distância pelo homem que eu tinha a esperança de se tornar meu amante.

No entanto, em alguns aspectos, David se comportava como se *fôssemos* mesmo um casal. Às vezes, parecia possessivo – ou será que isso era apenas eu me iludindo

com pensamentos positivos? Quando ele se despediu de mim bem calorosamente quando parti para a turnê *World Vengeance*, fiquei ainda mais confuso.

Os EUA estavam ficando loucos pelo Priest. Quando a banda se reuniu na Pensilvânia, em agosto de 1982, para abrir nossa agenda de sete meses de turnê, *Screaming for Vengeance* já vendia feito água e viria a superar imensamente as vendas de qualquer coisa que havíamos feito até então.

O nível subiu ainda mais um pouco quando lançamos "You've Got Another Thing Comin'" como compacto no início da turnê. A MTV acabara de estrear, já estava dominando o mundo da música e adorou o clipe viajante de Julien, que manteve em alta rotatividade.

Quando o compacto disparou para a quarta posição da parada de rock da *Billboard*, parecia impossível ligar o rádio e sintonizar uma estação roqueira e não ouvir a música. A canção pegou tanta velocidade, que se tornou implacável – assim como nós.

Era o nosso momento. Construímos uma base de fãs ao ralarmos muito pelos States ao longo dos últimos cinco anos, e agora, de repente, tínhamos um *hit* nas telas da TV e em programas de rádio no horário nobre. Chegamos ao nosso ponto de virada.

Não éramos mais uma banda de heavy metal britânica *cult*. Havíamos cruzado o oceano e nos tornado por completo uma banda de hard rock de encher arenas. Nos EUA, o Judas Priest entrara em sua era imperial.

A turnê não se deu sem percalços. A companhia de quem alugávamos os ônibus nos deu um dos primeiros protótipos

de um novo modelo, que era basicamente dois ônibus juntos, com uma estrutura sanfonada no meio: um ônibus articulado. As camas ficavam na parte traseira, e a sala de estar e a área de socialização ficavam na dianteira.

Tudo funcionou bem por umas duas semanas, até que, no Dia do Trabalho[38], o ar-condicionado pifou a caminho de San Antonio, e a temperatura passou dos 37 graus. Ficou insuportável. Abrimos todas as janelas e eu me deitei no chão para tentar me refrescar enquanto cruzávamos a *freeway* no Texas. Quando achávamos que não dava para piorar, o ônibus quebrou.

Paramos no acostamento, a 80 km do San Antonio Convention Center, onde seria o show. Jim Silvia entrou em ação: falou umas poucas e boas com sua língua afiada para o pessoal da locadora de ônibus, que mandou um mecânico até nós às pressas... com as peças erradas. Nisso, Jim, de alguma forma, providenciou magicamente um helicóptero.

A aeronave pousou na *freeway*, ao lado do ônibus. Embarcamos e... ela não decolava. Via rádio, o piloto chamou outro helicóptero com um engenheiro de voo, que também chegou prontamente. Sirenes cantaram e a polícia veio à toda velocidade até nós na *freeway* para ver que diabos estava acontecendo.

Um ônibus sanfonado enorme quebrado, dois helicópteros, uma banda de rock... não era de surpreender que os motoristas passassem mais devagar para dar uma olhadinha. *Será que um dia conseguiríamos sair dali?* Vieram-me *flashbacks* dos atrasos no Birmingham Odeon – só que agora tínhamos cinco vezes mais fãs à nossa espera numa arena lotada!

O engenheiro de voo enfim consertou nosso helicóptero e voltamos a embarcar. O piloto disse que conseguiria pousar num heliporto num arranha-céu ao lado da arena. *Ufa!* E então, ao decolarmos, ficamos sabendo que precisaríamos desviar até o aeroporto de San Antonio, porque o heliporto estava ocupado.

Nosso helicóptero pousou no aeroporto... e foi cercado por seguranças armados, que presumiram que fôssemos traficantes de drogas mexicanos. Conseguimos uma escolta policial até a arena, corremos para o *backstage*, vestimos nossos trajes de couro e entramos no palco com 1 minuto de atraso. Quinze mil texanos aos berros não faziam ideia do que acabáramos de passar.

A transformação da nossa base de fãs continuava. O gargarejo dos nossos shows nos EUA não era mais formado apenas por rapazes *headbangers*. De repente, havia também garotas sósias da Madonna, mascando chiclete e usando luvas de renda sem dedos e laços no cabelo laqueado, piscando e mostrando os peitos para nós.

Naturalmente, o resto da banda se deleitava com esse desdobramento, e tomou como missão conhecer o mais intimamente possível o maior número dessas novas fãs. No entanto, enquanto eles faziam a festa, minhas frustrações sexuais estavam mais agudas do que nunca.

Na minha cabeça, quanto maior o Priest ficasse – e agora estávamos *enormes* –, maior seria o dano que eu causaria à banda, e às nossas carreiras, se fosse revelado que eu era gay. Imaginei um coro massivo das vozes dos nossos fãs conquistados a duras penas no Meio-Oeste e no Texas:

Porra! Não vou ver banda nenhuma com um desgraçado de um vocalista viado!

Eu esperava encontrar um contentamento tranquilo e discreto e satisfação num relacionamento com David, mas isso parecia cada vez mais improvável, já que íamos levando naquela amizade platônica.

Então ele quer que a gente seja só amigo, certo?, imaginei. *Bem, pelo menos isso me dá carta branca para fazer o que eu quiser...*

Era hora do Plano B.

Ainda viajava com meu *Bob Damron's Address Book* em segredo. Comecei a visitar lojas de pornografia em grandes cidades, como Chicago e Detroit. No fundo dessas lojas havia cubículos onde era possível bater uma assistindo a vídeos gays – ou, com sorte, achar alguém para te *ajudar* a bater uma.

Eu raramente tive sorte. Na verdade, seria possível contar nos dedos de uma mão grudenta quantas vezes eu tive sorte.

De forma mais ousada e perigosa, comecei a procurar parceiros sexuais do palco. Eu era bem versado no código do lenço, usado por homens gays para sinalizar suas preferências sexuais e, assim, tentar se dar bem.

Um lenço ou bandana do lado esquerdo do corpo indica que você é ativo. Do lado direito, indica que você é passivo. As cores dão mais pistas. Azul claro indica que você está a fim de boquete; azul escuro, sexo anal; e laranja indica que você topa qualquer coisa. *Por que não tentar?*, pensei. *Nunca se sabe!*

Glenn, Ken, Ian e Dave não faziam ideia de que, enquanto eu marchava pelo palco diante de 5 mil pessoas em Houston ou St. Louis cantando “Victim of Changes”, as bandanas amarradas nas minhas caneleiras de couro e rebites comunicavam aos entendidos que eu estava disposto a *golden showers* ou *fisting*[a].

Era mais uma tentativa de pescaria de pau – e, mais uma vez, eu voltava para a minha cama no ônibus ou para o meu quarto de hotel frustrado, de rede vazia.

Pelo menos, fora desse meu purgatório pessoal, a turnê estava ótima. Parecia que o Priest nunca errava. E à medida que percorríamos nosso itinerário sem-fim, eu contava os dias para 2 de outubro de 1982: a noite em que tocaríamos no Madison Square Garden.

Eu ouvia falar desse ícone de Nova York desde que era um moleque impressionável que lia o *NME* e a *Melody Maker* no meu quarto, no Beechdale. *O Madison Square Garden!* Onde os Rolling Stones tocaram, Hendrix, o Led Zeppelin... e agora, o Judas Priest!

Eu iria aproveitar ao máximo. Ligava para casa regularmente para falar com meus pais, e quando liguei dois dias antes do show em Nova York, meu pai me disse o quanto estava orgulhoso de mim por tocar num lugar tão importante. *Até meu pai já tinha ouvido falar do Garden!* O orgulho dele foi tocante... e, de repente, quis que ele estivesse presente.

Disse a ele que providenciaria passagens para a família no dia seguinte, para que eles viessem ver o show, além de hotel e passagens de volta no dia seguinte. Ele ficou muito

empolgado e precisava confabular com mamãe. Falei que voltaria a ligar em 10 minutos.

Quando liguei, mamãe havia decidido que uma viagem de dois dias seria muito caótica para ela, então ela esperaria mais um pouco para fazer uma visita mais tranquila a Phoenix depois que a turnê acabasse. Sue já passara um tempo na turnê com Ian e não queria voltar tão cedo, então só providenciei passagens para papai e Nigel.

Foi a primeira viagem deles para os EUA, e eles percorreram Nova York feito crianças, conheceram o Empire State Building, a Estátua da Liberdade e o Central Park. Viram mais pontos turísticos da cidade em uma tarde do que eu vi em dez viagens!

E, enquanto eles turistavam, tivemos de lidar com uma crise na banda.

Jim Dawson, da Arnakata, estava agora em tempo integral em Nova York e convocou uma reunião da banda em nosso hotel, pouco antes de partirmos para o show. Era estranho, mas achei que ele quisesse nos dar uma palavra de incentivo ou fazer um discurso rápido para nos parabenizar. Eu não poderia estar mais errado.

Jim chegou no hotel suado e agitado, com os lábios muito mordidos. Estava inquieto ao falar conosco.

“Caras, não posso mais ser empresário de vocês”, disse. “Sinto muito, mas estou com alguns problemas pessoais. Vocês estão ficando grandes demais e eu simplesmente não consigo mais fazer isso!”

Todos nos entreolhamos, estupefatos.

Mas que inferno! Não dava para escolher um momento pior, colega?

Apesar dessa bomba que o antecedeu, o show no Madison Square Garden foi inacreditável. Os aplausos e urros no momento em que acelerei minha Harley no palco quase pôs o lugar abaixo. Ao observar o Garden lotado ao final do show, enquanto 20 mil fãs rugiam em aprovação, me belisquei.

Seria isso um sonho? E, caso fosse, será que eu poderia nunca acordar, por favor?

A sensação era a de que toda a nossa carreira se deu para nos conduzir até ali. E tudo havia valido a pena. Chegamos ao topo – e agora, o truque era continuar subindo.

Noite após noite, dia após dia, semana após semana, nossa turnê cruzava os EUA. Tudo corria muito bem, tocávamos em lugares enormes e as multidões nos adoravam. Fora do palco, eram outros quinhentos. Cada vez mais, eu bebia até apagar para aliviar a frustração das tentativas constantes de me envolver em encontros sexuais secretos e sórdidos... (quase) sempre fracassadas.

Com exceção das noites em que essas tentativas *não* eram fracassadas.

Em Pittsburgh, como em tantas ocasiões ao longo da turnê, terminei a noite bebendo sozinho no bar do hotel. Havia alguns soldados lá. Como já disse, sempre tive uma bela queda por homens de uniforme – e por tentar despi-los dos uniformes – e isso me rendeu encrenca em diversos momentos da minha vida. Porém, um dos soldados que estava no bar naquela noite era gostoso demais, outro nível.

O cara estava tomando uns drinques com um bando de padres, de batina e tudo. Riam e contavam piadas, mas o

soldado também não parava de dar umas olhadas para mim. Fizemos contato visual algumas vezes. *Fizemos mesmo? Ou será que era só a minha imaginação?*

O soldado foi ao banheiro e eu o segui. Ele foi mijar, e eu me dirigi ao mictório ao lado do dele.

“E aí?”, falei.

“E aí, como vai?”

“Nada mal. E você?”

“Demais!”, ele respondeu. “Só que aqueles padres não param de tentar me molestar.”

“É mesmo?”, respondi, incorporando o Andy Warhol.

“Sim! Eles só querem pegação o tempo todo!”

“Não tem nada de errado com pegação...”, sorri.

Ele sorriu de volta: “Isso é verdade, cara! E aí, quer dar uns pegas?”.

E foi isso. *Negócio fechado!* Esse é o lance das caçadas gays. Ou você passa horas solitário e desesperado e não chega a lugar algum, ou a coisa acontece assim, rápida e facilmente. Ele me falou o número do quarto em que estava e voltamos para o bar, um de cada vez.

Vinte minutos depois, o cara saiu do bar e me deu uma piscada ao passar por mim. Pouco depois, fui atrás dele.

O soldado abriu a porta assim que bati. Ainda estava de uniforme – *ótimo*! Notei que havia sobras de uma refeição e algumas rosas na mesa de jantar.

“Ah, não sabia, você está acompanhado?”, perguntei.

“Minha namorada passou aqui mais cedo.”

Em pouco tempo, o uniforme já estava no chão, e nós mandamos ver vigorosamente por 1 hora. Quando capotei na minha própria cama, exausto, porém deleitado, umas 2

horas depois, não poderia estar mais satisfeito com meu encontro ao acaso com um militar a postos.

Agora que Jim Dawson havia se demitido abruptamente, o Priest precisava de um novo empresário. No meio de uma turnê por arenas nos EUA e passando direto na MTV, éramos cobiçados na época, e havia algumas pessoas bem dispostas a nos empresariar. Porém, precisávamos de um empresário *de rock* propriamente dito. Eis que chega "Wild" Bill Curbishley.

Bill veio de Londres para uma das últimas datas da turnê americana. Já estava empresariando o The Who e, quando nos conhecemos, ele nos deu uma avaliação muito astuta e direta de onde achava que estávamos como banda, e do que precisávamos fazer em seguida.

A postura sem frescuras de Bill deixou claro que ele não engoliria conversa mole de ninguém. Sempre tive um apreço furtivo pela escola durona de empresariamento de bandas, à la Peter Grant com o Led Zeppelin, e Bill parecia ser bem aplicado nela. Ficamos impressionados com ele, e a decisão de contratá-lo foi unânime.

Naquele momento, não fazíamos ideia do currículo um tanto quanto peculiar de Bill: ele havia cumprido pena por assalto à mão armada (diz ele que era inocente) e tinha amizade com os gêmeos Kray[39]. Porém, quando descobrimos, certamente não foi algo que nos desestimulou a trabalhar com ele.

Cheguei a notar que faltava um pedaço de um dedo de Bill, e me perguntei se ele o teria perdido em alguma briga de gangues no East End. No fim das contas, o acidente

aconteceu quando ele pulou uma cerca de arame farpado de um velho terreno bombardeado quando era criança.

Bill já havia assumido seu posto quando encerramos a turnê do *Vengeance*, em maio de 1983, com uma apresentação num evento importante de heavy metal – o US Festival, em San Bernardino, na Califórnia.

Era um negócio e tanto. O festival foi lançado no ano anterior pelo cofundador da Apple, Steve Wozniak, e promovido por Bill Graham. Essa segunda edição, que durou quatro dias e pegou o fim de semana do Memorial Day[40], ostentava um dia new wave, um dia rock, um dia country – com o The Clash, David Bowie e Willie Nelson como *headliners*, respectivamente – e um dia heavy metal, no domingo.

O dia heavy metal reuniu mais gente do que os outros três dias juntos. Além de nós, tocaram Mötley Crüe, Ozzy Osbourne, Scorpions, Quiet Riot e Triumph. O Van Halen foi o *headliner*, que no final do ano alcançaria um sucesso de níveis nucleares nos EUA com o compacto “Jump”, que chegaria à primeira posição nas paradas.

O público? Ah, só um terço de milhão de pessoas, tranquilo...

O dia metal do US Festival foi chamado de Woodstock do heavy metal e não era difícil ver por quê. O trânsito ao redor do anfiteatro construído especificamente para o evento era tão ridículo, que as pessoas abandonavam os carros e seguiam a pé. Todas as bandas precisaram chegar e sair de helicóptero.

Foi um trajeto curto de helicóptero do nosso hotel até lá, mas nunca vou me esquecer. Ao nos aproximarmos do local,

as primeiras coisas que vimos foram os carros. Todo mundo nos EUA tem um carro, e 150 mil dessas pessoas dirigiram até San Bernardino. Os automóveis americanos cintilantes se perdiam no horizonte.

Depois, vimos as pessoas – a massa de seres humanos. *Meu Deus!* Era como Woodstock *e* o festival da Ilha de Wight de 1970 juntos. Eu nunca tinha visto tanta gente na minha vida e achei muito comovente todas aquelas pessoas estarem lá por um motivo, o melhor motivo que eu conhecia – o heavy metal.

O Judas Priest merecia estar ali. A essa altura, havíamos feito por merecer. Aquele lugar nos pertencia. Sabíamos que era uma grande oportunidade que tínhamos de aproveitar, e foi o que fizemos.

Sob o Sol escaldante, acelerei para cima do palco na minha Harley e atacamos com “Hell Bent for Leather”. Diante de uma multidão tão vasta, era impossível se focar em indivíduos ou até mesmo em grupos de pessoas. Sabíamos que estávamos nos telões, então entramos de cabeça naquela porra e tentamos explodir as de todo mundo ali.

A sensação foi de que entramos e saímos do palco em questão de segundos e, ainda assim, aqueles 20 minutos foram fantásticos; transcendentes; inesquecíveis. Em termos de consolidar o Judas Priest na Costa Oeste, foi pau a pau com a abertura para o Zeppelin, em Oakland. *Que dia*! Vou me lembrar dessa empolgação até o dia em que eu morrer.

Voltamos de helicóptero para o hotel e, na manhã seguinte, o Priest deu os tradicionais abraços de fim de

turnê e cada um foi para o seu lado. A turnê fora um triunfo espetacular e o resto da banda – com a possível exceção do pobre Ian, que acabara de se separar de Sue – não via a hora de chegar em casa para rever seus entes queridos e desopilar.

Quanto a mim, suspirei profundamente e embarquei num voo de volta a Phoenix. Eu adoraria chegar em casa e rever um parceiro que me envolveria em seus braços com amor – mas parecia bastante certo que David nunca seria esse homem.

36 “Estamos gritando por vingança, / O mundo é um lugar algemado.”

37 *Ainda inverno no hemisfério norte.* (N. do T.)

38 *Nos EUA, o feriado do Dia do Trabalho é celebrado na primeira segunda-feira de setembro.* (N. do T.)

a Nunca tentei nenhuma das duas coisas, mas tinha curiosidade. Vai saber, eu pensava. Talvez fossem divertidas!

39 *Ronald “Ronnie” Kray e Reginald “Reggie” Kray foram chefes do crime organizado no East End, em Londres, durante as décadas de 1950 e 1960.* (N. do T.)

40 *Feriado nacional dos EUA que acontece na última segunda-feira de maio e homenageia os militares estadunidenses mortos em combate.* (N. do T.)

12

Senhoras e senhores, sentem-se, por favor!

Se eu chegaria em casa para encontrar frustração sexual, pelo menos seria num ambiente mais luxuoso.

Agora que eu conhecia Phoenix um pouco melhor, senti vontade de melhorar meu nível de moradia. Minha casa não tinha nada de especial, e eu gostava do visual de uma região chamada Paradise Valley, um pouco afastada da cidade e no meio das paisagens brutas que me deixaram sem fôlego e me atraíram para o Arizona em primeiro lugar.

Achei uma casa grande, estilo rancho, com piscina, próxima ao pé da assombrosa Mummy Mountain. O aluguel era tão alto quanto a montanha, mas eu gostei do lugar e, quando retornei do US Festival, era todo meu.

David e eu retomamos de onde havíamos parado... que era basicamente nada. Andávamos juntos, fazíamos compras, comíamos e, mais do que tudo, *bebíamos* juntos todos os dias – mas sem um átimo de intimidade física. A

essa altura, eu já tinha até desistido de tentar alguma coisa com ele. Com efeito, eu era um jovem gay com tesão, frustrado, no armário... e que vivia como um eunuco.

Isso NÃO era o que eu queria para a minha vida, caralho!

Por sorte, David e eu ainda tínhamos uma vida social decente. Naquela época, Phoenix era um polo para bandas de rock e metal nos EUA. L.A. estava tão cheia de bandas tentando fazer sucesso e tocar na mesma meia dúzia de clubes da Sunset Strip, que algumas delas buscaram Phoenix como alternativa.

O ponto focal dessa cena era uma casa de shows chamada Mason Jar, onde David e eu vimos incontáveis bandas e tomamos muito, mas muitos porres homéricos. E foi no Mason Jar que nos aproximamos de uma banda chamada Surgical Steel.

Bem conhecido em Phoenix, mas em mais nenhum outro lugar, o Surgical Steel era o tipo de banda de hard rock/metal que, naquela época, você encontrava em toda cidade provinciana dos EUA. Heróis locais que ensaiavam sem parar e tocavam sem parar. Esforçavam-se muito, mas nunca chegaram ao sucesso.

Os caras do Surgical Steel eram ótimos, gente fina, e o vocalista, Jeff Martin, e o guitarrista, Jim Keeler, se tornaram grandes amigos de bebedeira. Jeff era um desses doidos por armas e me levava até os confins do Arizona para caçar e pescar.

Outro lugar que frequentávamos muito era o Rockers, na zona oeste de Phoenix. Eu adorava aquele lugar, mais ainda porque os dois irmãos que o gerenciavam sempre colocavam uma jarra de cerveja na mesa à minha frente

assim que eu entrava e me sentava. Havia semanas em que eu ia àquele bar todos os dias.

Sempre havia alguma coisa acontecendo no Rockers. Certa vez, um cara estava lá sentado com uma píton enorme enrolada no pescoço. Animais nunca me assustaram, então eu perguntei: “Posso pegar na sua cobra, amigo?” (Ele não foi o primeiro cara a quem eu disse isso!).

“Claro!”, ele respondeu, e colocou a píton sobre os meus ombros. A cobra era pesada... e começou a se enrolar lentamente na minha garganta, bloqueando a minha respiração. Tentei soltá-la, mas ela era muito forte.

“Tenho esse cara há anos! Alimento-o com ratos...”, o dono me dizia.

“Ah, que ótimo”, eu arfei, “mas você poderia tirá-lo de mim? Estou perdendo o ar!” O cara e um amigo dele tiveram de literalmente arrancar a cobra à força do meu pescoço para evitar que eu me asfixiasse. Porra, precisei de outra jarra de cerveja depois dessa!

Os caras do Surgical Steel estavam sempre na minha nova casa na Mummy Mountain, que rapidamente se tornou cenário para umas festas na piscina das mais doidas em termos de bebedeira e drogas. Não sei ao certo o que eles pensavam de David e eu: será que achavam que éramos um casal? Ou só bons amigos?

Não perguntavam, ainda bem. Porque eu me sentia cada vez mais tolo por ter esperado que pudéssemos nos tornar um casal.

O Priest voaria para Ibiza naquele setembro para gravar o sucessor de *Screaming for Vengeance*. No caminho, passei

um tempo em Walsall... e os meus pais finalmente me deixaram comprar uma casa nova para eles. Depois de me ver como atração principal no Madison Square Garden, meu pai enfim assentiu e aceitou que *era* OK para mim ajudá-los um pouco.

Não era nada como aquele lugar chique que eu havia lhes mostrado antes, mas eles me deixaram tirá-los do Beechdale para um bangalô num *cul-de-sac* na esquina da minha própria casa. Quando eu estivesse lá, eles estariam a 5 minutos de distância. Era perfeito para todos nós.

Meu pai também concordou em ganhar um carro novo. Eu teria dado qualquer um a ele, mas, como um cara de Walsall, ele não me pediu uma Ferrari ou uma Lamborghini, ou nem mesmo um MG Aston Martin esportivo. Em vez disso, comprei um... Fiat Uno. *Um carro sensato*.

Quando o Priest chegou a Ibiza, não tínhamos muito a fazer se não beber e tomar sol... porque o estúdio estava completamente vazio. Todos os equipamentos foram retirados: a mesa de som, os microfones, as caixas, os cabos, tudo. Não sobrou nem uma faca ou garfo na cozinha. *Hein?*

Parecia que Fritz, o dono do estúdio, teve alguns problemas de caixa e seus credores tomaram o equipamento enquanto o pagamento continuava pendente. Como sempre, tínhamos um *deadline* apertado para fazer o álbum, então demos um pouco do nosso adiantamento da gravadora para resolver esse problema.

Uns dois dias depois, um caminhão chegou com o console na caçamba. *Aleluia!* Era um troço grandão e pesado, e todos ajudamos os dois caras da transportadora a

tirá-lo do caminhão e colocá-lo na rua. Nisso, eles voltaram para o caminhão... e deram no pé.

Valeu demais, amigos!

Era pesado demais para carregarmos até o estúdio, então tivemos de achar alguma alternativa. Vimos algumas toras largadas na rua, então as deitamos para servir de rodas e, com muita lentidão e suor, *rolamos* o console lá para dentro.

Assim, três meses depois de chegarmos de helicóptero para balançar cerca de 250 mil fãs de metal americanos, éramos agora trabalhadores braçais não remunerados ajudando a montar um estúdio de gravação! Por sorte, não éramos divas! Pensei em silêncio: *Você não veria a droga do Kiss fazendo isso...*

O álbum que viria a se tornar *Defenders of the Faith* surgiu de forma muito hábil. Sabíamos que havíamos chegado a um resultado muito especial com *Screaming for Vengeance*, e estávamos ávidos para pegar o que fizemos ali e continuar a elaborá-lo.

"Jawbreaker" foi um repeteco do meu truque de esconder letras gays nos nossos álbuns. É uma música sobre um pau gigante, prestes a gozar, e poderoso o bastante para, bem, quebrar o queixo[41] de qualquer cara que tentasse encará-lo:

> *Deadly as the viper, peering from its coil,*
> *The poison there is coming to the boil*[42]

Não contei isso à banda. Não tinha *tanta* certeza do quão ia pegar bem se eu, no estúdio, soltasse: "Então, caras,

essa música aí é sobre um pauzão!". Acho que eu concluía que era melhor guardar algumas coisas para mim[a].

Como levo minhas letras muito a sério, sempre as escrevo quando estou sóbrio e focado. Preciso estar lúcido e na melhor forma. Porém, uma faixa de *Defenders of the Faith* foi uma exceção a essa regra.

Certa noite, fomos para um bar ali perto e voltamos para o estúdio trançando as pernas. Tínhamos a estrutura musical básica de uma música, mas eu ainda não havia escrito a letra. Ebriamente, decidi dar um show ali mesmo.

Enquanto Tom colocava a música para tocar nos alto-falantes do estúdio, mordi um pouco a caneta e rabisquei algumas palavras. Com a cabeça cheia de cerveja e *vino*, decidi que "Eat Me Alive" deveria ser sobre as alegrias de se receber um bom boquete:

> *Wrapped tight around me,*
> *Like a second flesh hot skin,*
> *Cling to my body,*
> *As the ecstasy begins*[43]

Eu escondera dos outros caras o significado de algumas das nossas músicas, mas eles não tiveram dúvida do que *essa* aqui tratava! Na verdade, quando acrescentei o fato de que o cara recebendo o boquete tinha uma arma apontada para a cabeça do outro, além de uma metáfora bem vívida – "o esguicho do cilindro de metal"[44]! –, eles se mijaram de tanto rir!

A música nos traria um monte de preocupações dois anos depois. Moral da história? Possivelmente, "continue a escrever letras apenas quando estiver sóbrio".

E, além disso, coisas piores do que letras de gosto duvidoso podem acontecer quando você está torto de bêbado. Certa noite, fomos todos a uma casa noturna chamada Jet Circus, numa rua movimentada no coração da cidade de Ibiza. Ao sairmos de lá cambaleando a altas horas da madrugada, não prestamos muita atenção na rua escura e aparentemente deserta. Foi aí que um táxi em alta velocidade bateu com tudo na bunda de Ken.

Parece engraçado, mas não foi. Ken voou uns 3 metros e caiu de costas no capô com um baque chocante. Foi uma cena horrível.

Merda! Será que ele morreu?

Ouvimos um gemido na escuridão: “Ai! Inferno do caralho! Minha perna, porra!”.

Não, Ken ainda estava entre nós, mas não parecia nada bem. Nesse momento, Glenn veio ao resgate dele. O parceiro de guitarras de Ken entrou totalmente no modo *Plantão Médico*. “Levem-no de volta para o clube!”, ele nos instruiu. “Com cuidado! Temos de limpar o ferimento! Peguem toalhas e água quente! Vamos – rápido! Rápido!”

Eu não sabia que Glenn havia feito anos de treinamento médico em segredo, mas fiquei impressionado! Enquanto os outros ajudavam a levar Ken, gemendo e grogue, de volta para o clube, corri até a cozinha do lugar, providenciei um balde de água quente e o levei até Glenn.

A essa altura, Glenn já tinha conseguido uma porção de panos. Mergulhou-os no balde, fez uma careta e gritou: “Argh! Minhas mãos estão em chamas!”, e começou a rolar no chão. Foi aí que me dei conta de que Glenn estava no

que se pode chamar de um certo “estado alterado”. Daí sua ilusão de ter habilidades médicas.

Ken foi levado ao hospital local, onde um médico residente, que talvez também estivesse vendo o mundo sob alguma ótica estranha, fez uma bandagem apertada, engessou sua perna e lhe deu alta. Ken teve alergia, e passou por um inferno para tirar o gesso alguns dias depois, mas pelo menos não teve nenhuma fratura.

Quando concluímos o álbum, ficamos todos satisfeitos com *Defenders of the Faith*. Parecia uma boa representação do *ethos* do Priest; um bom resumo de quem éramos. Para mim, se mantém um dos nossos álbuns mais potentes e ferozes.

De volta a Phoenix, caí direto na rotina de bebedeira pesada no Mason Jar e no Rockers com David e nossos amigos da cena roqueira da cidade. Os caras do Surgical Steel ainda deviam estar se perguntando qual era a natureza do meu relacionamento com David, porque, certa noite, um deles me puxou de lado.

“Rob, cara, você sabe que o David sai com garotas, né?”

Eu *meio* que sabia. Sabia pela metade. Mas não *sabia* devidamente. Agora, sabia.

E, agora que sabia, tive uma reação estranha à notícia. Não havia nada físico entre mim e David, e nunca houve de verdade, mas ainda fazíamos tudo juntos e eu me senti traído.

Superficialmente, nos mantivemos amigos e próximos como sempre. Nunca gostei de confrontamentos, embora hoje, mais velho, saiba lidar com eles quando preciso. Mas, naquele período da minha vida em particular – por décadas,

na verdade –, discussões me atemorizavam, e eu fazia qualquer coisa para evitá-las.

Será que isso datava daquelas noites dolorosas no Beechdale, quando Sue e eu ainda crianças, deitados na cama, ouvíamos nossos pais gritarem um com o outro e temíamos ouvir a súbita e estrondosa palmada no rosto? Eu acho que sim.

Eu abominava aquelas noites, e elas deixaram uma marca profunda em mim. Sempre que algum conflito emergia na minha vida, a lembrança dos meus pais berrando um com o outro ressurgia das profundezas obscuras da minha psique e eu recuava. Porque qualquer coisa, *qualquer coisa* era melhor do que aquilo.

Assim, em vez de dizer algo a David, engoli em seco e ruminei. Ruminei muito. Mantinha-me quieto e bebia mais ainda. Ficava estragado com as desculpas mais esfarrapadas – e, naquele ano em particular, o Dia de Ação de Graças foi uma desculpa perfeita.

Dei uma festa para David, os caras do Surgical Steel e outros conhecidos dos clubes de rock. Nunca que isso seria um episódio de *Os Waltons*[45], e não foi. Eu já estava estragado antes mesmo de assar o peru, mas fiquei atento a ele, de forma que me decepcionei levemente ao vê-lo jogado na piscina.

Garrafas de vinho e latas de cerveja foram os próximos, e então montes de roqueiros locais, vestidos e trêbados. Busquei refúgio dentro da casa enquanto gritos, gargalhadas e sons de vidro quebrando tomavam o ar do Arizona.

Mesmo na época em que morava com Nick no Yew Tree, nunca fui de chapar muito, mas este era mais um hábito ruim que eu começara recentemente. Estava debruçado sobre um bong, da forma como Nick me ensinou, fumando e assistindo à minha TV gigante, quando senti um tapinha no ombro.

Feliz e chapado, olhei para cima... e vi dois oficiais do Departamento de Polícia de Phoenix me encarando. Haviam entrado pela porta da frente, que estava completamente escancarada.

“Rob?”, perguntou um deles, confiante quanto à resposta.

Assenti com seriedade. “Isso.”

“Recebemos ligações dos seus vizinhos por causa do barulho. Essa festa precisa acabar AGORA!”

Cambaleei até lá fora, onde percebi que os móveis do meu jardim também haviam se juntado à festa na piscina. Precisei gritar para ser ouvido. Por sorte, sempre tive uma voz potente.

“Todo mundo, cai fora daqui!”, berrei. “A polícia está aqui.”

Como forma de dispersão de convidados, com certeza foi eficaz. Todo mundo pulou para fora da piscina e correu para diferentes direções, tipo formigas quando você levanta uma pedra. Em dois minutos, tanto a casa quanto o jardim estavam vazios.

A polícia me deu um puxão de orelha: “Essa *não* foi a primeira vez que recebemos reclamações desta casa. *Não* é a primeira vez que viemos até aqui. Se acontecer de novo, você vai para a cadeia!”.

Hmmm. Ainda bem que vou sair em turnê, pensei!

Chamamos a turnê para promover *Defenders of the Faith* de *Metal Conqueror Tour*, em grande parte por causa de um enorme robô, o Metallian, que dominava o cenário do palco. Dave Holland e sua bateria precisavam ficar acima dele, a 15 metros de altura, já que não havia outro lugar para colocá-los.

O pontapé inicial da turnê foi com um punhado de shows no Reino Unido antes do Natal de 1983, e nós ficamos levemente preocupados. Não havíamos feito nenhum show por lá na turnê anterior – será que os fãs estariam bravos? Bem, a preocupação foi desnecessária: todos os ingressos foram vendidos, os fãs foram incríveis e ficaram 100% do nosso lado, como sempre.

Foi legal ver meus pais no Natal, bem acomodados no bangalô na esquina da minha casa. Depois da virada do ano, a turnê passou à Europa continental. E a minha bebedeira se tornava um problema.

Eu nunca havia subido no palco sóbrio. Mesmo bem no início do Priest, eu gostava de ficar meio alegre antes de aparecer diante do público. Isso vinha escalonando desde que a banda começou a crescer, na época de *British Steel*, e agora estava fora de controle.

Quando chegamos aos EUA, na primavera de 1984, eu já virava copos de vodca com tônica antes dos shows como se fossem suco de laranja. Antes disso, eu sempre bebia água no palco, para me manter hidratado. Agora, era Smirnoff pura.

Dava adeus ao público quase cambaleando no palco – “OBRIGADO! BOA NOITE!” – e então corria para o *backstage*

para beber *de verdade*. Meu ritual pós-show consistia em duas latas grandes de Budweiser, entornadas de uma só vez, seguidas por uma garrafa inteira de Dom Pérignon só para mim. Um pouco egoísta, mas era o que era.

Nunca fui de beber até cair, mas ficava tão inerte, que, às vezes, Jim Silvia tinha de me carregar até o ônibus para voltarmos ao hotel. Ao chegarmos, eu tentava ir até o bar, ou desistia e secava o frigobar do quarto.

Eu simplesmente detestava horrores estar sóbrio. Detestava ser como eu era – e detestava ser *quem* eu era.

Na manhã seguinte, me sentia sujo e horrível. *Que merda, não quero me sentir tão mal assim de novo amanhã. Vou pegar leve hoje!* Essa resolução durava até chegarmos ao local do show, quando então a coisa se transformava no Dia da Marmota:

Preciso de alguma coisa para acalmar os nervos antes de entrar no palco! Acho que vou tomar uma vodca com tônica... e mais uma...

Acrescentei ainda outro elemento à minha diversão voraz: a cocaína.

Estranhamente, não me lembro de onde estávamos na primeira vez em que experimentei coca, ou de quem me deu, mas nunca vou me esquecer da sensação que se instalou no meu cérebro no segundo em que cheirei o pó branco feito sal. Foi amor à primeira fungada.

Ah, meu Deus! Essa porra é a droga perfeita!

O barato da cocaína era eufórico e, num instante, eu me tornava extremamente poderoso e potente, além de *incrivelmente* inteligente. Sabia a resposta para toda e

qualquer pergunta e o que todo mundo deveria fazer, e era essencial que eu compartilhasse esse conhecimento.

A coca parecia um presente de Deus. O álcool me deixava depressivo depois de mais ou menos a vigésima dose. A coca limpava essa sensação, melhorava os meus ânimos e a minha autoconfiança. E me permitia beber mais, o que por sua vez me permitia cheirar mais pó. *Perfeito!*

Além disso, tudo ficava tão "mais é mais!" Depois que eu cheirava a primeira carreira da noite, era disso que eu precisava, sem parar:

Mais!

Mais!

Mais!

Certa noite, estava sentado na cama do hotel com um *roadie* do Priest, mandando pó para dentro do nariz até o Sol nascer. Não parava de falar do meu pai, e de como eu nunca havia dito que o amava e queria ter dito.

"Por que você não liga para ele?", perguntou o *roadie*. "Diga isso a ele agora!"

A estupidez dessa ideia era flagrante, mas, na hora, fez total sentido. Infelizmente, eu estava doido demais para operar um telefone, então nosso *roadie* achou minha agenda e ligou para o número do escritório do meu pai.

"Alô! O Rob quer dizer que ama o senhor!", disse ele quando meu pai atendeu, e então passou o fone para mim.

"Alô, pai? Tudo bem com você? Sim, estou nos EUA!", tagarelei para cima dele. "Em turnê! Com o Priest, o Judas Priest! Sim! *Er*, eu te amo! Sei que nunca te digo isso, mas te amo, sério! Você e a mamãe! Sim! Entende o que eu quero dizer?"

“Rob? Rob?”, eu podia ouvi-lo dizer. “O que está acontecendo? Você está bem, Rob?” Mesmo completamente louco, percebi que ele soava preocupado. *Caralho! O que é que eu estou fazendo?* Entrei em pânico.

“Foi mal, preciso ir agora, pai! Te amo!”, disparei, e bati o fone no gancho. Deve ter sido um telefonema horrível para ele. E, como era típico de dois caras de Walsall, nunca mais mencionamos o que aconteceu.

Eu não queria sair do palco e ficar sozinho no meu quarto no hotel. Desejava companhia, companhia masculina, mas era proibido: o fruto proibido que eu não ousava colher.

Tudo estava cobrando seu preço, tudo de uma vez: os anos de negação do meu verdadeiro eu; a tortura absoluta de ser um homem gay à frente de uma banda hétero num mundo machista; a decepção pela minha relação com David, por quem eu havia me mudado de outro continente, ter se revelado uma miragem. Eu me sentia frágil, exausto e como se tudo fosse demais para suportar.

Não duvido, agora, que pensamentos suicidas estivessem começando a dar as caras naquela turnê... mas eu tinha uma rocha, uma bigorna, que me mantinha firme. Como sempre, a música e o Judas Priest me faziam seguir em frente.

Uma vez no palco, eu ainda pensava – eu *sabia* – que isso era tudo o que importava. Quando eu saía do palco é que os problemas começavam...

Minha frustração sexual se tornava totalmente insuportável. Eu sabia que nunca ousaria sequer *pensar* em arrancar minha máscara, em sair do armário, mas me

arriscava cada vez mais para satisfazer meus desejos. E corria riscos cada vez maiores de ser descoberto.

Passamos a noite na estrada, de San Antonio para Austin, e na alta madrugada o ônibus parou para abastecer num posto 24h. Como de costume, fui direto para o banheiro. Assim que entrei, vi um par de pés sob a porta do cubículo do meio. Entrei no cubículo ao lado e tranquei a porta.

TAP-TAP-TAP!

Eu mal havia me sentado quando aqueles pés ávidos começaram a ficar inquietos. Mandei mais um sinal de “tap-tap”. Em questão de 5 segundos, sabíamos que estávamos na pista para negócio, e começamos nossa dança solitária sob o céu noturno texano.

Não havia *glory hole*, mas sim um vão na divisória entre os cubículos. O cara passou o braço por esse vão e me masturbou. Fazia um tempo que eu não passava por isso, então digamos apenas que não demorou muito. Depois, eu passei a mão pelo vão e fiz o mesmo para ele.

Não trocamos nenhuma palavra, *obviamente*.

Depois que ele gozou, abri a porta e fui lavar as mãos. A etiqueta ditava que o outro cara teria de esperar no cubículo até que eu fosse embora... mas ele não esperou.

Ouvi o trinco da porta dele abrir atrás de mim, mas mantive a cabeça baixa ao enxaguar as mãos. Como é da natureza humana, não pude evitar dar uma olhadela no espelho para ver o rosto dele. Era um cara jovem e me encarava boquiaberto, chocado.

Estava paramentado com itens do Judas Priest dos pés à cabeça.

Bem, isso é embaraçoso! O que eu devo dizer?

Ao sair do banheiro, pisquei para ele. “Te vejo na próxima turnê!”, falei, corri para dentro do ônibus e parti pela noite rumo a Austin.

Depois de anos vivendo a vida sob os holofotes, mas com a vida sexual nas sombras, o que me levava a buscar furtivamente por alívios sórdidos, eu começava a desabar. O excesso de bebida soltava minhas inibições, e eu estava descontrolado.

De vez em quando, me esgueirava para bares gays e saunas depois dos shows, apesar do risco de ser descoberto. Isso não passou despercebido. Nossos empresários me chamaram de canto para me dar um alerta a respeito *do tipo de lugar que eu andava frequentando*, e do estrago que isso causaria ao Priest se a notícia vazasse.

A conversa foi educada e bem intencionada, para não dizer esquiva – a palavra “gay” não foi nem murmurada –, mas seu intuito e sua significância eram inegáveis, e poderiam ser basicamente resumidos assim:

Você é gay.

Nós sabemos que você é gay.

Mas você também é o vocalista de uma banda de metal mundialmente conhecida.

É um mundo machista.

Os fãs de metal não são conhecidos pela tolerância.

TOME CUIDADO.

Eu entendia por que estavam me dizendo aquilo... mas, mesmo assim, também me ressentia. Sabia que fazia certo sentido eles quererem “proteger” a reputação da banda,

porém, aos trinta e poucos anos, eu não apreciava nem um pouco receber lições a respeito de onde eu deveria ou não ir. Eu não era uma porra de um moleque.

Assim, continuei a fazer exatamente o que queria fazer, em larga escala.

Quando a turnê *Metal Conqueror* seguiu para o norte, para o Canadá, fizemos um show no Stampede Corral, em Calgary, mesmo local em que acontecia o rodeio Calgary Stampede, e um centro de treinamento para aspirantes a peão de rodeio.

Depois do show, enquanto eu enchia a cara sozinho no bar do hotel Hyatt, minha cabeça estava alerta e meus olhos, à caça. Eu estava no paraíso dos gays.

Cowboys! Cowboys por onde eu olhava!

Fiz contato visual com um rapaz robusto e muito bonito, paramentado com o uniforme completo: chapéu Stetson, camisa de cowboy, jeans e botas com esporas. A fivela enorme no cinto enfatizava o volume ainda maior debaixo da calça jeans. Começamos a conversar: ele sobre rodeio, eu sobre metal.

Fomos nos dando muito bem e, depois que o bar fechou, subimos para o meu quarto para detonar o frigobar. Ele começou a se gabar de transar com *groupies* no circuito de rodeios, eu peguei a deixa e passei a falar das garotas bem dispostas que correm atrás das bandas de rock e metal.

É justo dizer que ele estava curtindo a conversa mais do que eu, o que, estranhamente, funcionou a meu favor. O cowboy foi ficando tão excitado que, de repente, disse: “Cara, estou com tanto tesão, que deixaria *você* me chupar!”.

Era desse convite que eu precisava, e me pus a trabalhar. Porém, quando os fogos de artifício estavam prestes a explodir, ele arfou: “Não para, só tenho dezesseis anos!”.

O quê? Mas que merda! Ele parecia ter uns bons cinco anos a mais! Fiquei desnorteado. De repente, na minha cabeça, comecei a ouvir sirenes da polícia, o som estridente de uma cela se fechando e... *roncos*? Olhei para cima. Assim que gozou, o aprendiz de cowboy pegou no sono.

Tomado por uma culpa horrível, tentei acordá-lo. Para começo de conversa, eu não queria que ele se engasgasse no próprio vômito durante a noite, de forma a possivelmente acrescentar homicídio culposo à minha ficha criminal iminente. Ele apagou profundamente, então desisti e, 1 minuto depois, já estava no meu próprio estupor etílico turvo de costume.

Quando acordei na manhã seguinte, o John Wayne Jr. tinha sumido. Levantei-me e fui até o banheiro... e então vi que centenas de dólares e meus cartões de crédito haviam sumido da minha carteira, largada aberta em cima da mesa. Meu aparelho de som portátil e mais ou menos cinquenta fitas K7 também foram levados.

Assim, *nesse* encontro, eu caí foi no laço.

Partimos de volta aos EUA. Em Madison, Wisconsin, tivemos de abrigar 10 mil pessoas sob a arquibancada do Dane County Coliseum à medida que um tornado se aproximava. Glenn e eu demos uma olhada pela porta e ficamos espantadíssimos com as nuvens baixas, pretas, azuis e de um verde vívido acima de nós, enquanto sirenes soavam e a tempestade rugia.

Pouco mais de uma semana depois, o *nosso* próprio tornado atingiu a cidade de Nova York.

De certa forma, um segundo show no Madison Square Garden tinha até mais significância do que o primeiro: não era mais uma única ocasião! Éramos agora uma banda que podia tocar regularmente no Garden! Ou assim pensávamos. Infelizmente, essa seria nossa última apresentação lá.

Foi um show ótimo como de costume até o bis. Quando voltamos ao palco e eu comecei a entoar “Living After Midnight”, vi, de canto de olho, um objeto voador. *Hein? O que foi isso?* E então mais um... e mais outro...

Ao final da música, dei uma olhada para trás e vi uma pilha de espuma dos assentos amontoando o palco. Quando voltei a olhar para a plateia, o ar estava preto de tantos assentos arremessados em nossa direção. Uns dois pareciam estar em chamas.

Corri para o *backstage* e montei na minha Harley para “Hell Bent for Leather”. Ao entrar com ela no palco, foi como tentar conduzir uma moto em cima de um bacião de almofadas em promoção. Havia mais almofadas de assentos no palco do que na plateia da arena.

Que porra é essa? Dois pensamentos me vieram à mente: *a) Isso é fantástico! Nosso próprio tumulto!* e *b) Eles nunca mais vão nos deixar tocar neste lugar!*

Nesse momento, Glenn, Ken e Ian cambaleavam em cima da espuma para tocar, já que mal sobrava espaço livre no palco. Ken diria depois que foi como tocar guitarra em cima de uma cama elástica. Depois de uma “You’ve Got

Another Thing Comin’” rápida, fugimos assustados do palco e nos escondemos.

Mais tarde, o Madison Square Garden diria que nossos fãs causaram 250 mil dólares em danos, afirmação que seria repetida pela imprensa com grande deleite. Não fizemos absolutamente nada para instigar o tumulto, mas fomos banidos para sempre do lugar. Chegaram à conclusão de que não valia a pena o prejuízo.

Um ano ou dois depois, Glenn e Ken foram ao Garden para assistir a uma partida de tênis beneficente entre Jimmy Connors e John McEnroe. Sem saber se seriam autorizados a entrar, foram de boné. Lá pela metade da partida, um funcionário os abordou:

“Vocês são do Judas Priest?”.

“Sim”, responderam, já desanimados, na expectativa de serem expulsos.

“Legal, obrigado pelos assentos novos!”, disse o cara. “A arquibancada toda foi reformada, graças a vocês!”

Espero que, um dia, o Judas Priest possa tocar no Madison Square Garden de novo. Mas também é possível que a história se repita, então talvez seja melhor não tocarmos.

A turnê *Metal Conqueror* foi extensa e extenuante. Depois de encerrarmos os shows nos EUA, incluindo dois no Hollywood Sportatorium e dois no Cow Palace, fizemos mais seis no Japão, e estávamos esgotados. Sabíamos que precisávamos de uma pausa.

Nosso novo empresário, Bill Curbishley, também enxergava isso. Juntos, decidimos que, em 1985, o Judas

Priest faria algo que não acontecia há mais de uma década. Tiraríamos um ano inteiro de folga das turnês.

Sim, tiraríamos doze meses para esfriar a cabeça e relaxar, desfrutar de um pouco da fortuna que havíamos ganhado e gravar um álbum acachapante, no nosso tempo. Que plano fantástico!

Em vez disso, 1985 seria o ano mais torturante, tumultuado e assustador da minha vida.

a Há poucos anos, falei aos caras do que se trata “Jawbreaker”. Eles riram e disseram: “Ah, sim, agora que você falou, percebemos bem do que se trata!”.

41 *Embora a tradução literal de jaw seja mais especificamente “mandíbula”,* jawbreaker *é o nome em inglês para doces duros de mastigar, como aquele que no Brasil é conhecido por “quebra-queixo”.* (N. do T.)

42 “Mortal como a víbora, pronto para o bote / Lá está o veneno, prestes a jorrar.”

43 “Me envolvendo com firmeza / Como uma segunda pele quente na carne / Agarre-se ao meu corpo / Enquanto o êxtase começa.”

44 “*The rod of steel injects.*”

45 *Seriado que foi ao ar de 1972 a 1981 e retratava a vida de uma família tradicional americana.* (N. do T.)

13

É ele. Isso é amor!

Ao final de 1984, eu já estava seriamente puto por não saber dirigir. Vivia uma vida dupla glamourosa em Phoenix e Walsall, porém, em ambos os lugares, dependia de táxis ou de caronas de amigos sempre que quisesse ir a algum lugar.

Agora que já fazia mais de quinze anos desde que dirigi o Mini de Brian, o Leão, feito uma bola de *pinball* numa rua pacata em Walsall, decidi que era hora de tentar de novo. Elaborei a teoria um tanto quanto simplista que, se eu comprasse um carro, isso me faria aprender a dirigir.

Ian Hill é um grande fanático por carros, então foi comigo até uma concessionária da Aston Martin em Birmingham, onde me apaixonei por um Aston Martin DBS vermelho maravilhoso, e decidi dar uma de *rock star* mala e comprar um carro supercaro.

“Ooh, olha lá, tem um Jenson Interceptor ali!”, disse Ian.

“Se você comprar o DBS, te faço o Jenson por mais mil”, disse o vendedor, provavelmente já mentalizando como ia gastar a comissão.

Assim, comprei o Aston Martin e um Jenson Interceptor roxo e mandei entregar ambos na minha casa, em Walsall. Ficaram estacionados na minha garagem dupla, onde permaneceram intocados por várias semanas.

Um dia, senti uma vontade de assumir o volante do Aston Martin e dar uma volta nele. Sentei-me no banco do motorista, comecei a dar ré, meu pé escorregou da embreagem... e colidi com tudo numa macieira. *Pois é, você ainda tem o jeito, Rob!*, pensei. Conduzi o DBS cuidadosamente de volta à garagem, onde ele voltou a ficar por muitos meses.

Decidi tentar dirigir de novo em Phoenix. Jeff Martin, do Surgical Steel, era um homem corajoso e me deixou guiar o carro dele algumas vezes. É muito fácil tirar carteira de motorista nos EUA: você responde a algumas perguntas sobre direção segura, contorna uns cones num centro de treinamento e... *voilà*! Enfim motorizado!

Assim, logo que cheguei a Phoenix, no início de 1985, comprei um pequeno Corvette vermelho. O Prince ficaria orgulhoso.

David e eu ainda saíamos juntos, enchíamos a cara juntos e, às vezes, batíamos boca como se fôssemos um casal – o que muita gente presumia que *fôssemos*. Nossa parceria estranha e assexuada era disfuncional, porém, de algum modo éramos emocionalmente dependentes um do outro.

Então foi um choque para mim – foi e não foi – quando confirmei que os caras do Surgical Steel estavam certos naquilo que haviam me dito alguns meses antes. David estava *mesmo* saindo com uma mulher.

Bem, vai se foder!, pensei. Mas, mais uma vez, não o confrontei nem falei nada. Ainda tinha um medo virulento de discussões e confrontamentos. Aquelas noites assustadoras da minha infância no Beechdale Estate, enquanto meus pais gritavam e brigavam, vieram à tona de novo.

Em todo o caso, logo chegaria a hora de o Priest começar a trabalhar de novo. A primeira tarefa do relativamente desapressado ano de 1985 foi nos reunirmos em Marbella, no sul da Espanha, para começar a compor para o álbum seguinte ao *Defenders of the Faith*. Alugamos uma *villa* que pertencera a uma princesa espanhola e nos pusemos a escrever e improvisar num estúdio da cidade.

Depois de alguns dias, tirei um fim de semana para ir à Inglaterra, para o casamento de um amigo. Denise, da casa na Larchwood Road, foi comigo para Newcastle. Passei o fim de semana inteiro enchendo a cara. Depois da recepção do casamento, Denise e eu achamos um bar gay, onde peguei um cara muito gostoso. Dei uma mamada nele no banheiro do bar e embarquei no voo de volta a Marbella com uma ressaca dos infernos e um sorriso no rosto.

Retomamos as composições, mas, depois de alguns poucos dias, Glenn olhou para mim com uma expressão preocupada.

“Está tudo bem, Rob?”

“Sim! Por quê?”

“Porque você está... amarelo.”

“Do que você está falando?”, perguntei indignado.

“Você está amarelo. Sua pele e seus olhos estão amarelos. Vai dar uma olhada no espelho.”

Olhei. *Merda!* Glenn tinha razão! Meu rosto inteiro estava com uma cor amarelada horrível. Isso não parecia nada bom. A *villa* da princesa tinha uma governanta que mal falava inglês, mas assim que a achei e apontei para o meu rosto, ela fez uma careta e ligou para um médico.

O médico local chegou e bastou dar uma olhada para mim para chegar ao diagnóstico, sem nem precisar me examinar. “Você está com hepatite”, disse ele. “E é sério, porque já está num estágio avançado que intoxicou o seu organismo.”

Mas que...?

“Como eu posso ter pego?”

Ele franziu a testa. “Geralmente por meio de contato sexual.”

Caralho! De imediato, me veio à mente o gostosão no banheiro do bar gay, em Newcastle. O médico foi embora e retornou uma hora depois com um remédio para hepatite crônica e uma enorme seringa, com a qual ele me deu uma injeção na bunda, além de uma reprimenda.

“Você está muito mal de hepatite”, ele me disse. “A doença já comprometeu seu fígado. Vou voltar aqui toda semana para te dar essa injeção, e você não pode comer carne vermelha nem beber álcool.”

“Por quanto tempo?”

“Seis meses.”

Misericórdia! Assim comecei um longo período vivendo à base de frango cozido e legumes a vapor enquanto trabalhávamos no álbum. Com isso, desintoxiquei meu corpo e me senti incrivelmente bem, uma sensação que, naquela época, não era muito comum para mim.

Estranhamente, apesar de ter parado à força, não tive nenhum sintoma de abstinência de álcool. Foi como se meu corpo tivesse pensado: *OK, é isso o que tenho de fazer – vamos fazer isso de uma vez!* E, apesar do veto à bebida, eu precisava de um golinho rápido e rasteiro de alguma coisa antes de gravar os vocais. Simplesmente não conseguia imaginar tentar fazê-los sóbrio.

Minha sobriedade recém-chegada, ainda que nada bem-vinda, me ajudou a me concentrar nas primeiras composições para o álbum, que foram... interessantes. A Hamer, uma marca americana de instrumentos musicais, mandou para Glenn uma novíssima guitarra sintetizadora cheia de fru-frus chamada A7 Phantom. Quando ele botou a pedaleira para funcionar no início de uma das músicas em que estávamos trabalhando, produziu um barulho que parecia o ronco de uma moto.

"Ei, isso aí parece o ronco de um motor turbo!", falei. Esse momento nos rendeu o título do álbum, e a música virou "Turbo Lover":

> *I'm your turbo lover,*
> *Tell me there's no other*[46]

Não vou ficar de enrolação aqui... "Turbo Lover" é uma música sobre sexo no carro. Isso é flagrante e bastante

gráfico. O motor rugindo no meio das minhas pernas foi mais um exemplo de como eu inseria referências a pau nas letras do Judas Priest. Gosto de pensar que essa é uma tradição nobre.

Não pegamos leve ao incorporar os sintetizadores de guitarra. Sabíamos que muitos fãs do Priest considerariam os sintetizadores bunda-mole, e, bem, *nada metal*, e que utilizá-los seria controverso. Por muitos anos, uma das minhas bandas favoritas, o Queen, ostentava orgulhosamente os seguintes dizeres nos créditos de seus álbuns:

NENHUM SINTETIZADOR FOI USADO NA GRAVAÇÃO DESTE DISCO.

Porém, o som desses equipamentos era tão poderoso e eles nos davam tantas novas texturas para experimentar, que apostamos neles. Não vimos isso como uma "traição ao heavy metal" ou alguma bobajada do tipo. Nossa filosofia é a seguinte: o Priest é uma banda de metal, e nós fazemos o que queremos, e o resultado final é *sempre* metal. Pensamos dessa forma até hoje, e sempre vamos pensar.

Estávamos criando tanta coisa incrível em Marbella, que resolvemos fazer um álbum duplo, chamado *Twin Turbos*. Aquelas semanas foram produtivas, e combinamos de nos encontrar com Tom Allom nas Bahamas – *nas Bahamas!* –, no verão, para gravar o disco.

Ainda tivemos algumas semanas de folga, que dividi entre Phoenix e Walsall, ainda sóbrio (não por escolha própria, mas pelo menos eu não estava mais amarelo!) e desenvolvendo minhas habilidades de motorista com

orgulho. Além disso, fui convidado para participar de um projeto muito precioso.

Imagens terríveis da fome na Etiópia vinham dominando as telas das TVs há meses, e Bob Geldof já havia reunido grandes nomes do pop britânico para gravar o compacto beneficente do Band Aid, “Do They Know It’s Christmas?”. Ronnie James Dio decidiu que o mundo do metal deveria dar um passo além e gravar um álbum inteiro, o *Hear ‘n Aid*.

Topei o convite sem pensar duas vezes, e fui para Los Angeles em maio de 1985, onde me encontrei com alguns nomes estelares. Já conhecia Ted Nugent e os caras do Journey e do Iron Maiden, mas ainda não fora apresentado a vários outros: Dio, Mötley Crüe, W.A.S.P., Twisted Sister...

Entretanto, fiquei mais empolgado por Michael McKean e Harry Shearer estarem lá também! Eles interpretaram David St. Hubbins e Derek Smalls no filme *This is Spinal Tap*. Aí sim era a *devida* realeza do rock, porra!

Glenn e eu havíamos assistido ao filme em San Diego, no ano anterior. Tínhamos lido que era a sátira definitiva de uma banda de heavy metal na estrada, e nos disseram que o diretor, Rob Reiner, e seus corroteiristas foram a um ou dois shows do Priest... possivelmente em busca de inspiração? Assim, entramos às escondidas numa matinê, com as golas levantadas para não sermos reconhecidos; nem precisávamos ter nos dado ao trabalho, já que não havia quase ninguém na sessão.

Assim que o filme começou, nos demos conta de que ele havia sido categorizado de forma errônea. Não era uma sátira: *era um documentário*. Todas as situações passadas por uma banda britânica desafortunada em turnê pelos EUA

retratadas tão brilhantemente por Reiner eram familiares para nós. Perder-se a caminho do palco? Sim, passamos por isso. Tardes de autógrafo sem quórum? Positivo, no início da banda. Problemas com a alimentação no *backstage*? Sem dúvida, mesmo se *fôssemos* capazes de fazer pelo menos um sanduíche.

E que negócio é esse com os bateristas? John Hinch não entrou em combustão espontânea, e nós não perdemos Les Binks em um acidente bizarro de jardinagem, mas a linha de sucessão ligeira das baquetas do Spinal Tap parecia familiar demais para ser coincidência.

Ei – será que esses caras estão falando da gente?

This is Spinal Tap poderia ter sido um fracasso de senso de humor para nós. Porém, só levávamos nossa música a sério; a nós mesmos, não. Assim, Glenn e eu rolamos de rir naquele cinema em San Diego.

Alguns *bangers* que estavam entre o público escasso e não nos notaram ficaram ofendidos com o filme e saíram pisando duro: “Foda-se essa merda, esses caras estão de sacanagem com a gente! Cuzões do caralho!”. É claro que isso só nos fez urrar de rir ainda mais.

Era o filme mais engraçado e mais preciso que já havíamos visto.

Na gravação do *Hear ‘n Aid*, os caras do *Spinal Tap* se mantiveram no personagem o tempo inteiro, estivessem as câmeras rodando ou não. “Ei, caras, vocês são do Judas Priest e do Iron Maiden, certo?”, perguntaram a mim e a Adrian Smith. “*Vocês* não estariam aqui se não fosse pelo *Tap*. Vocês devem tudo a nós!” Eles eram hilários, e eu me deliciava.

Algo muito menos divertido e muito menos bem-vindo se desdobrou naquele verão de 1985. Surgiu um grupo de pressão em Washington, D.C., intitulado Parents Music Resource Center[47], ou PMRC. Liderado por Tipper Gore, esposa do futuro vice-presidente dos EUA, Al Gore, o PMRC foi criado pelas esposas de quatro homens de influência em Washington e tinha como alvo músicas que elas consideravam tão obscenas, que poderiam causar danos à moralidade pública (*certo, falou!*).

O PMRC elaborou uma lista de quinze músicas consideradas particularmente repugnantes – as "Filthy Fifteen", as "quinze imundas". Lista essa no mínimo eclética. As categorizadas como "sexuais demais" (é possível isso?) incluíam "Dress You Up", de Madonna; "She Bop", de Cyndi Lauper; e "In My House", das Mary Jane Girls. Prince era claramente um dos maiores corruptores da moral e figurava na lista duas vezes, uma com "Darling Nikki" e outra com "Sugar Walls", composição sua interpretada pela normalmente recatada Sheena Easton.

Não surpreendentemente, o heavy metal estava bem cotado nas Filthy Fifteen. O Black Sabbath estava lá, é claro, bem como o Twisted Sister, W.A.S.P., Def Leppard, AC/DC, Venom, Mötley Crüe, Mercyful Fate... e o Judas Priest.

Parecia que "Eat Me Alive", a música que escrevi caindo de bêbado e me mijando de rir em Ibiza, despertou a ira do grupo. Aparentemente, Tipper e as outras Esposas de Washington não achavam que boquetes violentos, forçado à mão armada, eram uma coisa incrivelmente boa.

Nisso, elas estão bem corretas, é claro, mas... *a nossa música era uma piada.* A letra era do nível de uma história

em quadrinhos de gosto duvidoso. Quando ficamos sabendo que estávamos entre as Filthy Fifteen, não sabíamos se ficávamos bravos ou ríamos. Aquilo era simplesmente ridículo, e parte de uma agenda política que não nos dizia respeito e tampouco nos interessava.

Tendo em vista que suas integrantes eram casadas com tomadores de decisão da capital dos EUA, não foi difícil para o PMRC ganhar tração e atenção. De fato, elas conseguiram acovardar a indústria fonográfica estadunidense a concordar em colocar adesivos em todos os álbuns que contivessem conteúdo ofensivo nas letras. Tais adesivos diziam “aviso aos pais: letras explícitas”:



A ironia, é claro, foi que todo adolescente americano fã de rock, com o mínimo de respeito próprio, passou imediatamente a procurar os álbuns que levavam o adesivo. O PMRC deu um empurrão nas vendas de muitos discos de bandas de metal!

O início do verão chegou, e era hora de o Priest colocar as palhetas e sungas na mala e partir para as Bahamas para gravar *Twin Turbos*. Embarcamos no início de junho e nos encontramos com Tom Allom no Compass Point Studios, em Nassau.

Escolhemos esse lugar porque pensamos que, num estúdio residencial, trabalharíamos *e* viveríamos juntos e nos focaríamos por completo na música. Por que exatamente imaginamos que um dos destinos mais populares do Caribe não apresentaria distrações é algo que agora me foge à compreensão. Será que não havíamos aprendido *nada* das experiências em Ibiza?

A primeira coisa que descobrimos ao chegar foi que a Columbia havia recusado nosso pedido para gravar um álbum duplo. Não entendemos. Afinal, não estaríamos dando músicas a mais à gravadora, de graça? Mas não tivemos escolha senão acatar a decisão. Assim, adeus, *Twin Turbos*; olá, *Turbo*.

O Caribe era tão perfeito quanto nas fotos dos catálogos de agências de viagem, só praias branquíssimas e mares de um azul resplandecente, no entanto, não me lembro de ficar tão impressionado assim ao chegar. O que me empolgou *mesmo* foi ter enfim terminado meu tratamento para hepatite e poder beber de novo.

E, caralho, como eu compensei aqueles seis meses!

Aprendi rapidamente a arte local de beber *shotguns* de cerveja. Essa técnica consiste em pegar um latão da surpreendentemente forte lager jamaicana Red Stripe e fazer um furo embaixo dela com uma chave de fenda. Em seguida, você posiciona a lata sobre a boca e puxa com tudo o anel.

UOU! A força do ar pressurizado empurra a cerveja para fora da lata pelo fundo e para dentro da sua boca em alta velocidade, de forma que você fica zureta num piscar de

olhos. Era fantástico – *como é que eu não conhecia esse negócio antes?*

Logo depois que chegamos, chamei Jeff, do Surgical Steel, para passar um fim de semana conosco. Fizemos uma Olimpíada de Shotgun e passamos os dois dias inteiros cronometrando nossas competições de *shotgun* de Red Stripe. Fiquei orgulhoso do meu melhor resultado: dois segundos e meio.

De início, o Priest se entendeu bem com *Turbo*. O estorvo do PMRC estava fresco na minha cabeça, e eu quis afrontar as autoproclamadas censoras puritanas. O refrão de "Parental Guidance" não tinha nada de sutil, e não deixava dúvidas quanto à nossa posição:

We don't need no no no parental guidance here![48]

O Priest caiu rapidamente numa rotina fácil de gravar durante o dia, para depois passar a noite mandando *shotguns* pelos bares e clubes de Nassau. Estávamos na capital das Bahamas há um mês, quando Bill Curbishley ligou de Londres com uma notícia importante.

Bob Geldof havia aumentado as apostas. Em julho, ele organizaria um show beneficente em escala global para arrecadar mais dinheiro para a Etiópia. Os maiores astros do pop e do rock do mundo tocariam no Live Aid, que aconteceria simultaneamente em Londres e na Filadélfia – e Geldof nos queria no palco dos EUA.

As bandas às vezes imergem demais em seus próprios mundinhos e, de início, ficamos ranzinzas. "Estamos num bom ritmo com o álbum, e isso vai atrapalhar muito!",

resmungávamos uns aos outros. “Precisamos *mesmo* ir até lá para tocar só três músicas?”

Felizmente, logo vimos sentido naquilo tudo. A fome na Etiópia era a barbárie. Se podíamos mexer nossas bundas preguiçosas e sair daquele nirvana para tocar algumas músicas e, nisso, fazer algum bem, é claro que deveríamos topar, porra! Além disso, alguns camaradas, como o Ozzy, estariam lá. Poderia ser divertido.

O Live Aid, no dia 13 de julho de 1985, foi um pouco mais do que só divertido. Só quando chegamos ao John F. Kennedy Stadium, na Filadélfia, que nos demos conta da enormidade do evento. Metade dos artistas musicais mais icônicos do mundo estava lá, e a outra metade estava no Wembley Stadium, em Londres.

Foi muito empolgante fazer parte de algo tão imenso, e desde o início o Live Aid nos deu uma sensação surreal, extracorpórea. Tivemos de chegar ao estádio na hora que normalmente íamos dormir em Nassau. Às 9h da manhã, eu estava vendo Joan Baez cantar “Amazing Grace”.

Dez minutos depois, recebi um recado no *backstage*: “A sra. Baez quer ter uma palavrinha com você”. Como um aluno arteiro que foi pego no pulo na escola, minha primeira reação foi: “*Ah, merda!*”. Será que ela ia me dar uma bronca pelo Priest ter estragado “Diamonds and Rust” ao transformá-la em heavy metal?

Mas lá estava Joan, vindo em minha direção, sorrindo e acenando. “Ei, Rob! Só queria vir até aqui te dizer que a versão de ‘Diamonds and Rust’ que vocês fizeram...”

Lá vamos nós, pensei.

“...é a versão favorita do meu filho. Ele acha demais que a música da mãe tenha sido regravada por uma banda de metal!”

“Ah, isso é muito legal!”, falei. E falei sério. Joan foi muito simpática e graciosa.

O Judas Priest entrou no palco às 11h da manhã, depois de Crosby, Stills & Nash e antes do Bryan Adams. O público parecia tão gigantesco quanto no US Festival. Sabíamos que nosso *set* de três músicas acabaria num piscar de olhos, então demos o nosso melhor naqueles 20 minutos.

A Filadélfia sempre teve um grande público de rock, então a recepção a nós foi ótima. “Vejo que temos alguns milhares de maníacos por metal aqui hoje!”, eu disse, e fui respondido por cânticos de “Priest! Priest! Priest!”. Mas aquele dia não dizia respeito a nós nem de longe. Era algo muito maior.

A única vantagem de entrar no palco tão ridiculamente cedo era que, depois, eu já poderia começar a encher a cara. Foi o que fiz, e, por conseguinte, o dia ganhou toda uma qualidade onírica.

Eu já tinha visto o Sabbath, que tocou ainda mais cedo do que nós – *será que o Ozzy tinha sequer ido dormir?* – e o Zeppelin foi fantástico. Lembro de sentir um orgulho besta e bêbado por Birmingham e o Black Country estarem tão bem representados: Sabbath, Plant, o Priest... ah, OK, e o Duran Duran.

O Live Aid seguiu adiante. A MTV não parava de martelar o fato de que Phil Collins ia tocar em Wembley e depois embarcar no Concorde para tocar na Filadélfia também. Por

algum motivo, isso me deixou irritado, achei tudo muito pretensioso e meio mala da parte dele.

Adorei ver a Madonna, pois sou fã de pop. Sempre fui um *fanboy* gay metaleiro dela. Mas o show que realmente me deixou de boca aberta foi o de Mick Jagger e Tina Turner. Não resisto a um *showman* do rock e a uma diva do soul, e eles com certeza pertenciam a ambas as categorias. Foi eletrizante, especialmente quando Tina entrou imponente, de salto alto.

Voltei ao palco para o encerramento e cantei junto enquanto Lionel Richie conduzia todo mundo nuns três mil refrões de “We Are the World”.

O dia foi incrível, pensei, *e a causa é fantástica, mas não é hora de dar um chega pra lá nessa música não? Sério?*

Quê – OUTRO refrão?

O Priest se hospedou no Four Seasons, onde sempre ficávamos na Filadélfia, e deram uma festa para todos os artistas e apresentadores do Live Aid na suíte do terraço de um prédio de luxo do outro lado da rua. Fui sozinho.

A primeira coisa que notei na festa foi que havia uma sauna, onde as pessoas entravam sorrateiramente, aos pares, vestidas, e saíam com as roupas todas desgrenhadas. A segunda coisa foi que, encostado na parede ao lado da sauna, de óculos escuros, sozinho... estava Jack Nicholson.

Jack havia apresentado alguns artistas no Live Aid e ficou pelo *backstage* o dia todo, mas em momento algum ousei abordá-lo. Agora que eu já tinha alguns litros de coragem na cabeça, eram outros quinhentos, e cheguei chegando.

“Beleza, Jack?”

“Ei, Rob! Vi o show de vocês hoje – foi demais!”

Puta que pariu! O Jack Nicholson sabe o meu nome!!!

“*Er*, valeu! O dia foi ótimo, não...?”

Não consegui dizer mais do que isso porque, nesse momento, o cara mais bêbado da Filadélfia, e possivelmente do mundo, colou na gente. Eu bebi o dia inteiro, e Jack claramente já tinha tomado umas, mas esse pentelho estava num outro nível.

“Jack Nicholsshhon, cara!”, balbuciou ele, com um fio de baba escorrendo pelo canto da boca, atingindo a nós dois com saliva. “*O Iluminado*, cara! *Ummm eshtranho na porra do ninho*! Do caralho!”

O cara não calava a boca. Eu estava me estressando – *Some daqui, amigo! Você está arruinando a minha conversa com o Jack Nicholson!* –, mas Jack foi um exemplo de paciência cortês: “Obrigado! Muito obrigado mesmo!”. Depois de 5 minutos de fala enrolada e cuspe, o bebum partiu para o bar, trançando as pernas.

“Isso acontece muito contigo?”, perguntei a Jack.

Ele suspirou e arregalou os olhos para os céus. “Opa. Aonde quer que eu vá!”

Que. Dia. Do. Caralho! Depois de ser elogiado por Joan Baez, salvar a África, divertir bilhões de espectadores de TV, fazer backing vocals para Lionel Richie e beber com Jack Nicholson, me conduzi de volta ao Four Seasons. *Acho que uma saideira vai bem*, pensei, e me sentei no bar do hotel.

Eu o vi logo de cara.

Era alto, de maxilar definido, bonito, bem macho alfa. *Bem o meu tipo*. Estava sentado bem à minha frente, do

outro lado do bar, e me encarava da mesma forma que eu o encarava. Não conseguíamos tirar os olhos um do outro.

Foi uma atração magnética. Para mim, foi a coisa mais natural do mundo atravessar o bar e começar a conversar com ele. E, quando fui ao banheiro alguns minutos depois, me acompanhar foi a coisa mais natural do mundo para ele.

Assim que entramos, *mandamos ver*. Não parávamos de nos pegar. Entramos num dos cubículos apertados e chiques, nossas mãos e bocas devorando tudo o que pudessem tocar. Era pura luxúria animal. Passional. Desinibida.

Tivemos de tomar cuidado. Por alguma razão, as portas dos cubículos do Four Seasons tinham tiras de madeira, como uma persiana, então, se alguém entrasse no banheiro, precisávamos parar e ficar totalmente imóveis para que não fôssemos ouvidos ou vistos. E então, assim que a pessoa saía, voltávamos a nos pegar com tudo.

O sexo foi acachapante e estupidamente bom. Passamos uma eternidade ali, fazendo um ao outro gozar repetidamente, de novo, e de novo, e de novo. Por quanto tempo? Não fazia a mínima ideia. Perdi por completo a noção do tempo. Mas uma trilha sonora soava na minha cabeça:

Sim! É ASSIM que deve ser!

Quando enfim terminamos e escapulimos separadamente de volta para o bar, não ficamos lá por muito mais tempo. Tampouco ele subiu comigo para o quarto. Seu nome era Brad, ele acabara de sair do Exército, era nascido e criado na Filadélfia e, assim, só foi para casa... depois de combinarmos de nos ver de novo no dia seguinte.

Flutuei até a cama num estupor de êxtase. Mal podia esperar para revê-lo. E, por sorte, não precisaria esperar muito.

Brad voltou ao hotel na manhã seguinte e ficamos conversando no carro dele. Poderia ter sido constrangedor, por já estarmos sóbrios da noite anterior, mas, de novo, nossa conversa pareceu a coisa mais natural do mundo.

Ele era mais novo do que eu pensava: tinha apenas vinte anos. Mas era grande, forte, maduro e parecia ser bem mais velho. Vinha de uma família de classe trabalhadora da Filadélfia e voltara a morar com os pais depois de deixar o Exército.

Achei ótimo que ele não fazia ideia de quem eu era quando nos conhecemos no bar do hotel. Quando contei a ele que era vocalista do Judas Priest, isso não quis dizer muita coisa para ele. Brad não era *headbanger* – na verdade, não ligava muito para música de modo geral.

"E então, daqui você vai para onde, Rob?", ele me perguntou.

"Vou passar uma semana em casa, em Phoenix, e depois vou para Nassau, nas Bahamas, para terminar de gravar um disco."

"Ah, parece ótimo."

"Você já esteve nas Bahamas, Brad?"

"Não."

"Gostaria de vir comigo?"

Mais uma vez, convidá-lo parecia a única coisa possível de ser feita, a única coisa que eu *queria* dizer, naquele momento sagrado no tempo. E a resposta dele pareceu igualmente natural.

“Sim, eu adoraria!”

E foi isso. Tínhamos um encontro em Nassau dali a uma semana. E eu só tinha mais uma coisa a fazer, lançar mão de uma velha tática.

“Você pode me dar alguma coisa para eu me lembrar de você até te ver de novo?”, perguntei.

“Que tipo de coisa?”

“Qualquer coisa.”

Brad sorriu, abriu a calça jeans e a abaixou ali mesmo, sentado no banco do carro. Vi que ele estava usando uma cueca minúscula com fechos de metal nas laterais – um clássico gay! Ele abriu os fechos, tirou a cueca e me deu.

“Obrigado! Te vejo semana que vem!” Demos um beijo rápido de despedida, eu saí do carro e ele foi embora.

Minha felicidade era extática e delirante. Conhecer Brad era a melhor coisa que já tinha me acontecido, e me mostrou exatamente o que estava errado na minha vida. Foi algo intenso, passional, belo e *mútuo*.

Agora que eu conheci Brad, tudo mudou. De agora em diante, tudo seria diferente. *Tudo.*

Era por isso que eu vinha esperando.

Era ele.

Era isso.

Era amor!

46 “Sou seu amante turbinado / me diga que não há outro.”

47 *Numa tradução livre, algo como “Centro de Recursos Musicais Para os Pais”.* (N. do T.)

48 “Não precisamos de nada, nada, nada de orientação aos pais aqui!”

14

Na corte do Rei da Filadélfia

Eu me sentia uma pessoa completamente nova. Estava animado e energizado por ter conhecido Brad.

De volta a Phoenix, revi todo mundo, inclusive David – e, para meu deleite, descobri que meus sentimentos por ele mudaram da noite para o dia. Para ser direto: *não havia mais nenhum*. Não disse uma palavra a ele a respeito de ter conhecido Brad, porque, francamente, não era da sua conta.

Comparada aos sentimentos vulcânicos que Brad despertara em mim – e ele já me rendera algumas erupções! –, a coisa, ou melhor, não coisa que eu tinha com David de repente parecia trivial e irrelevante. *Ele curte mulher? E daí, porra? Muito que bem!* Eu não sentia mais o menor lampejo de interesse nem ciúme.

Não passei a odiar David. Tinha certeza de que continuaríamos amigos de bebedeira. Ele provavelmente nem notou nada de diferente em mim: decerto nunca soube que eu estava apaixonado. Mas *eu estava*. Meu primeiro

pensamento ao acordar e o último antes de dormir era... *Brad*. Não via a hora de reencontrá-lo em Nassau e uns dois telefonemas calorosos de madrugada atiçaram minha ansiedade.

Só faltam mais seis dias! Cinco! Quatro!...

Naquela noite de sábado, para matar o tempo, fui no meu pequeno Corvette vermelho até o Rockers, para encontrar os caras do Surgical Steel. Os irmãos que cuidavam do bar já estavam com a jarra de cerveja costumeira à minha espera quando entrei, e eu fui embora devidamente calibrado, depois da meia-noite.

Entrei no Corvette sem pensar no quanto havia bebido. Não me orgulho disso... mas, verdade seja dita, não era só eu que tinha esse comportamento de merda. Eram os anos 1980, em que tudo valia, e não era a primeira vez que eu dirigia de volta para casa mamado. Seria, porém, a última.

Eu mal havia saído da rampa e entrado na *freeway* quando vi as luzes azuis piscando atrás de mim. Por alguma razão, quando a polícia me parou, não fiquei muito incomodado: *Ah, vai dar tudo certo*! Suponho que eu me considerava invencível.

Quando abaixei a janela, o bafo das minhas 4 horas virando jarras de cerveja deve ter atingido o tira em cheio quando ele viu minha calça de couro, meu colete de couro e meus braceletes com rebites. Após examinar minha carteira de motorista e os documentos do carro, ele perguntou: “Você está portando alguma arma?”.

Eu estava. Costumava andar com um pequeno revólver carregado – isso é comum no Arizona –, que se encontrava

no console do carro, ao meu lado, e gesticulei para mostrá-lo.

“Não encoste nela!”, latiu o tira. “Saia do carro agora!”

Fiz o teste do bafômetro. A sensação bizarra que tive de que tudo ia terminar bem sumiu quando o aparelho mostrou que o álcool no meu organismo estava muito acima do limite. “Vou te prender por embriaguez ao volante”, disse o tira ao me algemar (para ser justo, essa não era uma experiência nova!).

Ele me conduziu até a viatura, onde uma segunda policial aguardava, e me sentou no banco traseiro. Sempre fui um bêbado bastante lúcido e conversador, e a minha diarreia verbal desatou. Não cheguei a dizer *exatamente* “Vocês não sabem quem eu sou?”, mas cheguei perto.

“Ah, isso é lamentável!”, falei. “Acabei de tocar no Live Aid com a minha banda, o Judas Priest! Estava comemorando...”

Ao ouvir essas palavras saírem da minha boca, caiu a ficha da vergonha. *Seu idiota do caralho!*, pensei. *Você MERECE estar nesta viatura*.

Eram 2h da manhã quando chegamos a uma delegacia no centro da cidade. Uns dois agentes me reconheceram e me cumprimentaram: “E aí, Rob? Adoramos o Priest, cara!”. Legal – então talvez eles me liberassem? Sem chance. Fui fichado, e tiraram minha foto[a].

Passei pelo bafômetro mais uma vez. Opa. Ainda acima do limite. Certamente em correlação com o fato de eu ter bebido tanta cerveja, a essa altura eu estava desesperado para mijar. “Sinto muito, mas preciso urinar”, disse aos policiais.

“Você vai ter de segurar”, respondeu um deles.

“Não consigo! Se eu não for ao banheiro, vou acabar fazendo aqui!”

“Você não pode ir ao banheiro sozinho!”, disse bruscamente outro tira. “E eu não vou tirar suas algemas.”

“Bom, isso vai ser interessante, então.”

O tira cedeu e me levou ao banheiro. Tirou a algema de um dos meus pulsos e prendeu no dele, como se fosse o Andy Warhol ou alguém do tipo. Como a maioria dos caras, não consigo fazer xixi se tem alguém olhando. “Você tem que virar para o outro lado!”, falei. Ele bufou, mas se virou.

A polícia me disse que eu passaria a noite na cadeia, para então ver o juiz no dia seguinte. Eu tinha direito a um telefonema, então liguei para David. “Estou na cadeia! Ligue para o Jim Silvia!” Tinha uma esperança patética de que meu *tour manager* ex-policial seria capaz de resolver tudo.

Os tiras me trancaram numa cela grande, sozinho – pelo menos a princípio. Mandaram outro bêbado para dentro, depois mais um, e mais outro. Alguns num estado tão deplorável, que simplesmente caíam no chão e lá ficavam. Dois indígenas chumbados entraram cambaleando e repararam na minha indumentária roqueira.

“Ei, Rob, nós adoramos o Judas Priest!”, disseram. “Dá um abraço, cara!” Eles então se engajaram num debate extenso e repetitivo sobre os méritos comparativos do Priest e do Mötley Crüe. Às 6h da manhã, já éramos uns quinze ou vinte pobres diabos bêbados naquela cela.

Os tiras trouxeram o café da manhã: pão com mortadela, suco de laranja ralo num copo de papelão e... um pacotinho

de tabaco, com seda. Parecia que não só era permitido, como era *compulsório* fumar naquela cadeia, o que achei estranho. Escambos vorazes se sucederam. Um dos indígenas trocou o sanduíche de mortadela pelo meu tabaco.

Uma hora depois, um tira veio até a cela e apontou para mim. “Você! Você pode ir embora! Vai receber notícias da gente sobre as queixas!” Mais tarde, descobri que Jim Silvia tinha *mesmo* ligado para a delegacia e pedido para me soltarem... mas não logo de cara.

“Deixem-no na cadeia na primeira noite!”, disse Jim. “Esse idiota fodido precisa de uma lição!”

Ao sair da delegacia, me vi no centro de Phoenix numa manhã de domingo. Minhas roupas de couro fediam, o termômetro já passava dos 43 graus e meu Corvette estava largado na *freeway*, a 8 quilômetros dali. Demorei 20 minutos para conseguir chamar um táxi e dar no pé para casa.

Jim Silvia conseguiu me livrar do tribunal, mas me levou para ver a juíza, que me passou uma reprimenda séria, me multou em 500 dólares, me pôs em liberdade condicional e me proibiu de dirigir por dezoito meses. “Se um dia eu te ver aqui de novo, você vai estar numa *muito* pior!” foi seu tiro de misericórdia.

Bem justo, para falar a verdade.

Eu não via a hora de deixar Phoenix e voltar para as Bahamas, e foi um alívio embarcar no avião para Nassau. Retomamos as gravações de onde havíamos parado, mas,

na verdade, meu coração estava em outro lugar, morrendo de vontade de ver Brad.

Quando ele chegou, no fim de semana, foi fantástico. Senti tanta paixão por ele quanto na ocasião do Live Aid, e o sexo foi tão bom quanto. Ele parecia sentir o mesmo, basicamente desfrutamos da companhia um do outro mais uma vez.

A ordem das coisas com Brad foi inversa. Eu me apaixonei por ele, e só agora iria conhecê-lo. Muito fortuitamente, isso foi ótimo: quanto mais eu via e conhecia daquele cara bonito da Filadélfia, mais eu gostava dele.

O Exército o tornou mais maduro do que a pouca idade que tinha, é verdade, mas ele também tinha um senso de humor exuberante e irresistível. Era divertido e fácil de lidar, e adorava rir; me apaixonei completamente por seu risinho sem-vergonha que sempre virava uma gargalhada de doer a barriga.

Brad ria muito porque era um fanfarrão incorrigível e um piadista habilidoso, uma verdadeira força da natureza. E possuía uma especialidade humorística: pegadinhas com água.

Com apenas um dia em Nassau, me dei conta de que Brad era, por excelência, cheio das pegadinhas com água. Fiquei um pouco incomodado na primeira vez que ele virou um copo d’água em mim. E na primeira vez que passei por uma porta e uma bexiga cheia d’água caiu na minha cabeça. Mas, enfim, logo me acostumei.

Nunca fui muito de pegadinhas. Se qualquer outra pessoa armasse uma dessas para mim, eu a botaria para dormir ou pediria para Jim Silvia dar um jeito nela, mas

estava tão apaixonado por Brad, que achava tudo hilariante. Ele me fazia rir, e eu adorava sua companhia.

Então, sim, Brad e eu passamos a curtir a companhia um do outro – dentro *e* fora da cama – e a conhecer um ao outro. Porém, o que mais fazíamos mesmo era beber.

Brad era tão beberrão quanto eu. Tinha uma capacidade prodigiosa de consumir álcool e provou contar com uma habilidade natural para os *shotguns*. Nossa segunda casa em Nassau era o *pub* Duke of Wellington. Certa noite, fiquei tão mamado, que não conseguia andar, então Brad me colocou sobre seu ombro másculo de ex-soldado e me carregou até a cama.

Sim, por favor! É ASSIM que tem que ser, mais ainda!

Fiquei absolutamente encantado, hipnotizado por Brad quando o conheci, e depois de poucos dias de diversão nas Bahamas, minha paixão se multiplicou por dez. Quando ele voltou para a Filadélfia, me dei conta do quanto eu sentiria sua falta até ele retornar, dali a duas semanas.

Uma nuvem me envolveu. Comecei a sentir uma falta profunda dele. Brad estava na minha cabeça no estúdio, nos bares, em todo lugar. Eu inventava qualquer desculpa para telefonar para ele na Filadélfia e bolar nossas próximas aventuras desmioladas. E quando ele finalmente foi às Bahamas pela segunda vez, eu adorei tanto quanto a primeira.

Fiquei tão obcecado por Brad, e meu tempo com ele era tão precioso, que não queria dividi-lo com mais ninguém. Queria-o só para mim. Assim, fomos só nós dois para Cabo San Lucas, no México. Lá passamos alguns dias incríveis que, ao final, pareceram curtos demais. Providenciei

passagens para ele ir novamente a Nassau dali a três semanas e planejei uma aventura ainda mais exótica para nós.

Passamos três dias em Bermuda, numa bela suíte que reservei num hotel de luxo à beira da praia. Sugeri ficarmos no quarto e aproveitar um tempo “para nós”, mas Brad quis fazer o que qualquer pessoa sã faria ao chegar num paraíso caribenho: sair, explorar e conhecer a ilha.

Indiferente à minha carência, Brad me disse: “Você pode fazer o que quiser, Rob, mas *eu* vou sair!”. Ele curtiu a praia e absorveu a vida e a atmosfera local, enquanto eu fiquei emburrado no quarto e bebi até apagar, como um belo rabugento, como se diz em Walsall.

Parabéns, Rob. Muito maduro. Muito inteligente.

Quando Brad e eu voltamos a Nassau, eu o abracei no aeroporto antes de ele passar pela segurança para embarcar para a Filadélfia. Observei-o desaparecer depois de ter o passaporte checado e seguir por um corredor.

Sempre que Brad ia embora de Nassau, um vazio odioso parecia se abater sobre mim. Uma nuvem negra. E lá estava ela de novo. Não consegui suportar. De repente, sabia que deveria vê-lo novamente. *Urgentemente. Agora.*

Corri até as cabines de checagem de passaportes. “Ei, preciso entrar por uns 2 minutos, só para falar com uma pessoa!”

“Perdão, senhor?”, disse o cara. “O senhor tem passagem?”

“Não! Não vou viajar! Só preciso...”

“Então, sinto muito. O senhor não pode passar.”

“Só preciso falar com uma pessoa, tenho algo importante para dizer a ela! Olha só, eu sou o Rob Halford, do Judas Priest...”

Ouvi essas palavras de audoadulação saírem da minha boca e senti o mesmo autodesprezo que na viatura em Phoenix.

“...e só preciso ver meu amigo! Prometo que só vai levar 2 minutos. *Por favor*, me deixe passar!”

“Bem, isso não é nada ortodoxo, mas...” O cara conseguia sentir a minha necessidade e o meu pânico. “OK. Mas esteja de volta aqui em 2 minutos, ou eu chamo a segurança do aeroporto!”

“Muito obrigado!” Saí voando dali e corri pelo corredor por onde Brad passara. Não sei muito bem o que esperava que acontecesse quando eu o visse de novo. Uma clássica despedida cinematográfica passional? Nosso momento *Casablanca*? *Sempre teremos Bermuda?*

Quando cheguei à sala de embarque, Brad estava sentado com uma turma de caras e mulheres que acabara de conhecer, conversando, e todos riam muito. Isso era típico de Brad: ele fazia amigos instantaneamente aonde quer que fosse. Ao me ver, ficou surpreso.

“Ei, Rob! O que *você* está fazendo aqui?”, perguntou, sem se levantar.

“Só precisava te ver de novo, antes de você embarcar”, respondi. “Queria me despedir mais uma vez!”

Brad sorriu como se aquilo não tivesse muita importância. “Ah, claro! Bem, me dê uma ligada lá na Filadélfia! Até logo mais!”

Ao sair do embarque, olhei para trás e vi que ele voltou a conversar com seus novos amigos. Não estava me observando ir embora.

Esse incidente desencadeou uma linha de pensamento paranoica em mim:

Será que ele não gosta de mim tanto quanto eu gosto dele? Se é isso mesmo, por que não? Será que ele quer a mesma coisa que eu do nosso relacionamento? Eu o amo – será que ele me ama?

Essas questões ricochetearam pela minha cabeça durante os dias seguintes em Nassau, dentro e fora do estúdio. Tentei calá-las da forma que me era comum, me afogando em lagos de álcool. Ficava sozinho no meu quarto enchendo a lata de Red Stripe ou de rum, e me perguntando o que Brad estaria fazendo na Filadélfia:

Será que ele está pensando em mim da forma como estou pensando nele? Será que ele está sozinho? Será que ele... está com alguém?

Eu tinha trinta e três anos e me comportava como um adolescente com dor de cotovelo.

Enquanto tudo isso acontecia, eu tinha, é claro, um álbum a gravar. Aparecia no estúdio e tentava demonstrar boa vontade e fazer a minha parte... mas a minha cabeça simplesmente não estava em *Turbo*. Nunca me senti tão distante e desvinculado de um disco do Judas Priest.

Os caras estavam em ótima forma e a música estava saindo, mas eu não conseguia me envolver. No estúdio, eu sempre parecia mamado ou de ressaca, ou, geralmente, as duas coisas. Ainda conseguia cantar bem, mas, no que dizia respeito a escrever as letras, estava no piloto automático.

Sabia que estava mal. Sentia-me frágil e estafado de beber sem parar, e raivoso e frustrado por estar longe de Brad. E então me tornei algo que nunca fui – *violento*.

Aconteceu numa gloriosa tarde de verão no Caribe. A banda decidiu tirar algumas horas de folga do estúdio. Iríamos até a bela baía que ficava bem ali ao lado, alugaríamos barcos e, com algumas latas de cerveja a bordo, iríamos pescar. *Maneiro!*

Quando pegamos os barcos, o cara da companhia nos deu instruções de segurança. “Por favor, tenham muito cuidado com os barcos!”, alertou ele, apontando para uma região da baía. “Ali tem um recife de corais. Se vocês baterem nele e danificarem as hélices, terão de pagar!”

Tá, tá! Beleza! Não estávamos ouvindo de verdade, e assim que saímos ao mar e abri a primeira cerveja, esqueci cada palavra que o camarada disse. Pisei fundo e manejei o meu barco direto para cima de um monte de corais. Ouvi a hélice entortar: *CREC!*

Ops! Fazer o quê?! Mais uma cerveja?

A filhinha de Glenn, Karina, estava com ele, e o barco deles também bateu nos corais. Nenhum de nós pescou nada, o Sol escaldante estava insuportável, e quando decidimos encerrar o passeio, eu já estava mamado, puto da cara e irritadiço.

Devolvemos os barcos. O cara olhou embaixo para verificar as hélices e ficou ultrajado com o que viu. “Chega!”, berrou. “Vocês nunca mais vão alugar comigo! E têm de pagar por isso. Quero o dinheiro agora!”

Era impossível negar que havíamos danificado os barcos, então pagamos, mas a atitude do cara, a falta de peixes e –

principalmente – o fato de que a essa altura eu já estava absolutamente bêbado me deixaram nervoso e pronto para a briga. Não demorei muito até arrumar uma.

Enquanto caminhávamos pela doca até nossos carros alugados, um Jeep conversível passou voando por nós, cheio de locais que berravam e farreavam. O motorista, rindo, não estava de olho na via e eu tive de puxar Karina rapidamente para protegê-la. Em seguida, berrei alguns xingamentos para aquele pessoal.

O motorista, um caribenho de dreadlocks, freou com força e veio de marcha a ré até nós. Ele saiu do Jeep, chegou bem na minha cara e começou a gritar comigo num *patois* local carregado. Vai saber que porra ele estava dizendo, mas seus olhos eram loucos e intensos.

"Qualé o seu problema, caralho, *eh*?", perguntou. "*Eh*? Seu merda!"

"Você tem que olhar por onde anda, porra! Quase acertou essa garotinha!"

"Merda! Devia *ter* acertado!", berrou ele.

O quê?!

Foda-se. Esse. Cara! Afastei o braço e meti-lhe um soco bem forte na boca. Ele cambaleou para trás, me agarrou e, de súbito, estávamos rolando no chão, na terra, espancando um ao outro.

Falou! Vou matar esse cara!

"Pare! Pare! Rob, pare!", gritou Glenn, e me puxou de cima do cara, que ficou deitado na terra com a boca sangrando. Seus amigos do Jeep o ajudavam a se levantar, e mais locais correram até nós e nos cercaram. De repente, os números não pareciam muito bons.

“Precisamos dar o fora daqui!”, disse Glenn. “Tem muitos deles. Vamos, corram! Corram!”

Voamos até nossos carros e saímos cantando pneu. Os locais pularam no Jeep e vieram atrás de nós, berrando, e nos perseguiram por 5 minutos, piscando os faróis na nossa cola enquanto acelerávamos a caminho da nossa base, até que desistiram e tomaram outro rumo.

Foi um acontecimento totalmente deslocado do meu temperamento geralmente plácido, mas, enquanto avaliávamos a briga, já de volta ao estúdio, eu estava lívido demais para sentir vergonha. *Foda-se! Ele estava pedindo! Eu faria toda essa merda de novo!*

Acho que todos nós ficamos meio doidos em Nassau, e parecia uma boa hora para ir embora da ilha. Tom Allom encerrou nossas sessões no Compass Point, e nós combinamos de nos encontrar de novo em Los Angeles no final do ano para concluir o álbum.

Isso me daria três meses de folga. Mentalmente, esfreguei uma mão na outra em antecipação. Minha intenção era passar cada minuto deles com Brad.

A primeira coisa que quis fazer foi levar Brad a Phoenix.

Nós dois nos divertimos muito lá. Ele adorou minha casa ao pé da montanha, e a minha piscina deu a ele todo um escopo novo e infinito para mais pegadinhas envolvendo água (afinal, quem não adora quando viram uma sacola de água clorada em sua cabeça, não é mesmo?).

Adorei ficar em casa com Brad e, quando saímos, ele caiu como uma luva na cena do Rockers e do Mason Jar. Os

caras do Surgical Steel gostaram demais dele, em parte porque ele bebia ainda mais do que eles. Um deles até me chamou de lado e disse que nunca havia me visto tão feliz.

Porém, uma coisa que descobri rapidamente sobre Brad foi que o intervalo de atenção dele era muito curto. Depois de mais ou menos uma semana de estripulias descompromissadas e regadas a álcool em Phoenix, ele decidiu que estava entediado e queria mudar de cenário.

“Vou voltar para a Filadélfia. Por que você não vai ficar comigo por alguns dias lá?”

Eu sabia que ele havia comprado seu próprio apartamento recentemente, então topei. Porém, quando cheguei à Filadélfia, fiquei horrorizado. Era uma quitinetezinha esquálida, em cima de uma loja de conveniência, num bairro do tipo em que é bom você levar um taco de baseball ao sair para ir à padaria. A mobília de segunda mão já vira décadas melhores, e os dejetos de ratos na cozinha acusavam que ele não era o único ocupante.

Era um buraco, mas Brad disse que era o que ele podia pagar. Em todo caso, ele tinha outras coisas em mente. Estávamos há umas 2 horas naquele chiqueiro, bebendo e assistindo a um filme antigo numa televisãozinha preto e branco, quando ele fez uma sugestão.

“Ei! Que tal cheirarmos pó? Tenho um pouco aqui!”

Em Nassau, Brad havia me dito que gostava de “Charlie”, e eu sempre estava disposto a mergulhar de nariz numa pilha de farinha, então me pareceu uma excelente ideia. O papelotezinho que ele tinha mal deu para duas carreiras

para cada um... e nós começamos a ficar na fissura por mais.

Assim começou uma longa tarde, noite e madrugada em que ficamos, nas palavras de Lou Reed, *esperando pelo homem*. Brad me disse que tinha o telefone de um traficante chamado King. “Boa, tenho um bom dinheiro aqui!”, falei. “Chame o cara aqui!”

Brad discou e alguém atendeu. “O King está aí?”

“Não – ligue de novo em 5 minutos!”

“OK.”

Cinco minutos depois: “O King está aí?”.

“Não. Chame de novo daqui uns 5.”

“OK.”

Acho que ligamos umas vinte vezes até conseguirmos falar com o King, que então mandou um de seus caras – um sujeito pálido, de aparência perturbada e tensa – com 200 dólares em cocaína. O pó durou talvez 1 hora. No máximo.

“Ei, o King está aí?”

“Não. Ligue de novo em 5 minutos...”

Isso prosseguiu por horas, ao longo de toda a tarde, noite – nem nos preocupamos em jantar – e por toda a madrugada. Quando o Sol nasceu, ainda estávamos lá, suados, de olhos vermelhos e lábios rubros, e King estava pelo menos mil dólares mais rico.

Quando voltei para Phoenix alguns dias depois e parei para refletir, fiquei horrorizado com a maneira como Brad estava vivendo. *Ele não pode continuar naquela espelunca – e será que ligava para King o tempo todo?* Concluí que o apartamento o deixava mal. Se ele tivesse um lugar mais legal para morar, talvez ganhasse mais ânimo.

Liguei para ele e pedi seus dados bancários. “Vou mandar um dinheiro para sua conta. Encontre um lugar legal para morar. Não importa o preço – só faça isso!”

Brad ficou muito grato. Quando o visitei pela segunda vez, uma semana depois, ele já se encontrava numa casa moderna de dois quartos no coração da Filadélfia. Parecia feliz. “Muito obrigado, Rob. Esse lugar é muito legal, exatamente do que eu precisava. Ei, vamos atrás de pó?”

Eu já devia saber. Brad não usava cocaína porque vivia num apartamento de merda – usava porque adorava cocaína. Para ser justo, assim como eu também adorava. O que eu ganhava com o Priest significava que dinheiro não era problema, e nós rapidamente desenvolvemos um apetite insaciável.

A dinâmica entre nós era estranha. Eu era o cara mais velho e o que tinha dinheiro, mas a energia de macho alfa e o carisma dele o colocavam numa posição de liderança no nosso relacionamento. Ele dizia o que iríamos fazer, e eu ia na onda – e em nove a cada dez vezes, o que fazíamos era usar cocaína.

Nem todas as viagens à Filadélfia eram tão sórdidas. Íamos jantar na casa dos pais dele, que eram gentis e receptivos. Brad tinha duas irmãs e, ao interceptar uma ou duas olhadelas, tive bastante certeza de que elas sacaram que Brad e eu éramos amantes. Já os pais nada percebiam.

Na maior parte das vezes, porém, Brad e eu ficávamos na casa dele bebendo feito vagabundos e pagávamos centenas – não, milhares – de dólares a King e a outros pilantras como ele. Estávamos nos transformando numa

versão gay da Pensilvânia de Sid e Nancy. Ao final daquele verão, já éramos completos cocainômanos.

E então chegou a hora de ir para Los Angeles para terminar os trabalhos de *Turbo*. Brad foi comigo. Reunidos ao Priest, nos hospedamos num conjunto de apartamentos executivos em Burbank, que ficava a um curto trajeto de carro até o Record Plant Recording Studios, em Hollywood, onde concluiríamos e mixaríamos o álbum com Tom Allom.

Nunca foi difícil providenciar narcóticos em Los Angeles. Brad e eu continuamos a fazer exatamente o que fazíamos na Filadélfia – só que mais. Nossa bebedeira e o uso de cocaína, a essa altura, estavam tão insidiosos, que eram as únicas coisas que queríamos fazer, nossa *raison d'être*.

Nós dois havíamos passado o verão e o outono em isolamento. Nossa existência insana fazia sentido na nossa pequena bolha, mas só quando me reencontrei com o Priest foi que me dei conta do estado hediondo em que me encontrava.

Puta merda! Como foi que fiquei assim? Como foi que isso aconteceu?

Um dia comum em Burbank começava quando Brad e eu caíamos da cama às 6h da tarde e já começávamos a beber – cerveja, vodca, o que tivesse sobrado na geladeira da noite anterior. E então "Charlie" aparecia e era a hora do *Scarface*.

Bebedeiras sobre-humanas e cocaína cheirada em quantidades homéricas não costumam estimular relações harmoniosas, e tensões começavam a se infiltrar entre mim e Brad. A época das pegadinhas com água e bexigas

acabou, e nós nos bicávamos por merdas estúpidas e triviais:

“Ei, Rob, que tal irmos a um bar depois do estúdio hoje à noite?”.

“*Nah*, estou de saco cheio. Vamos só voltar para cá e beber.”

“Bem, vai se foder, *eu* vou pro bar!”

“Ótimo, então! Vai se foder *você*!”

Em geral, nos dávamos até que bem. Mas nossas brigas, quando aconteciam, eram viciosas.

Quando entrei em estúdio, eu estava uma bagunça terrível. Se me sentia distante de *Turbo* em Nassau, agora já não tinha mais conexão alguma com o álbum. Tive de gravar os vocais em pequenos arroubos porque estava acabado demais para cantar por muito tempo seguido. Na maioria dos dias, era difícil parar em pé.

Também não levei meu bom e velho *thesaurus*. Quando chegou a hora de escrever as letras, eu parei de me esforçar e só recauchutei umas merdas antigas quaisquer. Só faltou eu perguntar à banda: “Só isso aqui já tá bom?”. Quando leio algumas das minhas letras de *Turbo* hoje, é absolutamente constrangedor.

Até os títulos eram uma porcaria. “Rock You All Around the World”, “Wild Nights, Hot & Crazy Days”, “Hot for Love” – as músicas que os caras criaram mereciam coisa melhor do que essas merdas. Eram puros clichês, e certamente nada metal.

Mal me lembro desse período das gravações de *Turbo*. Minha frequência e performance no estúdio pioraram ainda mais quando consegui um moedor de cocaína. Parecia um

moedor de pimenta esquisito, e moldava a minha existência todos os dias.

Quando Brad e eu acordávamos, no final da tarde, ficávamos bebendo no quarto enquanto eu girava o cabo do moedor para transformar pedras grandes de cocaína em pó. Depois de dar uns tiros para despertar, eu guardava a coca numa bela garrafinha (com uma colher) e ia para o estúdio.

Essa garrafinha foi muito usada nos banheiros do Record Plant[b]. Entre os *takes* de vocal, eu saía de fininho e cheirava forte num dos cubículos. Voltava para a sala cheio de si, mas também suarento e enervado, com os olhos fixos no relógio para ver quanto tempo faltava para poder dar o fora dali.

Mal conseguia manter a cabeça no lugar. Não conseguia, na verdade. Era um completo maluco, um desastre ambulante, um acidente só esperando para acontecer. E, debaixo do meu medo e da minha confusão, borbulhava uma raiva feroz e vulcânica que, quando entrava em erupção, era espetacular.

Certo dia, tive de ligar para alguém da gravadora de um telefone público na parede da recepção do Record Plant. Não deu muito certo. Sabe-se lá o que discutimos, mas num piscar de olhos eu já estava berrando ao telefone, incoerente em meio à minha fúria cocainômana. Depois de bater o fone no gancho, dei um soco na porta mais próxima, xinguei à toa... e arranquei o telefone da parede com as próprias mãos.

Ouvi um barulho atrás de mim. Virei-me e vi que Dee Snider, do Twisted Sister, passava por mim na ponta dos pés, temeroso.

“Ah, oi, Rob!”, disse ele alegremente.

“E aí, Dee!”, respondi, com o telefone ainda nas mãos.

Ninguém da banda dizia nada para mim nesses acessos de fúria, não é do feitio do Priest. Mas eles podiam ver que eu estava péssimo, fora de controle e me afundando rapidamente. Aquilo não podia continuar. E não continuou.

Pouco depois, Brad e eu estávamos ligadões no nosso quarto em Burbank, com garrafas vazias de vodca e cerveja ao nosso redor na cama e no chão. Meu moedor de cocaína já em uso há horas. Como já era de costume quando ficávamos de vadiagem, começamos a bater boca.

O motivo poderia ser qualquer um. Quem deveria telefonar para o próximo corre de droga? A que canal de TV assistir? Vai saber qual foi o motivo, mas a briga escalonou e nós berrávamos um com o outro a plenos pulmões. Só paramos quando ouvimos uma batida na porta.

“Abram! Polícia!”

Corri pelo quarto para esconder o moedor e os papelotes vazios de coca antes de Brad abrir a porta. Dois tiras uniformizados da LAPD entraram. “Recebemos reclamações de outros hóspedes”, eles nos informaram. “Vocês precisam baixar o volume. Se tivermos de voltar, vamos prender vocês.”

A polícia foi embora e Brad e eu nos contivemos por um tempo. Cheiramos o que sobrava do pó e, quando acabou, fomos para a cama. Começamos a bater boca novamente... e então eu estourei. Perdi a cabeça. *Chega!*

“Beleza, seu babaca estúpido do caralho! *Loser* do caralho!”

Na cama, me ajoelhei sobre o peito de Brad e comecei a despejar soco atrás de soco no rosto dele. Não conseguia parar, e não queria parar. O rosto dele se transformava numa polpa sangrenta, e era exatamente isso que eu queria. Meus punhos velozes estavam ensopados com o sangue dele. *Ótimo!*

Ex-soldados não engolem esse tipo de coisa, e Brad reagiu, me socou o mais forte que podia, o que era forte para caralho, e arrancou grandes tufos do meu cabelo. Foi uma briga completamente animalesca, sem limites.

Acho que um de nós teria matado o outro se Brad não tivesse, de repente, pulado da cama e fugido do apartamento. Observei-o ir embora. Ele parecia ter acabado de sofrer um acidente de carro, ou saído de um filme de terror. Seu rosto estava todo coberto de sangue. Ele não voltou naquela noite, e eu não fazia ideia aonde ele poderia ter ido. Voltei para a cama e apaguei.

Quando acordei no dia seguinte, estava sozinho. Levantei-me, ainda com a mesma roupa fedida na qual bebi e usei drogas por horas na noite anterior, e peguei um táxi até o aeroporto para tomar um voo para Phoenix. Nem me dei ao trabalho de tomar banho ou de olhar no espelho.

Ao entrar em casa, me vi no espelho do hall. Parecia que eu havia subido no ringue com Mike Tyson e que o confronto não havia sido muito bom. Minha aparência estava ainda pior do que a de Brad. Mas não fui ao médico – deitei na minha cama e desmaiei. Quando acordei, havia mais tufos do meu cabelo ao meu redor no travesseiro.

Liguei para a casa de Brad na Filadélfia e ele atendeu. Soava tão arrependido quanto eu e meio que fizemos as

pazes. Mas não consegui encarar voltar a L.A. e para o Priest. Não conseguia encarar ir a lugar algum nem fazer nada. Liguei para o Record Plant e disse a Tom que me senti mal, voltei para Phoenix e precisava de um tempo.

"Volto em alguns dias", prometi. Não acho que falei sério.

Isso era o pior. O fundo do poço. Não havia como eu sentir mais pena de mim mesmo. Fiquei em casa e quieto por uma semana, bebendo sozinho, até que meu rosto ganhasse uma aparência meio decente para que eu pudesse sair. E então, me sentindo sozinho, liguei para David e sugeri de sairmos. Que mal poderia fazer, certo?

David foi até minha casa e nós tomamos um táxi até o Rockers. Ele logo se arrependeu: afogado em autocomiseração, fiquei estúpida e pateticamente bêbado bem rápido.

Lá vamos nós de novo. Seis *barley wines* e um Mogadon: versão Phoenix.

Ficamos no bar até sermos chutados de lá, e tomamos um táxi de volta para a minha casa. David tinha bebido demais para dirigir para a casa dele, então dormiu no meu quarto de visitas. Cambaleei até o meu quarto com uma garrafa de Jack Daniel's – *afinal, por que acabar com a festa agora?* – e meus olhos se fixaram na caixa sobre a mesa de cabeceira.

Minhas maratonas de cocaína e bebida deixaram a minha insônia ainda pior nas últimas semanas, e um médico prestativo de L.A. me deu uma receita de soníferos para um mês. E lá estavam eles, na minha mesa de cabeceira, sorrindo e piscando para mim, convidativos.

Tomei uma decisão. Foi surpreendentemente fácil.

Claro. Vamos nessa! Por que não?

Se eu me for, quem ia sentir a minha falta, porra?

Ninguém me ama!

Agachei-me ao lado da cama, abri o Jack e a caixa de remédios. Tirei um comprimido da cartela de alumínio e o engoli.

Tomei um gole de Jack.

Ninguém me ama.

Comprimido.

Gole de Jack.

Ninguém me ama.

Comprimido.

Gole de Jack.

Ninguém me ama.

Comprimido.

Gole de Jack.

Ninguém me ama.

Só Deus sabe quantas vezes repeti isso. Vinte? Vinte e cinco? Perdi a conta. No entanto, enquanto tudo isso acontecia, havia outra voz na minha cabeça, falando baixinho, mas com insistência. Consegui reconhecê-la, e era minha própria voz:

O QUE você está fazendo, Rob, seu idiota do caralho?!

Caí na real. *Quase.* Já estava me sentindo grogue quando me levantei e fui cambaleando até o quarto de visitas. Bati na porta. David estava meio dormindo ao abri-la.

“O que foi?”

“Acho que tive uma overdose.”

“Meu Deus!” David correu até o meu quarto e viu a caixa de remédios e a garrafa de Jack vazias. “Vai pro meu carro, rápido!”, disse, correndo para se vestir. “Agora!”

Ele me levou até o John C. Lincoln Medical Center, no centro de Phoenix. Fui levado às pressas para o pronto-socorro, onde me fizeram uma lavagem estomacal e me deram um líquido preto que me vez vomitar todo o veneno. Não fiquei assustado. Parecia que aquilo estava acontecendo a outra pessoa ou num filme.

Quando me declararam fora de perigo, um médico se sentou para falar comigo. Eu ainda estava bêbado, mas me sentia íntegro e racional.

“Acreditamos que você precise conversar com alguém” disse ele. “Você não devia estar fazendo essas coisas. Precisa conversar com alguém e descobrir o que há de errado.”

Eu sabia que ele tinha razão e me senti grato pela bondade dele. Eu acabara de quase cometer suicídio – é claro que precisava conversar com alguém! Mas não estava pronto, não ainda. Agradeci ao médico e disse que ia pensar a respeito.

David me levou para casa e, com medo de que eu tentasse novamente, medo esse que eu também tinha, se ofereceu para ficar comigo por alguns dias. Jogou fora todos os remédios que havia na casa, mas eu ainda podia beber, e bebi todas as noites, até apagar.

Minha raiva me consumia: minha raiva vívida e rudimentar, que vinha crescendo ao longo de vinte e cinco anos de uma vida de mentiras em relação à minha sexualidade. Eu vinha lutando muito para controlar essa

raiva, e agora estava cansado demais. Desisti. A raiva venceu e me dominou.

O fim chegou uma semana depois, no dia 5 de janeiro de 1986. Estava bebendo no meu quarto, e de repente comecei a chorar, urrar e a socar a parede como um animal alucinado e triste. *SMACK! SMACK! SMACK!* O baixo relevo dos meus punhos na parede me encarava de volta. As juntas dos meus dedos sangravam, em carne viva.

SMACK!

SMACK!

SMACK!

Por favor, Deus, faça isso parar!

Encolhi-me no chão, chorando de soluçar, e David entrou correndo no quarto e se aproximou de mim.

“Rob, precisamos dar um jeito em você, ou você vai morrer!”

Levantei o olhar até ele.

“Você precisa ir para a reabilitação. Agora!”

Concordei com a cabeça.

“Sim”, assenti. “Sim, eu sei. Vamos.”

a Sinto-me sortudo por essa foto nunca ter vazado e aparecido nessas matérias de “celebridades na cadeia”. Apesar que agora que contei essa história no livro, acredito que tenha uma boa chance de ela vazar.

b Quando paro para pensar, é realmente impressionante quantos jeitos diferentes de violar a porra das leis num banheiro eu achei ao longo da vida.

15

O cheiro de pólvora

David me levou de volta ao John C. Lincoln Medical Center, onde dei entrada na unidade de reabilitação. A enfermagem me levou até a ala de recuperação de alcoolismo e me colocou no soro. Deitei-me na cama, olhei ao meu redor e examinei a situação.

Então, cá estou eu. Sou agora oficialmente um alcoólatra e um viciado em drogas. Sem dúvida ficaria naquele hospital por um bom tempo.

Como me sentia quanto a isso?

Minha reação predominante foi de... alívio; me senti muito calmo. Sabia que havia chegado ao fundo de um poço de merda e não havia como cair mais ainda. Se fosse uma queda livre, o próximo destino seria a morte. Estar ali não era uma escolha. Era uma necessidade.

Não quero divergir demais falando de terapia – sei como isso pode ser chato –, mas minha tentativa de suicídio foi um pedido de ajuda, um pedido de ajuda subconsciente.

Minha vida já estava numa espiral descontrolada há muito tempo, enquanto eu só segurava firme e esperava pelo melhor.

Bem, o melhor não aconteceu. Das profundezas da minha fúria e do meu desespero, enfim admiti que tinha um problema, que não tinha o poder de resolvê-lo e que precisava de ajuda. Foi um momento demasiado profundo.

Muitos dependentes químicos têm sintomas intensos de abstinência quando entram na reabilitação a seco, e foi por isso que me colocaram no soro, mas eu não tive nenhum. Foi estranho: não senti vontade de beber ou de usar drogas durante todo o tempo em que fiquei internado no John C. Lincoln.

Eu simplesmente sou assim. Mesmo em momentos da minha vida em que bebi muito pesadamente (ou seja, a vida inteira até aquele momento, com uma pausa de seis meses!), eu sempre conseguia pisar no freio por algumas semanas se precisasse. Essa habilidade sempre me permitiu fingir a mim mesmo que eu não era alcoólatra. Agora, eu descobrira que isso absolutamente não era verdade.

A rotina na unidade de reabilitação era muito empática e suave. A parte mais difícil era acordar cedo. Sempre detestei isso, detesto até hoje, por causa da minha insônia. Mas nós acordávamos cedo e nos sentávamos num círculo para as reuniões internas do AA.

Meus colegas pacientes eram pessoas comuns: executivos, motoristas de ônibus, professores. Muitas das mulheres eram donas de casa. Algumas dessas pessoas sabiam quem eu era, a maioria não. Ninguém se importava.

Ao lado de todos ali sentados, recitei pela primeira vez aquelas famosas palavras:

“Oi, todo mundo! Meu nome é Rob e eu sou alcoólatra”.

E me senti bem ao dizê-las... porque sabia que era verdade. E era verdade desde que eu comecei a encher a cara toda noite no Dirty Duck, em Walsall.

Dei o telefone do estúdio a David e pedi para ele ligar para L.A. por mim e dizer à banda e a Tom que eu estava na reabilitação e ficaria fora de cena por um tempo. O Priest ficou em choque – ninguém esperava por isso, não mais do que eu. Os caras voaram direto para Phoenix para me ver.

Eu ainda estava no soro e todos eles se sentaram ao redor da minha cama no hospital. Tentamos bater um papo normal, mas eles ficaram um pouco sem jeito, sem saber muito bem o que dizer, então eu mesmo falei: “Estou aqui porque sou alcoólatra”.

“Você *não* é um alcoólatra, Rob!”, disse Glenn.

“Sou, sim, Glenn.”

“Não é, não, amigo! Você só gosta de tomar umas, assim como nós!”

Apesar de se esforçar ao máximo para me fazer me sentir melhor, Glenn não poderia estar mais equivocado. *Eu era um alcoólatra.* Agora sabia disso. Antes de irem embora, os caras me disseram para tomar o tempo que fosse necessário para me recuperar, e que estariam ao meu lado. Eu já sabia disso, mas foi ótimo ouvir.

As sessões diárias de terapia eram, por vezes, intensas. A aconselhadora trazia um taco de baseball, colocava um objeto numa cadeira no centro da roda e nos encorajava a surrá-lo com o taco. A ideia era que ele representasse uma

pessoa ou um incidente que nos traumatizou. Destrui-lo violentamente seria catártico.

As mulheres do grupo se saíam melhor do que os homens nessa atividade. Sentado na roda, eu as observava ir à loucura e destruir por completo um ursinho de pelúcia, e depois cair no chão com todo o peso do mundo e despejar para fora a dor e a angústia. “Uau, me sinto muito melhor!”, elas diziam. Os homens ficavam mais reticentes.

Eu nunca encostei no taco de baseball. Ardith, minha aconselhadora, uma mulher adorável, alguns anos mais velha do que eu, dizia: “Você está suprimindo esses sentimentos, Rob!”. Ela provavelmente tinha razão, mas eu só não queria fazer aquilo.

A reabilitação era uma bolha, mas eles nos deixavam dar um telefonema de vez em quando. Liguei para os meus pais para lhes dizer onde eu estava, e Ardith também conversou com eles, que ficaram aliviados. Minha mãe pareceu muito feliz. Acho que eles já vinham observando o meu declínio havia algum tempo.

Liguei para Brad também. Foi bom ouvir a voz dele, e melhor ainda quando ele disse que estava contente por eu ter buscado tratamento, com saudades e prestes a fazer a mesma coisa: ia entrar na reabilitação também. Meu coração disparou.

Maravilhoso!, pensei. *Talvez possamos fazer essa relação dar certo, afinal!* Porque eu sabia que ainda queria isso. Sabia que ainda o amava.

Passei trinta dias no John C. Lincoln e, quando saí, sabia que minha vida havia mudado. Assumi um compromisso de nunca mais beber ou usar drogas. *Era hora*. Detestava

passar mal o tempo todo. Havia anos que não me sentia fisicamente saudável. Isso tinha de mudar.

O outro e maior estímulo era que eu queria voltar a ser um bom cantor. Queria me reconectar ao Priest e com a nossa música. Era – *é* – a coisa mais importante da minha vida, e o alcoolismo e a dependência química haviam me nocauteado tão forte, que eu havia perdido o contato com ela, perdido contato com a minha força vital.

A reabilitação mudou a minha vida. *Salvou* a minha vida. Depois que tive alta, me mantive em contato com Ardith, uma alma tão bondosa. Ela chegou a ir até Walsall para conversar com a minha mãe ao longo do processo da minha doença e recuperação. Elas se tornaram grandes amigas e até viajaram para a Escócia de férias juntas!

Não bebo nem toco num narcótico há trinta e cinco anos – daí para mais. Não posso dizer que nunca mais vou beber nem usar nada, mas, por Deus, espero que não. Aquele clichê a respeito da recuperação é verdadeiro: você vive um dia de cada vez. Sei que estou sóbrio hoje, espero estar sóbrio amanhã.

Nunca estive numa reunião do AA desde que deixei a reabilitação. Só parei de beber e continuei assim. Não estou afirmando que isso daria certo para qualquer um, mas deu certo para mim. Acho que é mais uma daquelas coisas típicas de Walsall:

Se você precisa fazer alguma coisa, só faça.

Voltei para L.A. para terminar as gravações de *Turbo*. Meu retorno ao estúdio foi da forma mais discreta possível, bem

típica do Black Country. Apenas cheguei de mansinho no Record Plant certa tarde, enquanto o resto da banda trabalhava duro.

“Tudo certo aí, rapazes?”, perguntei.

“Tudo ótimo! Você está bem, Rob?”

E foi isso. Eles não me sabatinaram quanto à reabilitação ou ao que eu passara, respeitaram minha privacidade por completo. Só ficaram contentes por eu ter retornado, recuperado e pronto para arrebentar no álbum.

Mais do que pronto, eu estava em forma para a batalha. Foi a primeira vez que gravei vocais para o Priest sóbrio e, mesmo assim, quando chegou a hora de cantar “Out in the Cold” e “Reckless”, soltei a voz com toda força e foi demais. Talvez fosse mais fácil cantar sem estar doido da cabeça, afinal! *Quem diria?*

Depois de lidar com meu desempenho irregular e abaixo da média em Nassau e no primeiro momento em L.A., Tom Allom ficou absolutamente deleitado com este vocalista novo e melhorado. “Deus do céu, Rob, você está muito melhor! Está estupendo!”, laureou o nosso patrício produtor, Velho Cartusiano[a].

Nunca fui bom em receber elogios, seja pela minha voz ou por qualquer outra coisa, mas este aceitei de muito bom grado. Porque, sem querer soar convencido, eu sabia que Tom tinha razão. Minha voz estava muito melhor. Minha nova fase sóbria na banda havia começado bem.

Enquanto concluíamos *Turbo*, uma produtora de cinema entrou em contato e pediu permissão para usar “Reckless” no novo filme de Tom Cruise, *Top Gun: Ases Indomáveis*. Isso implicaria deixarmos a faixa de fora do álbum, o que

não queríamos fazer, e não achamos que o filme viraria muita coisa, então recusamos. *Jogada de mestre, hein?*

Fiquei ausente, ou pelo menos *non compos mentis*, por muitos meses, então me atualizei dos negócios da banda. De Londres, veio a notícia de que Bill Curbishley pedira a uma integrante de sua equipe, Jayne Andrews, para se tornar empresária do Priest em tempo integral.

Bill ainda teria envolvimento estratégico, mas Jayne é quem cuidaria dos nossos negócios diariamente. Gostei dela desde o momento em que a conheci, e achei a ideia ótima. Jayne era obstinada e eficiente, e eu sabia que ela seria excelente para a banda, coisa que ela foi... e é até hoje.

Ao retornar a Phoenix, senti a necessidade de um novo começo, longe da casa na Mummy Mountain onde farreei tanto. Encontrei um novo lugar rapidamente: a 5 minutos dali, no Paradise Valley, e era maravilhoso. Ao visitá-lo, eu não parava de dizer: “Isto aqui é incrível!”. Era uma casa arejada e espaçosa, e tinha vistas estonteantes do esplendor natural do Arizona.

Do deck da piscina, era possível ver os aviões pousando no aeroporto de Phoenix, ao longe. “Meu pai vai *amar* isso!”, pensei. Caí de amores pela casa e paguei 500 mil dólares em dinheiro por ela, na hora. Assim como a minha propriedade em Walsall, foi um dinheiro bem gasto: moro nela até hoje, mais de trinta anos depois.

Em seguida, voei para a Filadélfia para me reencontrar com Brad. Primeiro, falei por telefone com uma das irmãs dele, que me disse que ele estava bem. Eu não o via desde a nossa briga violenta em L.A., então estava nervoso, mas deixamos isso para trás rapidamente. Águas passadas.

Brad havia dito que iria para a reabilitação... mas nunca foi. Quando nos reunimos na Filadélfia, ele saiu para alguns compromissos e voltou fedendo a cerveja. Não falei nada – de novo aquele ódio por confrontamento! –, mas fiquei incomodado.

Fiquei preocupado não só com Brad, mas também comigo. Depois de me tornar sóbrio, sabia que não poderia correr o risco de uma recaída. Foi ótimo revê-lo, mas ele ainda era o mesmo Brad selvagem, impetuoso e que adorava uma diversão. Era uma metralhadora fora de controle, ao passo que eu precisava de estabilidade.

Voltei para casa temeroso.

Depois de uma longa gestação, *Turbo* saiu em abril de 1986 e foi muito bem recebido, mesmo que alguns *headbangers* tenham torcido o nariz para a inclusão daquelas guitarras sintetizadoras pentelhas. Depois de me sentir desconectado do álbum, a essa altura eu o adorava – e ele ainda nos deu dois grandes *hits* nos EUA, “Turbo Lover” e “Locked In”.

Ensaiamos por duas semanas para nossa primeira turnê em dois anos, que foram ótimas, e eu adorei não ter de fazer inúmeras pausas para uma dose refrescante de metade vodca, metade tônica. Além disso, vi que *precisaria* estar consciente e alerta para esse novo show.

Fuel for Life seria nossa turnê mais ambiciosa até então. Andaríamos por várias plataformas de metal, como se estivéssemos numa máquina alienígena. Mãos robóticas gigantes me levariam ao ar. Não, esse definitivamente não era um cenário para se entornar Smirnoff!

A turnê duraria quase um ano. Nossa gravadora ainda estava com ideia fixa nos EUA, então não houve shows na Grã-Bretanha – *de novo* –, mas inúmeros em arenas e coliseus nos States, um braço de quatro semanas na Europa e, por fim, uma viagem ao Japão. A essa altura, eu já era um veterano desse tipo de itinerário, mas dessa vez havia uma diferença importante.

Eu nunca havia feito um show sóbrio na vida.

Nas noites que antecederam o início da turnê, minha insônia entrou em ação e eu passava a madrugada acordado, inquieto, em pânico e surtando. As mesmas perguntas não saíam da minha cabeça: *Como vou conseguir subir no palco e cantar na frente de milhares de pessoas sem álcool no organismo? Será que vou pirar? Como vou lidar com isso?*

Não tinha respostas, só medo e uma esperança cega e, na primeira noite da turnê, estava com os nervos à flor da pele. *Puta que pariu!* Lá estava eu, nas coxias do Tingley Coliseum, em Albuquerque, me cagando de medo. Dez mil fãs clamavam pelo Priest... e eu preferia estar em qualquer outro lugar, menos ali.

As luzes do auditório se apagaram. O público urrou. Caminhei até o microfone. E então algo aconteceu. Algo precioso e real.

Assim que abri a boca e comecei a cantar, senti algo que nunca tinha sentido antes no palco. Não havia nada que interferisse na minha expressão: nada de álcool, nada de narcóticos. Senti o mais intenso e sagrado entorpecimento natural: o grande júbilo e sensibilidade da voz humana.

Regalei-me no puro deleite animalesco de abrir a garganta e soltar a voz. Poderia estar cantando no chuveiro, ou “The Skye Boat Song” na escola, aos 8 anos, de novo. Foi uma sensação ótima, algo transcendente.

Entrei em contato com algo em meu corpo, minha mente, minha alma, onde quer que fosse, que estava bloqueado para mim há muito tempo. Durante todo o show, me senti flutuando no ar, de tão eufórico. E uma nova narrativa interna tomada de êxtase substituiu minha neurose estressante:

Uau! Perdi a oportunidade de ter essa sensação ao longo de toda a minha carreira de artista! Mas graças a Deus a tenho agora!

Continuei com essa felicidade depois do show. Antes, eu teria mergulhado de cabeça numa montanha de pó ou numa garrafa de Jack. Agora, me sentei sozinho, em silêncio, e desfrutei de uma sensação calorosa de orgulho e realização, coisas que eu não sentia há muito, muito tempo, tempo demais.

À medida que a turnê costurava as estradas da Califórnia e do Meio-Oeste, eu sentia a mesma coisa todas as noites. Ocasionalmente, havia alguns momentos difíceis no *backstage*. Os outros caras não pararam de beber e farrear, tampouco eu esperava que parassem.

Sempre havia álcool no camarim. Quase todas as noites saíamos para comer depois do show, e embora eles tentassem dar uma segurada, sempre acabavam bebendo. Eu espiava Ken ou Ian virarem uma taça de vinho e rolarem de rir e pensava, *isso parece divertido!*

Porém, nunca fiquei muito tentado. *Não muito.* Acho que o que me salvou foi a velha teimosia do Black Country. Se eu disse que vou fazer alguma coisa, faço. Aguento. Sinto-me seguro; além disso, as lembranças dos meus pesadelos recentes estavam vívidas demais para que eu sequer cogitasse ceder.

Em vez disso, ligava para Brad na Filadélfia toda noite, assim que saía do palco. Um ritual estranho e adorável que desenvolvi. Dizia a ele como foi o show e contava as novidades que tivesse... e então ele me pedia para cantar "Swing Low, Sweet Chariot" para lhe ajudar a dormir.

Então, toda noite, poucos minutos depois de berrar "Turbo Lover" ou "Freewheel Burning" para 10 mil *headbangers* maníacos, em alguma sala silenciosa do *backstage*, eu entoava uma antiga e belíssima canção gospel para um jovem sonolento na cama na Filadélfia:

> *I looked over Jordan, and what did I see?*
> *Coming for to carry me home*[49]

Sempre ansiava pela hora de fazer isso, era um momento doce, terno e muito íntimo.

No show em Dallas ocorreu um acidente. O técnico de guitarra de Ken trocou as cordas do instrumento, mas se esqueceu de cortar as pontas que sobraram. Durante um dos meus movimentos mais exuberantes no palco, estendi os braços e, sem querer, acertei o braço da guitarra de Ken.

O braço foi na direção dele e uma das pontas das cordas penetrou fundo seu olho direito. *AI!* O sangue jorrou e a cena foi grotesca. Um verdadeiro guerreiro, Ken tocou até o

final do show, mas teve de colocar um par de óculos escuros – em especial porque Wayne Isham filmaria "Parental Guidance" para um clipe ao vivo.

O engraçado é que todo mundo que assiste ao clipe pensa que os óculos de Ken são pura pose! Felizmente, o ferimento não deixou sequelas, mas o pobre Ken estava agonizando de dor, como ele me disse muitas e muitas vezes.

O Bon Jovi foi a banda de abertura do braço canadense da turnê. Eram caras legais, mas nossos fãs mais ferrenhos os consideravam peso-pena demais e não simpatizaram com a fórmula pop-metal deles. Certa noite, foram expulsos do palco a garrafadas. Para crédito dos caras, o Bon Jovi se manteve firme e fez todos os shows.

Bem, os fãs do Priest sabem do que gostam e do que não gostam... e pelo menos os rapazes do Bon Jovi engoliram esse remédio ruim numa boa.

Cantar para Brad dormir todas as noites era uma coisa. Tê-lo como companhia na turnê seria outra. Minha recuperação ia bem, mas eu sabia o quanto ele poderia ser uma má influência para mim. Era um elemento intruso: será que a minha nova estabilidade o aguentaria?

Mas eu sentia saudades dele e nossas conversas de madrugada eram ótimas, então o convidei para se juntar a nós. Como sempre, ele se enturmou muito bem. Voltou a nos dar seus sorrisos e sua energia, e eu me lembrei exatamente o motivo de ter me apaixonado por ele; não que em algum momento tivesse me esquecido.

Brad não estava sóbrio, mas também não estava uma bagunça de álcool e cocaína. Tentava melhorar, era perceptível. Porém, agora que eu me encontrava sóbrio, via um lado dele que não havia percebido antes – ou provavelmente só o tinha ignorado porque não *queria* percebê-lo.

Havia momentos em que ficava nervoso e irritável. Depois de beber, brigava pelas coisas mais triviais. Explodia sem motivo. Seis meses antes, eu estaria bêbado e explodiria de volta. Agora, me mantinha calmo, me recolhia... e me preocupava com ele.

Conseguia ver em Brad os mesmos sinais de declínio e raiva induzidos pelo álcool e pela cocaína dos quais eu acabara de me livrar. Minha vontade era a de pedir que ele fosse para a reabilitação, e de me oferecer para pagar, mas sabia que ele simplesmente explodiria e viria para cima de mim feito louco. O mais fácil era não fazer nada – então não fiz.

Me importo com ele, mas não sei mais o quanto esse relacionamento vai durar, eu pensava. *E não sei como vai terminar.*

No entanto, Brad também tinha dias bons de sobra e nós nos divertimos na estrada. As pegadinhas com água voltaram (*ah, que bom!*) e noventa por cento do tempo ele era uma ótima companhia. Quando a *Fuel for Life* passou para a Europa no outono, o convidei para me acompanhar mais uma vez.

Primeiro, passamos alguns dias na minha casa, em Walsall. Assim que entramos e colocamos as malas no chão, Brad começou a fazer o que já era costumeiro na Filadélfia:

determinar o que íamos fazer em seguida e aonde iríamos, fazer planos para nós dois juntos.

“Espera aí!”, falei, meio de brincadeira. “Estamos no *meu* território agora. Vamos fazer as coisas do *meu* jeito!”

Grande erro.

Brad ficou descontrolado. De repente, xícaras e pratos voaram da mesa da cozinha em direção à minha cabeça e se espatifaram na parede atrás de mim. “Cala a porra da boca!”, berrou ele. “Babaca! Ninguém fala comigo desse jeito, porra!”

Encolhi-me. Aquilo me pegou totalmente de surpresa. *De onde saiu essa porra?* E então pensei: *Será que ele sempre foi assim e eu só estava bêbado demais para perceber?* De um jeito ou de outro, foi seriamente perturbador.

Um ano antes, eu teria xingado Brad de volta. Talvez tivéssemos saído no braço. Talvez a polícia viesse atrás de nós de novo. Agora, só pedi desculpas e abrandei a situação: “Desculpe, eu estava só brincando! Olha só, vou fazer um chazinho para nós!”. Levou um tempo, mas eu o acalmei.

Mesmo assim, debaixo de toda a raiva, Brad ainda tinha aquele senso de diversão pueril. Por algum motivo, em Walsall ele se interessou por ferromodelismo. Íamos a uma loja de brinquedos da cidade e ele construiu uma ferrovia extensa na minha sala, com locomotivas, estações, rampas, aquela coisa toda.

Apresentei-o à minha família. Não especifiquei a natureza da nossa relação, mas a essa altura eu já não precisava. Imagino que tenham percebido só de olhar para

nós. Brad foi absolutamente encantador e meus pais o adoraram logo de cara. Sue gostou muito dele também.

Entretanto, estar comigo sóbrio em tempo integral não combinava com ele, que ficou agitado e inquieto em Walsall. Descobriu um bar e sinuca que ficava aberto a noite toda a 5 minutos da minha casa, e eu então ficava acordado de madrugada, me perguntando a que horas ele voltaria – e em que estado.

Outra coisa começou a me deixar com a pulga atrás da orelha. Fazíamos muito menos sexo do que antes, e há pouco tempo sua irmã, sem querer, deixara escapar ao telefone que Brad tinha uma amiga muito próxima na Filadélfia. Isso serviu de gatilho para minha inevitável paranoia.

Será possível que Brad é, na verdade, hétero? Como o David? Será que cometi o mesmo erro estúpido de novo?

Com certeza não, eu pensava, e enfim ouvia Brad colocar a chave na fechadura, com certa dificuldade ébria. Só então pegava no sono, aliviado.

Depois do braço europeu da *Fuel for Life*, ele voltou para os EUA e nós fomos encerrar a turnê no Japão. Aproveitei para ter uma conversa casual, mas significativa, com a banda, sobre um assunto que andava na minha cabeça havia algum tempo.

Recém-sóbrio, eu estava mais feliz do que nunca no Priest, mas também vinha pensando em me lançar num projeto paralelo solo, só para ver como seria.

Não sabia como a banda se sentiria, mas quando joguei a ideia no *backstage* depois de um dos shows no Japão, os caras não pareceram abalados. “Claro, por que não?”,

disseram. “Manda ver! Contanto que a gente esteja numa pausa e que o som não se pareça muito com o do Priest, vai ser ótimo!” Foi um alívio receber o sinal verde deles ao seguirmos cada um seu rumo, ao final da turnê.

Brad retornou a Walsall em dezembro e nós passamos um Natal adorável no bangalô dos meus pais. Para comemorar meu primeiro ano sóbrio, no dia 6 de janeiro, Sue me fez um bolo no formato de uma garrafa de água Perrier, o que me deixou muito comovido.

E então voltei para Phoenix e Brad foi para casa, na Filadélfia. Combinamos que eu iria visitá-lo no fim de semana seguinte. Yul Vazquez e Gigi Fredy haviam se mudado para Nova York e, depois, se separado de forma amigável, e eu ainda mantinha amizade com ambos. Fazia tempo que Gigi e eu não nos víamos, e Brad gostava muito dela, então a convidei para ir comigo. Vai ser divertido, certo?

Essa viagem terrível vai me assombrar pelo resto dos meus dias.

Era 19 de janeiro de 1987. Do aeroporto, Gigi e eu fomos direto para a casa de Brad, que tinha dois quartos, de forma que ambos planejávamos ficar por lá. Ao chegarmos, entramos e levamos as malas de Gigi para o quarto dela... e Brad explodiu.

Cutuquei meu cérebro por uma eternidade e ainda não consigo me lembrar qual foi o motivo. *Foi por nada.* Alguma coisa inócua servia de gatilho para Brad e ele começava a gritar e a destruir o lugar. Foi o que ele fez naquele momento.

Eu já tinha visto esse filme – *Os Demônios de Brad* – e ele nunca acabava bem.

“Acho melhor darmos o fora daqui e irmos para um hotel”, eu disse a Gigi. “Você pode descer e chamar um táxi?”

Gigi correu escada abaixo, o que deixou Brad ainda mais furioso. Ele ainda tinha os olhos arregalados e destruía o quarto. Tentei acalmá-lo, mas só piorava as coisas. Assim, tomei uma decisão.

“Brad, vou embora. Vou porque não há nada que eu possa fazer. Você precisa tirar isso do organismo. Vou para um hotel e te ligo mais tarde.”

Desci. Gigi já havia conseguido um táxi e estava à espera dele na porta. Eu estava prestes a entrar no carro quando Brad saiu correndo da casa e veio até a rua.

Foi até mim e me deu um abraço.

“Eu te amo”, ele disse.

“Eu também te amo, Brad.”

Quando ele se virou, notei a arma enfiada na calça.

Entrei no táxi.

“Puta merda”, falei para Gigi ao partirmos. “Você viu aquela arma?”

“Que arma?”

“Brad está com uma arma na calça. Eu nem sabia que ele tinha uma!”

Pedimos ao taxista para nos levar ao Embassy Suites, ao lado do aeroporto. A primeira coisa que fiz quando Gigi e eu entramos no quarto foi ligar para Brad. Ele não atendeu. Eu sabia que havia algo de errado: Brad *sempre* atendia. Liguei de novo, sem sucesso.

“Não estou gostando disso”, eu disse a Gigi. “Tem alguma coisa errada. Vou ligar para o tio dele.”

Um tio de Brad morava a 5 minutos da casa dele, da qual também tinha uma chave. Liguei para ele e falei que estava preocupado. “OK, obrigado por me avisar, Rob. Vou para lá agora mesmo.”

Quando o tio entrou na casa, o cheiro de pólvora ainda pesava no ar.

Eu só soube 2 horas depois, quando recebi a ligação. Brad havia dado um tiro na cabeça em seu quarto, minutos antes de o tio chegar. O pobre sujeito não se perdoava por não ter chegado mais rápido.

Ele não era o único a se culpar.

Puta merda. Eu tinha visto a arma. Sabia o estado em que ele estava. Por que não falei nada? Por que não fiz nada?

POR QUÊ?

Eu me senti... como eu me senti? Não sei. Anestesiado. Frio. Não, me senti morto *também*, morto por dentro, porque havia perdido a pessoa que amei mais do que qualquer outra. Alguém por quem eu sentia tanta, tanta coisa.

Fui ao céu e ao inferno com Brad. Às vezes, no mesmo dia; muitas delas em questão de 5 minutos. Não sabia o que fazer nem o que dizer. O que *sabia* era que nada mais seria igual.

O tio de Brad disse que o corpo foi levado a um hospital, onde era mantido vivo com ajuda de aparelhos porque a

família queria doar seus órgãos. Assim que fui informado, soube que tinha de vê-lo mais uma vez, uma última vez.

Não ousei ligar para os pais ou para a irmã dele para pedir permissão: será que eles iam querer saber de mim? *Será que me culpariam?*

Gigi viu o estado em que eu me encontrava, tomou a dianteira e ligou para a família por mim. Sim, tudo bem eu ir vê-lo uma última vez.

Às 3 horas da manhã, o táxi percorria as ruas escuras e desertas da Filadélfia. A cidade era cheia de lembranças de Brad: os bares que frequentávamos, onde brigamos e nos amamos. Os clubes aonde íamos, os restaurantes onde comíamos.

O hotel onde nos conhecemos.

Na recepção do hospital, expliquei quem eu era e por que estava ali. A atendente noturna assentiu e chamou um faxineiro, que me conduziu por uma escada até uma ala escura. Indicou um quarto e me deixou lá.

Brad estava deitado na cama. Tubos em sua garganta mantinham seu corpo respirando até que os médicos pudessem remover os órgãos. Embora seus olhos houvessem se enchido de sangue, ele parecia sereno: enfim em paz. Aproximei-me, me debrucei e dei um beijo em sua testa.

E então fui embora.

Na manhã seguinte, peguei um voo para Phoenix. Sentia-me completamente vazio. Não fui capaz de encarar ficar em casa sozinho, então, depois de pegar meu Corvette no aeroporto, fui direto para a casa de David e lhe contei o que aconteceu.

David pode nunca ter sido meu parceiro – mas, quando o desespero chegou e me vi no meu momento mais triste, ele se mostrou um bom amigo. “Sinto muito, Rob. Fique aqui pelo tempo que precisar.”

Recolhi-me ao quarto de hóspedes dele por uma semana, ainda me sentindo frio e anestesiado. Não fazia nada, só fitava o espaço. E então Gigi me ligou para me contar os detalhes a respeito do funeral de Brad.

“Você quer ir?”, me perguntou.

Eu não podia. Sentia-me como uma ferida exposta, desesperado demais, e não queria causar mais pesar à pobre família dele. Seus parentes haviam sido bondosos comigo, mas eu não sabia se gostariam da minha presença, que talvez pudesse vir a ser inconveniente no sepultamento. Decidi me enlutar sozinho.

No momento exato do funeral de Brad, fui até um ponto do Paradise Valley onde nós costumávamos fazer trilha. Sentei-me na colina, contemplei o vale e tentei me conectar espiritualmente com a cerimônia na Filadélfia, a mais de 3 mil quilômetros dali.

Até hoje não fui ao túmulo de Brad. Quero e não quero ir. Já disse inúmeras vezes a Jim Silvia que preciso ir até lá. “Rob, quando você quiser ir, nós vamos”, Jim sempre diz. “Só me diga quando.”

Irei, um dia.

a O sotaque de Tom era tão aristocrático, que eu sempre presumi que ele tivesse frequentado a faculdade de Eton, até que ele me relatou ser egresso da Charterhouse. “Mas nós éramos tão metidos quanto eles!”, acrescentou, orgulhoso. [*A Charterhouse é uma escola em Goldaming, Surrey, no Reino Unido, fundada em 1611, no local de um antigo monastério da Ordem dos Cartuxos, daí o adjetivo “cartusiano”, referente aos cartuxos, atribuído por Halford a Tom Allom* (N. do T.).]

49 “Olhei para o rio Jordão, e o que vi? / Vindo para me levar para casa.” *O* spiritual *afro-americano “Swing Low, Sweet Chariot” foi composto por Wallace Willis na segunda metade da década de 1860. A primeira gravação de que se tem conhecimento data de 1909, pelos Fisk Jubilee Singers.* (N. do T.)

16

Quem nos dera ter essa sorte! (Sorte, sorte, sorte...)

Se eu fosse voltar a beber, isso teria acontecido depois do suicídio de Brad. Nada é mais traumático do que a morte repentina de um ente querido, ainda mais de uma forma tão brutal. É preciso de conforto e alento, que com frequência são temporariamente encontrados numa garrafa.

Eu passei pela minha própria noite longa e escura da alma e tentei me matar havia apenas um ano, mas, de algum modo, foi... diferente. Mesmo no momento em que engoli os comprimidos, uma voz na minha cabeça me dizia para não fazer aquilo. Era um grito de ajuda e eu tinha uma rota de fuga.

O caso de Brad foi bem outro. Apontar uma arma para a própria cabeça e puxar o gatilho... quão profundo deve ser o seu tormento emocional para que você faça isso? Eu passava noite após noite em claro me perguntando o que teria levado Brad a fazê-lo. E então tive uma pista.

Gigi conversou com uma das irmãs dele, que disse achar que Brad havia engravidado uma garota na Filadélfia. *É isso! Ele era hétero, afinal!* Imaginei-o tentando lidar com esse tipo de estresse, além da nossa vida conjunta, somada ao consumo de álcool e drogas dele, e fez um pouco mais de sentido para mim. *Um pouco*.

Certamente, vocês, leitores de *Confesso*, vão pensar: "Ah, ele era bissexual!". Porém, meus instintos me dizem que Brad era um cara hétero que abriu uma exceção para mim. Suponho que eu poderia ter ficado magoado por ele ter me traído, mas não fiquei. *Qual seria o sentido? É tarde demais para isso*. Ao contrário, senti uma inundação triste de alívio por ele não estar mais sofrendo.

Essa situação teria matado *a mim* se eu ainda bebesse... mas a sobriedade foi uma bênção. Um milagre. Ela me deu uma claridade nas ideias que me permitiu processar as minhas emoções de uma forma que eu nunca teria feito enquanto bêbado. Isso me ajudou a aceitar a morte de Brad. E me senti grato por isso.

O ano de 1987 seria, em sua maior parte, de folga para o Priest, e isso foi fortuito. Tive a chance de me recuperar e de garantir que essa tragédia horrenda não me descarrilhasse. Mantive-me reservado em Phoenix, não fui a bares ou clubes, e limitei severamente os amigos com quem me encontrava.

A única atividade do Priest na primeira metade do ano foi se encontrar com Tom Allom na Flórida para mixar um álbum ao vivo. *Priest... Live!* foi composto por faixas de dois shows da turnê *Fuel for Life*: um em Atlanta e um em Dallas, onde transformei o olho de Ken numa almofada de alfinetes.

Ao contrário de *Unleashed in the East*, essa mixagem foi bem direta e não houve necessidade de eu regravar vocais em pânico. Foi um processo bem tranquilo, de forma que tive muitas oportunidades de ir à praia.

Ian e eu compartilhamos uma bela *villa* de frente para o mar. Agora que havia parado de beber, comecei a ganhar uma forma física decente, o que me permitiu passear para cima e para baixo na areia num fio dental branco minúsculo, cobiçando os locais.

Desenvolvi o hábito de comer uma maçã por dia, e a esposa de Tom, Louie, me viu fazendo isso ao mesmo tempo em que eu, todo empolado, tentava puxar conversa com um salva-vidas. “Honestamente, Rob, você parece uma Eva do heavy metal no Jardim do Éden!”, suspirou ela. E acho que, de certa forma, eu era isso mesmo.

Com o Priest em hiato até o outono, fui para Walsall no início do verão e passei algumas semanas na minha casa. Meus pais me disseram o quanto sentiram muito ao ficar sabendo de Brad. Por outro lado mais positivo, pude ver a alegria deles em me ver ainda sóbrio e lúcido.

Nova York sempre foi uma das minhas cidades favoritas no mundo. Naquela época, sempre que eu voltava para Phoenix do Reino Unido, gostava de fazer uma parada lá por alguns dias. Fiz isso naquele verão de 1987 e fiquei no apartamento de Gigi, em Manhattan.

Fomos à Limelight, a balada nova-iorquina instalada numa antiga igreja gótica, absurdamente na moda. Billy Idol estava por lá. A house music pulsava num volume enlouquecedor, então Gigi e eu adentramos uma salinha onde havia uma mulher jamaicana sentada sozinha.

Ela se apresentou como Pearl e disse ser sensitiva. Uma médium. *Ah, é só mais um dos truques da balada*, pensei. Não me interessei muito, mas Pearl me perguntou, “Há alguém em particular com quem você queira se comunicar?”

Eu estava prestes a dizer que não, e fazer alguma observação cética quando Pearl então disse: “Bem, tem alguém aqui que quer se comunicar com *você*”.

Olhei para ela sem entender. *Hein?*

“Ele quer saber se você ainda tem a roupa íntima que te deu, aquela com os fechos de metal do lado?”

Fiquei com a boca seca. Meu coração parou. Senti que *o mundo* parou. *Mas que...?* Nunca contei a viva alma que Brad havia me dado a cueca de fechos quando o conheci. E aqui estava uma jamaicana animada falando disso numa balada.

“Essa pessoa tem uma risada muito contagiante, não?”, continuou Pearl. “Era um cara muito aprontão?”

Sim, me vi respondendo a ela. Sim, era sim.

“Deve ter sido! Ele sempre te pregava umas peças com água!”

Meu. Deus. O que estava acontecendo ali? Não havia o menor jeito de aquela mulher, que eu nunca vira na vida, saber essas coisas todas sobre Brad. Eram particulares, especiais, íntimas. *Nossas coisas.* Depois disso, ela – ou ele – não teve muito mais a dizer.

Mas enfim, eis o Brad. Sempre provocador.

Foi o encontro mais extraordinário da minha vida e, num instante, moldou e solidificou toda a minha atitude em relação à morte, à espiritualidade e a um pós-vida. Agora,

de repente, eu *sabia* que nós vamos para algum lugar quando morremos. *Sabia* que o corpo de Brad não estava mais vivo, mas que *ele* ainda estava, e de olho em mim.

E, o melhor de tudo, sabia que ele ainda tinha aquele riso largo e belo.

Mais para o final de 1987, o Priest passou umas duas semanas compondo para o álbum sucessor de *Turbo*, numa casa que Glenn comprara no sul da Espanha. E então, antes do Natal, seguimos para o Puk Studios, na Dinamarca, com Tom Allom para gravar o que se tornaria *Ram It Down*.

Num claro contraste com as distrações descaradas de Ibiza e Nassau, o Puk ficava no meio de lugar nenhum. Começamos as sessões com algumas das músicas que haviam sobrado de quando *Twin Turbos* foi cortado para um único *Turbo*. Esse foi, ainda, o primeiro álbum que gravei sóbrio do começo ao fim, e eu gostei muito da lucidez que me permitiu me comprometer por completo às letras e aos vocais.

Sempre achei difícil me ouvir cantar, mas quando ouço as faixas dessas sessões no Puk, consigo perceber que estou cantando sem álcool ou substâncias químicas. Minha voz está *diferente* e mais afiada do que nos álbuns anteriores. Pareço estar num lugar melhor – e de fato estava. Foi ótimo contribuir integralmente com a banda de novo.

Eu estava gostando de trabalhar no Puk... mas Dave Holland não. A simplicidade e o estilo direto de Dave na bateria, muito apreciados por nós quando ele substituiu Les Binks, passaram a ser vistos como uma limitação.

Bandas, né? Elas nunca conseguem se decidir!

Resolvemos providenciar uma bateria eletrônica. Só era preciso tocar um tambor ou um prato umas duas vezes, e então você literalmente conseguia criar as batidas no estúdio, de forma eletrônica. A implicação disso foi que nosso pobre baterista mal tocou bateria.

Dave ficou bem contrariado com isso, e não o julgo – *eu* teria ficado puto se a banda tivesse recrutado um robô para cantar a maior parte dos vocais! E, se é para ser sincero, acho, *sim*, a bateria desse álbum artificial.

Lá pela metade das gravações, Bill Curbishley foi até o estúdio para nos dizer que recebemos uma proposta para participar da trilha sonora da comédia *Johnny Bom de Transa*, estrelando Anthony Michael Hall, Robert Downey Jr. e uma jovem Uma Thurman.

Depois do fiasco por termos recusado *Top Gun*, não quisemos sair perdendo de novo e gravamos um cover de "Johnny B. Goode"[50], de Chuck Berry, para o filme, que colocamos no álbum também. Quando vi o filme, fiquei decepcionado com o curto tempo que a música toca no filme... e, verdade seja dita, não era nenhum *Top Gun*.

Ozzy foi até o Puk durante as nossas gravações e chegou com um bando de garotas com aparência de modelo. Ele queria dar uma olhada no estúdio para decidir se gravaria lá. Decidiu rapidamente que o lugar era remoto demais para o gosto dele, mas o viking dono do Puk se desdobrava para persuadi-lo do contrário.

"Bem, eu precisaria de um heliponto!", afirmou Ozzy, presumindo que essa exigência absurda encerraria a discussão.

“Claro, sem problema!”, disse o viking, assentindo avidamente. “Construo um heliponto para você!”

Ozzy não chegou a gravar no Puk, mas, nessa visita, ficou muito amigo de Glenn e os dois foram logo para a piscina olímpica do estúdio. Quando apareci por lá mais tarde, de sunga, estavam enchendo a cara na Jacuzzi com o bando de garotas do Ozzy.

Prestes a concluir o álbum, demos ainda um salto notável no desconhecido... ou talvez o que alguns de nossos fãs chamem de dança com o diabo.

Como já disse, posso ser um deus do metal, mas há muito tempo não resisto a um pop. Sempre fiquei de olho nas paradas e, na época, adorava algumas coisas do dance-pop manufaturado – Kylie Minogue, Rick Astley, Bananarama – que saía da linha de produção do Stock Aitken Waterman.

Esse trio de produtores dominou a parada de compactos britânica no final dos anos 1980. O Priest sempre foi uma banda de álbuns, mas, ao mesmo tempo, não tínhamos um compacto no top 20 desde “United”, de 1980, e eu comecei a me perguntar se o SAW poderia ser capaz de corrigir isso.

Judas Priest e Stock Aitken Waterman?! Soava ridículo... mas sempre fui da opinião de que, se você não se arrisca na vida, não vai saber o que está perdendo. Não tenha medo de merda nenhuma! Se você tentar alguma coisa e não der certo, pelo menos você tentou.

Abordei a banda com a sugestão. Não fazia ideia de como os caras iam reagir, mas, depois do estranhamento inicial – “*Quê?!*” –, todos foram favoráveis e confiaram nos

meus instintos. Acredito que a opinião geral tenha sido: *Isso é tão idiota, que pode muito bem funcionar*.

Jayne Andrews contatou o SAW, que também ficou muito surpreso com a proposta. Acho que o absurdo da coisa agradava a eles tanto quanto a nós. *Uma banda de heavy metal? Claro, por que não?* Assim, naquela primavera, voamos para Paris e nos reunimos com eles num estúdio.

Gostei do SAW logo de cara. Simpatizei especialmente com Peter Waterman[a], que, assim como nós, vinha do oeste das Midlands e não tinha frescura. Porém, o que me impressionou em absoluto foi a velocidade e a eficiência com que os três trabalhavam.

Gravaríamos três músicas. Uma era um cover de "You Are Everything", uma velha canção soul dos Stylistics, dos anos 1970, que eu sempre adorei, e, além dela, o SAW iria compor duas outras para nós... e compôs no tempo que a maioria das pessoas demoraria para fazer um sanduíche.

Os três entraram num casulo criativo:

"OK, vamos fazer *isso* no refrão."

"Sim, colocamos essa nota aqui; na verdade, não, funciona melhor *ali*."

"Concordo. E quanto a isso *aqui*? Dá uma levantada na estrofe."

"Agora, o gancho... e a ponte... isso, fica ótimo!"

"OK, Rob, estamos prontos!"

Foi absolutamente inacreditável. Quando a luz vermelha do estúdio se acendeu, gravamos "You Are Everything" e as duas canções concebidas pelo SAW para nós: "I Will Return" e "Runaround". Era decerto uma forma diferente de

trabalhar! Entramos naquele estúdio em Paris e saímos na mesma tarde.

Voltamos para casa e ouvimos os produtos finais. Eu gostei da sessão e achei que soamos ótimos com uma batida dance. Ao mesmo tempo, sabíamos que lançar essas músicas seria controverso – e talvez até um beijo da morte para a nossa carreira. Assim, houve uma discussão séria entre a banda.

Sabíamos que muitos dos nossos fãs viam o Stock Aitken Waterman como Anticristos musicais; provedores de papinha pop vazia e sem valor, coisa de criança. Eu não concordava, mas já era capaz de imaginar a hostilidade que encararíamos:

O que é essa merda disco, Priest? Vocês ficaram loucos, porra? Isso não é heavy metal! SEUS TRAIDORES!

Como o álbum já contava com "Johnny B. Goode", que estava fora da nossa área, decidimos que incluir as cantigas borbulhantes da parceria com o SAW seria pisar ainda mais longe daquilo que fazemos: *metal*. A cautela prevaleceu, e nós engavetamos as faixas.

Toda vez que trombo com Pete Waterman, ele me diz que ainda tem as gravações em algum lugar de seu depósito. Ao longo dos anos, trechos vazaram no YouTube. Será que um dia vamos lançar a sessão completa? Honestamente, não sei. Mas adoro o que gravamos juntos, e o fato de termos gravado.

Enquanto estava na Europa, me reencontrei com Michael, da casa no Yew Tree Estate, que agora morava em Londres e trabalhava no London Lighthouse, uma clínica para homens soropositivos[b]. Ele conhecia a princesa Diana,

que aparecia de surpresa no meio da noite para confortar os pacientes.

Michael me disse que, naquele dia, iria participar de uma grande passeata em protesto à hostilidade do governo Thatcher contra os gays. No impulso, decidi ir com ele.

Nunca fui um grande animal político, mas até eu via que o governo de Margaret Thatcher estava fazendo merdas feias. Aprovou a Cláusula 28, que proibia os conselhos de "promover intencionalmente a homossexualidade" e as escolas de conversar com os alunos sobre homossexualidade. Era uma legislação que tratava os gays como aberrações e pervertidos.

Marchar pelo centro de Londres com milhares de outros gays, tocando apitos e empunhando bandeiras arco-íris, foi extasiante: *este é o meu povo*! Havia muita vibração e energia ali. E, ah, é claro, deleites de sobra para os olhos!

Ao passarmos pelo final da Downing Street, me juntei ao coro: "Maggie! Maggie! Maggie! Fora! Fora! Fora!". Imaginei-a ouvindo aquilo tomando uma xícara de chá, balançando a cabeça em desalento diante daquela demonstração em massa de afrontamento homossexual.

Foi uma decisão espontânea e empoderadora para mim... mas é claro, muitíssimo arriscada também. Apesar de ser gay, eu ainda me encontrava amplamente no armário, e meu medo de ser descoberto e, com isso, levar à destruição da banda estava mais forte do que nunca. Só era preciso que um fã ou, pior, um *jornalista* me visse... e aí, o que aconteceria?

Porém, passei despercebido. Tive sorte. Pelo menos nesse aspecto eu sempre parecia ter.

Ram It Down teve uma recepção razoável e, depois de uma semana de ensaios na Suécia, saímos na turnê *Mercenaries of Metal* para promovê-lo. A empreitada de seis meses percorreria furiosamente a Europa continental e a Grã-Bretanha, para então terminar na América do Norte.

A essa altura, o Priest já estava há quinze anos na estrada, e cada turnê era maior e melhor do que a anterior. Sabíamos o que fazíamos, éramos uma máquina de metal bem azeitada... até que chegamos nos States e uma das rodas se soltou.

A maldição dos bateristas do Judas Priest se abateu sobre nós de novo. Dave Holland ainda estava injuriado por ter sido colocado de lado em *Ram It Down*. Isso não o deixou nada contente e, quando chegamos ao Nassau Veterans Memorial Coliseum, em Nova York, foi a gota d'água.

Dave estava tão farto, que declarou que nem entraria no palco. Dizia estar com dor nas costas, de forma que não conseguiria tocar. Sentei-me ao lado dele por 2 horas, demonstrando compaixão e tentando convencê-lo a mudar de ideia. Quando ele enfim consentiu e nós entramos, já estávamos 1 hora atrasados.

O show foi consistente, mas, no *backstage*, Dave deu outro chilique. Lançou alguns insultos contra Glenn, que ele via como o principal instigador da incorporação da bateria eletrônica, e disse estar de saco cheio da vida na estrada. Ao final da turnê, sairia da banda.

Essa negatividade continuou a borbulhar de fundo – ou, mais especificamente, na bateria – à medida que a turnê

prosseguiu, mas os shows ainda foram ótimos. E então, em agosto, chegamos a Minneapolis.

Fazia dezoito meses da morte de Brad. Com a exceção de raros encontros de apenas uma noite e brincadeiras rápidas em banheiros, me mantive sozinho e celibatário. Era uma existência solitária, e me ocorreu que eu estava pronto para outro relacionamento.

Em nosso show no Met Center, em Minneapolis, não pude evitar de notar um rapaz bonito bangueando e indo à loucura com a banda no gargarejo. Era seriamente gostoso e, enquanto me lançava pelo palco, uma ideia se formou na minha cabeça: *Quero conhecer esse cara*.

Antes do bis, chamei um membro da equipe e pedi a ele que desse uma credencial para o cara e o convidasse para nos conhecer depois do show. Era algo que eu fazia de vez em quando, ao ver um cara malhado no público. Alguns dos outros da banda faziam isso com mulheres; *por que eu não poderia fazer*?

Ele chegou ao *backstage* muito animado. Seu nome era Josh e ele foi ao show com seu irmão, Ted. Josh tinha vinte e poucos anos, dividia um apartamento com Ted numa cidadezinha da Dakota do Sul e era um grande fã do Priest e de metal em geral.

Foi uma situação bem diferente de quando conheci Brad, em que a atmosfera estava eletrizada e nós nos pegamos no banheiro em questão de 10 minutos, mas Josh parecia um cara doce, e nós batemos um papo amigável e tiramos algumas fotos fazendo a mão chifrada. Antes de ele ir embora, peguei seu telefone.

Vou dar uma ligada para ele, pensei. *Quem sabe? Talvez eu tenha sorte...*

Uma nuvem carregada nos seguiu por toda a turnê. Sabíamos que dois jovens haviam se suicidado três anos antes enquanto ouviam nosso álbum *Stained Class*. Ficamos horrorizados e entristecidos com a notícia – um desperdício de vida terrível e sem sentido.

Agora, soubemos por meio de nossos empresários que os pais deles pretendiam nos processar, sob a alegação de que nossa música foi responsável pela morte dos filhos. Pensamos imediatamente em Ozzy no tribunal, também três anos antes, depois que um fã se matou enquanto ouvia sua música "Suicide Solution".

O caso de Ozzy foi arquivado, e nós imaginamos que era bem improvável que acabássemos no tribunal – a ideia parecia ridícula demais. Porém, ao chegarmos à Starplex Arena, em Dallas, em setembro, Jim Silvia nos deu um aviso.

"Quando vocês descerem do ônibus, o xerife vai lhes entregar intimações. Não digam nada a ele, só aceitem a papelada."

Foi exatamente o que fizemos. Os documentos diziam que teríamos de fornecer provas caso fôssemos levados a julgamento. Era uma preocupação, mas parecia algo tão forçado, que não nos inquietamos muito. Encaminhamos os papéis aos nossos advogados e meio que esquecemos do assunto.

Liguei para Josh da estrada algumas vezes e, quando a turnê *Mercenaries of Metal* acabou, fui visitá-lo em Dakota do Sul. Ele morava numa cidadezinha sonolenta, onde

trabalhava numa academia, e seus pais eram conservadores, mas muito gentis e simpáticos.

Comecei a gostar de Josh... mas não nos envolvemos nem ficamos íntimos por semanas. Quando *enfim* chegamos às vias de fato, parecia ser algo experimental para ele, como se fosse sua primeira vez com um homem (embora não tenha sido a primeira vez que um homem o apalpou: ele foi *quarterback* do time de futebol americano na escola).

Conheci-o numa boa época. O ano de 1989 também traria folga para o Priest, então me foquei em conhecer Josh. Aos poucos, mas com certeza, me apaixonei por ele, que foi me visitar duas ou três vezes e, na primavera daquele ano, se mudou para Phoenix para morar comigo.

Comparado à montanha-russa que era Brad, a vida com Josh era relaxada e sossegada, mas concluí que era exatamente isso o que eu queria. Comíamos bem, tomávamos suplementos vitamínicos, levantávamos muito peso (ganhei uma barriga tanquinho pela primeira vez!), ficávamos em casa e assistíamos à TV.

Levei Josh para Walsall comigo, e toda minha família gostou dele. Assistimos a incontáveis episódios de *Cheers* – ele era obcecado por essa série! Eu não via muita graça, e o *pub* em nada se parecia com o Dirty Duck (onde estavam os Mogadons e as dançarinas?), mas eu gostava do quanto *ele* gostava.

Josh costumava ter dores nos ossos das mãos, então eu as massageava enquanto assistíamos a Sam, Carla e Woody fazer palhaçadas no bar. Era tudo muito doméstico – me lembrava um pouco meu primeiro namorado, Jason, no Yew Tree.

Ao final de 1989, chegou a hora de dar um novo arranque na máquina do Priest. Como já se tornava costume, partimos para a casa de Glenn, na Espanha, para trabalhar nas primeiras composições para o álbum que viria a ser *Painkiller*. Nossa primeira tarefa era encontrar um novo baterista.

Não estávamos a fim de passar por toda a enrolação de fazer testes com um monte de bateristas em potencial. Por sorte, eu tinha uma sugestão.

Em Phoenix, o Surgical Steel havia por fim desistido e acabado. Jeff Martin se mudou para L.A. e formou uma nova banda de metal bem legal, o Racer X. O baterista era um jovem enérgico e muito talentoso, fanático pelo Judas Priest, chamado Scott Travis.

Quando digo “fanático”... não estou brincando. Quando tocamos no Hampton Coliseum, na Virgínia, seu estado natal, na turnê *Fuel for Life*, Scott planejou montar a bateria no estacionamento e tocar enquanto nosso ônibus chegasse, na esperança de que o víssemos e oferecêssemos emprego a ele!

No fim, ele se contentou em entregar uma fita demo dele tocando bateria para um membro da nossa equipe na entrada do palco. Acho que nunca ouvimos a fita – ainda tínhamos um baterista naquela época! Porém, quando lhe disse que a vaga agora estava disponível, não havia como ele ficar mais empolgado.

Falei de Scott para os caras e nós o trouxemos para a Espanha. Ele nunca havia saído dos EUA e, quando chegamos ao nosso cantinho remoto em Marbella, suas primeiras perguntas foram: “Onde fica o 7-Eleven mais

próximo? O Circle K[51]? O McDonald's?". Horrorizado por não haver nenhuma dessas coisas por perto, ele apelidou o lugar de Acampamento da Morte I.

Assim que Scott se acomodou na bateria para fazermos um som, ficou claro para todos nós que ele era um baita baterista incrível. Conhecia todas as nossas músicas e era perfeito para a banda. Bem, perfeito em todos os aspectos, menos um... era americano.

Parece algo tolo agora, mas, na época, foi assunto de algumas discussões bem sérias entre a banda. *Somos uma banda britânica de heavy metal – vai dar certo trazer um Yankee a bordo?* Felizmente, logo ganhamos sensatez. Musicalmente, Scott era o ideal para nós, não importava a cor do passaporte dele.

Gravamos *Painkiller* no Studio Miraval, no sul da França, no começo de 1990. Depois de seis álbuns de estúdio e dois ao vivo com o "Coronel" Tom Allom, achamos que uma mudança cairia bem, e recrutamos Chris Tsangarides para coproduzir o disco conosco.

Não era nada pessoal com Tom. Sabíamos o som que queríamos e o objetivo era que nós mesmos produzíssemos boa parte do álbum. Chris trabalhara conosco lá atrás, como engenheiro de som em *Sad Wings of Destiny*, e desde então produzira Thin Lizzy, Magnum, Gary Moore... e Samantha Fox; ninguém é perfeito.

O Studio Miraval ficava situado numa região deslumbrante e era tão remoto quanto o Puk (injuriado, Scott batizou o estúdio de Acampamento da Morte II). Não tinha nem TV. Isso nos serviu bem, porque entramos nas gravações de *Painkiller* com uma ordem do dia definida.

Era uma nova década e o mundo da música estava mudando. Havia toda uma nova geração e um novo gênero de rock emergindo de Seattle, onde o movimento grunge ganhava força com Nirvana, Pearl Jam e Alice in Chains. O metal, por sua vez, passava por um novo ciclo.

Isso tudo nos fazia sentir que este seria um álbum importante e decisivo para o Judas Priest. Assim, resolvemos entrar de cabeça e gravar o álbum mais forte, intenso e poderoso da nossa carreira. Sentíamos que seria o disco que ditaria o futuro da banda.

Começamos as gravações já com o máximo de disciplina e propósito... e deu certo. A bateria titânica de Scott nos deu um novo sopro de vida, todos os componentes se encaixaram, e até hoje ainda acho que *Painkiller* é o *Sgt. Pepper's* do Priest. É o nosso grande marco de referência musical, que serve de parâmetro para todo o resto.

Painkiller é incansável. Com exceção da sinfônica "Touch of Evil", ele não baixa a guarda do começo ao fim. É o álbum especial que sabíamos que tínhamos de fazer, e as músicas se empenham para se equiparar à intensidade brutal da letra impiedosa da faixa-título:

> *Faster than a laser bullet, louder than an atom bomb*
> *Chromium plated boiling metal, brighter than a thousand suns*[52]

Todos ficamos deleitados com *Painkiller*. De Miraval, partimos para Amsterdam para terminar e mixar o álbum. Levei Josh para me encontrar lá... e comprei um apartamento.

Sempre gostei de Amsterdam e apreciei a franqueza pé no chão do povo holandês. Há uma liberdade verdadeira e sossegada naquele lugar... e, acima de tudo, não há como negar que eu adoro o fato de Amsterdam ser uma Meca dos gays! Assim, comprei um apartamento bem legal perto do Rijksmuseum e Josh e eu curtimos a cidade por algumas semanas. Passamos um verão fantástico... mas o meu prazer terminou um dia antes de voarmos de volta a Phoenix.

Eu era – *na maior parte do tempo* – fiel a Josh. Ser fiel no mundo gay não é a mesma coisa que no mundo hétero: homens gays são mais promíscuos, mas quase sempre contamos aos nossos parceiros sobre os namoricos. Às vezes até nos juntamos num bom e velho *ménage*! Mas Josh e eu não fazíamos nada disso.

Eu estava feliz com ele, mas, um dia antes de ir embora de Amsterdam, senti um desejo por um pouco de sacanagem. A 10 minutos do meu apartamento havia um clube gay chamado Drake's Cruising. Além de vender pornografia, chicotes e máscaras de BDSM, o lugar contava com salas onde valia de tudo, e cubículos com *glory holes*.

Minha excitação aumentava. Eu precisava ir lá. *Agora!*

"Só vou dar uma saída... fazer um negócio ali", disse a Josh.

Todo mundo em Amsterdam tem uma bicicleta, e eu subi na minha e saí pedalando furiosamente em direção ao Drake's. Usava botas Doc Martens, uma jaqueta *bomber* verde, um gorro de lã e os jeans mais apertados em que consegui entrar. Precisava mostrar o meu volume da melhor forma.

Amsterdam é famosa pelos sex shops, as bicicletas e os bondes... e eu estava prestes a combinar os três. Estava tão ansioso para chegar ao Drake's, que não olhei por onde ia, e a roda dianteira da minha bicicleta ficou presa num trilho de bonde. Saí voando por cima do guidão.

Ah, merda! Fiz um arco no ar em plena tarde, em câmera lenta. Lembro-me distintamente de pensar: *Isso não vai acabar bem!* Não acabou. Estendi o braço direito para amortecer a queda, atingi o chão com um baque retumbante e desloquei o cotovelo.

CREC! Ouvi o osso ceder. A dor era tão excruciante, que eu pensei que fosse desmaiar. Eu *queria* desmaiar. Algumas pessoas correram até mim e tentaram me confortar. Viram que eu estava em agonia e chamaram uma ambulância, que chegou rápido.

Já no veículo, eu sentia tanta dor que mal conseguia falar. "Vou te dar gás anestésico e oxigênio", disse o paramédico ao notar o meu desconforto, e me passou um tubo e uma máscara. Coloquei-a e inalei avidamente.

VRUUM! Já estava sóbrio havia quatro anos e, com a primeira lufada de anestésico já fiquei pra lá de Bagdad. Foi fantástico pra caralho! *Meu Deus, estava com saudades dessa sensação!*, pensei. *Certo, é isso! Quando isso acabar, vou voltar ao goró, ao pó... talvez experimentar um pouco de heroína...*

O paramédico tirou minha jaqueta com cuidado. Olhei para o meu cotovelo e fiquei surpreso ao ver o osso exposto. A essa altura, estava tão chapado, que já não me importava. Chegamos ao hospital, onde me colocaram num leito e fiquei à espera de um médico para me examinar.

Ele me deu uma injeção, se sentou na cama e começou a conversar comigo. Eu estava curtindo o bate-papo... até que, sem avisar, ele pegou meu braço e deu um puxão. Parecia que ele estava tentando arrancá-lo, mas, na verdade, o que fez foi encaixar meu cotovelo direito em seu devido lugar. Foi magistral.

Josh e eu tomamos o voo para Phoenix no dia seguinte, metade do meu braço engessada. Doeu por semanas e, quando cheguei em casa, precisei engessar o braço inteiro. Assim, esse foi o resultado de tentar trair Josh e receber uma punhetinha rápida! Como Lennon disse certa vez, foi carma instantâneo.

Nos EUA, recebemos uma notícia muito ruim. *Painkiller* estava pronto, lustrado, no jeito para rodar... mas, de súbito, o álbum do qual estávamos tão orgulhosos e que nos deixou tão empolgados teve seu lançamento adiado. A turnê que faríamos para promovê-lo foi adiada. Na verdade, toda a nossa carreira entrou em *stand-by*.

Aquilo que era tão ridículo que seria impossível de acontecer... estava acontecendo.

O Judas Priest iria a julgamento.

50 *O título original do filme de 1988 é* Johnny Be Good*.* (N. do T.)

a Apesar de nascido e criado em Coventry, Pete é um grande torcedor do Walsall F.C. Não sou muito fã de futebol, mas creio que ele seja o único cara que não é de Walsall e *escolheu* torcer para o nosso time!

b Tristemente, o próprio Michael viria a falecer em consequência da AIDS.

51 *Rede de lojas de conveniência.* (N. do T.)

52 “Mais rápido do que um tiro de laser, mais alto que uma bomba atômica / Metal fervente cromado, mais brilhante que mil sóis.”

17

Eu – eu – eu bem que pedi uma pastilha!

Os nomes dos garotos eram James Vance e Raymond Belknap, de Sparks, Nevada. Vance tinha 20 anos; Belknap, apenas 18. No dia 23 de dezembro de 1985, passaram a tarde no quarto de Belknap bebendo, fumando maconha e ouvindo nosso álbum *Stained Class* repetidas vezes, antes de fazer um pacto de suicídio.

Foram até um playground com uma espingarda de cano serrado e tentaram se matar. Belknap deu um tiro na própria cabeça e morreu no ato. Vance só conseguiu atirar na metade inferior do rosto e sobreviveu, terrivelmente desfigurado.

Era uma história horrível, e o que se deu em seguida foi bizarro. Vance escreveu para os pais de Belknap e alegou que nossa música foi o que os fez decidir se matar: “Creio que o álcool e as músicas de heavy metal, como as do Judas Priest, nos levaram a ficar hipnotizados demais”. Vance,

seus pais e os pais de Belknap então decidiram... *nos processar*.

Nesse meio tempo, Vance morreu de uma overdose de metadona, mas os pais dos garotos persistiram com o processo. De início, alegaram que nossa música "Heroes End" incitava suicídio, até que Jayne Andrews lhes enviou a letra impressa, destacando que a canção dizia exatamente o oposto: "Por que você tem de morrer para ser um herói?"[53]. Os pais, então, mudaram a abordagem.

Os advogados contrataram engenheiros de áudio, que afirmaram ter encontrado "letras ocultas", escondidas em *Stained Class*. Relataram que havíamos escondido em nossas músicas mensagens subliminares que estimulavam os ouvintes a se matar.

O cerne do argumento deles dizia respeito ao nosso cover de "Better by You, Better Than Me", do Spooky Tooth. Os supostos experts de estúdio disseram ter detectado sete momentos diferentes em que eu sussurrava "*Do it!*"[54] durante os refrões da música: um claro incentivo ao suicídio!

Não era só isso. Aparentemente, também teríamos nos dado ao trabalho considerável de colocar versos ocultos em outras faixas do álbum por meio de *backmasking*. Isto é, ao se tocar o disco ao contrário, supostamente seria possível me ouvir dizer "*Try suicide*", "*Sing my evil spirit*"[a] e "*Fuck the Lord, fuck all of you*"[55]. *Entre outras coisas.*

Quando eu e a banda ficamos sabendo que essas eram as acusações contra nós, ficamos incrédulos. Que baboseira era essa? Era algo tão forçado, que ficamos estupefatos: por

que diabos faríamos isso? Não era possível que alguém poderia levar essas besteiras a sério.

Bem, aparentemente, era... e estavam levando. A banda foi intimada a comparecer ao tribunal do condado de Washoe, em Reno, no dia 16 de julho de 1990. A família de Vance estava processando a nós e a nossa gravadora, a CBS, em US$ 5 milhões. A de Belknap se contentaria com US$ 1,6 milhão.

Antes do tribunal, alugamos apartamentos a uma boa distância de Reno e nos reunimos com nossos advogados. Passamos horas... dias... *semanas* com eles. Quiseram saber tudo a respeito de *Stained Class* e do Priest, para que pudessem se preparar para tudo o que fosse lançado contra nós no tribunal.

Dançamos conforme a música, mas ainda havia um ar de incredulidade entre nós, de modo geral. Não queríamos minimizar a tragédia de duas vidas que foram interrompidas cedo demais, mas... *tudo isso era demasiado estúpido*.

Na Grã-Bretanha, os réus não são autorizados a discutir seus casos em público antes do julgamento... mas não estávamos na Grã-Bretanha. *Estávamos nos EUA*, onde as coisas são feitas de forma bem diferente. Às vésperas do julgamento, nossa equipe organizou aparições na mídia, para que pudéssemos dar o nosso lado da história.

Dei uma entrevista no rádio para Howard Stern. Não tinha certeza se era uma boa ideia, já que ele era um sensacionalista notório – será que isso ajudaria *mesmo* a nossa causa? Nossos advogados me garantiram que sim, e correu tudo bem. Howard considerou o caso ridículo e o detonou por completo no ar.

Menos bem-sucedido foi um convite para ir ao *talk show* de Geraldo Rivera. Descobrimos de antemão que era uma emboscada: os pais dos rapazes também estariam lá, então desistimos. Rivera, um republicano afeito a expor "abusos satânicos", colocou cadeiras vazias no cenário do programa e nos chamou de "frangotes do heavy metal".

Tudo isso parecia um circo estúpido, e o julgamento em si não amenizou essa sensação. Enquanto subíamos tensos os degraus do tribunal, no primeiro dia, e as câmeras da imprensa disparavam cliques, os *headbangers* locais se reuniram para nos prestar apoio. Demos alguns autógrafos e eles entoaram um coro de "Priest! Priest! Priest!". Estavam lá todos os dias.

Já no tribunal, vi os pais de Vance e Belknap. Embora fossem os acusadores, não senti nem um lampejo de raiva por eles. Estavam equivocados, mas haviam perdido seus filhos jovens. Foram ao inferno. Eu quis ir até eles e lhes dar um abraço.

Não senti a mesma empatia pelos advogados. Assim que os procedimentos começaram, ficou evidente que, enquanto as cortes britânicas têm como único objetivo encontrar a verdade sobriamente, os julgamentos estadunidenses são, em essência, um departamento do *show business*. Isso ficou bem claro com o pronunciamento de abertura do advogado líder.

"Meretíssimo, este caso diz respeito ao grito de vingança dessas pobres famílias!", disse ele ao juiz. "Elas estão aqui para defender sua fé! Não querem ser largadas às tristes asas do destino..."

Sentados um lado do outro, em nossos ternos e gravatas elegantes, Glenn, Ken, Ian e eu nos entreolhamos, perplexos com essa diarreia verbal. *Esse sujeito está tirando com a nossa cara? Todo esse caso é uma grande piada?*

Não havia júri. O caso seria ouvido pelo juiz Jerry Carr Whitehead; um mórmon de meia-idade e aparência conservadora, que se manteve inescrutável ao longo de todo o julgamento.

O juiz Whitehead já nos deu um soco no estômago antes da abertura do caso. O caso de "Suicide Solution", do Ozzy, foi indeferido porque letras de música são amparadas pela Primeira Emenda, que lhes garante liberdade de expressão. Esperávamos o mesmo veredicto.

Não foi o que aconteceu. Antes dos procedimentos, o juiz determinou que, como estávamos sendo acusados de *backmasking*, ou seja, de inserir versos ocultos nas músicas, e a emenda não se aplicava a mensagens subliminares e implantadas, o julgamento prosseguiria. Nosso caso foi tornado duplamente difícil... por algo que, para começar, nem havíamos feito. *Ótimo.*

Quando o julgamento começou, os advogados dos pais revelaram a tropa de "*experts*" em áudio que juravam ter detectado transgressões malignas sob a superfície de *Stained Class*. Tocaram excertos das nossas faixas ao contrário, supostamente para demonstrar as mensagens do mal enterradas nelas.

Era um monte de *nonsense*. A suposta mensagem "*Sing my evil spirit*" soava mais como "*Seeg mowevo sparee!*". "White Hot, Red Heat" ao contrário *não* soava como "*Fuck the Lord, fuck all of you!*", e sim, como escreveu um

jornalista que cobriu o caso para o *Village Voice*, “como o canto de um golfinho do mal”.

Já quanto à primeira prova apresentada pelos advogados dos pais, foram outros quinhentos. Quando tocaram “Better by You, Better Than Me” à corte, *por pouco* era possível perceber um barulho curto, seco e glótico depois do verso principal do refrão. Se você forçasse bem a barra, até poderia soar um pouco como “*Do it!*”.

Os advogados dos pais tocaram esse trecho à exaustão no tribunal. Enquanto o faziam, eu observava o juiz Whitehead com atenção e, numa rara demonstração de emoção, de repente vi um lampejo de reconhecimento surgir no rosto dele.

Merda!, pensei. *Ele acredita que o som está ali!* E, mesmo se estivesse, o que significa “Faça!”? *Corte a grama? Tome um chá?* Por que teria de significar “Se mate”?! Era inacreditavelmente absurdo.

O tempo todo, os advogados dos pais se exibiam e agiam de forma cínica, feito maus atores. O advogado líder explicou ao juiz que, embora estivéssemos vestidos de maneira respeitável no tribunal, aqueles não eram nossos trajes de costume.

“No palco, eles usam couro, correntes, algemas e brandem chicotes!”, disse ele, como se isso provasse nossas intenções satânicas. O que um juiz estadunidense entediado e reacionário saberia de bandas de heavy metal e do figurino delas?

Uma advogada retratou toda nossa carreira como um exercício de hipnose em massa. “Eles são *experts* em criar ilusões e imagens”, disse de maneira sinistra. “Ganham a

vida com essas ilusões; fazendo as coisas parecerem o que não são.”

Puta que pariu! A essa altura já estávamos BEM dentro do espelho da Alice!

Em contraste com a especulação fantástica dos advogados dos pais, o caso apresentado pelos nossos advogados de defesa parecia, para mim, puro bom senso de cabeças no lugar. Nossos próprios engenheiros de som apontaram que as supostas exclamações “*Do it!*” eram apenas acidentes de áudio.

Numa gravação em vinte e quatro pistas, eram uma combinação ao acaso de três elementos: eu exalando ar ao cantar; um som de guitarra esquisito; e uma batida da bateria. Era uma falha sônica; uma completa coincidência. Bem, isso parecia óbvio para caramba para mim, mas será que o juiz acreditaria?

Nossos advogados se focaram, corretamente, na história dos pobres rapazes que haviam se matado. Ambos vinham de famílias com históricos de abuso e violência doméstica e haviam largado a escola. Bebiam, usavam drogas e já tinham fichas criminais.

Enquanto nossa advogada relatava as “vidas tristes e miseráveis” deles, um pensamento horrível me ocorreu: aqueles garotos perturbados tiveram uma existência ingrata, e sua banda favorita, o Judas Priest, talvez fosse mais importante do que tudo para eles. Isso tornava a tragédia ainda maior.

Era uma tragédia, e meu coração se partia por eles e por seus pais, *mas não era nossa culpa*. Apenas do ponto de vista puramente lógico, nosso julgamento me parecia uma

causa ganha... mas eu não fazia ideia de como aquilo ia se desenrolar. Parecia uma situação completamente incerta.

Os pais dos garotos estavam devastados, seus advogados eram malandros e bem articulados, e o impassível juiz Whitehead não expressava nada. Parecia que estávamos lutando não só pelas nossas vidas como uma banda, mas pelo heavy metal, pela *música*, como um todo.

Se perdêssemos a causa, as ramificações seriam imensas. E eu não estava muito otimista. Todos os dias, ao sairmos do tribunal, as câmeras e os repórteres da CNN e de outros canais de TV se convergiam ao nosso redor: *Teríamos nós incitado nossos fãs a se matar? Teríamos nós escondido mensagens subliminares nos nossos álbuns?*

“Se fôssemos colocar mensagens subliminares nos álbuns”, suspirei para um dos jornalistas, “não diríamos ‘Se mate!’, e sim ‘Compre mais discos nossos!’.” Esse tipo de humor ácido era só para nos manter sãos.

Sabíamos que um de nós teria de testemunhar e, numa reunião com nossos advogados, decidimos que eu o faria. Por mim, tudo bem. Eu era o cantor, o letrista, o cara que ama palavras. Além disso, eu *queria* subir ali, cortar o papo furado e dizer a verdade.

Enfim fui chamado ao banco das testemunhas. Ao caminhar pela corte, ouvi uma mensagem de encorajamento que talvez tenha saído num volume mais alto do que o pretendido por seu emissor. O sotaque era de Birmingham e vinha da direção de Glenn:

“Vai lá! Acabe com eles, Rob!”.

Eu estava confiante para testemunhar, embora soubesse que encararia um interrogatório hostil. O advogado das

famílias convocou uma conselheira da juventude que argumentou que o heavy metal *per se* era desagradável e prejudicial a jovens impressionáveis. Refutei por completo essa argumentação.

O Priest só passa mensagens positivas, expliquei. Quando nossas músicas tratam do bem contra o mal, o bem sempre triunfa. Se precisarmos passar mensagens desoladoras, as transformamos em algo mais resplandecente. Isso era verdade... e sempre foi.

Nossa advogada me pediu para cantar o refrão de "Better by You, Better Than Me" para demonstrar meu estilo de vocal e minha respiração, que poderia ser confundida com a exclamação de "*Do it!*". Cantei *a cappella* do banco das testemunhas, precisamente do mesmo jeito que cantaria num estúdio. Foi um momento dramático e, creio eu, convincente.

E eu tinha uma arma secreta na manga. Passei a manhã num estúdio da cidade ouvindo outras faixas de *Stained Class* tocadas ao contrário, à procura de outras "mensagens subliminares" em línguas ininteligíveis. O que encontrei foi ouro.

No *boombox* que levei ao tribunal, toquei a música "Invader" ao contrário. Um dos versos diz "*They won't take our world away*"[56].

"Acho que o senhor perceberá, meritíssimo", me dirigi ao juiz, "que, ao contrário, esse verso parece dizer '*Look, Ma, my chair is broken!*'[57]". Toquei-a, e lá estava essa frase ridícula, muito mais clara do que todas outras dos supostos *backmaskings* ouvidas anteriormente pela corte.

E eu não havia terminado. Em seguida, apontei educadamente que “Exciter”, quando tocada ao contrário, trazia um *nonsense* ainda maior, “*I – I – I asked her for a peppermint! I – I – I – asked her to get one!*”[58]. As palavras soaram claras como o dia. Houve até alguns risos no tribunal.

“Se o senhor tocar qualquer canção ao contrário, seja do Judas Priest ou de Frank Sinatra, ouvirá mensagens”, falei ao juiz. “É simplesmente a forma como os seres humanos escutam.” Olhando para ele, tive a impressão de que me fiz compreender. Decerto era o que eu esperava.

E foi isso. O caso foi encerrado, e tudo o que podíamos fazer era esperar as deliberações do juiz e o veredicto por escrito. Ao sairmos pela última vez do prédio, um dos fãs, que eu via quase todo dia ali, correu até mim.

Ele me entregou uma bandeira dos EUA enorme, coberta de assinaturas e mensagens de apoio dos muitos fãs que se reuniram na frente do tribunal. “Sentimos muito que este país tenha feito vocês passarem por tudo isso!”, disse. Foi muito amável, e eu ainda tenho a bandeira na minha casa, em Phoenix.

Agora que o julgamento havia terminado, eu não queria ficar à toa em Reno, à espera do veredicto do juiz. Sumi sozinho para Puerto Vallarta, no México, e passei alguns dias numa bela *villa* com uma piscina comprida – que enchi com um rapaz musculoso local que peguei na cidade. Bem, me senti solitário!

No México, recebi um telefonema de Jayne Andrews com o veredicto. O juiz Whitehead foi amplamente favorável a nós. Disse que *conseguia* ouvir uma frase parecida com “*Do*

it!” no refrão de “Better by You, Better Than Me”, mas acreditava se tratar de uma “combinação de sons ao acaso” que não foi colocada ali intencionalmente.

Bem, não diga!

O juiz também não encontrou “prova alguma” de “*backmasking*”. Multou a gravadora, a CBS, em 40 mil dólares pela demora em apresentar as nossas fitas *master* à corte[b], mas o Judas Priest estava absolvido.

Porém, fiquei insatisfeito com o veredicto. Ainda estou. A decisão do juiz, para mim, apenas afirmava que os advogados de acusação não haviam provado seu argumento de forma adequada. Não era a justiça total que precisávamos e merecíamos.

Eu queria que o juiz dissesse: *“O Judas Priest não teve absolutamente nada a ver com a morte desses pobres jovens. Essas acusações são completamente falsas. Cem por cento!*”. Mas ele não o fez, e isso me deixou com certo ranço.

Apesar da natureza bunda-mole da declaração do juiz, fiquei muito aliviado pelo veredicto ter sido favorável a nós, o que tornou tudo ainda melhor quando *Painkiller* foi enfim lançado e teve uma recepção fantástica.

Os onanistas babaram feito bobos em cima do disco e nós ganhamos algumas das melhores resenhas da nossa carreira. Os críticos pareceram reconhecer nossa missão – fazer o álbum de metal mais pesado e honesto que pudéssemos – e que tivemos sucesso nela.

Tirei uns dias de folga com Josh em Phoenix, e então chegou a hora de partir mais uma vez. A turnê *Painkiller*

começaria no Canadá, em outubro, então rumamos para um ginásio congelante em Lake Placid para dez dias de ensaios.

Lá, tive uma das minhas ideias geniais. Os patins *in line* estavam meio que voltando à moda, e eu fui até a cidade e comprei um par. Logo comecei a cantar patinando pelo palco, enquanto preparávamos a produção e o *set list* da turnê.

"Ei, não seria uma ótima ideia eu patinar no show?", sugeri. "Sabe, todo de couro?"

Algumas das minhas ideias ganhavam sinal verde – mas, quanto a essa, a reação da banda foi unânime: "Não, NÃO seria uma ótima ideia você patinar na turnê, Rob!". E foi isso. Não andei de patins na turnê.

Os ensaios foram bons, e, certa noite, fiquei no hotel assistindo ao MuchMusic, o equivalente canadense da MTV. Estava passando uma entrevista com um cara chamado Dimebag Darrell sobre a banda dele, o Pantera. Eu nunca tinha ouvido falar no Pantera, mas Dimebag usava uma camiseta do *British Steel*, então fui todo ouvidos.

Ele falou algumas coisas legais sobre o Priest, e depois exibiram o clipe de "Cowboys from Hell", do Pantera. *Puta merda! Era fenomenal!* Eu conhecia um cara da emissora, que ficava perto do hotel, então liguei para ele e lhe pedi que dissesse a Dimebag para ficar na área.

Fui até o estúdio para me encontrar com ele, que era um cara adorável – em questão de minutos, parecia que eu o conhecia há anos. Naquela noite, o Pantera faria um show em Toronto. Fui, e fiquei impressionadíssimo. *Que banda!* E que texanos gente boa!

Era metal pesado e brutal, e original e revigorante. No dia seguinte, falei do Pantera para o Priest. “Vamos levá-los na turnê pela Europa!”, sugeri. Ninguém discordou. Negócio fechado. Massa!

Painkiller seria a turnê mais bem-sucedida da história do Priest. Assim como o álbum, estabeleceu um parâmetro muito alto. Os fãs estavam famintos por nós, depois de termos adiado a turnê por conta do julgamento, e as músicas novas eram violentíssimas ao vivo.

A turnê toda serviu para extravasar as frustrações e tensões que acumulamos em Reno. Para mim, cantar “Painkiller”, uma pura explosão de metal com a bateria sísmica de Scott, foi incrivelmente catártico:

> *Faster than a bullet, terrifying scream,*
> *Enraged and full of anger, he is half man and half machine*[59]

Enquanto ainda nos encontrávamos no Canadá, Jim Silvia me deu um mimo. Eu já me tornara um *connoisseur* de massagens pré-show, e Jim me disse que, como presente de aniversário atrasado, arrumara um massagista local para mim, em Winnipeg. Eis que entra no camarim... um fisiculturista ultragostoso.

Ora, ora, olá!

O cara me fez uma massagem sensacional, e enquanto isso batemos um papo. Foi aí que ele me disse que seu outro trabalho era como *stripper*, e que faria um show naquela noite, mais ou menos 1 hora depois que o show do Priest acabasse. Perguntou se eu gostaria de ir.

Bem, já recebi convites piores do que esse!

Depois que saí do palco, Jim Silvia e eu seguimos para a casa de *strip* masculina. Éramos os únicos caras na plateia. Algumas das mulheres eram fãs do Priest, e causaram um rebuliço ao meu redor... até os *strippers* entrarem, e nisso fui completamente esquecido.

"Tira! Mostra o pipi! Ei, aqui, meninão!"

Foi uma completa balbúrdia. Eu não via mulheres quietas e educadas se transformarem em animais raivosos tão rapidamente desde... bem, desde ver a minha mãe na plateia da luta-livre, em Walsall. A bem da verdade, foi um baita show de *strip*, e devo admitir que fiquei tão excitado quanto elas, ou talvez até mais.

Quando o show acabou e eu me abanava vigorosamente para dar uma esfriada, meu massagista me abordou. "Ei, Rob, o que você vai fazer agora?"

"Ah, provavelmente só voltar para o hotel", respondi.

"Ótimo! Vamos com você! Queremos te dar o especial da luz azul!"

Eu não fazia ideia do que era isso, mas fiquei muito ávido para descobrir. O massagista e um outro *stripper* igualmente sarado foram para o meu quarto comigo e colocaram um *boombox* sobre a mesa. Deram *play* numa house music bem alta.

"Deite na cama!", me ordenaram.

Ah, OK, então...

Era o paraíso. Dois fisiculturistas fora de série fizeram um *striptease* erótico só para mim. Apalparam um ao outro e então, quando eu já estava no jeito, subiram na cama, em cima de mim, e começaram a me apalpar e bolinar. E então...

Acabou. Nada de final feliz para o Rob. Bem, provavelmente foi melhor assim, afinal eu tinha um namorado em Phoenix (cof-cof)...[c]

Os shows nos EUA foram afiados, potentes e magníficos. A bateria de Scott deu uma nova dimensão ao nosso som, e definitivamente nos ajudou a reproduzir a energia e a ferocidade do álbum *Painkiller*. Isso, porém, não significa que não tivemos nossos momentos de comédia como de costume.

Meu cabelo vinha ficando ralo nos últimos anos (sempre uma perda trágica para um *headbanger*!) e, na época de *Painkiller*, enfim fui com tudo e raspei a cabeça. Ainda não havia aderido às tatuagens e coberto meu corpo com elas... mas dei um primeiro passinho.

Certa noite, em algum lugar do Meio-Oeste, passei mais de uma hora sozinho no camarim, na frente do espelho, desenhando um enorme logo "JP" na lateral da minha cabeça com um pincel atômico. Fiz uma obra de arte e tanto, parecia fantástica.

Jim Silvia entrou para me avisar que faltavam 10 minutos para eu entrar no palco.

"Que tal?", perguntei a ele.

"Está ótima... no espelho."

O quê? Ah, puta merda! Feito um idiota, eu desenhei as letras de forma que se lia "JP" no espelho. Na vida real, dizia " ". *Merda!*

"O que eu faço agora?", perguntei a Jim, nas coxias.

Ele deu de ombros. “Só bangueie muito! Ninguém vai perceber!” Foi o que fiz. Demorou uns dois ou três dias para tirar aquela droga de “ ℼ ” da minha cabeça, e então passei a frequentar estúdios de tatuagem. Concluí que era melhor deixar o serviço para os profissionais.

Depois de um dos shows dessa turnê, eu folheava uma revista quando vi um anúncio na seção de “caras à procura de caras” que saltou aos meus olhos:

JOVEM SOLDADO GAY NA ATIVA PROCURA O MESMO.

Bem, eu não era nem um soldado na ativa, nem particularmente jovem, mas era uma oportunidade boa demais para passar batida! Rabisquei uma carta no bloco de anotações do hotel, enviei para a caixa postal do cara e esqueci disso. *Por ora.*

A turnê *Painkiller* se estendeu até o Natal, e então o início de 1991 trouxe outro grande marco para a longa carreira do Priest como viajantes do mundo: nossa primeira ida à América do Sul.

O Rock in Rio foi um festival e tanto e aconteceu ao longo de dez dias no Maracanã, recebeu 80 mil pessoas por dia e contou com um *lineup* tão aleatório quanto o *Top of the Pops*. Prince, INXS e Santana tocaram, assim como A-Ha, George Michael e New Kids on the Block.

Foi o nosso primeiro gostinho dos fãs sul-americanos fanáticos. Eu adoraria ter dado um giro pelo exótico Rio de Janeiro, mas não conseguíamos dar nem um passo para fora do hotel sem que hordas de *bangers* esbaforidos viessem

para cima de nós: “*Autógrafo, por favor! Foto, por favor!*”. Jim Silvia fez valer seu salário.

Seríamos os primeiros *headliners* do dia, antes do Guns N’ Roses, que, na época, era a maior banda do mundo. Eu adorava as músicas deles e a presença de palco e o carisma de Axl Rose. Para mim, eles eram uma espécie de Rolling Stones heavy metal. Porém, também ouvi falar que Axl podia ser... difícil.

Isso se confirmou no dia do show, quando recebemos um recado do pessoal do Guns N’ Roses que dizia que eu não poderia entrar no palco na Harley em “Hell Bent for Leather”. *Axl não queria*, foi o que me disseram. A cena em Dublin se repetia... e eu me senti exatamente da mesma forma que naquela ocasião. “Bem, então o show está cancelado”, falei.

Houve certa discordância entre o nosso pessoal – “Ah, como assim, Rob, já viemos até aqui!” –, mas me mantive firme. *De. Jeito. Nenhum. Porra.* A moto é parte do show, os fãs esperam por ela. E é uma questão de princípios – *o que importa se a porra do Axl Rose quer ou não quer que a usemos?*

Um duelo se seguiu, com produtores injuriados correndo entre o nosso camarim e o do Guns, até que enfim um encarregado apareceu com uma mensagem do Homem em pessoa.

“Axl quer te informar que essa coisa toda da moto não tem nada a ver com ele!”, alegou o cara. “Ele nunca disse que você não poderia usar a moto. Você pode usar a moto!”

Afinal, foi um *tour manager* querendo mostrar serviço, ou Axl deu para trás e agora tentava limpar a própria barra?

Vai saber. Quem se importa? A única coisa que eu sabia era que entraria com a moto naquele palco, o Axl Rose quisesse ou não.

Nosso show foi transmitido ao vivo por toda a América do Sul e, assim como no show com o Zeppelin em Oakland, no US Festival e no Live Aid, tocar para uma multidão enorme e aparentemente infinda foi uma descarga imensa de adrenalina. Sabíamos que tínhamos de dar o nosso melhor, e foi o que fizemos. Arrasamos.

Quando a turnê *Painkiller* partiu para a Europa, o Pantera se juntou a nós. A banda nunca havia saído dos EUA, mas foi absolutamente destemida. Não era fácil ser a atração de abertura do Priest; nossos fãs sabem do que gostam, e podem ser brutais.

O Pantera entrava no palco e arrebentava, assim como foi quando nós abrimos para o Kiss. Nossos fãs nunca haviam ouvido nada como aquilo, então a primeira música deles era recebida por um silêncio atordoado, mas, ao final do *set*, estava todo mundo conquistado. Isso era demais de se ver.

Josh foi passar alguns dias conosco durante a turnê pela Europa. Ele adorava estar na estrada com a gente, e a nossa relação tranquila, sem dramas, prosseguia num nível sossegado e confortável. Achei incrível a quantidade de países em que *Cheers* era exibido.

Os shows na Europa foram ótimos, mas eu comecei a perder a força. Uma das questões era o atrito interno na banda. Nossa dupla de *guitar heroes*, Glenn e Ken, se bicavam feito um velho casal rabugento, e isso ficava pior à

medida que as turnês iam chegando ao final. Dava para marcar no relógio.

Era sempre a mesma coisa. Ken reclamava de alguma coisa, Glenn fazia algum comentário sarcástico e esquecia do assunto. *Glenn* esquecia, mas Ken não. Ficava remoendo aquilo por dias. Às vezes era engraçado... mas eu já tinha visto esse filme *tantas* vezes, que estava ficando chato.

Isso fortaleceu o meu desejo de me afastar da banda e fazer um projeto solo por um tempinho, longe desses atritos. Tantos artistas o fazem. Faria meu próprio trabalho, longe da banda, e então voltaria ao Priest quando o calendário da banda pedisse.

A turnê vai terminar na primavera, pensei. *Vou fazer alguma coisa sozinho, só para por para fora, e estarei a postos quando for a hora de o Priest gravar o próximo álbum, no ano que vem. Vou provar que posso fazer isso, e será bom para todos nós.*

Então, foi de uma profunda má sorte quando o Priest terminou essa turnê... e começou outra logo em seguida.

Enquanto viajávamos com *Painkiller*, a Guerra do Golfo começou no Oriente Médio. O Iraque invadiu o Kuwait, e os exércitos americano e britânico, junto a forças de coalisão, armaram a Operação Tempestade no Deserto para entrar no país, expulsar os invasores e proteger o fornecimento de petróleo mundial.

Durante o resto da turnê, se tornou recorrente amigos meus e fãs do Priest no Exército nos mandarem vídeos dos alojamentos onde os soldados se preparavam para o combate e se pilhavam ouvindo *Painkiller* no volume máximo.

Isso falou comigo num nível muito visceral. Aqueles caras estavam prestes a entrar na batalha sabendo que poderiam ser mortos ou mutilados, assim como seus companheiros. Decerto era o momento mais assustador de suas vidas... e eles buscavam inspiração em nós. *Inspiração no heavy metal*.

Fomos convidados a participar de uma turnê chamada *Operation Rock & Roll*, junto a outros artistas, para homenagear o Exército dos EUA, vitorioso. Seriam seis semanas nos States naquele verão, com um *lineup* bem legal: Alice Cooper, Motörhead, Dangerous Toys e Metal Church.

Deveríamos topar? Não foi uma decisão fácil. Por mais esquisito que pareça, nunca nos sentamos para discutir os aspectos políticos do convite: *A que estamos nos associando aqui?* Hoje, parece estranho nunca termos conversado a respeito.

Nossa preocupação maior foi com o *timing*. Uma turnê muito grande estava prestes a terminar. Eu não era o único da banda que se encontrava exausto e precisava de uma pausa. Acabáramos de tocar extensivamente nos EUA: será que os fãs iriam ver o mesmo show de novo?

O Priest nunca havia se repetido. Saíamos em turnê quando tínhamos músicas novas, e um show novo para os fãs. Dessa vez, não tínhamos nem uma coisa nem outra. Fiquei apreensivo, e sei que Ken também não estava muito a fim. Porém, de algum modo, acabamos por aceitar o convite.

Fui para Phoenix para me reencontrar com Josh, que me recebeu com novidades. Assim como muita gente de

cidades pequenas, ele sentia muitas saudades da família desde que se mudou. Era particularmente próximo do irmão, Ted, então Ted e sua noiva também foram morar em Phoenix.

Ótimo! Fiquei contente por Josh poder ver Ted com mais frequência, e imaginei que assim ele teria companhia enquanto eu estivesse em turnê. Josh começou a visitar Ted e, às vezes, passava a noite na casa dele. Ao voltar, no dia seguinte, reclamava de dores na lombar.

“Ted ainda não tem muitos móveis, então acabo dormindo no sofá! Queria que eles tivessem uma cama extra lá!”

Isso parecia fácil de resolver, então saímos para comprar uma cama, que mandei entregar direto na casa de Ted. Josh então me acompanhou quando voltei para a estrada, o último lugar em que eu queria estar.

A turnê *Operation Rock & Roll* foi anticlimática. Depois da grandiosa *Painkiller*, em que estávamos em nossa melhor forma e fomos mestres supremos do reino do metal, juntar-se ao que era basicamente um festival itinerante parecia esquálido. Na verdade, parecia um erro.

Eu era fã de Alice Cooper desde quando colocava “School’s Out” para tocar a todo volume na Harry Fenton, em 1972, mas Alice não estava muito feliz nessa turnê. Ele tocava antes de nós, mas queria ser o *headliner*. Eu não me importava, e teria trocado com ele de bom grado, para ir embora cedo e assistir à TV no hotel. Já os produtores não eram tão desprendidos: queriam que o *lineup* permanecesse como estava, com o Priest por último, e não deram o braço a torcer. Como migalhas de consolação para

Alice, deixaram que ele fosse o *headliner* em dois shows: em sua cidade natal, Detroit, e na última noite da turnê, em Toronto.

Do ponto de vista comercial, a turnê foi OK... mas só. Havíamos lotado arenas com fãs loucos pelo Priest durante *Painkiller*, enquanto que boa parte de *Operation Rock & Roll* não teve os ingressos esgotados. Encarar fileiras de assentos vazios fazia essa empreitada parecer ainda mais supérflua e decepcionante.

Senti que precisava desesperadamente de folga quando chegamos à última data da turnê, 19 de agosto de 1991, quando tocamos no CNE Stadium, em Toronto. Foi um desastre absoluto desde o início.

Chegamos e descobrimos que o show seria num estádio de baseball. O palco ficava no meio do campo, com fãs tanto no gramado quanto nas arquibancadas. Era um esquema pouco usual, com o qual não estávamos nada acostumados.

Abríamos o *set* com “Hell Bent for Leather”. O roteiro era o seguinte: nossa fita de introdução começava a tocar, um mecanismo elevava uma plataforma no fundo do palco, eu passava por ela rugindo com a moto e nós entrávamos com tudo na música.

Algo deu errado. Alguém fez merda. Eu era conduzido do camarim até o palco num carrinho de golfe, quando percebi que já estavam tocando a fita de introdução. *Merda! A essa altura eu já deveria estar na moto!*

“Você precisa dar uma acelerada, amigo!”, falei ao motorista canadense sossegado.

“Cara, é um carrinho de golfe, né? Eles não vão mais rápido do que isso!”

“*Faça* com que ele vá mais rápido!”

Quando chegamos até a moto, na base do put-put, eu já deveria estar no palco – palco que, a essa altura, já estava cheio de uma névoa espessa de fumaça de gelo-seco, como sempre. Pulei na Harley, acelerei e dei uma bela arrancada.

Eu não sabia que os caras do palco tinham sido avisados que não havíamos entrado ainda e, assim, estavam só começando a erguer a plataforma. Não conseguia ver nada no meio daquela fumaça, só acelerei rampa acima para o meio do nevoeiro e...

BLAM! Meu nariz colidiu contra o metal sólido da plataforma que acabava de se erguer. Senti meu pescoço estralar e virar para trás por completo, como se eu tivesse sido atingido por uma marreta. Caí da moto com tudo no chão... e desmaiei.

APAGÃO!

Quando acordei, mais ou menos 1 minuto depois, não sabia onde estava. Encontrava-me deitado em alguma coisa dura... numa nuvem de fumaça... um barulho incrivelmente alto... agonizando de dor... e alguém estava... me chutando?

Olhei para cima e vi Glenn cambaleando e tocando guitarra. Ele não tinha me visto, e me chutou nas costelas de novo.

“AI!”

Glenn olhou para baixo. “Rob? É você? O que você está fazendo? Levanta!”

Não consegui. A dor era agonizante demais. Dois *roadies* correram até o palco para me tirar dali e colocaram

bandagens no meu nariz. Enquanto isso, a banda seguiu riffando e tocou “Hell Bent for Leather” como um instrumental. Os fãs não entenderam nada do que estava acontecendo, nem eu.

Grogue pra caralho e com uma dor lancinante no pescoço, o que eu deveria ter feito, o que qualquer *rock star* são *teria* feito, era entrar numa ambulância e seguir direto para um PS. Porém, quem é de Walsall não faz isso.

Depois de ver os caras da G. & R. Thomas Ltd. ralarem para fazer ferro-gusa, você não iria direto para o hospital numa situação dessas.

Quando se tem um trabalho a fazer, você só faz, *vaiquevai*.

Voltei mancando para o palco e fiz o show, sabe lá Deus como. Era como se meu nariz e meu pescoço estivessem prestes a rachar, e a dor era excruciante. Poderia ter desatado a chorar a qualquer momento do *set*. *Porra, foi sinistro*.

De algum modo, cantei até o fim do show e voltei ao camarim. Jim Silvia ligara para o 911, e ele e Josh se sentaram comigo para me confortar enquanto esperávamos pela ambulância. E então, da outra ponta do camarim, ouvi um barulho, um barulho agudo horrível.

“Nã-nã! Nã fiz isso!”[60]

Um som seco, malcriado. O som de um sujeito do Black Country puto da vida. *Um* yam-yam *brabo*.

Glenn e Ken batiam boca de novo. Vai saber sobre o quê? Quem se importa? Mas Glenn exibia, como de costume, aquele meio-sorriso beatífico, como se tudo estivesse abaixo dele. Já quanto a Ken...

Ken ficou tão furioso, que subiu numa mesa, sem camisa, ainda pingando de suor do show. Seu rosto estava vermelho e ele berrava até ficar rouco, numa explosão nuclear de *yam-yam*.

“Nã-nã! Nã fiz isso!”

Mas que inferno do caralho! Logo agora, logo nesse momento... *Eu. Não. Precisava. Disso.*

Os paramédicos chegaram e me amarraram numa maca, com um colar cervical. Não podia me mexer. Jim foi comigo na ambulância e, em meio ao trânsito de Toronto, ainda numa dor agonizante, minha mente estava a mil:

Estou farto. Farto dessas discussões. Farto das turnês. FARTO DA BANDA. Preciso me afastar por um tempo e fazer minhas próprias coisas. Agora!

No hospital, tirei raio X e os médicos me disseram que eu havia quebrado o nariz e torcido feio o pescoço. Precisaria usar o colar cervical por algumas semanas. Voltei para Phoenix com Josh, arrasado, triste e, naquele colar cervical pesado, com muita pena de mim mesmo.

Josh disse que iria passar um ou dois dias na casa do irmão, e sumiu. Alguns dias depois, me ligou.

“Oi, Rob!”

“Oi! Como estão as coisas? Quando você volta?”

“Acho que não volto.”

“Quê?”

“Acho que vou morar com Ted agora. Sinto a falta dele e estou feliz aqui. Mas foi ótimo estar com você, e obrigado por tudo! Tchau!”

E foi isso. O fim do meu relacionamento com Josh. Eu fiz a fama, e ele deitou na cama (que eu comprei, inclusive).

Josh nunca foi uma paixão do tipo que se encontra uma única vez na vida, com fogos de artifício, como Brad foi, mas fiquei magoado e senti falta dele. Apesar das minhas escapulidas ocasionais ao longo do caminho, eu achava que Josh e eu estávamos bem juntos, claramente um erro.

Eu estava sozinho de novo, e entrei num parafuso emocional. Acho que a sobriedade me ajudou com o término, mas, mesmo assim, só me sentia... *gasto*. Exaurido. Havia tanta tensão se acumulando dentro de mim, e agora eu me sentia como uma casca oca; um homem vazio.

Eu acabara de completar 40 anos, uma idade difícil, e não estava no melhor momento nem no melhor estado de espírito para tanto. Aconteceu merda demais, rápido demais. Reno, o acidente com a moto no palco, o atrito na banda, Josh me dar um pé do nada... já teria sido difícil lidar com apenas uma dessas coisas.

Todas juntas? Sem chance!

Fechei-me por completo, me esgueirei para uma semiexistência reclusa, vazia e monótona. Sentia-me como se não tivesse sentimento algum, e como se nada tivesse importância para mim. Por algumas semanas, vaguei sozinho pela casa. Nunca saía e mal me dava ao trabalho de comer.

Lembrei-me de quando a minha mãe, depois de dar à luz Nigel, caiu numa depressão profunda e nunca falou nada, até que começou a tomar os comprimidos de felicidade. Na época, não entendia como ela se sentia. Bem, agora eu entendia.

Também me permiti reconhecer algo que vinha ignorando, e negando, por meses: *Josh era hétero*. Era hétero o tempo todo. Acho que ficou deslumbrado por estar na companhia de seu *rock star* favorito e, de início, gostava de viver comigo... mas depois isso perdeu a graça.

Sim, Josh era hétero. Assim como Brad. Assim como David.

Por que eu não parava de foder a vida ao ir atrás de caras héteros? Que diabo havia de errado comigo?

Há uma teoria que diz que alguns homens gays vão atrás de homens héteros sem nem saber o que estão fazendo. Passam anos ouvindo da sociedade que são inferiores, *mercadorias avariadas*, e acabam acreditando, num nível subconsciente, que os caras hétero são “melhores” do que eles.

Portanto, é por isso que vão atrás deles, embora não tenham chance de ter algo duradouro, mesmo que consigam *algo*. É uma forma de pensar danosa, fútil e estupidamente masoquista... mas *lá vão eles*, na esperança de um milagre, atrás dos héteros. Às vezes, repetidamente, de novo, e de novo, e de novo.

Puta merda. Será MESMO que eu era um desses caras? SÉRIO?

Com 40 anos recém-completados – *quarenta!* – olhei severamente para mim mesmo, e para o que eu era, e não gostei do que vi. Mas não vi maneira alguma de mudar. Sentia-me aprisionado pela minha sexualidade, *por mim mesmo*, como me senti desde que soube que era gay. Desde a escola.

Já estava na metade da vida, e ser gay, *ser gay numa banda de heavy metal*, ainda parecia ser o segredinho sórdido de merda que eu sempre teria de guardar. Eu não via saída, não via esperança.

Então, me sentei sozinho na minha casa em Phoenix, e ruminei muito. Tudo isso era uma grande merda.

a “*Sing my evil spirit*”! Eu *nunca* cantaria algo tão mal escrito!

53 “*Why do you have to die to be a hero?*”

54 “Faça!”

55 *“Experimente o suicídio”, “Cante meu espírito do mal” e “Foda-se o Senhor, fodam-se todos vocês”. Na nota acima, o comentário de Halford tem a ver com o fato de “*sing my evil spirit*” ser uma frase que, em inglês, soa estranha, mal formulada.* (N. do T.)

56 “Eles não vão tomar nosso mundo de nós.”

57 “Olhe, mãe, minha cadeira está quebrada!”

58 “Eu – eu – eu pedi uma pastilha a ela! Eu – eu – eu pedi que ela buscasse uma para mim!”

b O juiz disse que, se a CBS tivesse sido mais rápida em providenciar as fitas, o caso provavelmente sequer seria levado ao tribunal. ISSO teria sido legal.

59 “Mais rápido que uma bala, grito assustador / Furioso e cheio de raiva, ele é metade homem, metade máquina.”

c Fiquei sabendo que aquele era o chamado “especial da luz azul” porque, na época, o Walmart fazia “ofertas especiais da luz azul”, em que você levava dois por um. E foi o que eu acabara de ganhar. Dois por um.

60 *No original, “*I day! I day! I day do it!*”, no intuito de reproduzir a fonética do sotaque do Black Country para “*I didn’t! I didn’t! I didn’t do it!*” (*day = didn’t*). Aqui, procuramos evitar criar alguma equivalência com algum sotaque ou regionalismo do português brasileiro, já que essa equivalência literalmente não existe e muitas vezes a nuance fonética é praticamente intraduzível. Assim, optamos por tentar adaptar desta forma (assim como em outras instâncias mais pontuais ao longo da narrativa).*

18

Em boca fechada não entra mosquito

Conheci John Baxter pouco depois de me mudar para Phoenix. Ele era parte da cena das bebedeiras no Mason Jar e no Rockers, com o Surgical Steel e os outros caras. Sempre pareceu um sujeito legal, e nós nos dávamos bem.

John e eu mantivemos contato depois que ele comprou uma casa em Los Angeles e começou a passar a maior parte do tempo lá. Eu sabia que precisava de um alívio daquela autocomiseração letárgica em que me afundava em Phoenix, então, quando ele me convidou para visitá-lo em L.A., aceitei.

John se mostrou um bom ouvinte quando contei a ele todas as minhas tribulações recentes. Ofereceu-me apoio emocional e, certa noite, me vi comentando com ele do desencantamento com o Priest que eu vinha sentindo, e que eu queria fazer um trabalho solo no período em que a banda

não estivesse na ativa, ao que ele foi o mais encorajador o possível.

“Sim, Rob, você definitivamente deveria fazer isso! Pode se tornar um grande astro solo. Olha o Ozzy depois de sair do Sabbath! Você pode ser tão grande quanto ele!”

Duvidei muito que *isso* fosse verdade, mas, numa época em que eu estava para baixo, o entusiasmo e o incentivo de John deram uma animada no meu espírito. Ele me disse que havia concluído recentemente alguns cursos de empresariamento musical, e me perguntou se poderia ser o empresário da minha carreira solo, das minhas atividades extra-Priest.

Na verdade, para mim, não fazia diferença. Minha carreira solo seria um recomeço total, de certa maneira, então... *claro, por que não? Vamos ver o que rola!*

Glenn, Ken e Ian já tinham me dado sinal verde quanto a ter uma carreira solo. Porém, senti que também precisava contar do meu plano a Bill Curbishley e a Jayne Andrews. John concordou e me observou rabiscar um fax para eles.

Demorei 5 minutos. Na época, nem pensei muito, mas, quase trinta anos depois, se não me falha a memória, dizia algo mais ou menos assim:

> Caros Bill e Jayne,
> Acredito que a banda e eu precisamos de um tempo um do outro. Vou me afastar e fazer um projeto solo. É algo que quero fazer há muito tempo – e que NECESSITO fazer.
> Meu amigo John Baxter será meu empresário para esse projeto.
> Grato, Rob

E foi isso. Não disse uma palavra sequer sobre sair do Priest, porque não era isso o que eu queria. John e eu

mandamos o fax para Bill e Jayne e esquecemos disso até o dia seguinte, quando Bill nos respondeu.

O fax dele foi muito agressivo, dizendo que eu era estúpido de querer sair da banda quando estávamos no auge, e me dizendo que eu devia estar mal da cabeça. Decerto não era uma bênção e um voto de boa sorte! Fiquei perplexo. *De onde saiu aquilo?*

Talvez a minha mensagem tenha sido ambígua demais, e Bill achou que eu quis dizer que saí da banda? Eu provavelmente deveria ter ligado para ele e conversado, mas fiquei bastante magoado, e o tom dele foi tão hostil, que eu não quis fazer isso. *Aquele medo de confronto de novo!*

Enquanto isso, John organizou uma coletiva de imprensa para anunciarmos minha carreira solo. Foi nesse momento que me dei conta de que os jornalistas e, portanto, também os fãs, tinham duas expectativas, ou receios, principais quanto a essa coletiva misteriosa. A primeira preocupação era que, nela, eu anunciasse que estava deixando o Priest.

Quanto a isso, podiam ficar tranquilos. Eu seria absolutamente categórico a respeito disso. Repetidas vezes, tanto nessa coletiva quanto em um punhado de entrevistas que se seguiram a ela, frisei que minha banda solo, ainda sem nome, seria *adicional* ao Priest, e não *substituiria* o Priest de jeito nenhum.

“É importante que todo mundo saiba que o Judas Priest não acabou, de forma alguma”, falei. “Ainda estamos muito unidos e temos uma relação ótima. Quando for a hora, voltaremos.”

A outra especulação que corria era muito mais tétrica e pessoal. Ouvi falar que corriam boatos de que o motivo de eu ter convocado a coletiva era para anunciar que estava com AIDS.

Era uma época fértil e tóxica para fofocas desse tipo. Freddie Mercury anunciara recentemente ao mundo que era soropositivo, poucos dias antes de morrer, e os tabloides estavam alerta à espera de quem seria a próxima vítima famosa. Corria à boca pequena que poderia ser eu.

Em certo aspecto, não era de se surpreender. Eu ainda me encontrava, e muito, no armário, e não tinha planos de sair dele com pompa e circunstância tão cedo. Ao mesmo tempo, num nível mais pessoal, parte da pressão insuportável para manter minha orientação sexual em segredo havia se aliviado.

Primeiro, por causa da sobriedade. Desde que parei de beber, seis anos antes, fiquei menos paranoico em relação a ser descoberto. Estava mais feliz na minha própria pele, e menos preocupado com as percepções que as pessoas tinham de mim – ir a paradas do orgulho gay não era exatamente uma forma de me manter discreto!

Depois, o outro motivo de eu estar mais relaxado era o fato de me encontrar temporariamente longe do Priest. Desde aqueles primeiros dias de ensaios no Holy Joe’s, eu tinha a paranoia de a minha sexualidade vir a público e destruir a banda. Agora que eu seguiria solo por um tempo, acredito que senti menos estresse em relação a isso.

As insinuações rodopiavam ao meu redor havia anos. Já estava acostumado com jornalistas me fazerem perguntas espertalhonas sobre as minhas opiniões sobre os gays em

entrevistas de rock. Sempre as abordei da mesma forma que Freddie: “Isso não tem nada a ver com a banda”. Simplesmente achava que não era da conta de ninguém.

Então, na coletiva, quando questionado, só respondi da forma mais casual possível: “Não. Não, não tenho AIDS, obrigado. Próxima pergunta, por favor”.

Uma coisa legal que aconteceu por volta dessa mesma época foi que recebi uma carta do soldado cujo anúncio respondi durante a turnê *Painkiller*. Seu nome era Thomas Pence, e ele parecia ser um cara interessante.

Thomas contou que cresceu num vilarejo minúsculo, de trezentos habitantes, no leste do Alabama, onde, além de nenhum semáforo, havia um único armazém... e uma filial da Ku Klux Klan. Lá, os garotos cresciam para entrar para o Exército, e as garotas esperavam os garotos voltarem para casa para então com elas se casarem.

Dizia ele que era um lugar difícil para ser gay na juventude, e que nunca teve um relacionamento ou experiências sexuais. Na verdade, ele nunca havia sequer conhecido outro homem gay! Entretanto, decidiu publicar o anúncio para colocar um dedo do pé na água, ainda que tenso.

Explicou que acabara de servir no Kuwait e, ao retornar, abriu uma caixa postal e publicou o anúncio. Desde então, a caixa vivia abarrotada; ele não se dava conta do quão cobiçados os soldados eram no mundo gay.

Uau! Esse cara era MESMO inocente!

Na carta, Thomas escreveu que noventa e cinco por cento das respostas que recebia começavam com “Não sou

do Exército, MAS...", e então o sujeito alegava ser "muito gostoso" ou "muito rico". Recebera cartas de pessoas que se diziam atores de Hollywood ou milionários.

Assim, foi bem compreensível ele ter me perguntado: "Você diz que é o vocalista do Judas Priest – é verdade isso?".

Escrevi ávido de volta: "Sim. Sou, sim".

Ao longo das semanas seguintes, Thomas e eu trocamos muitas cartas. Ele me fez um monte de perguntas argutas sobre heavy metal, Slayer e Ozzy. Eu estava mais interessado em conversar com ele sobre... bem, sexo.

Passamos a conversar pelo telefone, e embora eu pense que ele ainda tenha achado minhas insinuações lascivas (*às vezes não consigo evitar!*) um pouco desconcertantes, nos demos muito bem. Porém, de súbito, os telefonemas pararam, do nada. Ele simplesmente não atendia mais.

Eu não fazia ideia de onde ele estava, mas sentia muita falta das nossas conversas.

Agora que minha empreitada solo era de conhecimento público, me lancei no processo de composição, porque essa era a minha grande motivação: provar a mim mesmo, e a todo mundo, que eu – *eu, eu, eu!* – era capaz de compor músicas sozinho. Isso era o que mais importava.

Bandas implicam concessões. Houve muitas vezes no Priest em que eu tive uma ideia de como uma música deveria se desenvolver e fui vetado. Era uma frustração... isso acontece em toda banda. Bem, essa era a minha chance de tirar um tempo, apaziguar essa comichão e retornar revigorado ao Priest.

Como sempre escrevi em parcerias muito fechadas, poderia ter me intimidado – mas não foi o caso; foi libertador, empoderador. Compus, compus e compus mais, como se tivesse aberto uma comporta. As músicas surgiram muito facilmente. Toquei guitarra e baixo sozinho, o que foi surpreendentemente OK, e programei a bateria. Soava exatamente como o que eu tinha na cabeça. Meu momento *eu, eu, eu!* estava tomando forma.

Principalmente como um investimento, comprei uma casa em Marina del Rey, em L.A. O lugar era deslumbrante, então comecei a dividir meu tempo entre lá e Phoenix, onde eu compunha e onde se encontrava todo o meu equipamento.

Trabalhei muito, muito duro, mas também achei tempo de sobra para me divertir.

Thomas ainda não tinha reaparecido. Acho que fui sem-vergonha demais nas cartas e nos telefonemas e o assustei. Uma pena, porque ele parecia um cara legal – mas, *Ah, fazer o quê? Há peixe de sobra no oceano!*

Num bar em Marina del Rey, puxei conversa com outro soldado: um cara alto, bonito e muito masculino, chamado Hank. Ele fez muito contato visual, sorrindo, e me convidou para visitar a base militar de Pendleton. Fui tão rápido quanto o Papa-Léguas:

Beep-beep!

Para um cara gay, Pendleton era a Caverna das Maravilhas do Aladdin, de *tantos* espécimes masculinos incríveis: jovens musculosos no auge dos poderes físicos! Dada a minha queda por homens de uniforme, meus olhos não paravam quietos.

Hank era casado, mas, como muitos soldados, ficava entediado e sexualmente frustrado na base e acabava se engraçando com colegas e outros caras. Logo me tornei um visitante frequente da Pendleton, onde dava uma brincada com ele.

Dadas as circunstâncias, e o fato de ele ser casado, nunca passaríamos da diversão *vapt-vupt*, mas por mim, tudo bem! Numa época em que eu estava solteiro e até meu trabalho era, agora, solitário, Hank era exatamente do que eu precisava.

Chegamos a um triste fim. Hank costumava andar em motos e quadriciclos grandes e potentes pela base. Como todos os soldados, gostava de se mostrar e, certo dia, ele dava arranques barulhentos com a moto parada, que, de repente, engatou uma marcha e saiu rodopiando no ar.

Hank caiu de barriga no chão e a moto, *BANG!*, caiu em cima dele, mais precisamente em suas costas, quebrando sua espinha. Foi o tipo de machucado que muda uma vida inteira: ele perdeu os movimentos das pernas instantaneamente e nunca mais andou.

Depois que ele passou a usar cadeira de rodas, mantivemos contato e eu ainda o via às vezes, como amigo. Ouvi dizer que, quando ele morreu, alguns anos depois, sua esposa vasculhou suas coisas, encontrou as cartas que trocávamos... e se deu conta de que ele tinha um caso comigo.

Senti-me péssimo e culpado por isso. Foi algo que me fez perceber que o estilo de vida sexualmente livre e despreocupado que eu levava tinha, às vezes,

consequências e vítimas. Nunca entrei em contato com ela: eu simplesmente não saberia o que dizer. *Pobre mulher*.

Por outro lado, outra esposa de militar de Pendleton não se importava de forma alguma de seu marido ter um caso comigo, já que *ela* ia para a cama conosco.

Por meio de Hank, conheci Steve, um sargento bissexual, tão ultramasculino quanto Hank, mas que curtia mesmo um *ménage* – com sua esposa, Dawn. Os soldados podiam receber visitas da família, então eu ia junto quando ela aparecia por lá. Uma vez que a porta se fechava, nos pegávamos por horas. Eu saía mais exausto do que se tivesse malhado numa academia.

Inclusive – aqui em primeira mão! – Dawn foi a única mulher com quem fiz sexo de fato. Era linda, adorável e tinha um corpo perfeito. Sei que a maioria dos homens mataria para ir para a cama com ela, e lá estava eu, mandando ver, sob o incentivo do marido dela!

E era o que eu fazia... *mas não com muita vontade*. Tratava-se de um repeteco dos amassos com Margie no sofá de Ken em Bloxwich: *eu conseguia, mas não queria de verdade*. Estava muito mais interessado em Steve, e os boquetes e punhetas que trocava com ele eram como uma recompensa pela minha perseverança com Dawn.

Enquanto eu me esgueirava para dentro e fora de Pendleton regularmente, a base se viu em meio a um grande escândalo sexual. Um mexicano safado chamado Bobby Vasquez pegava jovens soldados excitados em bares hétero em Oceanside, perto dali, e os levava para sua casa.

Vasquez então lhes dava algumas cervejas e cigarros, e talvez uns 20 dólares, colocava um filme pornô hétero e

encorajava os soldados a se masturbar. Ele então os filmava no ato e, com as imagens, fazia compilações em DVD, que vendia para um público gay e tirava uma fortuna.

Ele foi preso e acredito que meu nome também poderia estar circulando em Pendleton, porque, certo dia, quando eu entrava na base com Steve, o cara da segurança me parou no portão principal.

“Sinto muito, senhor, mas não posso mais permitir sua entrada.”

E, assim, acabou. *Banido de uma base do exército por comportamento impróprio!* Creio que seja algum tipo de conquista...

Pendleton não era o único local das minhas perambulações sexuais. Quando em Phoenix, eu percorria de carro os arredores do Papago Park, perto do antigo zoológico da cidade, à procura de pau. Em sua maioria, essas excursões eram tristes e infrutíferas, e eu voltava para casa frustrado[a], mas continuava a fazê-las.

Não sei dizer ao certo por que me tornei tão desenfreado sexualmente assim que completei 40 anos. Será que foi porque saí de um relacionamento longo e bastante baunilha com Josh? Seria uma crise normal de meia-idade? Será que foi porque agora eu tinha tempo de sobra? Ou só porque *eu podia?*

Acredito que, provavelmente, foi uma combinação de tudo isso... e levaria a mais um dos meus tombos ocasionais e muito constrangedores.

Em Marina del Rey, parte da minha rotina diária consistia em dar um passeio na minha mountain bike. Eu percorria

toda a ciclovia até a costa de Malibu e voltava, era uma rota linda e eu ansiava por tomar um sol sobre duas rodas.

Numa gloriosa tarde de sol californiana, vesti short, camiseta e um boné de baseball e parti para o circuito de costume. Um dos primeiros lugares por onde passava era Venice Beach, que tinha um banheiro masculino notório. Decidi parar e tentar a sorte.

O tal banheiro não tinha nem porta nos cubículos, para evitar encontros sexuais e usuários de drogas. Havia uns quatro ou cinco caras de bobeira naquele lugar imundo e escuro, então encostei a bicicleta na parede, entrei numa das cabines... e aguardei.

Depois de uns 10 minutos, um cara bonito e musculoso entrou, passou pelo cubículo onde eu estava e deu uma olhada. Sorriu e me fez um sinal com a cabeça. *Iu-hul! Aqui vou eu!*, pensei. Coloquei a mão por dentro do meu short de ciclismo e comecei a me acariciar, *para me preparar*.

O cara ficou diante da cabine, de costas para mim, numa pia, olhando para o espelho – ou melhor, para o aço escovado: não havia espelhos, já que os noias sempre os quebravam. Ele sorriu para mim no reflexo. Com a mão entre as pernas, sorri de volta.

Ele se virou para me encarar, colocou a mão dentro da camisa – e sacou um distintivo.

“Você está preso por ato obsceno em público!”

Ah, puta merda! Um milhão de coisas passaram a mil pela minha mente. *É isso! Fodi tudo! Vai sair nos jornais! Perdi tudo!* No entanto, ao mesmo tempo, me senti estranhamente calmo.

Assenti. Ele abriu as algemas e as fechou ao redor dos meus pulsos (isso já estava virando rotina).

“O que eu devo fazer com a bicicleta?”, perguntei, num sotaque bem *yam-yam*, sabe-se lá por quê.

“Nós cuidamos disso. Siga-me.”

O tira me levou para trás do banheiro, até uma pequena construção que parecia um depósito. Ao entrar, encontramos mais cinco ou seis caras lá, todos algemados, de cabeça baixa. O tira me colocou junto a eles com minha bicicleta, saiu e fechou a porta sem dizer uma palavra.

Sentei-me. Os outros caras e eu não tínhamos muito o que conversar, não parecia uma boa hora para jogar conversa fora. Ficamos lá sentados pelo que pareceu uma eternidade, até que outros dois policiais chegaram, nos colocaram numa van, e então partimos.

Percorremos quilômetros e mais quilômetros e eu não fazia ideia de onde estávamos ou para onde estávamos indo. Por fim, chegamos a uma delegacia, onde entramos pela porta dos fundos. Fomos conduzidos a uma sala de espera e lá nos deixaram, ainda algemados.

Dez minutos depois, enquanto eu fitava desamparado o chão, os dois pés de um policial apareceram na minha frente. O tira se debruçou, tirou meu boné de baseball e me encarou. Vi um lampejo de reconhecimento. Ele recolocou o boné em mim, se abaixou e tirou as algemas dos meus pulsos.

“Venha comigo.”

Entramos numa cela pequena e ele fechou a porta.

“Bem que eu *pensei* que fosse você”, disse. “O que diabos você está fazendo aqui, Rob Halford?”

“Sou um puta de um idiota”, admiti.

Ele balançou a cabeça. “Não acredito que você está aqui. Deixe-me ver o que posso fazer.”

Será que ele ia me soltar? “Muito obrigado”, balbuciei. Ele saiu e trancou a porta.

Sentei no banquinho, minúsculo e duro. Ao longo das 2 horas seguintes, todos os oficiais da delegacia foram até a cela, um a um, me olharam pelo vidro da porta e fizeram chifrinho com os dedos. Eu devolvia o gesto e mostrava a língua. Ajudava a passar o tempo.

O primeiro tira então voltou e se sentou ao meu lado no banco.

“Vamos manter a imprensa fora dessa”, ele me disse.

“Obrigado!”

“Mas é *só* o que podemos fazer.” Ele então me levou a outra sala, tirou minha foto – *mais uma para a coleção!* – e minhas digitais. Eu não precisaria pagar fiança. “Entraremos em contato com você. Agora, pode ir.”

Tive sorte. *De novo.*

“Onde estou?”, perguntei ao tira, que então me contou.

“Mas que inferno, estou a quilômetros de casa! Como vou voltar?”

“Isso é problema *seu*, Rob.”

Achei um orelhão e John Baxter foi me buscar. Eu não precisaria ir a julgamento, mas me declarei culpado, paguei uma multa e fui colocado em liberdade condicional. E ganhei mais um delito federal para somar à minha ficha.

Como eu me senti? Estúpido e envergonhado, mas também com raiva do fato de que, àquela altura do século, homens gays ainda tinham de viver com medo daquele

jeito. Sempre chamei essa prisão de meu “momento George Michael”, depois que aconteceu a mesma coisa com ele, em Beverly Hills, seis anos depois. A única diferença foi que George não teve a mesma sorte em relação aos jornais.

Eu tinha tempo para tais estripulias sexuais porque, no que dizia respeito à minha carreira, me encontrava num limbo. Não tinha um contrato de gravação solo, mas, como já havia composto um disco inteiro, comecei a recrutar membros para a banda. Foi fácil achar um baterista: durante a turnê *Painkiller*, perguntei a Scott Travis se ele gostaria de tocar no meu projeto solo e ele topou. Com o Priest em hiato, a disponibilidade dele era imediata.

Das bandas locais de Phoenix, recrutei Brian Tilse na guitarra e Jay Jay Brown no baixo. Ambos eram companheiros de banda, e Jay Jay era também meu tatuador e me transformava numa tapeçaria ambulante. Russ Parrish, também na guitarra, era amigo de Scott.

Eu disse a eles que já tinha composto o álbum, mas que eles eram muito, muito mais do que apenas músicos contratados para tocar. Eu valorizava o que eles traziam, seus talentos, suas ideias. Seríamos uma banda propriamente dita, não só um veículo para mim. Não se tratava de um projeto de pura vaidade.

Decidi chamar a banda de Fight e o álbum de *War of Words*. Gostava do ar de agressão e, ao mesmo tempo, de erudição que essas palavras conjuravam. Scott, Brian, Russ e Jay Jay adoraram as demos que toquei para eles. Agora, precisávamos do contrato de gravação.

A Columbia, gravadora do Priest, teria preferência para o som que eu viesse a gravar, mas não pareceu muito

animada com o Fight, então eu teria de vender o peixe das demos para outras gravadoras. Fui aconselhado a escrever uma carta para a Columbia, em que eu “me demitisse” do Priest. Disseram que se tratava puramente de uma tecnicalidade legal e que não seria nada de mais.

Isso meio que fez sentido para mim, então escrevi para a gravadora. De algum modo, a carta vazou... e, de repente – quem diria? –, todo mundo pensou que eu estava me demitindo de verdade do Priest. Na semana seguinte, as manchetes da imprensa musical não foram nada ambíguas:

HALFORD SAI DO PRIEST!

Mas. Que. Porra. É. Essa? Não era o que eu queria nem de longe. Minha vontade era dizer, era *gritar*: “Não! Não! Espera aí! Isso não é verdade!”. Mas eu não sabia como fazê-lo.

Se eu não suportava falar com Bill, deveria ter ligado para Ian, ou Glenn, ou Ken. Éramos amigos, irmãos no heavy metal, *uma família*, para sempre. Deveríamos ter deixado o papo-furado de lado e conversado direito.

Mas não foi o que fiz. Eu não sabia o que dizer nem o que fazer. Assim, em vez disso, fiz o que costumava fazer muito naquela época: escondi a cabeça na areia. Fugi. *Não fiz nada.* E então, em setembro de 1992, se tornou oficial:

Eu não era mais o vocalista do Judas Priest.

Para mim, parecia um erro; uma falha de comunicação. Alguém leu um comunicado errado. Eu nunca quis que as coisas chegassem a esse ponto. *Como diabos foi que elas*

chegaram? A sensação era a de ter sido chutado da minha própria família. Foi um rebosteio, uma fodelança absoluta, e eu sabia que tinha de levar a maior parte da culpa... por ter ficado parado sem fazer nada.

A maior das ironias foi que eu nem precisava ter escrito aquela carta idiota. Não era verdade que a CBS, a dona da Columbia, não estava interessada no Fight. Fui me encontrar com David Glew, presidente da Epic Records, também parte da CBS, em seu escritório em Nova York (por algum motivo, fui de terno e gravata). Mostrei a ele as demos que gravei sozinho. Para ele, ouvir quatro faixas foi o bastante. “OK!”, assentiu. “Vamos fechar contrato!”

A melhor maneira de evitar ficar remoendo essa situação desagradável com o Priest era me manter ocupado, então John e eu imediatamente marcamos as gravações de *War of Words* para o Fight. Antes, porém, eu receberia um convite muito surpreendente.

Em Phoenix, recebi um telefonema completamente do nada: “Tudo bem, Rob? É o Tony Iommi!”. O guitarrista do Black Sabbath entrou em contato comigo com uma proposta que tratava de um assunto levemente delicado.

Ozzy faria sua turnê de despedida (*certo, falou!*), a *No More Tours*[b], e seus dois últimos shows aconteceriam no Pacific Amphitheatre, em Costa Mesa, Califórnia, nos dias 14 e 15 de novembro de 1992. Para marcar essa ocasião importante, o Sabbath seria a banda de abertura.

Havia um certo atrito entre Ozzy e o então vocalista do Sabbath, Ronnie James Dio. Não me lembro exatamente quem não suportava dividir o palco com quem, mas Ronnie

não faria os shows, e Tony queria saber se eu cantaria no lugar dele.

Cantar com o Sabbath! Puta que pariu! Eu nunca diria não a um convite desses! Disse a Tony que precisaria ensaiar com eles primeiro, então o Sabbath foi até Phoenix e, por algumas horas, passamos músicas que eu já conhecia de cor. Foi uma emoção *tremenda*, do caralho.

Ensaiamos tudo, exceto... como o Sabbath de fato abria os shows. Na primeira noite em Costa Mesa, lá estava eu, atrás das cortinas nas coxias. No palco, um breu total e espirais de fumaça de gelo-seco ao som da fita de abertura.

Tony estava atrás de mim, ou era o que eu pensava.

"Quando entramos, Tony?", perguntei. "Tony?" Virei-me, nem sinal dele. *Puta merda! Eles já devem estar no palco!*

Eu não enxergava um palmo à minha frente. Entrei no palco, uma luz se acendeu, os fãs urraram, eu olhei para trás e... não havia absolutamente mais ninguém ali além de mim.

Merda! Fiz uma cagada! Ponderei se deveria sair do palco, mas seria ridículo demais. De jaqueta Jack Jones, esperei um minuto muito longo até que o Sabbath chegasse... e, apesar da minha entrada pastelona, o show foi sensacional.

Pude ser o Ozzy por uma noite – quantas pessoas no mundo podem dizer isso?!

Comecei o ano de 1993 fora do Priest, mas com um álbum a fazer. Desloquei-me com o Fight para Amsterdam, para gravar *War of Words* com Attie Bauw, produtor

holandês que foi engenheiro de som em *Painkiller*. Havíamos nos dado bem e ele parecia apto para o trabalho.

Attie era exatamente do que precisávamos e, embora eu tivesse escrito as músicas, no estúdio, éramos uma banda de iguais. Todo mundo era livre para trazer ideias, e trazia. Fiquei no meu apartamento na cidade, e até consegui chegar ao Drake's Cruising sem quebrar nenhum osso.

As sessões foram extasiantes. *War of Words* era muito mais primal e opressivo que o Priest, chegava até a pisar no território do death metal. Quando parti da Holanda para passar algumas semanas em Walsall, não poderia estar mais satisfeito com o disco que fizemos.

War of Words foi lançado naquele outono e recebeu críticas excelentes. Os resenhistas aprovaram o disco e apontaram que os fãs do Priest deveriam gostar, mas que também havia muita coisa ali para *headbangers* mais jovens, o que era exatamente a minha intenção.

Honestamente, eu não esperava que o álbum entrasse nas paradas, mas ele se enfiou na Billboard 200 e venderia mais de 250 mil cópias ao redor do mundo. *Por mim, está ótimo, meu amigo!* E agora então era hora de sair em turnê.

Meu antigo parceiro de *ménage* de Pendleton, Steve, não era mais do Exército. Encontrava-se em aberto, então o levei na turnê como assistente pessoal, segurança... e companhia.

Ainda rolava algo entre nós, mas ele era um cara casado e bissexual, mais interessado em mulheres. *Pois é, bem o meu tipo!* Foi só um tapa-buraco. Portanto, foi ótimo quando, do nada, Thomas voltou a me escrever. Ele estava num navio na costa da África!

No fim das contas, ele havia sido enviado para a Somália. Os Marines têm um ditado que é algo como “em boca fechada não entra mosquito”, no sentido de que eles não devem contar de suas atividades aos civis.

Rá! Isso explicava o silêncio dele!

Thomas me deu seu endereço militar na Somália, mas frisou que eu deveria ser discreto, já que, no navio, ele contava com muito pouca privacidade. Admito que meio que ignorei essa instrução e mandei minhas cartas taradas de costume.

“*Você* é o motivo de eles não permitirem gays no Exército!”, respondeu ele, horrorizado. *“Você não tem nenhum autocontrole!”*

As cartas africanas de Thomas acabaram assim que ele foi mandado de volta aos EUA – para a boa e velha base militar de Pendleton! Eu estava desesperado para conhecê-lo pessoalmente. Ele parecia circunspecto quanto a isso, mas, no fim, consentiu.

Combinamos de almoçar num restaurante em Oceanside. Thomas sugeriu que ambos levássemos um amigo junto – como cuidadores, suponho? –, mas eu não queria saber disso. Levei, entretanto, meu enorme apetite sexual.

Thomas me enviou uma foto antes de nos encontrarmos. Gostei dele à primeira vista, mas ele era ainda mais gostoso em pessoa. Um ruivo atlético e maravilhoso, deslumbrante, ao vivo era tão inteligente e engraçado quanto ao telefone. Para melhorar, seu amigo era musculoso também!

Flertei loucamente com ambos durante todo o almoço – ignorando o fato de que Thomas parecia bem desconfortável com isso. Assim que acabamos de comer,

sugeri que fôssemos para um quarto, e os levei até um hotel ali na mesma esplanada.

Pegamos um quarto e eu fui para cima dos dois. Bem, o amigo calhava de ser hétero e Thomas *definitivamente* não estava a fim! Deu algumas desculpas para ir embora, e ambos deram no pé. “Que pena!”, falei para as costas deles ao saírem. “Poderíamos fazer um *ménage*!”

No carro, voltando para casa, me senti estúpido. *Merda!* O pau não tem consciência – ou pelo menos *o meu* nunca teve – e fodeu com tudo para mim mais uma vez. Nunca mais tive notícias de Thomas depois desse fiasco. Uma pena, porque gostei muito dele.

Agora, porém... era hora de o Fight cair na estrada.

Fizemos dois shows de aquecimento, um no Mason Jar, em Phoenix, e outro no Whisky a Go Go, na Sunset Strip, mas começamos a turnê propriamente dita em outubro de 1993, na Europa. Enquanto cruzávamos o continente, percebi o quanto as regras do jogo haviam mudado para mim.

Em países onde o Priest costumava encher arenas com capacidade para 10 mil pessoas, tocamos em clubes para 500 pessoas. O Priest sempre vendia todos os ingressos no Olympiahalle, em Munique: agora, eu enchia pela metade bares de rock como o Rockfabrik, em Ludwigsburg, que parecia uma Walsall alemã.

No Reino Unido, eu podia esquecer as noites múltiplas em Birmingham e no Hammersmith Odeon. Fizemos dois shows: um no Rock City, um clube de médio porte em Nottingham, e um no Astoria, em Londres, uma casa da

moda, mas o tipo de lugar que o Priest teria usado para uma festa pós-show depois de tocar numa arena.

Tive *flashbacks* de Corky, das vans Transit e dos shows nos *pubs* de St. Albans. *Chega de carrinhos de golfe para te levar até o palco, camarada!* Eu estava começando do zero, com uma banda nova em folha que tinha de provar seu valor, e precisaria suar a camisa de novo.

Era legal ver os novos fãs de metal, mais jovens, entre os caras mais velhos de camiseta do Priest. Incontáveis gritos pediam por “Breaking the Law” ou “Hell Bent for Leather”, mas eu nem ouvia. Estava determinado a só tocar músicas do Fight, gostassem eles ou não!

Foi divertido, mas duro, e ficou óbvio que, se a ideia era levar o Fight a um público maior, teríamos de fazer *outra* coisa que eu não fazia em mais de uma década: abrir turnês. Por sorte, conseguimos começar já no topo.

Na época, o Metallica era a maior banda de heavy metal do mundo, e Lars Ulrich me ligou para nos convidar para a extensa turnê *Shit Hits the Sheds*, que passaria por domos enormes ao redor do mundo. O Fight se juntou a uma salada de bandas de abertura: Danzig, Suicidal Tendencies e Candlebox.

Não participamos da turnê inteira, mas os shows que fizemos foram irados. Voltei a me familiarizar com públicos grandes (ótimo!) e com entrar no palco logo depois da hora do chá (não tão ótimo!). Os caras do Metallica eram grandes fãs do Priest e, em Miami, cantei “Rapid Fire”, do *British Steel*, com eles. Foi muito legal.

Também fiz uma nova e inesperada amizade: com os caras do Candlebox, que eram contratados da gravadora da

Madonna, a Maverick. O vocalista, Kevin Martin, me disse que a chefe iria ao show de Miami.

Naquela tarde, a vi passar pelo meu trailer – ou melhor, vi um lampejo de cabelos platinados em cima de uma mulher minúscula cercada por seguranças gorilas, e ela sumiu para dentro do trailer do Candlebox. Um tempinho depois, Kevin saiu de lá e veio até o meu.

“Ei, Rob! Quer vir dar um oi para a Madonna?”

Como não? Que tipo de gay metaleiro louco por pop *não* iria querer dar oi para a Madonna?! Ansioso, fui até o trailer... entrei no que parecia uma espécie de encenação de algum quadro renascentista.

Madonna estava reclinada monarquicamente sobre uma *chaise longue*, como Cleópatra em sua barcaça de ouro sobre o Nilo. Um grupo de garotas espalhadas no chão a seus pés a idolatrava. O lugar fedia, de um jeito muito bom, a Chanel e Christian Dior.

Ao me aproximar dela, ela me observou intrigada.

“Esse é o Rob, do Judas Priest e da banda Fight”, disse Kevin.

“Ah, oi, Rob, prazer em conhecê-lo!”, disse Madonna, sem se levantar. Ela me olhou de cima a baixo. “*Você* tem muitas tatuagens!”

Àquela altura, eu de fato já tinha. “Sim”, concordei.

“Você as tem no corpo todo?”, perguntou ela.

Levantei a camiseta para mostrar as tatuagens do peito.

“E *para baixo*, elas vão até onde?”, disse ela, espevitada.

Abaixei a cintura dos meus shorts até acima dos meus pelos pubianos. Ela se inclinou para frente e deu uma

olhada na minha pelve. Seu nariz praticamente encostou na minha barriga.

Puta que pariu, Rob!, pensei. *Você acabou de conhecer a Madonna, não faz nem 2 minutos, e já está quase com o pau na cara dela!*

"Ah, uau!", disse ela, maravilhada. "E elas vão *mais* para baixo ainda?"

"Sim, mas acho melhor pararmos por aqui", respondi.

"Sim", assentiu Madonna. "Suponho que seja uma boa ideia mesmo."

E foi o fim do meu breve encontro de *backstage* com a Rainha do Pop. Espero que ela se lembre disso com tanto carinho quanto eu.

Quando a turnê do Metallica acabou, chegou a hora de decidir meu próximo passo musical. No fundo, eu sabia exatamente o que gostaria que fosse. Queria voltar ao Judas Priest.

Havia extravasado o desejo de gravar um disco solo. *War of Words* teve um bom desempenho, a turnê foi OK e, mais importante, provei – a mim mesmo – que era capaz de fazê-lo. Meu trabalho solo me deu uma satisfação pessoal imensa... mas e agora?

O que eu queria fazer era correr de volta para o Priest e dizer: "Caras, tem algum jeito de resolvermos isso? Porque eu quero muito – *eu preciso muito* – estar na banda".

Porém, não via forma alguma de encurtar o abismo entre mim e o Priest. Não via forma alguma de retornar aonde eu precisava estar. Não conseguia ver uma estrada de volta para casa.

De algum modo, meu projeto paralelo virou meu único projeto. Eu parecia ter conduzido minha carreira a um beco sem saída. A frustração era imensa... mas houve pelo menos uma coisa ótima nessa época profundamente difícil.

Minha vida pessoal estava prestes a receber um empurrão e tanto.

a Graças a Deus surgiu o Grindr!

b Quase trinta anos depois, enquanto escrevo este livro, Ozzy está com um novo braço de mais uma turnê de despedida, a *No More Tours II*, marcado – e o Priest será a banda de abertura!

19

Batendo na porta de Sharon Tate

Fiquei muito aborrecido por ter ferrado as coisas tão feio com Thomas. Ele era claramente um cara fofo e divertido, mas também parecia ter vivido a maior parte da vida numa espécie de bolha. Ora, eu podia entender como um maníaco do heavy metal obcecado por querer fazer sexo com ele decerto o tinha horrorizado.

Parabéns, Rob! Seu toque de Midas para relacionamentos ataca novamente!

A única diversão que eu tinha agora eram os encontros ocasionais com Steve, que acabara de se separar de Dawn, mas ele pendia muito mais para o outro lado e, basicamente, estava atrás de outra mulher. Éramos bons amigos, contudo, e ele era uma das únicas pessoas com quem eu podia conversar direito.

Às vezes, abria o coração para ele, que sabia da minha história, que eu tinha me mudado para os EUA por causa de

David, me apaixonado por Brad e vivido com Josh, para então, no fim, descobrir que todos eles eram hétero. Aluguei tanto a orelha de Steve, que ele se tornou um *expert* e tanto na tragédia que era minha vida amorosa.

Certa noite, enquanto me afogava de pena de mim mesmo por causa de Thomas, ele me deu um conselho muito persuasivo e direto.

“Pelo amor de Deus, Rob, entre em contato com ele de novo, então! Arrume um cara de fato gay na sua vida, para variar!”

Bem, colocado dessa forma...

Escrevi para Thomas novamente, e ele respondeu. Havia cumprido o serviço militar e decidira não se realistar. Os Marines encaminharam minha carta a ele no Alabama, para onde ele tinha se mudado para voltar a morar com a mãe, e agora tinha um trabalho braçal monótono numa fábrica. Estava triste e detestava aquela existência entediante depois da vida de aventuras nos Marines.

Foi ótimo voltar a ter contato com ele, e a nossa comunicação agora parecia ter um tom mais gentil e suave, talvez por eu ter parado de tentar desviar a conversa para sexo a cada 10 segundos. Sugeri voltarmos a nos falar por telefone.

Thomas concordou, mas havia um problema: a mãe dele não tinha telefone. Só havia um aparelho que ele poderia usar, um orelhão na única loja do vilarejo onde morava.

Assim começou uma rotina em que Thomas me ligava a cobrar dessa loja e nós conversávamos por horas a fio. Agora, nossos papos não eram só “carnais”, como ele dizia:

falávamos de toda e qualquer coisa, e tratávamos de todos os aspectos das nossas vidas.

E... era estranho. O cara estava a milhares de quilômetros de distância, em Cu do Mundo, Alabama, e mesmo assim eu o considerava um parceiro mais do que qualquer outra pessoa com quem me envolvi.

Por estarmos tão distantes um do outro, nos aproximamos. E eu sabia que queria vê-lo de novo.

Na ausência de qualquer oportunidade de me reunir ao Priest, me pus a fazer um segundo álbum do Fight. Depois do sucesso do primeiro disco, a Epic queria basicamente que eu gravasse um *War of Words II*... mas eu nunca trabalhei dessa forma.

Havia provado a mim mesmo que eu era capaz de compor um álbum inteiro sozinho e não tinha nem desejo nem necessidade de repetir esse feito. Para *A Small Deadly Space*, o sucessor de *War of Words*, eu quis voltar ao estilo de composição coletivo que sempre compartilhei com Glenn e Ken no Priest.

Nossa formação mudou. Russ Parrish saiu amigavelmente, e alguém nos recomendou Mark Chaussee para substituí-lo. Era um cara ótimo, consistente e se encaixou com perfeição na banda.

Viramos um time criativo e começamos a compor juntos. Com isso, o segundo álbum do Fight foi muito mais diversificado do que o de estreia, que havia se originado de uma visão singularmente minha, mas eu estava de acordo e achei que funcionou.

Para produzir o primeiro álbum, fomos até Attie Bauw, e, para este segundo, ele veio até nós. Nosso produtor holandês veio até Phoenix para gravar *A Small Deadly Space*, cujas texturas são completamente diferentes das de *War of Words* e que acabou ganhando um clima muito mais grunge.

Foi um processo tranquilo e fácil. Eu gostava de passar o dia no estúdio, registrando faixas como “Mouthpiece” e “Beneath the Violence”, mas também não via a hora de terminar lá pela hora do chá, para então ir para casa e passar 3 horas conversando com um ex-Marine num orelhão, num armazém no meio do Alabama.

Quando foi lançado, em abril de 1995, *A Small Deadly Space* vendeu menos de um terço do que *War of Words* vendera. Acho que os fãs queriam mais do mesmo, e não foi o que oferecemos. Acredito que seja esse o motivo pelo qual a maioria das bandas simplesmente não para de se repetir!

Ao sairmos numa turnê de seis meses pelos EUA, foi a mesma história de termos “um apelo mais seletivo”, como diria o Spinal Tap. Se o Judas Priest tocava como *headliner* no Madison Square Garden (bem, pelo menos até sermos banidos de lá) quando passávamos por Nova York, o Fight tocou no CBGB. Pelo menos pude riscar da lista outra casa de shows icônica.

Eu tinha 43 anos e vivia como um músico adolescente novato: fazia shows em pequenos clubes, sete noites por semana. Além disso, as músicas do Fight pediam um estilo de cantar diferente do Priest, então eu estourava muito a voz, era osso demais.

Da estrada, eu escrevia e falava com Thomas o máximo que podia. Não via a hora de retornar a Phoenix, de forma que poderíamos reestabelecer nosso contato diário. E, quando enfim voltei para casa, fiz o que queria fazer há uma vida. Convidei-o para me visitar e ficar na minha casa.

Thomas foi passar dez dias em Phoenix e nós compartilhamos os melhores e mais relaxantes momentos. Ao longo daquelas horas de conversa ao telefone, nos tornamos muito abertos e sinceros um com o outro. Pudemos nos conhecer devidamente.

A essa altura, ele já era menos impressionável, pois já tinha ido a alguns bares gay e ganhado um pouco mais de experiência, então rolou aquele *click* entre nós. Ao final da visita, eu não queria que ele voltasse para o Alabama, e nem ele queria voltar. Poucos dias depois de ele retornar ao trabalho na fábrica no meio do nada, o chamei para morar comigo, e ele aceitou.

Não quero soar piegas demais aqui, até porque não é esse o intuito de *Confesso*, mas, quando Thomas e eu fomos morar juntos, me dei conta de que ele era diferente de todos os caras por quem me apaixonei antes, e de que essa diferença era muito profunda.

Eis essa diferença, nas palavras mais simples possíveis:

THOMAS ERA GAY DE VERDADE!

Com isso, percebi que todos os meus relacionamentos anteriores, com caras héteros, estavam fadados ao fracasso. Começaram com paixão e luxúria, mas, em essência, todos aqueles caras prefeririam estar com uma mulher.

Bem, desta vez não havia esse perigo!

Thomas foi morar comigo no final do ciclo do segundo e malsucedido álbum do Fight, então tive bastante tempo livre para me acostumar com ele e vice-versa. Saíamos com amigos, íamos às casas de rock e metal de Phoenix e viajamos para L.A. e San Diego.

Foi uma época muito tranquila, prazerosa, feliz. No que tangia à minha vida amorosa, essas definitivamente *não* eram sensações com as quais eu estava acostumado.

Vimos que tínhamos muita coisa em comum: havíamos ambos saído de ambientes em que era preciso esconder nossa sexualidade – o Judas Priest e os Marines; éramos ambos alcoólatras em recuperação. Embora, a princípio, nossos mundos parecessem completamente distantes, descobrimos que tínhamos muitos pontos de contato.

Detesto ter de usar esse clichê, mas foi como yin e yang. Nossas personalidades diferentes equilibravam uma à outra... e ainda equilibram.

No profissional, eu ainda matutava alguma maneira de me reconectar ao Priest. Sentia saudades de Glenn, Ken e Ian todos os dias. Será que eu conseguiria uma forma de entrar em contato direto com os caras?

Eu ruminava sobre como fazer isso... quando, de repente, ficou claro que qualquer caminho de volta à banda estava bloqueado por completo. Porque o Judas Priest arrumara um novo vocalista.

Li tudo a respeito dele, horrorizado. Seu nome era Tim “Ripper” Owens e ele cantava numa banda cover do Priest em Ohio, o que significava que era capaz de fazer uma imitação minha bastante precisa. Ripper enviou uma fita à banda, que o chamou para um teste, e ele passou.

Não o culpei, afinal ele viu uma oportunidade e a aproveitou. E verdade seja dita... ir de uma banda cover à banda de verdade deve ser a definição de “trabalho dos sonhos” no dicionário!

Também não culpei o Priest. Já fazia três anos desde que eu anunciara meu projeto solo e, embora a banda não tivesse entrado em contato comigo, eu tampouco fui atrás dos caras. Eu *quis*, muitas vezes, mas acabava tergiversando, como de costume, e não fazia nada.

Nada disso, o que senti mesmo quando fiquei sabendo que o Priest tinha um novo cantor foi uma *tristeza* inacreditável. Havia passado tanta coisa com aquela banda, por quase vinte anos, e sempre presumi que, em algum momento, colocaríamos todas as bobagens de lado e nos reuniríamos.

Agora, eu sabia que isso nunca ia acontecer. Eu nunca conseguiria voltar.

E então, o que devo fazer agora?

Chegamos a conversar sobre um terceiro álbum do Fight e até nos reunimos para começar a compor, mas eu estava distante. *A Small Deadly Space* havia sido um fracasso e a mim parecia que a banda já se esgotara. E, em todo o caso, do ponto de vista musical, minha cabeça já se encontrava num lugar muito diferente.

Em meados dos anos 1990, comecei a curtir fortemente a música eletrônica industrial feita na América do Norte por artistas como Nine Inch Nails, Marilyn Manson e Ministry. Para mim, muitos desses sons tinham a mesma urgência e o mesmo ímpeto primais que o metal. Era música *pesada*.

John Baxter me apresentou a um produtor chamado Bob Marlette, que trabalhava tanto com metal quanto com música eletrônica. No estúdio em sua casa, em Los Angeles, nós dois começamos a brincar com algumas ideias e a fazer algumas programações, algo revigorante e empolgante.

Precisávamos de um guitarrista, então Bob recrutou John Lowery[61], um amigo seu que havia trabalhado com Lita Ford, Paul Stanley e Randy Castillo. John se juntou a nós nas sessões, e começamos a compor em trio.

Ficou imediatamente claro que o material que estávamos produzindo não se encaixaria no Fight, e eu decidi encerrar a banda. John e eu então formamos uma dupla chamada Two (ou, na grafia bastante afetada que preferimos, 2wo).

As músicas que gravávamos com Bob, de base eletrônica, não tinham nada a ver com o que eu já fizera até então, mas *e daí?* Isso era o que eu mais gostava nelas! Comigo já totalmente envolvido no projeto, decidimos fazer uma pausa de duas semanas.

Fui para New Orleans, cidade que sempre adorei, para visitar um amigo, Chuck, comandante do corpo de bombeiros. Num passeio de carro pelo Garden District, Chuck apontou para um prédio.

“Ali é o estúdio do Trent Reznor”, me contou.

Uau! Eu não conhecia Trent pessoalmente, mas o Nine Inch Nails era minha banda favorita daquela nova leva de artistas de metal tecno-industrial. O estúdio ficava numa antiga e imponente funerária (bem, *é claro* que seria num lugar desses!); fitei-o com reverência.

Chuck percebeu meu olhar. “Você devia entrar para dar um oi”, sugeriu.

“Não!”, neguei com veemência. Nunca fui muito afeito a toda essa baboseira de babar ovo das estrelas. Pode parecer falso, e meio besta. “Não faço essas coisas!”

“Bem, nunca se sabe o que pode acontecer...”, cutucou Chuck ao seguirmos em frente. Fomos tomar um café. Uma hora depois, passamos pelo estúdio de novo. *Bem, acho que eu IRIA adorar conhecer Trent...*

“Pode encostar”, pedi a Chuck.

Bati na porta do estúdio, que não era apenas uma porta velha qualquer. Depois de ter feito o álbum *The Downward Spiral*, do Nine Inch Nails, na mansão em Hollywood onde aconteceram os assassinatos a mando de Charles Manson, Trent comprou a porta da casa como lembrança e a reinstalou em seu estúdio. Assim, eu estava batendo na porta da pobre Sharon Tate.

“Ei, Rob, o que *você* está fazendo aqui?”

Não reconheci a voz da pessoa que, de dentro da casa, me escrutinava pela câmera de segurança, mas, quando ele abriu a porta, se apresentou como Dave Ogilvie, músico e produtor da banda industrial canadense Skinny Puppy. *Banda legal!*

“Só passei para ver se o Trent está por aqui”, falei.

“Não está, mas ele vai chegar em 1 hora!” Dave me convidou para entrar e me mostrou o belo complexo do estúdio. Estávamos sentados tomando chá e batendo um papo quando, 1 hora depois, Trent apareceu.

“Ah, meu Deus, Rob Halford!”, exclamou. “Eu sou um *puta* fã do Priest!”

Bom, já começamos bem! Conversamos, e eu contei a ele que estava produzindo um som estilo industrial com Bob

Marlette e John Lowery. “Uau, parece ótimo!”, disse Trent. “Você tem algo gravado?”

Já que você perguntou, por acaso tenho uma fita aqui...

Ouvimos a K7, e Trent perguntou se poderia ficar com ela. Alguns dias depois, Dave Ogilvie me ligou. “Trent amou muito as músicas”, disse. “Ele quer saber se você gostaria que ele colaborasse no álbum e o lançasse pelo selo dele?”

Bem, o que você acha, caralho? Seguimos para o estúdio de Dave, em Vancouver, e ele se envolveu pesado na produção do álbum. A forma como ele trabalhava era completamente alienígena para mim, mas fascinante. Dave contava com uma equipe de uns quatro ou cinco caras que criavam sons eletrônicos esquisitos em computadores. Ele então compilava esses sons e mostrava o resultado para mim.

“Você gosta desse som, Rob?”

“Não, na real, não.”

“E *desse* aqui?”

“Ah, esse sim, ótimo, do caralho!”

E foi assim que criamos as paisagens sonoras eletrônicas do que se tornou o álbum *Voyeurs*, do 2wo. Trent foi o produtor executivo, e aparecia no estúdio de vez em quando para dar alguns conselhos e opiniões. Achei todo esse processo fantástico.

Enquanto estávamos no estúdio em Vancouver, o Priest lançou o primeiro álbum sem mim: *Jugulator*. Não posso dizer o que achei, porque nunca ouvi... até hoje.

E isso não se deu por rancor ou raiva. Eu sabia que eles estavam gravando um álbum, e por que *não* deveriam seguir com a banda e com suas vidas? Para ser bem

sincero, decerto pensei que ouvir um álbum do Judas Priest sem mim seria simplesmente doloroso demais.

Naquela época, eu me encontrava num momento muito diferente do Priest... e isso se refletiu na minha aparência. Dispensei o couro, que substituí por casacos de pele e um visual alternativo, até gótico, com destaque para o cavanhaque e o delineador. Visual esse tão fora da caixa quanto a sonoridade de *Voyeurs*.

Minha imagem no 2wo não era uma jogada falsa ou calculada, e sim uma extensão da minha personalidade numa nova direção. Eu parecia um Dr. Fu Manchu do industrial e me deleitava com isso. Como já disse, sempre gostei de uma boa fantasia.

Voyeurs sairia pelo selo de Trent, o Nothing, parte de uma gravadora maior, a Interscope, e eu tive uma reunião com o excentricíssimo fundador dela, Jimmy Iovine. Disse a ele que queria fazer um clipe polêmico para o primeiro *single*, “I Am a Pig”.

Na verdade, quis dar um passo além. “Por que não fazemos um clipe pornô?”, sugeri.

“Do caralho!”, exclamou Jimmy. “Vamos! Mas quem iria digirir?”

“Bem, por acaso, conheço uma pessoa...”

Naquele estágio da minha paixão por homens de uniforme pós-Pendleton, eu já possuía uma coleção bem extensa de pornografia gay com temática militar. Desde que foi morar comigo, Thomas saiu um pouquinho de sua concha e passou a compartilhar dessa predileção.

Na verdade, Thomas escapou da concha numa velocidade meteórica e gravou ele mesmo um pornô!

Respondeu um anúncio de um site pornô gay de temática militar, foi aceito de bom grado – *um ex-Marine! Pode apostar!* – e fez o filme em San Diego.

Um salto e tanto para um rapaz tímido do Alabama! Thomas ficou nervoso e encabulado durante as filmagens, e a diretora, uma drag queen e cineasta exuberante de nome Chi Chi LaRue[a] bateu um papo com ele na tentativa de fazê-lo relaxar.

"Onde você mora?", perguntou Chi Chi. "E você tem um parceiro?"

"Moro em Phoenix com o Rob Halford, e..."

"*O quê?!*" Chi Chi disse ser uma grande fã do Judas Priest, que tinha todos os álbuns e ido a incontáveis shows. Quando nos conhecemos, nos tornamos muito amigos... e agora eu não conseguia pensar em ninguém melhor do que ela para fazer um clipe do 2wo.

Alguns dias depois que me encontrei com Jimmy Iovine, fui para um depósito em Los Angeles com um exército de estrelas pornô. Fizemos um minifilme erótico, ultradramático e altamente caricato, cheio de caretas com biquinhos, lambidas, abdomens trincados e amassos. Era homoerótico, lesboerótico... abrangia todos os gostos!

Chi Chi fez um ótimo clipe pop artístico... porém, estranhamente, Jimmy Iovine detestou. "*Isso* não é pornô!", disse ele, bravo, quando assistiu.

"Bem, a gente não poderia fazer um pornô *real*, né?", perguntei.

"Poderia, sim!"

"Mas aí ninguém ia passar o clipe, Jimmy!"

"Então, ótimo! Eu *queria* que o clipe fosse proibido!"

Tem gente que não dá mesmo para agradar! “I Am a Pig” foi lançado e se tornou um *hit* menor na parada de rock *mainstream* da *Billboard*. E então, no dia 4 de fevereiro de 1998, fui à MTV, em Nova York, para falar do 2wo e divulgar o álbum *Voyeurs*.

Essa entrevista mudaria a minha vida.

Não fui aos novos estúdios da MTV na Broadway, saindo da Times Square, com alguma intenção em particular na cabeça. Certamente não planejava me assumir gay para o mundo. Mas, de algum modo, assim se sucedeu.

Nem me lembro do nome do entrevistador, mas ele me fez o tipo de pergunta que eu já estava mais do que acostumado a encarar nos últimos anos. Sempre tratavam dos *rumores* e das *especulações* a respeito da minha sexualidade, e se eu gostaria de *esclarecer as coisas*, blá-blá-blá...

Normalmente, eu ignoraria a pergunta ou diria que não tinha nada a ver com a minha música. Mas, desta vez, não foi o que fiz.

Abri a boca... *e essas foram as palavras que saíram*:

“Acho que a maioria das pessoas sabe que sempre fui gay”.

TUM! O barulhão que ouvi atrás de mim foi uma produtora que derrubou a prancheta.

Bem, eu não tinha a intenção de fazer esse discurso, mas, agora que já fiz, vamos nessa!

“Só recentemente foi que me senti confortável para abordar essa questão”, prossegui. “Questão essa que é

parte de mim desde que reconheci minha própria sexualidade.”

Eu estava sentado diante do entrevistador, e de milhões de telespectadores, num casaco de pele, de rímel e com as unhas pintadas. Falava devagar e tinha o semblante sobrenaturalmente calmo de quem está feliz por ser quem é. Era exatamente como me sentia.

“Talvez esse [*o projeto 2wo*] tenha me dado um empurrão”, falei. “Talvez ele tenha me feito perguntar: ‘Que diabo é isso? É hora de dar um passo para fora do armário e dizer às pessoas quem sou eu’.”

Sorri para o entrevistador. “Mas você já não sabia?”

Os olhos dele ficaram do tamanho da Lua quando percebeu o furo de reportagem que acabara de cair em seu colo. Gaguejou alguma coisa sobre “ter ouvido rumores” e me perguntou se teria sido possível eu sair do armário na época do Judas Priest.

“Não”, respondi. “Eu me segurava constantemente, me deixava intimidar... ainda existe muita homofobia no mundo da música.”

Conversamos por mais uns 10 minutos. Aconselhei os fãs a revisitar os álbuns do Priest para encontrar pistas a respeito da minha sexualidade espalhadas pelas letras, e adotei um tom desafiador ao esperar que a minha saída do armário ajudasse outros gays “numa sociedade onde eles ainda são tratados como cidadãos de segunda classe”.

“Há tantos fãs de metal gays quanto há fãs gays de outros estilos de música”, declarei. “*Estamos em todo lugar!* É o que é.”

Foi tudo muito tranquilo e racional. Só depois que terminei a entrevista e voltei para o hotel foi que a ficha caiu, de súbito:

Puta que pariu! Acabei de me assumir na TV!

Havia passado os últimos vinte e cinco anos como cantor de heavy metal escondendo a verdade a meu respeito, vivendo uma mentira... e acabei com isso em questão de segundos. *Foi isso. O fim.* Eu não precisava mais fingir, omitir, esconder. Poderia finalmente ser eu mesmo.

Havia confessado. E foi ótimo, do caralho. Como eu disse naquela entrevista à MTV: “Essa sensação é boa. Recomendo a todo mundo”.

Por *tantos* anos, imaginei que me assumir levaria a uma enxurrada de desgosto, daria fim à minha carreira e acabaria com o Judas Priest. Ora... aconteceu o exato oposto. Comecei a receber cartas de gente do mundo todo; tivemos de abrir um escritório em Phoenix para dar conta delas.

Essas pessoas me agradeciam por eu ter assumido e, assim, dado a elas esperança e inspiração. “Venho me escondendo há tantos anos, e você me deu forças”, diziam. Isso abriu meus olhos para o quanto ainda havia tantos gays a enfrentar o trauma de suprimir sua identidade sexual.

Foi ótimo saber que... *eu não precisava mais esconder*. Numa cajadada só, matei as insinuações e as conversinhas pelas minhas costas. De vez em quando, ouvia alguns comentários em clubes: “Ah, olha lá, a bicha está aqui!”.

Bem, agora eu tinha uma resposta: “Para você é *Sr.* Bicha!”.

Uma minoria bem, bem minúscula de fanáticos religiosos me escreveu cartas dizendo que nunca mais ouviria minha música, e que eu queimaria no inferno. Mas então, quer saber de uma coisa? Não acho que vou sentir muita falta dessa gente!

É claro que também houve uma reação até que bem comum de amigos, de pessoas que me conheciam bem e de alguns fãs:

"Seu idiota, faz ANOS que a gente sabe, porra!".

Sue me ligou para me parabenizar e dizer que toda a família estava feliz por mim. Essa mensagem foi a que mais significou para mim, mais do que qualquer outra. Meus pais, minha irmã e meu irmão: eles já sabiam, mas agora *sabiam* de fato. Finalmente!

Eu. Estava. Fora. Do. Armário. Os anos de angústia haviam chegado ao fim. Foi como quando parei de beber e me drogar – as mentiras e o fingimento haviam acabado. Eu me libertei daquela prisão autoimposta e nada mais poderia me machucar.

Eu era gay, e contei isso ao mundo. *Estava feito.*

Depois que me assumi, decidi conceder uma entrevista das grandes, e só havia uma publicação para quem eu queria fazer isso: *The Advocate*, o jornal gay pioneiro que fiquei tão animado de conseguir um exemplar em São Francisco, mais de vinte anos antes.

"Se eu tivesse considerado me assumir cinco anos atrás, teria sido muito difícil", disse eu ao periódico. "Mas, neste exato momento, experimento as mesmas emoções que meus amigos me relataram sentir ao se assumir: uma clareza e uma paz ótimas."

E era verdade. Eu nunca havia me sentido tão forte e tão em paz na vida. Sensação essa que dura até hoje.

Assumir-me gay foi a melhor coisa que fiz... mas isso não implicava que o 2wo seria um sucesso. *Voyeurs* foi um fracasso. O pessoal do techno não curtiu, e era um passo muito fora da caixa para os fãs do Priest e de metal. Para mim, em termos profissionais, também o foi.

Fizemos shows em clubes e festivais nos EUA para públicos de música eletrônica e fãs de dance music, e a receptividade foi irregular. Senti-me fora do meu universo. E, em todo o caso, a essa altura eu já estava desesperado para voltar a fazer o que eu sabia e amava.

Queria voltar para o metal.

O 2wo partiu para a Europa, e foi um desastre. Mal vendemos discos por lá e, pior, foi bem na época da final da Copa do Mundo.

Num show num teatro na Suíça, vendemos *doze* ingressos, e a abertura foi... uma televisão que exibiu a Copa. Tivemos de rir para não chorar.

Voltamos para os EUA com o rabo entre as pernas, mas retornaríamos à Europa pouco depois, para participar de um festival de heavy metal propriamente dito. No hotel em Nova York, prestes a embarcar de novo, eu estava muito, muito apreensivo.

Percebi que, se eu aparecesse num festival de metal na Europa com o 2wo, de casaco de pele e unhas pintadas, para tocar música eletrônica de pretensões artísticas e fora da caixa... eu não mais seria Rob Halford, o deus do metal,

aos olhos dos fãs. Isso poderia matar a minha carreira impiedosamente.

Então tomei uma decisão de supetão: *Não vou.*

John Baxter, John Lowery... todo mundo da turnê se reuniu ao meu redor no hotel, numa tentativa de me persuadir do contrário: “Rob, já gastamos muito dinheiro! O equipamento já está a caminho! Precisamos ir para o aeroporto!”. Eu não estava nem aí. Quando ponho algo na cabeça, sou o cara mais teimoso do mundo.

Eu. Não. Vou!

Eles continuaram a me azucrinar, e eu perdi a calma. Na mesa ao meu lado, havia um controle remoto de TV, que peguei e arremessei, *com força*, contra a parede. O controle ficou preso no gesso, a três metros do chão.

Essa porra ficou clara para vocês agora?

Não embarcamos no voo para a Europa para o festival de metal. Fizemos as malas e fomos cada um para sua casa, e esse foi o fim do 2wo.

Quando me afastei do 2wo, sabia duas coisas sobre o meu futuro musical imediato. Precisava voltar ao metal, e, mais do que tudo, precisava voltar para o Judas Priest.

Ainda não me sentia capaz de abordar o Priest diretamente. Não me encontrava à altura de pegar um telefone e conversar com Glenn, Ken ou Ian: ainda estava muito distante deles. Eu não sabia o que dizer nem como dizer. E havia o detalhe de eles já terem outro vocalista!

Assim, decidi falar com eles na língua que todos nós entendíamos melhor: a música. *O heavy metal.*

Eu sabia que o Priest estava de olho na minha carreira solo, à distância. Tinham observado minha incursão pelo thrash e pelo speed metal com o Fight. Sabe lá Deus o que eles pensaram do 2wo! Tentei imaginar a cara de Ken ao ver o clipe de “I Am a Pig”, sem sucesso.

Meu próximo álbum restabeleceria minha identidade como deus do metal, e seria uma mensagem para o Priest:

Aqui estou eu. Eis o que eu faço. Eis o que NÓS fazíamos. Podemos voltar a fazê-lo?

Eu voltaria ao metal, ao lugar e à música em que poderia ser o meu eu verdadeiro, e queria que o mundo soubesse. Queria fazer um disco completamente heavy metal, do tipo que eu adorava, e queria que o nome da nova banda fosse o meu nome: Halford.

John Baxter me ajudou a fazer testes e montar a banda com músicos da cena de L.A. Recrutei dois guitarristas – *bem Judas Priest!* –, Mike Chlasciak e Patrick Lachman, e nos tornamos três quartos do time de compositores da banda.

O quarto membro era o produtor do álbum, Roy Z, que produziu e tocou guitarra nos álbuns solo de Bruce Dickinson, nos anos 1990. Bruce saiu do Iron Maiden em 1993, mas agora estava prestes a retornar à megabanda que o tornou famoso.

O que, devo admitir, achei encorajador: *se ele pode fazer isso, por que não eu?*

Quando começamos os trabalhos, no Sound City Studios, em L.A., expliquei a Roy Z exatamente o que eu queria para o álbum, que deveria me representar da forma como os fãs do Judas Priest me conheciam, do *Rocka Rolla* ao *Painkiller*. Deveria reforçar aquilo que sempre defendi e representei.

Ah, e mais uma coisa. O álbum se chamaria *Resurrection*, porque é isso que ele seria: uma ressurreição.

Esse processo de reconstrução seria lento e cuidadoso, e não apressamos as gravações. Trabalhamos por semanas, meses, compondo e concebendo um álbum de heavy metal poderoso, nuançado e cinético. Cada nota e cada palavra deveriam ser certeiras.

Não trabalhávamos todo santo dia, mas, quando trabalhávamos, era com intensidade. Roy estava com outros projetos, então às vezes tirávamos uma semana ou até um mês de folga. Isso em nada me incomodou, porque tudo estava tomando forma natural e organicamente.

Por meio de Roy, conseguimos Bruce Dickinson para cantar numa das faixas, “The One You Love to Hate”. Bruce inventou o título e eu, ele e Roy compusemos a música na hora, no estúdio. Tudo isso no mesmo dia. E a música é maneira também.

Durante um daqueles períodos de folga das gravações, Thomas e eu nos mudamos para San Diego. Fomos conquistados pela cidade e, nas pausas, íamos para lá de carro ou avião, para fugir do calor de Phoenix. Apesar de estarmos ambos sóbrios, não saíamos dos bares e clubes gay.

Afinal, tínhamos muita coisa para por em dia!

Certo dia, em 1999, eu dirigia sozinho por San Diego e passei por uma construção num cruzamento. A obra mal havia começado, mas ergueriam ali um prédio de apartamentos de dez andares, e eu adorei o local assim que o vi.

Liguei para Thomas e disse: “Já achei o lugar onde vamos morar, só não foi construído ainda!”. Quando a obra foi concluída, fomos os primeiros a alugar um apartamento ali. Ao longo dos vinte anos seguintes, dividiríamos nossa residência entre San Diego, Phoenix e Walsall.

Thomas e eu fomos à Parada Gay de San Diego no Balboa Park – *porque agora que havia finalmente me assumido eu podia fazer esse tipo de coisa, porra!* Caminhávamos tomando sol e apreciando os “talentos” ali presentes, quando, de canto de olho, reparei numa pequena tenda.

Debaixo dela havia um senhor sentado sozinho atrás de uma mesa com alguns livros. Estava maquiado e usava um paletó de veludo e uma echarpe com babados. Ninguém prestava muita atenção nele.

Era Quentin Crisp.

Meu Deus! No instante em que vi Quentin, minha mente rebobinou um quarto de século, para quando eu assistia à *Vida Nua* na TV, de olhos arregalados e com um nó na cabeça diante da mera noção de que fosse possível a um homem gay ser capaz de viver a vida tão abertamente, com tanta coragem e exuberância.

Olhei para Quentin Crisp agora, num mundo mudado, sentado sozinho no coração de uma celebração gay em massa, eufórica e ruidosa, e senti a mesma admiração de tantos anos atrás. Fui até a tenda dele.

“Quentin?”, indaguei.

Ele assentiu.

“Sou Rob.”

“Ah, olá!”, disse ele, naquela voz singular e cantarolada, ainda soando como se falasse pelo nariz. “Como vai?”

“Muito bem! Que surpresa! Não esperava te ver por aqui!”

“Ah, eu vou a todas as Paradas agora”, disse ele, bem arrastado. “Gosto delas, me pagam e me trazem até aqui.”

Ele estava com noventa anos e foi uma honra conhecer tamanho ícone gay. Quentin Crisp viria a falecer naquele mesmo ano, mas, naquele dia, comprei seu livro e ele me escreveu uma dedicatória: “Para Rob, de Quentin”. Ainda guardo o livro como a um tesouro.

As sessões de *Resurrection* continuaram com a virada do milênio, mas, nas primeiras semanas do século 21, tive de comparecer a uma celebração importante. Thomas e eu fomos para a Inglaterra por alguns dias, já que meus pais iriam comemorar bodas de ouro.

Organizamos uma grande festa para eles no Saddlers Club, salão do Walsall F.C. E, além de fazer um brinde com uma taça de Perrier ao 50º aniversário de casamento dos meus pais, outra coisa despertou meu interesse naquela noite.

Porque eu sabia que Ken estaria lá.

Eu mal vira ou conversara com alguém do Judas Priest em quase dez anos. De vez em quando encontrava Ian, se eu estivesse na casa de Sue e ele aparecesse para pegar o filho deles, Alex. Essas ocasiões eram sempre legais, mas Ian e eu *sempre* fomos legais um com o outro, desde o Beechdale e o Dirty Duck.

Porém, não tive contato algum com os dois titãs das guitarras duelantes, Ken e Glenn, e tampouco com Bill e

Jayne. Um silêncio ensurdecedor já reinava há muito tempo. Assim, encontrar Ken seria algo da maior importância.

Foi... e não foi. Ao nos avistarmos no bar, acenamos um para o outro.

“Beleza, Rob?”

“Opa. Tudo bem, Ken?”

E foi isso. Dois camaradas taciturnos e impassíveis do Black Country, que calhavam de não ter se visto por quase uma década, se sentaram e bateram um bom papo. Foi como se tivéssemos nos visto no dia anterior. Nada havia mudado.

Não falamos sobre o elefante na sala: se talvez um dia eu retornaria ao Priest – *é claro que não falamos!* Somos caras de Walsall, e caras de Walsall abordam questões grandes como essa... fingindo que elas não existem! Porém, nosso papo foi tranquilo, relaxado e amigável, e nós nos despedimos em ótimos termos.

Naquela noite, depois que Thomas e eu deixamos meus pais no bangalô na esquina, fui para a cama em casa com uma sensação calorosa. *Quem sabe? Talvez haja uma forma de voltar, afinal!*

Já nos EUA, concluímos *Resurrection*. Era exatamente o álbum que eu queria fazer, e fiquei muito orgulhoso. Se *Painkiller* foi o álbum definitivo do Priest, *Resurrection* foi o mesmo para mim.

Tudo em *Resurrection* berrava Judas Priest, e era esse o propósito. Dizem que é o melhor álbum do Priest que o Priest nunca gravou, e embora eu particularmente não concorde com essa avaliação, consigo entender o ponto. Eu

começava a construir a ponte que me levaria de volta à banda.

Os onanistas que haviam feito pouco caso de mim durante minha aventura com o 2wo celebraram o álbum como o retorno à forma que eu de fato esperava que fosse. Receberam-me de braços abertos, como um filho pródigo de volta à casa. As manchetes eram colírio para os meus olhos:

O DEUS DO METAL ESTÁ DE VOLTA!

A essa altura, Bruce Dickinson já retornara ao Iron Maiden e nos convidou para abrir a turnê *Brave New World*. Thomas foi comigo para me ajudar e ser meu assistente pessoal. Eu já havia levado namorados a tiracolo em turnês antes, com resultados irregulares, mas com Thomas foi tudo despojado e tranquilo, o que tornou minha vida na estrada muito mais fácil.

O Halford se juntou ao Maiden no Canadá, em agosto, e nós passamos cinco meses tocando em arenas e anfiteatros na América do Norte e na Europa. No quarto show, me vi pisando no palco do Madison Square Garden uma vez mais. Os assentos permaneceram intactos.

Fomos muito bem aceitos pelos fãs do Maiden, que sempre teve público similar ao do Priest. Bruce e eu passamos por muitas das mesmas coisas, e essa boa aceitação que tivemos foi uma espécie de boas-vindas de volta à família do metal. Eu me senti... *em casa*.

O empresário do Iron Maiden, Rod Smallwood, cuidou bem de nós na turnê e, quando chegamos à Europa, arrumou um ônibus imenso, fuderoso, de dois andares para

o Halford, com o logo de *Resurrection* e “THE METAL GOD IS BACK!”[62] pintados nas laterais. Mais uma vez, toquei em grandes arenas europeias, inclusive no National Exhibition Centre, em Birmingham. Ao contrário do que fiz no Fight, incluí músicas do Priest no *set*, e entoar “The Hellion/Electric Eye” e “Breaking the Law” para 10 mil pessoas, em casa, foi fenomenal.

Na Inglaterra, aproveitamos para fazer alguns shows do Halford em clubes. Três semanas antes do Natal, tocamos no Astoria, em Londres. Os ingressos não venderam tão bem e fomos recolocados no salão menor do clube, o que foi meio decepcionante.

No entanto, ainda foi uma noite mágica. Bruce fez uma participação especial e cantou em “The One You Love to Hate”, música em que Geoff Tate, do Queensrÿche, também se juntou a nós. Eu não sabia da presença de nenhum dos dois no show, então foi fantástico.

Chegamos a conversar a respeito de nós três fazermos um álbum e uma turnê sob a alcunha de “The Three Tremors”, os Três Tremores. Depois, cogitamos fazer Bruce, eu e Ronnie James Dio no lugar de Geoff. Rod Smallwood tentou organizar a empreitada, mas não saiu do papel, uma pena. Teria sido divertido[b].

As datas do Halford com o Maiden continuaram em 2001, com shows em estádios na América do Sul e mais uma passagem pelo Rock in Rio. Recordei-me de como o trânsito do Rio era odioso, da minha primeira visita, com o Priest, e reclamei disso com Rod Smallwood.

“Fica tudo travado!”, resmunguei. “Vou levar horas para chegar ao show!”

“Use o meu helicóptero, então”, disse Rod.

“Como assim? Você não vai precisar dele?”

“Não, vou chegar ao local logo ao amanhecer, antes de o trânsito virar problema. Pode usar.”

Aí, sim! No dia seguinte, fui levado ao heliponto e me sentei atrás do piloto, que disse: “Só estamos esperando por mais dois passageiros”. Depois de uns 5 minutos de espera, com os rotores girando, a porta se abriu e um cara entrou. E era Jimmy Page.

Uau! Eu ainda não o conhecia, nem de quando abrimos para o Zeppelin, em Oakland. Mas, quando o vi, não foi para lá que minha mente foi, e sim para o meu quarto, no Beechdale, para quando, deitado na cama, minha mente explodiu diante da glória estereofônica de “Whole Lotta Love”.

“E aí, Rob?”, disse ele ao entrar na aeronave com a namorada. “Obrigado por nos deixar ir com você!”

Fiquei sem ação e sem palavras. O trajeto foi tão curto e o helicóptero, tão barulhento, que mal tivemos a chance de conversar. Ao chegarmos, nos cumprimentamos. “Até mais!”, disse Jimmy.

Ah, assim espero!, pensei.

Depois dos shows com o Maiden, tirei um tempinho de folga. O Priest gravou outro álbum, *Demolition*, que teve um desempenho ainda pior que o de *Jugulator*. Não senti *schadenfreude*[63], porque amo a banda demais, mas cheguei a me perguntar: *Será que, com isso, eles ficam mais propensos a me aceitar de volta?*

E, mais uma vez, não fui capaz de ouvir o disco.

Sentia que o Halford, a banda, havia cumprido seu propósito de me restabelecer como força do metal, mas, na falta de um chamado do Priest, começamos a aquecer os motores para o sucessor de *Resurrection*. Primeiro, porém, pude desfrutar das minhas antigas paixões.

Nunca larguei mão – e nem quis – do amor pelas artes dramáticas que me levou ao Wolverhampton Grand. Assim, quando o diretor sueco Jonas Åkerlund me convidou para fazer uma ponta num filme, aceitei sem pestanejar.

O filme, estrelado por Mickey Rourke, se chamava *Spun: Sem Limites* e era um drama com humor ácido sobre o tráfico de anfetamina, ambientado no Oregon. Jonas queria que eu interpretasse o gerente de uma loja de pornô.

Rá! Papel adequado ou não?

As filmagens seriam dali três semanas, e eu só faria três cenas curtas, mas, de qualquer modo, estava ansioso por elas. Assim, quando acordei na manhã do primeiro dia passando mal, só o pó em decorrência de uma intoxicação alimentar, foi um desastre.

Bem, digo que acordei, mas mal dormi. Fiquei acordado quase a noite toda, expelindo coisas pelas duas extremidades, e a sensação era horrenda. Pedi a Thomas para ligar para Jonas e avisá-lo que eu não poderia gravar e que minhas cenas teriam de ser adiadas.

Jonas exigiu falar comigo. “Rob! O que está acontecendo?”

“Estou morto, cara”, respondi. “Estou com a pior intoxicação alimentar da vida. Podemos segurar uns dois dias?”

“Não! Não podemos! Estou no *set* em Santa Monica agora. Mickey vai chegar em 1 hora. Você precisa vir, ou eu terei de cortar a cena, e é uma cena muito importante!”

Bem, colocado dessa forma...

Jonas mandou uma limo me buscar, mas foi preciso parar a cada 15 minutos para eu cagar e vomitar. Quando cheguei ao *set*, desabei no meu trailer e continuei a fazer o mesmo, até que ouvi uma batida na porta.

Era Mickey Rourke, com um cachorrinho minúsculo debaixo do braço[c].

“Cara, me disseram que você está passando mal? Vem comigo, vou te fazer uma canja.”

Segui Mickey Rourke até seu trailer e ele me fez uma canja fabulosa, que me fez me sentir muito melhor. Tivemos uma boa conversa enquanto compartilhávamos daquele caldo galináceo.

Jonas alugou uma loja de pornô por um dia para filmarmos a cena, onde, segundo o roteiro, eu venderia uns filmes a Mickey e ele me empurraria contra a parede.

“O engraçado é que eu trabalhei numa loja dessas”, eu disse a Mickey, relembrando os dois fins de semana em que tomei conta da loja de revistas de sacanagem em Walsall.

“Sério? O que é mais engraçado ainda é que, essa loja que o Jonas alugou para a filmagem, eu trabalhava *nela*!”

Uau! Cada coincidência doida que a vida nos apresenta! Quando chegou a hora de filmar, tive alguns *flashbacks* daqueles fins de semana em Walsall, de quando eu guardava as revistas de peitões em sacos de papel pardo para os clientes. Mickey improvisou muitas de suas falas, e que artesão ele foi! A experiência toda foi ótima.

No momento de o Halford fazer o segundo álbum, *Crucible*, toda aquela história do Fight se repetiu. Todo mundo queria um *Resurrection II*, mas não era o que eu queria fazer. Há coisas boas no álbum, mas ele não é tão intenso quanto *Resurrection* e não vendeu tão bem.

Teve um desempenho OK no Japão, onde chegou ao top 10, e nós fizemos uma turnê por lá e pelos EUA ao longo de seis meses, no início de 2003. Seguramente, agora eu já estava de volta ao mundo do metal... mas ainda não onde queria estar. O Halford era bom, mas não preenchia a lacuna na minha alma.

Assim, me sentei e finalmente escrevi a carta que queria escrever havia tanto tempo. A carta que era para eu ter escrito anos antes. A carta em que abri meu coração para o Judas Priest.

Disse a verdade a eles: *Eu nunca quis sair da banda. Foi tudo uma falha de comunicação que saiu do controle. Eu havia realizado o desejo de fazer um trabalho solo. Senti falta deles como pessoas e senti falta de fazer parte do Judas Priest todos os dias ao longo dos últimos doze anos. E tanto eu quanto eles fazíamos mais sentido juntos, como uma banda, do que separados.*

Em suma: *Eu queria voltar ao Priest mais do que era capaz de expressar em palavras. Poderíamos tentar de novo?*

Enviei a carta por e-mail a Bill e Jayne, para que eles a encaminhassem à banda. Não tive resposta por umas duas semanas. E então o telefone tocou, e, ao atender, ouvi uma voz que não ouvia há mais de uma década.

A voz de Bill Curbishley.

“Olá, Rob. Acho que devemos tentar desenrolar alguma coisa.”

61 *Em 1998, já depois da parceria com Halford, Lowery entra para a banda de Marilyn Manson, que lhe dá o nome de John 5, como é conhecido até hoje. Tocou com Manson até 2004, e desde 2005 é guitarrista de Rob Zombie, além de ter uma carreira solo prolífica e um trabalho extenso como compositor e músico de estúdio.* (N. do T.)

a Chi Chi nasceu menino e recebeu o nome de Larry, mas se veste e se vê como uma diva feminina muito glamourosa. Então, me refiro a ela dessa mesma forma.

b Curiosamente, hoje EXISTE um projeto The Three Tremors, que conta com Tim "Ripper" Owens. Engraçado, não?

62 "O DEUS DO METAL ESTÁ DE VOLTA!"

63 *Do alemão, designa a sensação de satisfação, alegria ou prazer pelo infortúnio ou prejuízo alheio.* (N. do T.)

c Mickey e aquele cachorro eram inseparáveis. No *set*, ficava com ele debaixo do braço o tempo todo quando não estava filmando.

20

A rainha e eu

Como sempre, Bill foi objetivo e dispensou meias palavras. Disse que a banda toda já havia lido a minha carta, assim como ele, e que tudo fazia sentido. Sugeriu que nos encontrássemos e perguntou quando eu poderia ir à Inglaterra.

Se eu tivesse asas, iria agora mesmo!

Fui alguns dias depois. Antes da reunião com a banda, achei importante me encontrar com Glenn. Eu já havia conversado com Ken na festa dos meus pais, e, devido aos laços familiares, via Ian de vez em quando, mas fazia doze anos da última vez que falei com Glenn.

Foi maravilhoso rever Jayne Andrews, e ela me levou à casa de Glenn, ou melhor, à mansão dele. Tratava-se de um casarão e tanto de campo, à beira de um rio, em Worcestershire: Glenn havia até construído um estúdio de gravação ao lado.

Ele abriu a porta e... todos aqueles anos de distância desapareceram. Lá estava o cara com quem dividi o palco, viajei o mundo e compus músicas por uns bons vinte anos. Todas coisas ruins se dissiparam quando abrimos sorrisos largos e nos abraçamos.

Assim como aconteceu com Ken, parecia que eu tinha visto Glenn ontem. Tomamos um café e tivemos uma boa e longa conversa entre amigos. Algumas horas depois, quando fui embora com Jayne, enfim tive certeza: *Ia acontecer.*

Bill marcou a reunião para a semana seguinte, no Holiday Inn em Swiss Cottage, em Londres. Eu não estava *nervoso* de fato, me sentia calmo... mas, por algum motivo, vesti meu terno. Talvez estivesse com uma entrevista de emprego na cabeça. “Você não precisava vestir *isso*, Rob!”, Bill riu ao me ver.

Não parecia haver ressentimento algum, e ninguém pegou pesado comigo. Fomos direto ao ponto e focamos no assunto em questão ali: separados, todos nós nos encontrávamos em circunstâncias limitadas, reduzidas; reunidos, poderíamos levar o Judas Priest de volta a seu lugar de direito. O clima da reunião foi o seguinte:

Graças a Deus, finalmente isso acabou! Agora, mãos à obra! Vamos voltar a trabalhar!

Bill fez uma apresentação bem casual. Disse qual pensava ser o momento atual da banda, fez algumas projeções financeiras e expôs o que achava que deveríamos fazer em seguida. Esboçou um plano de ação, e tinha algumas informações bem interessantes.

Sharon Osbourne andava em contato com ele, e chamou o Priest como convidado especial da turnê estadunidense da Ozzfest, que estava por vir... porém, somente se eu voltasse à banda. Foi um convite extremamente oportuno, e seria um jeito muito bom de retomarmos de onde paramos.

Quando saí da reunião, era mais uma vez parte do Judas Priest... mas só *me senti* de volta à banda de verdade uma semana depois. Para desenferrujar, ensaiaríamos para a turnê da Ozzfest no Old Smithy, estúdio do produtor Muff Winwood, em Worcester.

Ao chegar, vi todas as guitarras, o equipamento e a equipe de estrada do Priest, tão familiares para mim. A primeira música que tocamos juntos em mais de uma década foi "Living After Midnight". *Uau!* Revivemos a química e o entrosamento de sempre, e soamos fantásticos.

Até que enfim! Por que demoramos tanto tempo, porra?

O pontapé inicial da Ozzfest foi em Connecticut, em julho de 2004, e a turnê contou com o *lineup* mais pesado da história do festival. Além do Priest e do Black Sabbath, contamos com Slayer, Slipknot, Lamb of God e Dimmu Borgir. Quase todas essas bandas iam ao *backstage* para nos dizer que eram grandes fãs do Priest, o que foi um belo de um incentivo.

A turnê foi o retorno perfeito para nós, permitiu que nos reconectássemos com os EUA e, depois de anos tocando para públicos menores, foi ótimo voltar a tocar para 30 mil pessoas por noite e estar sob os holofotes mais uma vez.

Uma diferença foi que passei a usar um teleprompter. Àquela altura, já estava sóbrio havia dezoito anos, mas isso não significava que os anos anteriores de abuso de álcool e

drogas não tivesse causado uns bons danos à minha massa cinzenta. Comecei a esquecer algumas das letras.

No Halford, eu pedia a Thomas que imprimisse e plastificasse as letras de todas as músicas, e as deixava num fichário sobre o tablado da bateria. Não era um sistema dos mais ideais, mas era melhor do que nada.

E então fui ver o Korn – ótima banda – e percebi que Jonathan Davis deu uma espiada numa tela uma ou duas vezes durante o show. Em seguida, ao conversar com ele no *backstage*, perguntei se ele estava usando um teleprompter.

"Sim!", respondeu Jonathan. "É ótimo! Tem tantas músicas do Korn que preciso lembrar. Se eu esquecer alguns versos, o teleprompter está ali para me ajudar!" Assim, adotei o equipamento também. Se funcionava para o Korn, funcionaria para mim.

Depois de seis ou sete semanas de turnê, nos hospedamos na Filadélfia – cidade que *sempre* será um destino pungente para mim – para um show num anfiteatro em Camden, New Jersey, do outro lado do rio Delaware. O telefone do meu quarto no hotel tocou. "Alô?"

"Robbie? Olá, querido, é a Sharon Osbourne!"

Oh-oh! A Sra. O. nunca tinha me ligado! Devia ser coisa séria.

Sharon disse que Ozzy estava com algumas dificuldades e vinha perdendo um pouco a voz. Será que eu poderia ajudá-lo num dos shows do Sabbath?

Senti um *déjà-vu* bem particular. Mesmo a mil por hora, minha cabeça era dominada por um pensamento: *Não se diz "não" a Sharon Osbourne.*

“Quantas músicas você quer que eu cante?”, perguntei.

“O *set* todo.”

Eita! “E quando?”

“Hoje à noite.”

Hoje à noite?! Olhei para o relógio. Eram 6h da tarde, 2 horas antes do *set* do Priest. O Sabbath entraria às 9h. Eu não teria tempo de me preparar! Não tinha como...

Não se diz “não” a Sharon Osbourne.

“Certo, beleza, então”, murmurei.

“Ah, Robbie, eu te amo!” Sharon mandou uma série de beijinhos pelo telefone, prometeu mandar *imediatamente* um mensageiro com uma fita VHS de um dos shows do Sabbath daquela turnê para o meu quarto e desligou. E eu comecei a ficar incrivelmente nervoso.

Uma hora depois, o mensageiro apareceu com a fita, eu corri para o nosso ônibus, coloquei-a no videocassete do *lounge* traseiro e cantei junto com Ozzy até chegarmos ao local. O *set* do Priest correu bem... e então Sharon me puxou de lado enquanto saíamos do palco.

“Bill Ward vai ler um bilhetinho antes do Sabbath entrar”, disse, docemente.

Um bilhete? Que diria o quê?

Vinte minutos depois, lá estava eu, nas coxias, esperando para voltar ao palco, com o coração disparado e Tony Iommi ao meu lado. Estávamos na mesma situação que em Costa Mesa, doze anos antes.

“Tudo bem, Rob?”, perguntou ele casualmente, como se tivéssemos nos trombado por acaso no Bull Ring, o shopping no centro de Birmingham.

“Tudo certo, Tony.”

Bill Ward foi até o microfone. O coro de “Biiiiiiiiill!” da multidão cessou assim que o baterista do Sabbath começou a falar. “Tenho um recado do Ozzy”, disse ele, e começou a ler:

“Oi, todo mundo, aqui é o Ozzy! Sinto muito, mas não conseguirei fazer o show desta noite...”

Buuuu! As vaias crescentes engoliram a voz de Bill, que fez uma pausa até que o público se acalmasse, e então prosseguiu:

“...mas meu bom amigo, Rob Halford, vai me dar uma força e cantar hoje à noite. Portanto, um muito obrigado ao Rob, e até a próxima!”.

Houve um misto de vaias e aplausos. Voltei-me para Tony e virei os olhos. *Sabe lá Deus como vai ser esse show!*

Alguns fãs ficaram *muito* decepcionados... incluindo um cara bem no gargarejo. Quando abrimos o *set*, com “War Pigs”, ele não parou de cuspir em mim ao longo da música inteira. Usei o teleprompter do Ozzy e, ao final da música, um *roadie* teve que ir limpar o cuspe do aparelho. *Joia!*

Daí em diante, o show melhorou (bem, dificilmente teria como piorar!). O público passou pelo estágio “Ah, merda, não é o Ozzy!”, depois pelo estágio “Que inferno, esse cara do Judas Priest de novo, não!”, e, depois, ficou do meu lado. Gostei, e o show correu bem, com a exceção de que... fodi “Paranoid”. Entrei três compassos antes. *Mas que inferno!* Se tem *uma* música do Sabbath que não se deve foder é “Paranoid”! Porém, à parte disso, o *set* foi praticamente impecável.

Mais tarde, enquanto jantava com Thomas no hotel, me senti como se tivesse sido tudo um sonho.

Depois da Ozzfest, era hora de entrar de cabeça num novo álbum. Glenn e Ken tiveram uma ideia bem-intencionada. “Sabemos que você passa a maior parte do tempo em San Diego hoje em dia”, disseram. “Então, vamos até você para as primeiras sessões de composição.”

Isso era... pouco ortodoxo. Por anos, o Priest deu início a esse processo na casa de Glenn na Espanha, o que irritava Ken com certa frequência, por motivos que nunca entendi muito bem. A casa de Glenn tinha um bom equipamento de estúdio e era ensolarada, *como não gostar?*

Tudo se resumia ao atrito entre Ken e Glenn. Quando comecei a conversar com Bill a respeito de uma reunião do Priest, me permiti ter a esperança de que as coisas andassem diferentes entre nossos heróis da guitarra. Bem, não era o caso: as coisas continuavam exatamente as mesmas, se não piores.

Apreciei a disposição deles para começarmos os trabalhos na Califórnia, mas entrei em parafuso. Thomas e eu tínhamos um apartamento legal, mas não contávamos com muita coisa em termos de equipamento de gravação. No entanto, fiz um corre e consegui montar um miniestúdio.

Faríamos nosso primeiro álbum juntos em quatorze anos, porém, o melhor de tudo era que ainda sentíamos ter coisas a dizer e muito mais a conquistar. *A chama ainda queimava.* De cara já encontramos um *groove* criativo e as sessões de composição foram produtivas desde o primeiro momento.

Gravamos o disco no Old Smithy Recording Studios, em Worcester, e eu sabia exatamente quem queria como produtor. Felizmente, a banda foi bastante favorável à minha sugestão.

O Priest claramente havia prestado atenção a *Resurrection*, como eu esperava, e vira o bom trabalho feito por Roy Z naquele álbum. Trabalhar com o Priest seria a realização de um sonho para Roy, que conhecia todos os nossos discos, de trás para a frente.

Agora que estávamos de volta, eu quis escrever uma música que traçasse a história do Judas Priest e respondesse àqueles malucos religiosos dos EUA que *ainda* acreditassem que éramos hereges adoradores do capeta. Contei a história das origens da banda em "Deal with the Devil":

> *Forged in the Black Country, under blood-red skies*
> *We all had our dream to realise;*
> *Driving in that Transit, down to Holy Joe's*[64]

Intitulamos o álbum *Angel of Retribution*, porque eu gostei da ideia de um anjo do metal, que usamos na capa, e da palavra "*retribution*"[65], que, para mim, dizia que "o Priest está de volta, e pronto para o ataque!" Ken não gostou do título, mas me mantive firme.

Teríamos o ano de 2005 inteiro pela frente na turnê *Retribution*, então transferimos os trabalhos para o Bray Studios, nos arredores de Londres, para ensaiar. Fiquei muito impressionado ao me deparar com as fantasias dos *Teletubbies* no estúdio. Sempre gostei um pouco mais do Tinky-Winky.

E então recebi uma notícia terrível. O Pantera havia se separado em 2003 e, no mesmo ano, Dimebag Darrell formou uma nova banda, o Damageplan, que era meio que

um supergrupo de metal: o vocalista, Patrick Lachman, tocara guitarra para mim no Halford.

No dia 8 de dezembro de 2004, o Damageplan acabara de começar um show num clube em Columbus, Ohio, quando um fã perturbado correu para o palco com uma pistola e assassinou Dimebag a tiros. Matou ainda o segurança da banda, um funcionário da casa e um fã, antes de ser morto por um policial.

Eu havia mantido contato com Dimebag e Patrick, e a notícia me embrulhou o estômago. *Um amigo, um amigo tão talentoso ser assassinado por um porra de um psicopata!* Tentei imaginar a sensação de estar naquele palco quando aconteceu, e não consegui. *Que tragédia. Que mundo é este?*

Creio que não fui o único artista a ter ficado um pouco paranoico depois da matança no show do Damageplan. Nos dois primeiros shows da turnê *Retribution*, já em 2005, me senti irrequieto no palco, quase com medo de ficar parado. Isso passou, no entanto. Não se pode viver amedrontado.

O show deve continuar.

Ficaríamos na estrada o ano inteiro. Se tínhamos alguma dúvida se ainda havia apetite pelo Priest, ela logo foi dissipada. Ao darmos início à turnê na Escandinávia, *Angel of Retribution* entrou na Billboard 200 direto na 13ª posição – nossa melhor colocação nessa parada. Foi significativo e um tremendo incentivo para nós. *O Priest estava de volta!*

Não consigo pensar em muitas coisas na minha vida que tenham sido tão importantes para mim quanto o

retorno triunfante do Judas Priest depois que voltei para a banda. Porém, conhecer a rainha chegou perto.

Desde que Sua Majestade me deu um aceno especial no Arboretum, em Walsall, em 1957, sou um monarquista fervoroso. Não faço ideia do porquê, mas sou. Assim, não acreditei quando Jayne Andrews me ligou com uma grande notícia, no início de 2005.

A rainha faria uma cerimônia para homenagear a música britânica e reconhecer a contribuição desta para a cultura e a economia britânicas, e havia requisitado a graça da presença de... um membro do Judas Priest.

O resto da banda não tinha nem chance. *Ir ao Palácio de Buckingham? Está de brincadeira, porra? Sim, sim, sim!* Então, Jayne aceitou o convite em meu nome e eu comecei a contar os dias e a treinar minhas reverências e mesuras.

No dia da cerimônia, o Priest estava no extremo norte da Finlândia, mas isso não iria me impedir. Tínhamos um dia de folga da turnê, então Jim Silvia providenciou um voo para mim do gelo do Polo Norte ao aeroporto de Heathrow.

Quando meu táxi atravessou os portões do Palácio de Buckingham e adentrou o perímetro interno, não acreditei que estava ali. *Uau!* Lá dentro, subi uma escadaria ornamentada imensa e fui recepcionado no topo: “Bem-vindo, Sr. Halford!”, e então recebi um distintivo com meu nome, para que Sua Maje soubesse quem eu era.

Ao entrar no suntuoso salão, reconheci algumas pessoas. Cumprimentei Roger Daltrey e bati um papo com Brian May. Um dos caras do Status Quo estava lá. Porém, pouco depois, me vi sentado sozinho.

O convite real era estritamente para uma pessoa – sem acompanhante –, portanto, não pude levar ninguém. Olhei ao meu redor e só vi aquele salão cheio de músicos de jazz, músicos eruditos, empresários das artes e... Cilla Black?!

Cilla parecia tão perdida e sozinha quanto eu ali. *Cilla Black! Que lenda!* Eu tomava um copo d'água, Cilla bebericava champanhe, e pensei: *Eu devia deixar a mulher em paz. Dar um pouco de sossego a ela!*

Em seguida, repensei: *Que se dane! Fui fã dela a vida toda! Se não for até lá dar um oi agora, vou me arrepender para sempre!* Fui até ela.

"Perdão por incomodar..."

"Tudo bem, colega", disse Cilla, me olhando de cima a baixo.

"Só queria dizer que é uma grande emoção conhecê-la, e que adoro sua música."

"Ah, obrigada!"

"Você está com alguém?", perguntei, embora fosse óbvio que não.

"Não", respondeu ela. "Não me deixaram trazer ninguém. Suponho que você quisesse trazer sua esposa, ou namorada?"

"Não tenho esposa nem namorada, Cilla. Sou gay."

Cilla Black nitidamente tinha uma sintonia fina natural com bichas. Assim que respondi isso, ela se levantou e me pegou pelo braço e, ao longo das 2 horas seguintes, desfilamos pelo salão, de braços dados, e ficamos sabendo tudo um do outro – nos tornamos inseparáveis!

Estávamos nos divertindo horrores quando, de repente, a rainha apareceu numa ponta do salão. É uma figura

diminuta, com não mais do que um 1,50 m de altura, mas tem uma presença tamanha. Como eu poderia dizer exatamente? Ela simplesmente... *irradia realeza*.

Sou meio que um historiador amador e, ao observá-la, conduzida pelo salão por um cavalariço, toda a linhagem real passou pela minha cabeça, dos Tudors aos dias atuais. Cilla já havia se encontrado com a rainha uma porção de vezes, mas eu me senti bastante arrebatado.

Assim, lá estava eu, na companhia de Cilla, bebendo minha água e tentando ver nossa monarca mais de perto, quando um cavalariço se aproximou e murmurou: “O senhor gostaria de conhecer Sua Majestade?”.

“Ah, seria ótimo!”, disparei, antes que Cilla tivesse a chance de dizer que não seria necessário, pois já a havia conhecido. “Muito obrigado!”

Um minuto depois, a rainha apareceu na minha frente. Recepções como aquela estão entre as únicas ocasiões em que ela não usa luvas, mas ela *segurava* uma taça, aparentemente para evitar que tentassem cumprimentá-la.

Bem, não evitou que *eu* tentasse. Instintivamente, sem pensar, estendi a mão a ela. Cilla me deu um cutucão nas costelas, como se para dizer “não!”.

A rainha me olhou e pincelou minha mão com a ponta dos dedos. Não tentei fazer uma reverência completa, mas assenti de forma muito respeitosa.

“Muito obrigado por ter vindo”, disse a rainha. “Não é estranho que não haja música tocando, quando se trata de um evento de música?”

“Sim, seria muito agradável!”, falei, tentando não soar *yam-yam* demais.

“Eu deveria ter colocado um quarteto de cordas para tocar ao fundo”, ponderou Sua Majestade. “E você, o que faz?”

Antes que eu pudesse responder, Cilla atravessou: “Ele é de uma banda chamada Judas Priest! Estava na Finlândia e veio de lá só para este evento!”

“Oh!”, disse a rainha. “E que tipo de música você toca?”

“Heavy metal, Vossa Majestade”, respondi.

Ela me deu um olhar discretamente doído. “Ah, heavy metal”, disse. “Por que tem de ser tão *barulhento*?”

Uau! A rainha acabou de dizer as palavras “heavy metal”! Possivelmente pela primeira vez na vida! Mas... como responder a ESSA pergunta?

“É para podermos bater cabeça, Vossa Majestade!”

Cilla me deu outro cutucão nas costelas.

A rainha sorriu, *regiamente*. “Muito prazer em conhecê-lo”, anunciou. Enquanto ela se virava para partir, instintivamente estendi a mão em sua direção de novo, e ganhei mais um cutucão de Cilla nas costelas.

“Não se cumprimenta a rainha!”, ela me repreendeu, enquanto nossa monarca se afastava lentamente.

“Ninguém me falou! Não sei nada de etiqueta!”

“Ah, não posso te levar a lugar *nenhum*!”, suspirou Cilla.

No voo de volta para o Círculo Polar Ártico, repassei aquela cena e aquele encontro na cabeça um milhão de vezes. *Aquilo tinha mesmo acontecido?* Nunca me esquecerei daquele dia. *O dia em que conheci a rainha.* E foi ainda melhor do que no Arboretum de Walsall.

A turnê *Retribution* passou por anfiteatros, pavilhões e arenas lotados por toda a Europa, todo o Japão e toda a América do Norte. Assim como na turnê do Halford, Thomas me acompanhou. A banda viu que ele me fazia feliz e, em pouco tempo, todos já o adoravam por completo.

O braço estadunidense da turnê terminou em Phoenix, e lá Thomas e eu tiramos seis semanas de folga. Esse período incluiu meu 54º aniversário (*glub!*) e, naquele ano, coloquei na cabeça que gostaria que o presente de Thomas fosse um anel.

Metaleiro autêntico que sou, meus dedos sempre foram repletos de crânios e dragões, então Thomas não quis me dar mais um desses. Em vez disso, me deu... uma aliança de casamento. Colocou-a no meu dedo na cozinha de casa, e desde então nunca a tirei.

Retribution foi então retomada na América Latina, o que foi bastante revelador para mim. Minha única experiência prévia nessa parte do mundo eram os dois Rock in Rios. Já a banda tinha viajado pela América do Sul com Tim Owens, então tinham uma ideia melhor do que esperar.

Nessa linha de trabalho, você se torna meio que um antropólogo ao observar as diferenças entre pessoas de todo o lugar do mundo. Ainda que uma mesma paixão musical os una, os *headbangers* britânicos, alemães e brasileiros reagem ao Judas Priest de maneiras totalmente distintas.

Os fãs sul-americanos são demais, não têm inibições. São potentes, emocionados e colam em você assim que te veem. Toda a vida deles é assim. Não poderia ser mais

diferente do meu próprio estoicismo discreto das West Midlands... mas eu adoro.

De lá, nossa bem-sucedida turnê de retorno ricocheteou de volta para os EUA e se encerrou naquele inverno, no Leste Europeu. Fizemos dois grandes shows na Rússia, e então Bill Curbishley se juntou a nós na capital da Estônia, Tallinn.

“Tenho uma ideia para vocês”, declarou. “Vamos conversar no almoço.”

Bill sempre foi um homem de grandes ideias, então fomos todo ouvidos para saber o que ele havia bolado dessa vez. Enquanto comíamos arenque no pão de centeio, ele descreveu seu plano audacioso.

“Andei pensando sobre que próximo rumo vocês poderiam se interessar em tomar, musicalmente falando, e me perguntei se talvez fosse a hora de um álbum conceitual.”

Ooh! Ora, ISSO era interessante! Bill com certeza tinha experiência nesse campo; foi empresário do The Who por muito tempo e ajudou a elaborar os projetos *Tommy* e *Quadrophenia*. *Conte-nos mais!*

“Penso em duas possibilidades”, prosseguiu ele. “A primeira é Rasputin...”

Era uma ideia interessante, mas havíamos ouvido por aí que Ozzy já estava planejando alguma coisa nessa linha (embora nunca tenha chegado a concretizá-la), então a descartamos.

“...e a outra é Nostradamus.”

Nostradamus! Assim que o nome saiu da boca de Bill, achei a ideia fantástica. Que tópico brilhante, com tantas

camadas, para um letrista enfrentar! Olhei para os outros ao redor da mesa e vi muitos gestos de aprovação.

“Estamos dentro!”, disse eu a Bill, enfaticamente.

Assim que a turnê *Retribution* acabou, fui para casa e mergulhei numa pesquisa sobre o lendário vidente e profeta francês do século 16. Em livros e na internet, li sobre sua vida lúgubre e suas previsões da história, da sociedade e do fim do mundo.

Ao longo das semanas seguintes, narrei sua extraordinária história de vida e seus vaticínios em letras de músicas, e nós reservamos o estúdio para transformá-las num álbum. Assim como em *Angel of Retribution*, decidimos gravá-lo no Old Smithy, em Worcester.

Havia um bom motivo para isso: os membros originais do Priest, a essa altura, já estavam com cinquenta e tantos anos. Já tínhamos relacionamentos estáveis, alguns com filhos, e não queríamos tocar o foda-se em Ibiza ou Nassau e passar semanas bebendo, trepando e usando drogas. Esse tempo já era.

Levávamos nossa música a sério como sempre, mas agora tratávamos as gravações como uma tarefa; uma profissão. Fomos disciplinados e eficientes. Acordávamos, batíamos cartão todos os dias e fazíamos o trabalho que tinha de ser feito, assim como acontecia na G. & R. Thomas Ltd.

Decidimos produzir *Nostradamus* nós mesmos. Sabíamos a sonoridade que queríamos e, a essa altura, já havíamos coproduzido álbuns o suficiente para confiar na nossa habilidade nisso.

Na minha cabeça, *Nostradamus* não seria só um álbum – seria uma *ópera heavy metal*. Quando ia de Walsall para o estúdio, todos os dias, na hora do almoço, colocava para tocar no carro *O Fantasma da Ópera* e muitas trilhas sonoras de cinema, tais como as grandes partituras de John Williams para *Star Wars*, *Superman*, *Os Caçadores da Arca Perdida* e *E.T.*

Eu adorava as orquestrações de cordas e os sintetizadores dramáticos de Williams, e sabia que *Nostradamus* precisaria de mais do que só guitarras de metal para contar sua história. Recrutamos Don Airey, da banda de Ozzy dos anos 1980 e do Deep Purple, para tocar teclados... e tiramos a poeira das guitarras sintetizadoras da época de *Turbo*.

Sabíamos que alguns fãs não tinham gostado de quando mexemos com sintetizadores, mas esse projeto era muito diferente daquele e precisava desses instrumentos. Além disso, vimos fãs virarem o olho para *Nostradamus* em fóruns *on-line*: *Que diabos eles vão fazer AGORA?*

No entanto, não nos importamos. Tínhamos uma missão.

Nostradamus tomou uma boa forma no estúdio enquanto fazíamos a festa em faixas como “The Four Horsemen”, “Pestilence and Plague” e “Death”. Foi um álbum que adorei fazer, em absoluto. Acabou sendo duplo, e tenho orgulho de cada nota e cada verso dele.

Não sou bobo e sei que *Nostradamus* é o álbum mais divisório da obra do Priest, mas acho que ele contém algumas das melhores letras que já escrevi. Acredito, ainda, que seja uma das maiores suítes musicais da história do

metal. *Muito que bem!* Defendo *Nostradamus* cem por cento.

Quando o disco saiu, houve todo o tipo de reação. Alguns jornalistas disseram ser a melhor coisa que o Priest já havia feito, outros nos compararam – de novo! – ao Spinal Tap. Seria essa a nossa "Jazz Odyssey"[66]? Não, tire as firulas e a extravagância e você tem em *Nostradamus* um álbum de metal forte, potente.

O álbum pode ter dividido os fãs, mas quem gostou, *adorou*, e ele alcançou uma posição ainda melhor que a de *Angel of Retribution* nas paradas dos EUA. E ainda acredito – aqui vai uma profecia à la Nostradamus para vocês! – que o dia vai chegar.

Levou vinte anos para *Tommy*, do The Who, virar musical na Broadway. Um dia, eu gostaria que o Priest fizesse uma turnê de *Nostradamus* como uma montagem teatral. Pode ser uma sinfonia clássica, ou podemos dá-lo ao Cirque du Soleil para as apresentações em Vegas. Há um escopo tremendo e tudo é possível.

Brincamos com a ideia de fazer uma produção teatral completa para a turnê *Nostradamus*, mas acabamos fazendo um *set* tradicional do Priest. Na verdade, só incluímos duas faixas do novo álbum no show. Amarelamos.

Foi o início de um período muito longo na estrada. Tocamos numa porção de festivais europeus, e de lá partimos para os hangares dos EUA. Em seguida, emendamos a turnê *Metal Masters*, que também contou com Heaven & Hell, Motörhead e Testament.

Retomamos a turnê *Nostradamus* e a levamos para a Austrália, a Coreia do Sul, o Japão e o México. Depois –

respiro fundo! – chegou o momento de visitar a América do Sul mais uma vez.

O continente não decepcionou. Bogotá, capital da Colômbia, estava num *lockdown* não oficial devido a uma onda de assassinatos ligados às gangues e à guerra do tráfico. O perímetro do nosso hotel, muito bem resguardado, era patrulhado 24 horas por seguranças com metralhadoras automáticas.

Tocaríamos numa arena com capacidade para 12 mil pessoas. O motorista que nos levaria até lá se perdeu completamente e nos conduziu até um parque perto do lugar, onde milhares de fãs do Priest congregavam antes do show. *Pânico!* Jim Silvia berrava com ele, mas o cara não falava uma vírgula de inglês.

“O que está acontecendo, Jim?”, perguntei, preocupado.

“Sei lá!”, latiu nosso *tour manager* nova-iorquino. “Estou tentando falar pra ele dar meia volta! Precisamos de alguém que fale colombiano!”

Os fãs nos viram, se amontoaram ao redor da van e começaram a balançá-la enquanto gritavam “Priest! Priest! Priest!”. Foi assustador, de verdade. O motorista enfim percebeu o erro e saiu do parque rapidamente, de ré. Chegamos em segurança ao local do show...

Que, no entanto, não era seguro nem de longe. Quando entramos no palco, os moleques na plateia ficaram tão pilhados e loucos, que aquilo virou uma anarquia total. Seria preciso pouca coisa para que passassem do limite. Eu não parava de pensar em Dimebag.

Uns agentes do DEA, a agência do governo dos EUA encarregada do controle de narcóticos e repressão ao

narcotráfico, infiltrados na Colômbia, alertaram Jim Silvia antes do show que um tumulto poderia se desencadear, e Jim fez planos condizentes. Ao final, quando saímos do palco, ele nos conduziu até... *um tanque de guerra*.

Era um veículo militar armado propriamente dito, e nós nos encolhemos em banquinhos baixos de metal enquanto o tanque de fuga saía pesadamente da arena, com fãs ofegantes tentando se pendurar nele e batendo na lataria, para nos levar de volta ao hotel fortificado com guardas munidos de metralhadoras.

Só mais um dia qualquer...

A turnê seguia viagem. O Natal chegou e foi embora, e o início de 2009 nos levou pelo Reino Unido e pela Europa numa empreitada a que demos o título algo bizarro de *Priest Feast*. Tenho certeza de que, na época, fez sentido.

Quando tiramos uma folga de três meses, no final de março, o resto da banda foi para casa para merecidos descanso e lazer, mas eu não. Na primavera, com o açafrão começando a nascer, gravei... um álbum de Natal.

John Baxter ainda empresariava minha carreira solo e, embora eu soubesse que nunca voltaria a fazer algo que me afastasse do Priest, ainda ansiava por alguns projetos paralelos ocasionais. Reformei o Halford e gravamos *Halford 3: Winter Songs*.

Esse álbum fez torcer alguns narizes. Hinos e cânticos natalinos não são o repertório mais óbvio para um maníaco do heavy metal cantar. Tenho certeza de que *ninguém* esperava me ouvir trinar “We Three Kings” ou “Oh Come, All Ye Faithful”. Porém, para mim, a questão era justamente essa.

Sempre adorei o Natal, desde criança. Tenho memórias muito caras de coisas especiais, como coros natalinos à nossa porta no Beechdale (sem falar nas caixas de bombons sortidos!). Para mim, havia ainda um ângulo espiritual na feitura desse disco.

Se eu sou cristão? O que eu diria é que o cristianismo combina comigo como meu figurino de palco, e me dá uma fé inabalável. Há muita coisa ali de que eu gosto. E quando os fanáticos intolerantes dizem que o Priest é uma banda que adora ao diabo, sempre dou uma fodida com a cabeça deles ao responder: “Ah, não! Eu sou um cristão gay no heavy metal!”.

Ao longo dos anos, também descobri que, em particular nos EUA, há *bangers* que curtem por completo a nossa música, ao mesmo tempo em que levam vidas baseadas na fé cristã. Então, concluí que se um disco como *Winter Songs* pudesse ajudar essas pessoas, melhor ainda.

Escrevi duas canções natalinas originais e busquei outras que nunca tivessem sido interpretadas por bandas de rock ou metal. Disse a Roy Z, que foi o produtor, que queria um álbum nuançado e sensível, que não tivesse só uma agressividade meio punk anárquica. E acho que deu certo.

Lançamos *Winter Songs* pelo selo Metal God Records, que montei com John Baxter. Em essência, foi um lançamento independente, de modo que as vendas foram bem pouco espetaculares, mas não foi algo que fiz para ganhar dinheiro. Fiz porque quis.

Ao mesmo tempo, registrei a marca “Metal God”. Sou chamado assim desde que gravamos “Metal Gods”, de

British Steel, me acostumei e me tornei bastante possessivo quanto à expressão.

Nunca levei o apelido minimamente a sério. *Ninguém* do Black Country seria capaz de manter uma cara séria ao se declarar um Deus do Metal! Mas não quero que nenhuma marca descreva seus bens de consumo ou produtos como "*metal gods*" *se não forem heavy metal*.

A marca registrada agora impedia isso. Assim, passou a ser oficial! Eu era o único Deus do Metal! Curve-se e me adore! (*Isto é, se você quiser. De um jeito ou de outro, não ligo muito.*)

No verão de 2009, estávamos de volta à estrada para tocar *British Steel*, às vésperas de seu trigésimo aniversário, na íntegra pelos EUA. Foi um álbum que mudou a história do Priest, então eu entendia a lógica dessa celebração... mas o *timing* não era nada propício. Mais uma turnê naquele momento já era demais.

Quando começamos esse giro pelos EUA, já vínhamos de mais de um ano na estrada, estávamos física e mentalmente em frangalhos, e precisávamos muito de férias. Adoro fazer turnês, mas elas podem te esgotar muito.

Meu sexagésimo aniversário seria dali a dois anos, e Thomas e eu sempre dizíamos que era hora de eu me aposentar, como uma piada interna constante. Certo dia, estendemos a piada a Scott.

Thomas e eu comíamos num quiosque num aeroporto quando o jovem baterista do Priest se juntou a nós. "Bem, essa é minha última turnê, Scott!", eu disse quando ele se sentou.

Seus olhos saltaram das órbitas: *"O quê?"*.

“Pois é! Para mim, chega!”, falei bem sério, na cara de pau.

Ansioso, Scott contou a Ken e Glenn desse meu comentário e, mais tarde, Glenn me chamou de lado para uma conversa. “Você está pensando seriamente em se aposentar, Rob?”

“Não exatamente”, respondi. “Mas não sei por quanto tempo mais consigo dar conta.”

Tantas verdades são ditas em tom de brincadeira! De uma piada interna inofensiva entre Thomas e eu, a ideia da aposentadoria logo passou a dominar a turnê e se tornou um tópico frequente de conversa à medida que nos arrastávamos pela vastidão dos EUA.

Alguns de nós enfrentavam dificuldades. Glenn não passou muito bem nessa turnê, parecia exausto e até suas performances de guitarra, sempre impecáveis, foram discretamente afetadas. Parecia que, para ele, os shows eram mais desafiadores do que de costume.

Previsivelmente, os erros ocasionais de Glenn davam nos nervos de Ken, que começou a pressupor que isso acontecia por Glenn beber demais no palco. *Ao menos se fosse simples assim*. Mais adiante, descobriríamos que Glenn tinha de lidar com muito mais problemas.

Tudo isso culminou numa conversa franca antes de um show na Flórida, já perto do final da turnê. Qual seria o futuro da banda? *Será que sequer tínhamos futuro?*

Acabamos não chegando a nenhuma conclusão, mas sabíamos que algo tinha de mudar. Glenn estava frustrado porque sua performance parecia cair cada vez mais, apesar de não mencionar nada a respeito disso, assim como nós

também não mencionamos. Ken estava puto com Glenn, com nossos empresários, com a turnê... *você está com tempo?*

Não estávamos todos em sintonia. Ian queria continuar, assim como Scott. Deixei claro que toparia gravar álbuns do Priest no futuro, e fazer shows avulsos aqui e ali. Não dizíamos que iríamos nos aposentar em definitivo, mas não aguentávamos mais megaturnês.

Nessa reunião, surgiu a ideia de fazermos uma última dessas imensas, dali mais ou menos um ano, e chamá-la de *Epitaph*. E se o Judas Priest *fosse* acabar depois disso... bem, seria uma despedida das boas.

Fizemos mais alguns shows no Japão e então, com a turnê encerrada, contamos nossos planos a Bill e Jayne. Eles compreenderam e não tentaram nos convencer a desistir da ideia, ainda mais já que estaríamos abertos a discos futuros e a turnês mais curtas. Foi tudo tratado de forma muito educada, racional e razoável.

O restante do Priest foi então cada um para o seu lado para esticar as pernas e fazer uma porção de porra nenhuma no ano seguinte. Talvez fosse sensato que eu fizesse a mesma coisa, mas, por alguma razão, entrei num modo total *workaholic* – ou devo dizer masoquista? – e decidi gravar mais um álbum do Halford. Na metade do tempo que geralmente se leva, reuni a banda e escrevi as músicas de *Halford IV: Made of Metal*, gravado na Califórnia com Roy Z.

Fiz uma pausa nas gravações do disco para ir a dois eventos muito importantes. Em março, Thomas e eu

retornamos a Walsall para a festa de bodas de diamante dos meus pais, num hotel no centro da cidade.

Sessenta anos! E parecia que as bodas de ouro deles haviam sido ontem. Já fazia mesmo dez anos que reencontrei Ken lá e comecei o processo de reconciliação que me levaria de volta ao Priest? *Como foi que o tempo passou tão rápido, porra?*

O tempo é uma amante cruel e meus pais não andavam muito bem. Recentemente, minha mãe havia sido diagnosticada com a doença de Parkinson, que ela apelidou de Parky, por causa do entrevistador da TV Michael Parkinson. “Lá vem a Parky de novo!”, brincava ela quando sua mão começava a tremer.

Os medicamentos controlavam em larga escala a doença, mas meu pai passava por poucas e boas. Caiu algumas vezes em casa e, pouco depois da celebração das bodas de diamante, foi internado devido a uma queda particularmente feia. Quanto teve alta, foi para uma casa de repouso. Foi horrível para todos nós.

Por falar em mortalidade... também fui ao funeral de Ronnie James Dio. Estive com Ronnie muitas vezes ao longo dos anos e ele era um herói para mim. Eu sabia que ele estava doente, mas, quando acordei certo dia em San Diego e vi as mensagens que diziam que ele havia morrido de câncer, *chorei feito criança*.

Havia centenas de fãs do lado de fora da cerimônia, e lá me encontrei com Tony e Geezer, do Sabbath, e uma porção de outros camaradas do rock e do metal. Fazia um dia lindo e havia muito amor por Ronnie. Até hoje ainda escuto sua

música bem alto antes de entrar no palco, e ele permanece uma inspiração para mim[a].

Correu tudo bem com *Halford IV: Made of Metal* e eu fiquei satisfeito com o resultado final, mas as vendas do nosso selo, o Metal God, eram bastante limitadas – ínfimas, se comparadas às do Priest. Saímos em turnê com o álbum, primeiro para alguns shows em clubes nos EUA, depois duas datas no Japão, para então cair na estrada com Ozzy por seis semanas nos EUA e no Canadá, até o Natal de 2010. Os shows foram ótimos... e eu não precisei substituir Ozzy em nenhum deles!

Enquanto isso, Jayne anunciava que a turnê de (bem, talvez...) despedida do Priest, *Epitaph*, começaria em junho de 2011. Extensa e importante, tomaria a maior parte do ano e, em outubro de 2010, enquanto eu me encontrava na estrada abrindo para o Ozzy, o resto da banda se reuniu para confirmar os detalhes.

Ken não apareceu e, quando Jayne ligou para ele, alegou ter esquecido. Não era do feitio dele, mas, bem, *essas coisas acontecem*. Ken se desculpou, e não se falou mais no assunto. Jayne marcou outra data, no final de novembro. O plano era uma reunião na casa de Glenn para que ela pudesse finalizar os detalhes com Ken, Ian e Glenn antes de partir para os EUA.

E então, dois dias antes do encontro, Kenneth “K. K.” Downing nos enviou um e-mail informando que estava fora da banda.

64 “Forjados no Black Country sob céus vermelho-sangue / Todos tínhamos sonhos a realizar / Naquela [van] Transit a caminho do Holy Joe’s.”

65 *A palavra “*retribution*” pode ser traduzida não apenas de forma literal como “retribuição”, mas também como “retaliação”, “castigo” ou “vingança”, no sentido de uma punição por algum mal cometido.* (N. do T.)

66 *Número do filme do Spinal Tap em que a banda se aventura por territórios de jazz-fusion exagerado.* (N. do T.)

a Há poucos meses, a viúva de Ronnie, Wendy, me deu uma das coleções de estátuas de dragões dele, e um anel que ele ostentava no palco. Uso-o com orgulho.

21

Primeiro de abril, só que não

O e-mail de resignação de Ken veio completamente do nada. Atingiu a todo mundo como um raio, de surpresa. Nenhum de nós esperava por isso nem de longe, e todos ficamos totalmente desconcertados. *Como assim?!*

Ken resmungou e reclamou de muitas coisas na última turnê, mas não demos muita importância. *Era o que ele fazia:* era o que sempre havia feito. Não tínhamos ideia de que a insatisfação dele era intensa o bastante para levá-lo a sair da banda.

Não podíamos adiar a turnê *Epitaph* de jeito nenhum. Os locais dos shows, os voos e os hotéis já estavam todos reservados e um adiamento nos custaria uma fortuna sem tamanho. Intencionalmente ou não, o Sr. K. K. nos afundou na merda.

Glenn, Ian, Scott e Jayne entraram em contato com Ken para tentar fazê-lo mudar de ideia, mas eu nunca achei que isso seria possível, ele me pareceu bastante resoluto. Não

tínhamos escolha senão começar uma busca frenética por um guitarrista substituto, numa corrida contra o tempo.

Ken pediu a Jayne se poderíamos esperar até a véspera do início da turnê para anunciar a saída dele, então foi o que fizemos enquanto procuramos músicos alternativos no início de 2011. Queríamos alguém que estivesse despontando, mas que também tivesse pelo menos um pouco de experiência com turnês na bagagem.

Alguém nos recomendou Pete Friesen, que tocou com Alice Cooper e Bruce Dickinson. Pete é ótimo, porém é canadense, e a minha preferência era por alguém britânico. Depois de Scott, eu não queria diluir ainda mais nossa identidade de banda de heavy metal britânica.

Jayne contatou Pete, que ficou lisonjeado com o convite, mas se considerava um guitarrista *bluesy* demais para se encaixar numa banda totalmente heavy metal como nós. No entanto, sugeriu que testássemos um cara chamado Richie Faulkner.

Jayne conseguiu o e-mail de Richie e escreveu para ele, se apresentando como empresária do Judas Priest e dizendo que gostaria de conversar. Ao não obter resposta, Jayne mandou mais três ou quatro e-mails até desistir e decidir ligar para Richie, que atendeu.

Ele confessou que deletava os e-mails – a essa altura, já era abril (apenas dois meses antes do início da turnê!) e ele havia presumido que se tratava de alguém que queria lhe pregar uma peça de primeiro de abril antecipada! Quando se deu conta que não se tratava disso, ficou mais do que disposto a se encontrar conosco.

Richie pegou um trem de Londres para Worcester, Jayne o buscou na estação e o levou até a casa de campo de Glenn. Ao nos cumprimentarmos, ele olhou impressionado para a propriedade. “Esse lugar é meio *Senhor dos Anéis*, hein?”, comentou.

Ele estava certo, mas logo em seguida pareceu ter se arrependido do que disse. Provavelmente estava um pouco nervoso. Rimos e concordamos, o que quebrou o gelo, mas a primeira coisa que notamos foi como o sotaque dele era tão londrino. *Lahndan*. Talvez precisássemos de um tradutor de *cockney* para *yam-yam*!

Richie tinha trinta anos e contava com um bom pedigree. Já passara por algumas bandas, inclusive a de Lauren Harris, filha de Steve Harris, e abrira para o Maiden com ela. Então, sabia se virar num estúdio e conhecia a vida na estrada. Bom começo!

“Bem, está a fim de fazer um som?”, perguntou Glenn.

Richie levou uma guitarra, então sumiu com Glenn para dentro do estúdio e eu esperei na casa. Uns 15 minutos depois, Glenn reapareceu para trocar uma ideia comigo. “O que você acha?”, quis saber.

“Ele parece um cara legal”, respondi. “Não é puxa-saco e disse todas as coisas certas a respeito de metal e do Priest...”

Dez minutos depois, ainda debatíamos sobre Richie enquanto atravessávamos a trilha de cascalho até o estúdio. E então travamos. *Secos*. Lá de baixo, o ouvimos pela janela, improvisando *riffs* e solando como um virtuose. Ambos abrimos sorrisos enormes.

Puta merda, ouve só isso!

Richie ainda estava fritando quando entramos no estúdio, mas parou ao nos ver. “Não, não, continue, camarada!”, dissemos. Era um guitarrista fantástico e já imaginávamos o quão bom ele soaria no Priest.

Tínhamos nosso cara. A busca havia acabado.

Depois de manter a saída de Ken em segredo por meses, Jayne soltou um release no final de abril para dar a notícia e também para contar da entrada de Richie, e nós então nos pusemos a ensinar nosso repertório para o novato. Por sorte, ele aprendeu muito rápido. Já conhecia a maioria das músicas e pegou de primeira as que não conhecia, todas elas. Era um sonho.

Enquanto estive nas Midlands, passei o máximo de tempo que pude com meus pais. Não foi uma época fácil para eles... nem para mim.

Sue e Nigel me alertaram que papai estava piorando rápido, mas, quando fui visitá-lo na casa de repouso, fiquei chocado. Ele passava quase o dia todo na cama, esquelético. Virava pó diante dos meus olhos.

Envelhecer e ver a passagem do tempo é uma dureza, e foi de partir o coração ver meu forte e saudável pai, que sempre me apoiou ao longo de toda a vida, perecer daquela forma. Ele mal conseguia respirar, mas ainda me reconhecia, sabia quem eu era.

Debrucei-me sobre ele e falei suavemente: “Isso não faz bem para você, pai. Se você quiser ir, *vá*. Não fique por aqui só por nós. Nós te amamos e entendemos”. Seus olhos me disseram que ele entendia também.

Mamãe também enfrentava uma barra. Piorou do Parkinson e não conseguia visitar papai na casa de repouso.

Sua irmã, Iris, falecera naquele mesmo lugar alguns anos antes, e ir até lá era muito perturbador para ela. Porém, mais do que isso, ela não suportava ver papai naquelas condições.

Quem tem pais enfermos, mas mora distante deles, vai saber a dor e a culpa que eu sentia cada vez que ia embora. Fui muito grato, assim como eles, a Sue, que ia ver papai todos os dias e era praticamente uma cuidadora em tempo integral para mamãe. Uma verdadeira Mulher-Maravilha.

Voltando ao Priest, ainda bem que Richie era um bruxo da guitarra, porque sua primeira apresentação conosco foi insana. Participamos de *American Idol*, em L.A., para tocar "Living After Midnight" com um dos concorrentes, James Durbin. Assim, a estreia de Richie foi ao vivo para 20 milhões de telespectadores nos EUA.

Quase nenhuma pressão!

Começamos a turnê *Epitaph* com um show de aquecimento num teatro na Holanda, e então fomos *headliners* do Sweden Rock Festival, onde tocamos para 50 mil *headbangers* escandinavos. Richie encarou tudo como se fizesse essas coisas a vida toda, foi algo fantástico de se ver.

Quando entramos de cabeça na turnê, as noites de show tinham uma estrutura pouco usual, tudo por causa de uma nova artista que havia atiçado o lado louco por pop desse gay do metal (o que não é muito difícil!).

Fiquei impressionadíssimo com Lady Gaga assim que ela surgiu no cenário pop. O visual dela era fantástico, eu adorava os figurinos doidos e o fato de ela compor as

próprias canções... e, mais do que tudo, adorei a voz dela. Para mim, a voz é *sempre* determinante.

Encantado, comecei a ler tudo o que podia a respeito de Gaga... e fiquei maravilhado quando descobri que ela curtia metal na adolescência e uma de suas bandas favoritas era o Priest! Por meio de Jayne, mandei uma mensagem a ela: “Se você quiser vir a um show, basta dizer!”.

“Obrigada, vou sim!”, dizia a resposta dela.

Também li sobre a melhor amiga de Gaga, Lady Starlight, DJ que acabara de participar da turnê *Monster Ball* da cantora e que às vezes abria para bandas de rock e metal ou tocava nas festas pós-show delas. Uma lâmpada se acendeu – *ting!* – na minha cabeça: *Por que não levá-la na turnê do Priest?*

Assim, toda noite contávamos com uma banda de abertura – entre nomes como Motörhead, Thin Lizzy, Whitesnake e Saxon – e, em seguida, com o DJ set de Starlight. Nossos fãs adoravam quando ela tocava clássicos do metal, fazia a mão chifrada e ia à loucura atrás das *pickups*. Ela arrasou pra caralho.

Logo no início da *Epitaph*, ficou claro para o Priest que... *aquela não seria nossa última turnê*. As ideias de se aposentar foram devidamente defenestradas. O talento, o entusiasmo e o dinamismo de Richie deram à banda um novo sopro de vida.

Nosso novo garoto me deixava no chinelo ao correr em zigue-zague e saltar bombasticamente pelo palco, e a atmosfera antes taciturna e indócil da banda foi substituída por uma nova, de positividade. Não pude deixar de ter uma ideia animadora:

Puta merda! Olha o potencial que temos agora!

Não era o final do Judas Priest, era um novo começo.

Richie mandava os *riffs* feito um demônio, assim como Glenn na maior parte do tempo... só em um ou outro show é que não estava em sua melhor forma. Tropeçando, Glenn ainda é melhor do que a maioria dos guitarristas no auge, mas ele é um perfeccionista, então os erros o incomodavam.

Não incomodavam a nós. *Todos nós cometemos erros, camarada!* E, em todo o caso, Richie era tão colossal que poderia cobrir qualquer lapso ocasional. Era estranho, mas nada de mais.

Ao longo da turnê, fiz amizade com Lady Starlight. Certo dia, ela me falou de uma proposta formidável de sua amiga, Lady Gaga. Seríamos *headliners* no festival High Voltage, no Victoria Park, em Hackney, Londres, e Gaga também estaria na cidade. Será que ela poderia fazer uma participação especial no nosso show?

Sim, porra, por favor! O pessoal dela falou com o nosso pessoal, e combinamos que, quando eu entrasse no palco na Harley para “Hell Bent for Leather”, Lady Gaga estaria na garupa da moto! Seria sensacional, e eu tive de ficar de bico calado para não estragar a surpresa.

Infelizmente, alguns dias antes do show, Gaga enviou um e-mail dizendo que teria de voltar aos EUA para gravar um clipe e não poderia mais participar do show. *Merda!* Achei que ela ficou tão decepcionada quanto eu.

Havia novos ares ensolarados no Priest, mas minha vida profissional ainda não estava desprovida de conflitos

por completo. Rolava certa tensão entre Bill e Jayne e John Baxter, que continuava a empresariar minha carreira solo.

Eu deveria ter colocado um ponto final nela quando voltei para o Priest. Ative-me a uma esperança vaga de que talvez pudesse tocar uma carreira solo bem-sucedida em paralelo à banda. Ora, obviamente isso não aconteceria... e eu não me importava. Por mim, tudo bem.

Porém, me sentia fiel a John. Tínhamos uma história longa, então, sempre que havia alguma disputa entre ele e os empresários da banda, eu só tentava manter a cabeça no lugar e apaziguar os ânimos. Fiz muitas concessões, e esperava que as coisas fossem melhorar... até que finalmente aceitei que nunca iriam.

Nossa gravadora cometeu um erro de contabilidade e depositou na minha conta um dinheiro de *royalties* que deveria ter ido para Ken e Glenn. Não foi nada de mais. Percebemos o erro, Jayne resolveu, fim de papo.

Ou... é como deveria ter sido. John ficou sabendo do acontecido, entendeu errado e teve um acesso de fúria. Enquanto o Priest estava em turnê na Espanha, ele entrou no meu site pessoal, robhalford.com[67], e escreveu um monte de coisas péssimas sobre o Priest.

Foi vergonhoso. Tivemos de soltar uma declaração da banda com um pedido de desculpas aos fãs.

> *Recentemente, foram postadas na internet opiniões tendenciosas e sem sentido, inclusive no site de Rob, a respeito da banda e de nossos empresários. (Atualmente, Rob não controla o site e discorda em absoluto dos comentários em questão). Nós nos recusamos a entrar em qualquer tipo de desentendimento em público – estamos acima disso e resolveremos legalmente.*

Então me dei conta de que... *não consigo mais lidar com essas coisas.*

O Priest estava numa nova era com Richie, e essas contendas eram um retrocesso tóxico. Respirei fundo... e pedi ao meu advogado que comunicasse a John por escrito que nosso acordo de empresariamento estava encerrado.

Assim que o fiz, senti um alívio imenso, mas ainda não seria o fim. Algumas semanas depois, recebi a notícia de que John estava me processando por fraude, quebra de contrato e "interferência intencional em negociações contratuais"... e pedindo uma soma de cerca de 50 milhões de dólares. Foi um choque muito inesperado e profundamente inoportuno. Mesmo assim, prosseguimos com a turnê e eu tentei tirar isso da cabeça por um tempo, se é que é *possível* tirar um processo de 50 milhões de dólares da cabeça.

Percorremos a longa e sinuosa estrada de *Epitaph* pela América do Sul, pelos EUA, pelo Canadá e pelo Sudeste Asiático. Em seguida, retornamos à Europa... e, quando chegamos a São Petersburgo, na Rússia, o prefeito dessa bela cidade me deu um aviso antes do show.

Ele havia ouvido falar que eu era gay, e declarou que eu não estava autorizado a fazer referência alguma à minha homossexualidade (que até 1999 ainda era vista como "doença mental" na Rússia) no palco. Se fizesse, seria preso.

Fiquei perplexo e, a princípio, me perguntei se deveria tomar algum posicionamento. *Será que eu deveria entrar no palco envolto na bandeira do arco-íris? Usar um botton*

discreto pró-direitos gays? Resgatar minha velha camiseta do Tom of Finland, a que usei quando conheci Andy Warhol?

Não fiz nenhuma dessas coisas. Primeiro, porque algo que não dizia respeito à banda respingaria nela. Segundo, porque *não tinha a ver comigo*. Como já disse, nunca fui um ativista, sempre deixei isso a cargo de gente mais qualificada do que eu. Até então, pelo menos.

Porém, mais do que tudo, percebi que *não precisava fazer nada*. Só estar no palco, assumido, desafiador, orgulhoso e no comando de uma banda de heavy metal capaz de lotar arenas na Rússia já era uma mensagem suficiente: *Aqui estou eu. Este sou eu. Aceitem!*

Como declarei a uma revista na época, eu não precisava entrar no palco agitando uma bandeira do arco-íris. Eu *sou* a bandeira do arco- -íris do heavy metal. Assim, apenas tocamos nosso *set* convencional do Priest em São Petersburgo, e o show foi ótimo.

Da Rússia, seguimos caminho pela Escandinávia, Alemanha – que foi uma loucura para nós, como sempre desde 1975! – e Áustria. Estávamos na República Checa no dia 8 de maio de 2012, quando meu pai enfim se foi.

Pouco antes de entrarmos no palco, em Pardubice, Sue me ligou da casa de repouso, onde se encontrava ao lado do leito dele com a irmã dele, minha tia Pat. “Os médicos estão dizendo que ele vai partir a qualquer momento, Rob”, disse ela. “Quer se despedir dele?”

“Sim.”

Sue colocou o telefone no ouvido de papai. Falei a mesma coisa que havia dito a ele da última vez que o vi, em

Walsall: “Pai, não se estenda. Você teve uma vida maravilhosa. Somente vá. Um dia vou reencontrá-lo”.

Meu pai estava fraco demais para responder, mas gosto de pensar que ele compreendeu. Porque ele sempre compreendia.

Desliguei. Entramos no palco. Ao final do show, Thomas me disse que Sue ligou de novo e que papai havia partido. Liguei para ela e conversamos. Estávamos tristes, como qualquer um fica quando se perde um pai querido, mas ambos sabíamos que havia sido um alívio misericordioso para ele. *Era sua hora.*

Dez dias depois, voei para casa para ir ao funeral, saindo de San Sebastián, na Espanha. Foi uma *via crucis* – precisei sair em disparada pelo aeroporto de Barcelona e quase perdi minha conexão para Manchester, de onde ainda tive de pegar um táxi até Walsall. Não precisava *disso* no dia em que ia enterrar meu pai.

A cerimônia foi comovente. Minha mãe agora estava de cadeira de rodas. Não via meu pai desde que ele foi para a casa de repouso, cerca de um ano antes, e agora ele entrava na igreja num caixão. Ao passar por mamãe, os carregadores do caixão pararam e ela colocou uma mão trêmula nele por alguns segundos.

Ali repousaria ele. O homem junto a quem ela passou mais de sessenta anos da vida e com quem criou três filhos. E agora ele descansava.

Eu já sabia que não gostava de dar discursos em casamentos... agora, descobria que o mesmo valia para eulogias funerárias. Não tive coragem de falar no funeral do meu pai. Em vez disso, Nigel falou em nome dos três filhos.

Depois, me arrependi de não ter falado, gostaria de ter sido mais corajoso.

Velei-o... e então voei direto para a Bélgica, para retomar a turnê. O Priest fez uma coisa legal: pagou um jatinho Honda particular para me levar direto à Antuérpia. Tocamos numa arena naquela mesma noite. Ter um show no qual focar tirou minha cabeça do luto.

Por um tempo, pelo menos.

Três dias depois, estava de volta à Inglaterra para encerrar a turnê *Epitaph*, no Hammersmith Apollo (para ser sincero, para mim o lugar sempre será o Hammersmith Odeon![68]). A porta do *backstage* é ao lado da casa, e os fãs sempre se reúnem ali antes dos shows.

Chegamos um pouco atrasados, então mantive a cabeça baixa enquanto Jim Silvia nos conduzia em meio à multidão, já que eu sabia que não teria tempo de parar para conversar. Dessa vez, ignorei as mãos estendidas para mim, os pedidos para selfies... e uma voz que ouvi dizer “Ei! Ei, Rob!”.

Assim que entramos, Jim fechou a porta e Thomas riu para mim. “Você tem noção que acabou de ignorar o Jimmy Page, né?”

“O quê?!”

“O Jimmy Page! Ele estava bem do lado da porta e te chamou!”

“Silvia! Abra essa porta desgraçada!”

Jimmy ainda estava lá e eu o chamei para dentro. Comecei a gaguejar um pedido de desculpas a um dos meus maiores heróis de todos os tempos e acho que exagerei um pouco no *yam-yam*.

“Jimmy, sinto muito, meu camarada! Não te vi! Primeiro te encontro num helicóptero e não consigo conversar com você, e agora isso acontece! E eu sou o maior fã do Zeppelin do mundo! Que inferno!”

Ele abriu um sorriso largo e disse: “Não se preocupe!”.

Uma dúvida me ocorreu: “Mas *o que* você está fazendo aqui?”.

“Ah, só conversando com os fãs!”, respondeu ele e sorriu de novo. Que cara simpático e pé no chão.

Enquanto percorríamos o globo, meus pensamentos sempre me levavam a Walsall. Minha mãe não estava em condições de morar sozinha no bangalô – nem queria. Sue entrou em ação e a instalou num apartamento num lar para idosos... e ela adorou. Sabia que lá estaria em boas mãos.

De volta aos EUA, a ação judicial de John Baxter contra mim prosseguia, e meu advogado, David Steinberg, recomendou que John e eu tentássemos chegar num acordo para evitar ir aos tribunais. Isso, porém, não aconteceria. Tentamos, mas não fomos capazes de tanto.

Assim, John e eu comparecemos diante de um juiz e chegamos a um valor final. Legalmente, não estou autorizado a entrar em detalhes, nem quero, mas fiquei satisfeito com o resultado, e o acordo judicial pôs fim a um capítulo turbulento da minha vida.

Fiquei extremamente contente em tê-la de volta. Era hora de seguir com ela.

Agora que a turnê *Epitaph*, com Richie, revitalizara o Priest, sabíamos que não havia como não gravarmos mais um álbum. Concordamos em começar a produzir o disco que

se tornaria *Redeemer of Souls* em meados de 2013, no estúdio de Glenn, que seria o produtor também.

Richie tomou o lugar de Ken no triunvirato de compositores. Com a turnê *Epitaph*, ele se instalou firmemente na banda, trouxe muitas ideias e uma energia nova ao nosso repertório. Funcionou desde o princípio.

Para a faixa-título – e a imagem de capa –, imaginei uma figura vingadora, meio como o personagem de Mel Gibson em *Mad Max*, que redimiria almas para o heavy metal:

> *On the skyline, the stranger draws near,*
> *Feel the heat, and he's shaking with fear* [69]

Glenn fez um trabalho brilhante na produção, junto a Mike Exeter, produtor e engenheiro de som de metal que já trabalhou muito com Tony Iommi e com o Sabbath. Porém, do outro lado do vidro do estúdio, aqueles confusos problemas do nosso guitarrista continuavam.

Ainda era o músico monstruoso e a fonte de *riffs* titânicos que sempre foi desde que entrou para o Priest vindo da Flying Hat Band, mas teve de refazer alguns *takes* e sentia que havia alguma coisa de errado. Decidiu ir ao médico.

Jayne Andrews o levou até Londres para uma consulta na Harley Street. Alguns dias depois, enquanto terminávamos os trabalhos de *Redeemer of Souls*, um Glenn melancólico chegou com notícias cruéis.

"É o seguinte, rapazes. Estou com Parkinson."

67 *O site não se encontra mais disponível.* (N. do T.)

68 *Como a casa se chamou de 1962 a 1992.* (N. do T.)

69 “No horizonte, o estranho se aproxima / Sinta o calor, ele está tremendo de medo.”

22

O fogo e o poder do heavy metal

A notícia de Glenn foi um soco no estômago. *Parkinson!* Eu já estava familiarizado até demais com essa doença perniciosa, por assistir às batalhas da minha mãe contra a “Parky”. Ao imaginar, na hora, os momentos em que a mão e o braço dela tremiam violentamente, um pensamento terrível me ocorreu: *Pobre Glenn! Se ele tiver esses sintomas, não vai conseguir continuar a tocar guitarra de jeito nenhum!*

O médico especialista disse a Glenn que ele provavelmente já convivia há uns cinco anos com aquela condição. Desde *Nostradamus* – tudo fez sentido no ato. Era *esse* o motivo das dificuldades que ele às vezes sentia nas turnês. Fez tudo o que ele conquistou nesse período parecer heroico; quase miraculoso.

Glenn claramente ficou atordoado com a notícia, como qualquer um ficaria, mas a encarou com uma certa

determinação fleumática. *Era o que era*. Pelo menos agora ele entendia os sintomas que vinha sentindo e poderia começar a tomar a medicação para combatê-los.

Compreendia que não havia como saber o estado em que se encontraria dali a três ou cinco anos, mas, por ora, se sentia forte o bastante para continuar com o Priest. Ia simplesmente *seguir em frente*, até que não conseguisse mais.

A forma como Glenn Tipton encarou o diagnóstico de Parkinson foi totalmente heavy metal e eu não esperaria nada menos dele.

Terminados os trabalhos no álbum, voltei para os EUA com Thomas para passar o verão em Phoenix e em San Diego, antes do início da turnê, no outono. E, na Califórnia, finalmente pude conhecer meu novo *crush* favorito de metaleiro gay no pop.

Lady Starlight me ligou para dizer que Lady Gaga levaria a turnê *artRAVE: the ARTPOP ball* à Viejas Arena, em San Diego. “Você deveria ir comigo! Mas não vou contar à Gaga que você vai, porque senão ela perde a cabeça!”

De algum modo, achei improvável que Gaga ficasse maluca com a *minha* presença no show, mas fiquei totalmente a fim de ir, então apareci e me encontrei com Starlight após seu DJ set de abertura. Ela não deixou que Gaga me visse e me levou até o *pit* dos fotógrafos.

Ficamos perto de uma das longas rampas do palco de Gaga e, depois de alguns minutos de show, ela desceu essa rampa dançando com alguns de seus bailarinos. Deu uma olhadela para baixo, viu Starlight, me viu e... caiu de joelhos.

Hein? Vi os dançarinos trocarem olhares confusos: *Que diabos ela está fazendo?* E, logo acima de mim, na frente de 12 mil fãs de pop aos berros, Lady Gaga fazia uma reverência a mim, aquela coisa de *Quanto Mais Idiota Melhor* quando eles conhecem o Aerosmith, "não somos dignos" e tal.

*Caramba! Não dá para chamar isso de manter uma "*poker face*"!*

Li os lábios de Gaga: "Muito obrigada por ter vindo!". Depois do show, quando Starlight nos apresentou no *backstage*, ela foi extremamente generosa nos elogios ao Priest. Disse que esperava de verdade que, no futuro, pudéssemos fazer algo juntos.

Até agora, não aconteceu, mas espero muito que façamos.

Redeemer of Souls saiu em julho. A grande maioria dos críticos gostou, embora alguns deles tenham precisado qualificar sua aprovação ao se dizerem aliviados por se tratar de um álbum mais direto e menos conceitual que *Nostradamus*. Mas, bem, esses são os tais onanistas!

Sempre valorizamos mais a opinião das pessoas que tiram o dinheiro do bolso para comprar os discos, e o veredito delas foi definitivamente positivo. O álbum entrou no top 20 britânico e chegou à sexta posição na Billboard 200, a maior colocação que já alcançamos nos EUA.

Foi um grande deleite e um alívio, porque obviamente sabíamos muito bem que *Redeemer of Souls* chegava depois de a turnê *Epitaph* ter dado ao mundo a impressão de que o Priest havia, para todos os efeitos, encerrado suas

atividades como banda. O álbum poderia muito bem ter sido um fracasso retumbante. Que ótimo que não foi!

Quando nos reunimos para ensaiar para a turnê *Redeemer of Souls*, foi bom ver Glenn lutando em boa forma. O medicamento estava funcionando e, exceto pelo tremor ocasional nas mãos, mal havia sinal do Parkinson. Ele se mostrava bem disposto e tão ávido por viajar quanto os demais.

Seria um percurso longo, que se estenderia por cerca de quatorze meses, e os caras ficaram um pouco incertos quando lhes disse quem eu gostaria que fosse a banda de abertura: “Tem *certeza* disso, Rob?”. Mas sim, eu tinha.

Acompanhava a carreira do Steel Panther desde que eles começaram, na Sunset Strip, quinze anos antes. Em essência, era uma paródia das bandas de hair metal como Mötley Crüe e Poison, e dava incrivelmente certo, porque as músicas eram fantásticas e a banda arrasava *demais*.

Como sempre digo, o Judas Priest leva a música a sério, mas não a si mesmo, e eu morria de rir com o Steel Panther e músicas como “Asian Hooker” e “Fat Girl (Thar She Blows)”. O baixista, Lexxi Foxx, levava um espelho para se envaidecer no palco. Como foi que ele não tomou um processo do Nikki Sixx está além da minha compreensão![a]

Além disso, eu tinha um vínculo pessoal com a banda, já que meu antigo guitarrista do Fight, Russ Parrish, havia se reinventado como o guitarrista de cabelos sedosos e calças de *spandex* do Panther, Satchel! Russ sempre foi um cara inteligente e sagaz, que adorava uma piada, então fazia total sentido.

Alguns fãs de rock detestam qualquer coisa que tire onda com o estilo – como aqueles *bangers* que Glenn e eu vimos sair furiosos da sessão de *This is Spinal Tap* –, então, de início, houve certa antipatia contra o Panther, mas a banda é tão dedicada e talentosa, que conquistava todas as plateias.

A turnê coincidiu com o trigésimo aniversário de *Defenders of the Faith*, álbum imensamente importante para o Priest, e tiramos da geladeira duas músicas dele que não tocávamos há anos. Foi ótimo revisitar “Love Bites” e “Jawbreaker”.

Passamos afiados pelos nossos destinos de costume: EUA, Canadá, Austrália, Japão. Fizemos uma porção de shows pela América do Sul, incluindo o festival Monsters of Rock, com Ozzy e Motörhead.

Depois da última data da turnê, em Santiago, no Chile, eu estava de bobeira no aeroporto, tarde da noite, à espera do nosso voo para L.A., quando vi Lemmy sentado sozinho. Normalmente, se Lemmy está sozinho, não gosta de ser incomodado, mas fui me juntar a ele.

“Beleza, Lem?”

“Beleza, Rob.”

Conversamos um pouco, mas ele parecia quieto e tristonho, em comparação a seus padrões costumeiramente animados. Por alguma razão, segurei a mão dele e nós ficamos ali sentados em silêncio por alguns minutos, e eu então disse: “Ei, Lem, vamos tirar uma selfie!”.

Ele me lançou aquele Olhar de Lemmy e eu me preparei para ouvir: “Vai se foder, Rob!”. Porém, em vez disso, ele

sorriu e disse: “Ah, vamos lá, vai”, e eu tirei nossa foto. Foi a última vez que o vi. Lemmy faleceria antes do final do ano.

Falei no funeral dele, em Hollywood. “Sempre que estive na presença do lorde Lemmy, sempre a achei algo avassaladora. Por admiração, principalmente. Eis aqui um homem que viveu a vida rock’n’roll segundo seus próprios termos. Um verdadeiro rebelde do rock’n’roll!”

Pode apostar nisso!

Ao final de 2015, o Priest estava de volta à Inglaterra para shows que incluíram um retorno nostálgico ao Wolverhampton Civic Hall. Isso me deu a chance de passar alguns dias na minha casa, em Walsall, e ver a minha mãe.

Ela estava OK. Aquela Parky desgraçada a surrava o mais forte que podia, mas ela já se acostumara à vida na cadeira de rodas e tentava ver as coisas da melhor forma possível. *De novo: seguindo em frente.* Já estava no lar para idosos havia cinco anos, fez amigos e gostava de lá.

Infelizmente, essa condição não duraria muito. O Parkinson reduziu sua habilidade de engolir e, na primavera seguinte, ela passou um período curto no hospital. Avaliaram que ela precisaria de cuidados em tempo integral, então, ao ter alta, teve de ir para uma casa de repouso.

Mamãe detestou o lugar e piorou rapidamente. Em questão de seis semanas, estava de volta ao hospital e, depois, pegou pneumonia, mas estava fraca demais para enfrentar a doença. A essa altura, só queria partir e se reencontrar com papai, e morreu no dia 29 de julho de 2016, com grandiosos oitenta e nove anos de idade.

O funeral de mamãe foi na mesma igreja que o de papai, e fico contente em dizer que, depois do vazio que senti por me acovardar a falar na cerimônia dele, aprendi a lição. Dessa vez, encontrei determinação e disse algumas palavras de adeus à minha mãe.

Falei coisas simples, mas do fundo do coração: que ela sempre foi uma mãe bondosa, amorosa e gentil (bem, exceto ao assistir à luta-livre!) e apoiou os filhos em tudo o que quisemos fazer. E me recordei do mantra que ouvi tantas vezes na infância:

"Você está feliz, Rob? Porque se você está feliz, *eu* estou feliz".

Ao repeti-lo, soou tão belo quanto sessenta anos antes.

Desde que me reunira ao Priest, havíamos feito três álbuns matadores. Estava muito orgulhoso de *Angel of Retribution*, *Nostradamus* e *Redeemer of Souls*, de maneiras distintas. Contudo, não achava que nenhum deles capturava a *essência* do Priest da mesma forma que *Painkiller*.

Quando chegou a hora de gravar o disco seguinte, em 2017, foi exatamente o que decidimos fazer. Quisemos incorporar os elementos clássicos do Priest de álbuns como *British Steel* e *Screaming for Vengeance*, e até dos mais antigos, como *Sad Wings of Destiny*, mas com um toque moderno.

Para isso, sabíamos que precisaríamos de um produtor que conhecesse o som do Judas Priest de trás para a frente... e, assim, voltamos a procurar Tom Allom.

Tom se manteve parte da família Priest e trabalhou para nós em diversos álbuns ao vivo e em coletâneas ao longo dos anos. Encontrava-se semiaposentado, mas aceitou de boníssimo grado nosso convite para reunir a velha turma.

Sabíamos que Tom seria crucial para o projeto, mas, ao mesmo tempo, não queríamos fazer um álbum retrô ou antiquado, e sim uma interpretação moderna, contemporânea, do Priest... o que nos levou a contatar Andy Sneap.

Ou, melhor dizendo, Andy se colocou em contato conosco. Guitarrista, engenheiro de som e produtor de metal de 38 anos, que já trabalhara com Exodus, Obituary, Testament, Trivium, Megadeth e Dimmu Borgir, ele agora nos sondava.

Andy escreveu para Glenn dizendo que adoraria produzir o Priest se um dia houvesse a oportunidade. O *timing* dele foi muito bom e, quando nos encontramos, gostamos dele e do que ele apresentou e decidimos tentar a sorte e colocá-lo para trabalhar em dupla com Tom.

Não havia garantia de que eles se dariam bem ou trabalhariam bem juntos, mas, desde o primeiro dia, houve muita liga entre todos nós, uma camaradagem imediata, que nos fez nos sentir uma equipe forte e implacável: uma equipe *metal*.

Reunimo-nos no estúdio de Glenn e começamos a trabalhar, *trabalhar duro*. E, longe de ser um respeitador das nossas reputações augustas, nosso novo garoto, Andy, logo fez por merecer um apelido – Andy “De Novo!” Sneap.

Sempre fui zeloso ao gravar meus vocais e, todas as vezes, me esforço ao máximo para fazer o melhor *take*

possível. Afinal, uma vez capturada em vinil (ops, entregando a idade!), a voz fica registrada para a posteridade para ser ouvida por milhões de pessoas ao redor do mundo.

Assim, nunca fui de fazer corpo mole no estúdio, mas Andy levava o perfeccionismo musical a outro nível. Depois de uma performance vocal que eu pensava ser na mosca, nosso jovem produtor de Derbyshire, sem papas na língua, rapidamente me desiludia dessa noção.

“Você pode fazer de novo, Rob?”, perguntava ele depois do *take*.

“Como assim? Achei que foi na mosca!”

“Não. Faz de novo!”

Eu poderia ter ficado rabugento e mandado uma carteirada – *“Espera aí! Eu sou o Deus do Metal, porra!”* –, mas a verdade é que gostei de ser pressionado dessa forma. Queria direção e disciplina, e Andy me levou a entregar a melhor performance possível... *e mais um pouco*.

“Você pode fazer de novo, Rob?”

“Quantas vezes eu preciso refazer?!”

“Até você *acertar*.”

Era exatamente do que eu precisava. Assim como todo mundo, minha voz mudou ao longo dos anos e com a idade, mas me inspirei no fato de que algumas das melhores performances vocais de Pavarotti aconteceram quando ele já estava com mais de sessenta anos. E se ele era capaz disso, eu também seria!

Quis que minhas letras capturassem a essência, a *alma* do Judas Priest de forma tão definitiva quanto a música, e me esforcei muito para transmitir o fogo e o poder viscerais

e fundamentais do heavy metal. Foi a partir daí que batizamos o álbum: *Firepower*. A faixa-título dizia tudo:

> *With weapons drawn, we claim the future*
> *Invincible through every storm,*
> *Bring in the foe to be defeated*
> *To pulverise from dusk till dawn*[70]

Escrevi “No Surrender” sobre Glenn, o cara mais corajoso que conheço, disposto a encarar um distúrbio neurológico debilitante para tocar a música que ama e a chegar aos limites máximos de suas capacidades pela causa do heavy metal:

> *Living my life, ain’t no pretender*
> *Ready to fight, with no surrender*[71]

Quando apresentei essa letra à banda no estúdio, não disse a Glenn que a música tratava dele... mas não precisei. Ele simplesmente *sabia*.

A coragem de Glenn nas gravações de *Firepower* foi ilimitada, e ele, a potência criativa de sempre. Fomos bem-sucedidos no nosso objetivo audacioso de gravar o álbum definitivo dessa encarnação tardia do Judas Priest. Acho que ele está à altura de qualquer outro disco do nosso cânone, e talvez até acima de todos eles.

Ainda assim, quando nos reunimos no Old Smithy, para ensaiar para a turnê do álbum no início de 2018, ficou claro que Glenn enfrentava dificuldades. Apesar da medicação, o Parkinson estava piorando e, em alguns dias, tocar até

mesmo *riffs* e acordes básicos se mostrava uma tarefa exaustiva para ele.

Foi de partir o coração observar um dos maiores guitarristas de metal da história, que sempre tocou com tanta facilidade e fluidez, fazer tanto, mas tanto esforço. Glenn tentou usar cordas mais leves e tudo mais o que conseguiu pensar, mas seu próprio corpo era o que dificultava as coisas.

Houve um dia difícil em particular. Ele chegou ao final de algumas músicas, mas outras simplesmente não conseguiu tocar. Então o vi sentado sozinho na técnica. Coloquei a cabeça na porta para ver se ele estava bem.

“Tudo bem, Glenn?”

Ele fez um gesto negativo. “Preciso conversar uma coisa com você.”

“O que é?”

“Não vou conseguir.”

“Não vai conseguir o quê?”

“Não vou conseguir fazer a turnê”, confessou ele. “É difícil demais.”

Assim que Glenn disse isso, tirei um grande peso das costas – e, eu tinha certeza, ele também. “Me dá um abraço”, disse e fui até ele.

Glenn tentou se levantar e não conseguiu, então me debrucei e o abracei.

“Estou muito feliz por você”, falei.

“Como assim?”

“Porque só *você* poderia tomar essa decisão”, respondi, e falava sério. De jeito nenhum a banda poderia dizer a Glenn

que ele não estava em condições de fazer a turnê. Ele teria de chegar a essa conclusão por conta própria.

“E então, o que você quer fazer?”, perguntei.

“Se você e os outros caras concordarem, vou ver se Andy Sneap toca no meu lugar.”

“Excelente!” Andy era um guitarrista de metal muito talentoso, que já passara por algumas bandas e, é claro, conhecia as músicas de *Firepower* de trás para a frente. Não estávamos numa situação ideal... mas ele claramente era a solução perfeita.

Fui procurar Andy e disse: “Glenn quer ter uma palavrinha contigo”, e deixei que os dois conversassem. Andy ficou eletrizado e empolgado com a ideia – *ele sonhava em produzir o Priest; agora ia entrar para a banda!* – mas, principalmente, queria ajudar Glenn; assim como todos nós.

Estávamos incrivelmente orgulhosos de *Firepower* e, quando o disco foi lançado, em março de 2018, ficou claro que os fãs compartilhavam dessa alta estima. O álbum chegou à quinta posição tanto no Reino Unido quanto nos EUA – nossa colocação mais alta em ambos os países.

Esses dois mercados são muito importantes, mas a família do metal – e a família Priest – cobre o mundo todo e *Firepower* foi adorado em todo lugar. Para o nosso deleite, chegou ao primeiro lugar na Suécia, ao segundo na Alemanha, Finlândia e Áustria e entrou no top 5 no Canadá, na Noruega e na Suíça.

Isso foi um incentivo *tremendo* para nós. Além de justificar nossa fé no álbum, também foi maravilhoso que, com tanto tempo de carreira, tenhamos conseguido

estabelecer novos recordes e alcançar novos marcos. Firmes na escalada, cada vez mais alto. Que assim seja por muito tempo.

Assumir o posto de Glenn na guitarra era um passo e tanto para Andy, mas ele o encarou muito bem, assim como foi com Richie. Quando demos início à turnê *Firepower*, na Pensilvânia, ele não demonstrou nenhum sinal de nervosismo e se encaixou muito bem na banda, como se tocasse conosco há anos.

Era uma formação do Priest diferente daquela com a qual os fãs estavam acostumados e que passaram a adorar ao longo dos anos, mas era tão arrasadora e verdadeira quanto. Richie e Andy disparavam *riffs* metálicos tão destruidores, soamos potentes como sempre e todos os shows tiveram recepções incríveis.

Glenn viajou conosco e se juntava a nós no palco sempre que se sentia capaz disso. Toda noite que ele entrava no palco para empunhar a guitarra e tocar “Breaking the Law” e “Living After Midnight”, o público ficava enlouquecido e urrava até balançar o lugar.

Essas manifestações teriam sido ainda mais fortes se as pessoas soubessem exatamente pelo que Glenn estava passando para estar ali. Eu sempre o abraçava quando ele entrava no palco... e sentia seu corpo inteiro vibrar por causa do Parkinson. *Ele é um homem de aço.*

Demos um giro por festivais europeus no verão e, quando voltamos ao EUA, em agosto, o Deep Purple se juntou a nós por um mês. Foi fantástico. É uma banda que sempre idolatrei, mas agora, além de heróis, eram como almas gêmeas para mim.

O Purple passou por poucas e boas muito semelhantes às nossas, de problemas com vício a brigas na banda e mudanças de formação, porém, exatamente como nós, a *integridade* da banda e a música se mantiveram intactas. Vivíamos o mesmo estilo de vida, nos estúdios e na estrada, há uma eternidade.

Ian Gillan foi colossal como sempre. Eu ficava na lateral do palco todas as noites, ansioso para poder vê-lo – *o Ian Gillan, porra!* – cantar "Highway Star" de perto. Era de tirar o fôlego, como sempre foi.

Os shows com o Purple nos deram a chance de reencontrar Roger Glover. Foi sensacional revê-lo mais de quarenta anos depois que ele produziu *Sin After Sin*, e, com um sorriso no rosto e um brilho no olhar, ele retomou um assunto antigo feito um cão que não larga o osso.

"Você ainda não me pagou por aquele álbum, Rob!"

"Roger, amigo, eu não sei de nada. Fale com a droga da Arnakata!"

Foi uma turnê muito longa, e nós contamos com uma gama de bandas de abertura. O Purple seguiu seu caminho e foi substituído por outros colegas veteranos do rock, o Uriah Heep, quando chegamos a Illinois, em maio de 2019. Foi lá que o sangue me subiu à cabeça – ou melhor, me desceu aos pés.

Em alguns aspectos, os shows são exatamente como eram quando começamos... e, em outros, mudaram. Uma grande diferença é que agora alguns fãs gostam de passar o show inteiro segurando os celulares na tentativa de capturar a experiência.

Bem, eles que sabem. Eu sempre prefiro quando entram na música e no momento, como nós fazemos, mas foram eles que compraram os ingressos e, basicamente, podem fazer o que quiserem. No entanto, isso não se aplica se trouxerem essa tecnologia intrusiva para o meu espaço pessoal.

Tocamos no Rosemont Theatre, em Rosemont, ao norte de Chicago. É uma casa ótima, mas que não coloca barreiras para formar um *pit* para os fotógrafos, de forma que os fãs na fila do gargarejo de fato se apoiam bem na beirada do palco, a coisa de 1,50 m dos retornos.

Nesse show, havia um cara literalmente escorado no meu retorno, com o celular apontado bem para o meu rosto com uma luz forte, que indicava que estava gravando. Era uma distração irritante, mas tentei ignorar. Na maior parte do tempo, foi fácil, já que fico de olhos fechados.

Canto muito de olhos fechados. Sem querer soar afetado, ou assim espero, fazer isso me ajuda a ir para um lugar diferente. Embora eu esteja no palco diante de muita gente, é uma experiência muito íntima e pessoal para mim. Cantar é o que faço: *o que sou*.

Fechar os olhos me ajuda a me expressar e entregar a melhor performance possível... porém, quando os abri no Rosemont durante “Judas Rising”, o cara ainda estava com o telefone na minha cara, com a lanterna piscando. *Mas que inferno!* Tive um acesso de fúria.

Sem parar de cantar, dei dois passos para frente e meti uma bica no celular do cara. Não foi um mau chute, modéstia à parte. O aparelho fez um arco no ar e

desapareceu no meio do público, uns 6 m para trás do sujeito. Observei a trajetória. *Gol!*

Eu, por ser eu, imediatamente pensei duas coisas que brigavam ao mesmo tempo por espaço na minha cabeça:

1) Estou muito satisfeito por ter feito isso!

2) Ah, merda! Por que você fez isso? Não foi muito legal, seu idiota!

O pobre diabo parecia um cachorro sem dono. Fiquei de olho e vi passarem o celular de volta até ele, que o guardou no bolso no ato. Quando a música seguinte acabou, olhei de novo e o cara me estendeu a mão com um cumprimento.

“Sinto muito!”, gritou. E *parecia* sentir muito, de fato. Cumprimentei-o e fiz a mão chifrada para ele, porque meus ânimos se acalmaram, tudo já havia passado e eu não tinha nenhuma animosidade contra o rapaz. Além disso, para ser sincero, me senti meio bobo.

Antigamente, acabaria por aí, mas – ironicamente! – um outro fã fez um vídeo do momento em que chutei o celular e, é claro, subiu no YouTube assim que chegou em casa. Por uns dois dias, minha indiscrição foi bastante falada na internet.

Eu diria que as opiniões estavam divididas quase que exatamente pela metade:

1) Isso aí, Rob! Quem filma shows no celular é um desgraçado!

2) Halford, seu babaca! Como você ousa tratar seus fãs assim!?

Para falar a verdade, concordo com ambos os lados. Por fim, soltei uma nota na imprensa para esclarecer o

posicionamento da banda. Acho que é justo dizer que eu estava com o sarcasmo em dia:

> *O fato é que amamos nossos fãs e vocês podem nos filmar o quanto quiserem e assistir aos nossos shows no celular, em vez de em carne e osso. Porém, quem interferir fisicamente com a performance do Deus do Metal, já sabe o que vai acontecer!*

Mesmo depois de quarenta e cinco anos na estrada, ainda podemos explorar novas fronteiras. Em dezembro de 2018, levamos *Firepower* à Indonésia. Quando eu era garoto, achava esse nome inacreditavelmente exótico ao vê-lo num mapa, uma terra que poderia muito bem ser num planeta distante: *Eu nunca vô lá!*

Bem, *lá estava eu*, ainda na minha missão perpétua de converter o mundo ao heavy metal. Eu sabia que as autoridades locais tinham um posicionamento desagradável em relação aos gays, mas, bem, *e daí? Eu não tenho mais medo.* Minha atitude em Jakarta foi a mesma de São Petersburgo:

Aqui estou eu, caras! Assumido e orgulhoso. Este sou eu. Aceitem!

Depois dos shows na Ásia, voltei para Walsall para o Natal e, assim que o Priest encerrou a turnê *Firepower*, no verão de 2019, as festas de fim de ano já estavam na minha cabeça de novo. Só porque tive vontade, gravei outro álbum natalino.

Juntei uma banda e gravei uma sequência de *Winter Songs*, que completava dez anos. Desta vez, em *Celestial*, envolvi minhas cordas vocais do metal em “God Rest Ye

Merry Gentlemen", "Away in a Manger", "Deck the Halls" e até "Good King Wenceslas".

Creditei o álbum a "Rob Halford with Family and Friends", porque foi feito exatamente assim, com minha família e meus amigos. Meu irmão, Nigel, é baterista de uma banda de Walsall, então tocou bateria; meu sobrinho Alex – filho de Ian e Sue – tocou baixo; e até Sue tocou guizos.

Em meados de dezembro, cantei músicas do Priest, em vez de cantigas natalinas no show beneficente anual *Christmas Pudding*, do meu vizinho de Phoenix, Alice Cooper, no Celebrity Theater. A banda original de Alice estava lá, bem como Joe Bonamassa... e Johnny Depp.

Johnny Depp! Johnny toca guitarra junto a Joe Perry num supergrupo com Alice, os Hollywood Vampires, e eu esperava ter a oportunidade de conhecê-lo, pois o considero um grande ator. Ele estava num camarim ao lado do meu, com um grande *entourage* e música em alto volume.

Todos nós fizemos um *meet-and-greet* antes do show, e então entrei no modo *fanboy* e o abordei no caminho de volta aos camarins.

"Johnny, sou um grande admirador seu!", comecei. "Sou Rob, do Judas Priest, e..."

"Eu sei quem você é, cara!", interrompeu ele. "Fui fã do Priest a vida inteira!"

Ah! Bom, ISSO me surpreendeu! "Posso passar no seu camarim para batermos um papo depois?", perguntei.

"Claro, a qualquer hora! Vai ser uma honra!"

Voltei para o meu camarim e, pouco depois, bati na porta de Johnny. Seu *entourage* havia sumido, exceto por seu

assistente, e ele estava sentado sozinho. “Entre, entre!”, disse, radiante.

Johnny foi extremamente amigável e charmoso na mais ou menos 1 hora que conversamos. E então, do nada, disse: “Ei, Rob! Você se lembra da época do Treehouse?”.

O quê?! De repente, minha mente voou para o notório clube de Fort Lauderdale, aberto a madrugada inteira, onde eu pinoteava até o amanhecer, noite após noite, enquanto mixávamos *Screaming for Vengeance*, uivando músicas do Priest na banda cover de Yul Vazquez e bebendo champanhe nos sapatos de Gigi até ficar doido.

“Puta merda, Johnny! Como você sabe *disso*?”

“Porque eu ia lá para te ver.”

“Para *me* ver?!”

“Sim! Ouvi falar que você aparecia lá e cantava umas músicas do Priest, então eu ia direto na esperança que você aparecesse”, riu ele. “E você sempre aparecia!”

Fiquei sem palavras. “Mas... não me lembro de você?”

“Você não se lembraria. Naquela época eu era só um punk cabeludo esquelético, numa banda que não chegaria a lugar nenhum. Mas eu me lembro de *você*.”

Puta merda! Fiquei absolutamente embasbacado. Quando você acha que não tem mais como a vida te surpreender... ela manda uma dessas. Como é mesmo que dizem? *Não dá para inventar uma coisa dessas.*

Terminei 2019 num ponto altíssimo. O Priest contava com uma nova e poderosa encarnação, no ano seguinte trabalharíamos num novo álbum e numa grande turnê de aniversário, Thomas e eu estávamos mais felizes do que

nunca em Phoenix e a vida parecia muito boa. Eu tinha muitas expectativas.

E então 2020 chegou e o mundo acabou.

a Bem, na verdade, não está, não: Nikki também tem um bom senso de humor.

70 “Com as armas em punho reclamamos o futuro / Invencíveis ao atravessar todas as tempestades / Que os inimigos venham para serem derrotados / Pulverizados da aurora ao anoitecer.”

71 “Vivo a vida sem fingimento / Pronto para a luta, sem me render.”

Epílogo

Berrando feito louco para sempre

Francamente. Você está perto de completar sete décadas de vida, acha que já viu de tudo que o mundo pode lançar contra você e então uma pandemia global dá as caras!

Bem, se há uma coisa que aprendi na vida é que você nunca sabe o que lhe espera ao virar a esquina.

No início de 2020, Thomas e eu passamos uns dois meses em Walsall. Foi uma viagem pela qual fiquei bem animado, porque, além de poder reencontrar amigos e familiares, havia novos e empolgantes projetos do Priest para iniciar e planejar.

Começamos a trabalhar num novo álbum no estúdio de Glenn. Como *Firepower* nos agradou tanto, decidimos manter o *dream team* de Tom Allom e Andy Sneap na produção, com Andy agora também na guitarra, além de me dizer para fazer “de novo!”.

Glenn se resignou a uma provável semiaposentadoria dos shows do Priest, mas se mantém envolvido como sempre na composição das músicas. Nessas primeiras sessões, criamos algumas coisas sensacionais. O próximo álbum vai ser destruidor.

Além disso, iniciamos o planejamento da nossa turnê de cinquenta anos, uma comemoração de meio século de Judas Priest, banda que começou com um cara chamado Al Atkins no vocal, enquanto eu ainda era um pentelho espinhento que vendia calças boca de sino e gravatas *kipper* na Harry Fenton.

A turnê diz respeito à longevidade do Priest, então quero celebrar de onde – e *do que* – viemos. Quero voltar às nossas raízes e criar um cenário de palco que pareça uma fábrica de metais pesados de Walsall. Criar a Judas Priest Metalworks.

Quero levar a G. & R. Thomas Ltd. para a estrada.

Quase sessenta anos depois, ainda consigo ver aqueles trabalhadores da G. & R. Thomas, ou melhor, as silhuetas deles, derramando o metal derretido dos caldeirões gigantes das fornalhas para fazer ferro-gusa. Ainda me lembro de ficar sem ar ao correr por aquele trecho do caminho. Aquelas imagens, aqueles homens, aquelas fábricas *fizeram* de nós o que somos e quero reconhecer essa influência incipiente.

“Podemos colocar uma fonte de metal derretido no palco?”, perguntei a um dos caras da nossa produção na primeira reunião de planejamento.

“Não *exatamente*, Rob”, respondeu ele, talvez um pouco tenso. “Talvez possamos tentar algo com água e corante?”

Bem, ainda é um trabalho em andamento.

Quero que nossa turnê de jubileu de ouro traga referências ao legado das West Midlands para o Priest o mais fortemente possível. Já tive algumas ideias... e gosto de pensar que a principal delas é um enorme touro inflável.

Birmingham é o coração das West Midlands e, há séculos, o principal símbolo da cidade é o Bull Ring. Na Idade Média, era usado para rinhas de cães contra touros, depois se tornou um mercado municipal, até se transformar no magnífico e sofisticado shopping center que é hoje.

Assim, quero celebrar o Bull Ring com um touro inflável gigante – e digo *imenso* mesmo –, que voe sobre o palco. Nossa equipe vai entrar no palco antes do show, com macacões da Judas Priest Metalworks, empurrando um caixote. O público vai pensar: "*Hein? O que é isso?"*.

E então, quando chegar a hora... *o touro vai emergir*. Vai inflar em apenas 10 segundos e deixar todo mundo de cara. Vai ser tão impressionante, que todo mundo na arena vai sacar o celular[a] para filmá-lo e correr para casa para subir no YouTube e no Facebook.

A G. & R. Thomas Ltd., o Bull Ring... o que poderia ser mais verdadeiro às nossas raízes e origens como banda do que isso? E tenho certeza de que alguns onanistas vão torcer o nariz para o touro gigante e nos comparar ao Spinal Tap e seu Stonehenge, mas quer saber? *Não estou nem aí, porra,* porque vai ser sensacional.

Depois da turnê de aniversário, esperávamos continuar na estrada com outra grande instituição de Birmingham, Ozzy. Apenas vinte e oito anos depois de sua primeira turnê

de despedida, Ozzy está fazendo a *No More Tours II* para dar adeus à carreira no palco.

A turnê já teve de ser cancelada uma vez, porque, infelizmente, Ozzy é a mais recente figura da minha vida a ser vítima daquela desgraçada, a doença de Parkinson. Sei que ele e Glenn já tiveram conversas francas a respeito disso. Ozzy está se tratando e jura que vai conseguir vencê-la para fazer a turnê. Tenho certeza disso.

Sharon nos convidou para abrir e diz que podemos levar a Judas Priest Metalworks e o touro inflável. Conhecendo a astuta Sra. O., ela pode muito bem ter calculado que terá um substituto a postos caso, por infortúnio, Ozzy tenha alguma recaída menor de saúde.

Mas isso não poderia acontecer *de novo, certo?!*

Nossos planos para esses três acontecimentos corriam bem quando Thomas e eu voltamos para Phoenix, em março. E então as repercussões de algo terrível que teria acontecido num mercado em Wuhan, na China, correram o globo e pararam o mundo.

Nunca na vida vi alguma coisa como a pandemia do coronavírus. *Ninguém nunca viu*. É horrível ver os sites de notícias ou os boletins da TV todos os dias com dezenas de milhares de pessoas morrendo pelo mundo todo. Você se sente em choque... e desamparado.

Ficar entocado em casa e olhar para as ruas desertas, exceto por poucas pessoas tomadas pelo pânico, de máscaras cirúrgicas azuis, que voltam apressadas para as suas próprias tocas, me lembrou dos livros de ficção científica apocalípticos que eu tinha o costume de ler.

Parece que estamos vivendo num atemorizante romance de Asimov.

É uma sensação estranha e opressora, e eu fui tomado principalmente por uma admiração e gratidão pelos médicos, enfermeiros, motoristas de ambulância e policiais que estão na linha de frente no combate a esse inimigo invisível. Eu os aplaudo; para mim, são o que há de melhor na humanidade.

Na verdade, a pandemia da covid-19 tem sido um lembrete direto e mortal de que há coisas neste mundo ainda *mais* importantes do que o heavy metal. *Coisas que são, de fato, questões de vida e morte.*

Isso quer dizer que os planos grandiosos do Priest estão adiados ou no ar, é claro. A turnê de aniversário foi adiada para 2021 e deve acontecer mesmo com os shows com Ozzy[72]. O novo álbum vai acontecer quando acontecer. Não importa. Vai valer a pena esperar por tudo isso.

E enquanto estou em *lockdown*, com nada para fazer, exceto caminhar pela casa e lavar as mãos vinte vezes por dia, tenho muito tempo para pensar na minha vida.

Acho que você provavelmente irá concordar que vivi muitas coisas, muitas delas que hoje têm algo de onírico e brumoso. Quando me recordo de ter me algemado a Andy Warhol, tocado no Live Aid ou papeado sobre quartetos de cordas e bater cabeça com a rainha, acabo me perguntando...

Será que tudo isso aconteceu mesmo? Será que eu imaginei? Será que estou vivendo num filme bizarro e improvável?

Eu não teria conseguido escrever *Confesso* se não estivesse sóbrio. Não teria conseguido encarar meu passado e meus demônios da maneira como o fiz. Estou sóbrio há mais de trinta e cinco anos, porém, nunca dei minha sobriedade como certa. É como sempre foi, um dia de cada vez.

A coisa mais importante para mim, todos os dias da minha vida, é terminar um dia sem beber. Até hoje, nunca fui a uma reunião do AA, mas, quando saí da reabilitação, há mais de um terço de século, minha aconselhadora, Ardith, me deu um livro de reflexões.

Esse livro percorreu o mundo comigo. Ele traz uma reflexão para cada dia do ano, então, deitado na cama à noite, já li todas elas trinta e quatro vezes até hoje, e sigo relendo. Se não leio minha reflexão diária, não consigo dormir. Simples assim.

A principal coisa que a sobriedade trouxe à minha vida foi a *honestidade*. Ela colocou um fim às mentiras e ao fingimento que acompanhavam a bebida e as drogas. E o outro acontecimento que me levou a começar a ser completamente honesto comigo mesmo foi me assumir gay.

Quando você vive no armário, quando *vive uma mentira*, passa todos os dias da sua existência tão tenso e reprimido, que, quando enfim sai dele, recebe uma explosão de sinceridade e clareza. Você não quer guardar mais nada. *Quer se confessar.*

Sempre me pergunto por que demorei tanto tempo para me assumir e por que, mesmo quando enfim dei esse passo enorme, foi por engano, numa entrevista para a MTV! No entanto, ao escrever este livro, me dei conta de que

precisava acontecer desse jeito. Era o destino. Eu não estava pronto para fazê-lo antes daquele momento.

Ao longo da minha vida toda, especialmente na minha juventude, os gays tiveram de lidar com a homofobia e o preconceito nos jornais, na TV e em tudo ao nosso redor na vida cotidiana. Tivemos de viver como se fôssemos párias para as pessoas na escola, no trabalho... *até nas nossas próprias famílias*.

Bem, isso nos deu uma força tremenda. Enfrentamos esses horrores e essa luta diária para sermos aceitos. Assim, você passa por tudo isso e, quando chega do outro lado, nada mais pode te ferir. *Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras não me machucam...*

Se eu tivesse 21 anos hoje, numa banda iniciante, ia me assumir gay logo de cara. O mundo é um lugar diferente e melhor do que era no início dos anos 1970. O Sr. Humphries, pobre coitado, virou pó. Homens gays não são mais figuras cômicas a quem ridicularizar... ou surrar.

O preconceito e a ignorância não estão mortos. De vez em quando ainda recebo mensagens que dizem que todos os "viados" devem morrer. Tristes intolerantes ainda tentam fazer *bullying* comigo nas redes sociais. Porém, digo de bom grado que eles simplesmente não me incomodam mais. É para isso que existe a opção "deletar"!

O contentamento foi uma coisa que me intrigou por muito, muito tempo. *Hoje*, sou contente e feliz, e não só por conta da sobriedade e de ter me assumido, mas também por ter passado os últimos vinte e cinco anos com um parceiro com quem sou incrivelmente íntimo e interligado.

Com sorte, todos nós encontramos “A Pessoa” e, para mim, Thomas é A Pessoa.

Estamos juntos todos os dias, quase inseparáveis. Thomas me acompanha em todas as turnês do Priest – na verdade, não acho que conseguiria fazê-las sem ele, hoje em dia. Ele é minha rocha, totalmente indispensável.

Quando estamos em Phoenix, raramente vou dormir antes das 3h, por causa da insônia. Assim, dormimos até o meio-dia e depois vamos até o shopping mais próximo para almoçar. À tarde, talvez demos um mergulho na piscina de casa. Fazemos muito pouca coisa e gostamos assim.

Talvez os fãs do Priest presumam que eu dê uma volta de Ferrari toda manhã, me encontre com a Lady Gaga para tomar champanhe e depois vá saltar de paraquedas. *Vão sonhando!* Quando o Priest não está na estrada, não é assim que Thomas e eu vivemos. Somos bem... entediantes.

Em turnê, ficamos cercados de muita gente, dia e noite, o tempo todo. Então, quando voltamos para Phoenix, ficamos satisfeitos em assistir à Netflix toda noite... e ir ao cassino uma ou duas vezes por mês para jogar caça-níqueis por 1 hora. É tudo de que precisamos.

Somos igualmente sossegados em Walsall, aonde Thomas adora ir comigo: podemos ir a pé aos lugares, em vez de dirigir para todo o canto como fazemos nos EUA. Vemos minha família, curtimos um tempo juntos... e, toda noite, fazemos o que chamamos de “caminhadas noturnas”.

Passeamos por um pequeno circuito de ruas em torno da casa que tenho há quarenta anos, trajeto que nos leva até o final do pequeno *cul-de-sac* onde fica o bangalô que meus

pais enfim me deixaram comprar para eles. Nunca vou me esquecer do quão feliz os dois foram ali.

Por muito tempo, depois da morte dos meus pais, não consegui passar por essa rua e olhar para a casa deles, era pungente demais, parecia haver lembranças demais ali. *Mamãe e papai: se foram. Nossa antiga vida: tirada de nós.* Eu me via segurando as lágrimas.

Hoje, *consigo* passar por aquele *cul-de-sac* sem problema. Mas geralmente não passo.

Completo 70 anos em 2021, e uma coisa que aprendi é que quero continuar no Priest pelo máximo de tempo que puder. Cometi o erro de me afastar da banda uma vez e nunca mais vou repeti-lo. Vão precisar de um laço para me tirar do palco.

Quero berrar feito louco para sempre!

Cantar é meu alívio mental; meu propósito e meu sentido na vida. Só me sinto verdadeiramente vivo quando estou no palco, cantando com o Judas Priest. A alegria que sinto nisso é extraordinária, não há nada que chegue perto. Ainda quero gritar em “Painkiller” quando tiver 80 anos!

Glenn já está com 70 e poucos anos e sempre chama nossos fãs de “meninada”, ainda que muitos deles também estejam hoje com seus 50 e 60 e poucos! Acho que é uma forma muito doce e verdadeira de olhar para as coisas, porque, não importa a sua idade, quando você vai a um show de heavy metal, volta a ser adolescente.

A essa altura, assim como muitas bandas veteranas, o Judas Priest é uma máquina do tempo. Podemos tocar músicas dos anos 1970, 80 ou 90 e transportar vocês

diretamente para essas épocas. *Ei, é 1978 de novo! Demais! É 1985!* Somos uma família com filhos... e famílias têm ótimas lembranças.

Ainda sou o apaixonado por heavy metal que sempre fui. Todos os dias, me sento com meu iPad e vasculho os sites de metal em busca de novos artistas e novas músicas. Há cenas prósperas de metal em lugares que você não acreditaria, como a África do Sul e até o Irã! Quero que o Priest toque em todos eles.

Hoje em dia, toda noite quando vou dormir, depois de ler o livro de reflexões, faço minhas orações. Rezo o pai-nosso, a Oração da Serenidade e então rezo por todas as pessoas da minha vida: por Thomas, pela minha família, pelos nossos fãs, por todo o mundo. Creio *enfaticamente* no poder da oração.

Não sei *para* quem em particular rezo, mas sei que alguém, ou algo, está ouvindo. Há mais na vida do que o nosso tempo neste planeta. Definitivamente, há vida após a morte. Aprendi *essa* lição na noite em que conheci uma mulher jamaicana chamada Pearl, numa casa noturna em Nova York.

Não tenho medo da morte nem um pouco. Ela pode chegar a qualquer momento – posso bater a cabeça na beira da piscina amanhã. Posso cair da moto no palco de novo na turnê de aniversário! A vida pode ser tirada num segundo, *num piscar de olhos*.

Permitam-me esclarecer: não estou dizendo para ela *vir*! Amo demais a minha vida para querer que ela acabe! Mas estou pronto. Às vezes, me pergunto como deveria ser o meu funeral. Penso que eu gostaria de um caixão coberto

de couro e rebites, com grandes alças de metal, e gente chorando.

Muito choro e lamentos exagerados. Adoro lamentos exagerados!

Onde será meu repouso final? Pensei em tentar conseguir um jazigo perto de Ronnie James Dio, no cemitério Forest Lawn, nas Hollywood Hills... mas acho que preferia ser enterrado em Walsall. É de lá que venho e é onde devo acabar. E acho que gostaria muito de uma estátua.

Talvez minha estátua pudesse ser erguida no centro da cidade, onde antigamente ficavam os banheiros públicos que eu costumava frequentar em busca de pegação anônima (*com certeza* isso merece pelo menos uma placa azul?! [73]). Mas acho que gostaria que ela ficasse na frente da St. Matthew's Church, no topo da colina com vista para Walsall.

Ah, e à noite, gostaria que a estátua contasse com gelo-seco e alguns lasers, *por favor*. Não acho que seja pedir muito.

Volto a bater na tecla de Walsall, onde comecei, mas Walsall mudou muito, para sempre. Os estudantes não pensam mais, em pânico: "*Estou sufocando!".* Aquele lar escuro e severo da indústria pesada do Black Country, a cidade da G. & R. Thomas Ltd. e do ferro-gusa, se foi para nunca mais voltar.

Alguns anos atrás, fiz uma visita de um dia ao Black Country Living Museum, em Dudley, com Thomas, Sue e sua filha, Saskia, que na época tinha uns dez anos. É uma aula de história ao ar livre magnífica, um vilarejo reconstruído

carinhosamente, que preserva o legado industrial e de mineração da região.

Caminhávamos pelas ruas de paralelepípedo e observávamos a velha forja e as janelas das fábricas e as barcaças no canal quando Saskia veio até mim e me mostrou alguma coisa.

“Tio Rob, o que é isso?”

Olhei para baixo. Ela segurava um pedaço de carvão.

“É carvão, Saskia.”

“Carvão? O que é carvão?”

Não pude acreditar no que ouvi. “Saskia, você está tirando com a minha cara!”

“Não estou, não! O que é carvão?”

Assim, expliquei à minha pequena sobrinha o que era carvão e o que fazíamos com ele, e contei a ela do homem do carvão que, todo coberto de fuligem, passava pelo nosso portão no Beechdale toda semana com um saco. “Uau!”, disse ela, e envolveu o pedaço cuidadosamente num lenço para mostrar para os amigos na escola.

O heavy metal nunca vai morrer... mas a paisagem que deu origem a ele já pereceu. Ainda assim, sempre retorno a Walsall, e quer saber de uma coisa? Sempre que volto, não há nada que eu goste mais do que ir até a uma lanchonetezinha da cidade para comer *fish and chips*, purê de ervilha e um ovo em conserva.

Porque eu gosto mesmo de um bom ovo em conserva.

Sempre disse que nunca escreveria um livro de memórias: parecia ser uma tarefa intimidante demais. Porém, estou muito contente por tê-lo escrito. Contente por ter visitado meu passado extraordinário, examinado a

minha vida de forma profunda e árdua... e por ter tirado todas essas coisas do peito.

Porque, às vezes, *confessar* faz um bem danado para a alma.

a Vão ser celulares demais para eu correr e chutar todos.

72 *O braço europeu da turnê* No More Tours II *de Ozzy, que contaria com o Judas Priest como banda de abertura, de fato foi adiada para 2022, como confirmado por Sharon Osbourne em 12 de outubro de 2020.* (N. do T.)

73 *As placas azuis indicam lugares de significância relacionados a personalidades. São instaladas como marcos históricos, e usadas principalmente no Reino Unido, embora existam também em alguns outros países.* (N. do T.)

Bênçãos do Metal

Eu não poderia ter me confessado sem o amor, o apoio e o incentivo de tanta gente, e citar todo mundo traria proporções bíblicas a este livro. Estas são as pessoas maravilhosas que ocupam os primeiros bancos desta igreja:

Thomas, mamãe, papai, Sue, Nigel, Alex, Sass, Jo, Issy, Harper, Ollie e Liz.
A família Halford e os nossos queridos abençoados que já se foram.
Jayne, Bill, Glenn, Ian, Scott, Richie, Ken, Tom e Jim Silvia.
Meus fãs; meus colegas músicos e suas bandas; e meus amigos na indústria musical e na mídia, em particular Scott Carter, da EPIC NY, Mark Neuman, Chip e Ian Gittis, o Confessor.
Meus amigos próximos: Pagoda, Jeff, Patsy, Jim, Hillbilly, Jaymz, Jarvis, Shane, Rem, Richard e Kevin.
Toda a congregação, cujos membros todos têm um lugar no coração da vida do Deus do Metal.

Créditos das músicas

Capítulo 5 “Run of the Mill”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Gull Songs

Capítulo 5 “Dying to Meet You”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Gull Songs

Capítulo 6 “Sinner”, Tipton/Halford, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

Capítulo 6 “Raw Deal”, Tipton/Halford, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

Capítulo 6 “Here Come the Tears”, Tipton/Halford, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

Capítulo 7 “Beyond the Realms of Death”, Halford/Binks, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Universal Music Publishing

Capítulo 8 “Take on the World”, Tipton/Halford, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

Capítulo 9 “Breaking the Law”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 11 “Screaming for Vengeance”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 12 “Jawbreaker”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 12 “Eat Me Alive”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 13 “Turbo Lover”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 13 “Parental Guidance”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 16 “Painkiller”, Tipton/Halford/Downing, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 20 “Deal with the Devil”, Tipton/Halford/Downing/Ramirez, cortesia de Sony/ATV Music Publishing e Round Hill Songs II (ASCAP), MFN

Capítulo 21 “Redeemer of Souls”, Tipton/Halford/Faulkner, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

Capítulo 22 “Firepower”, Tipton/Halford/Faulkner, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

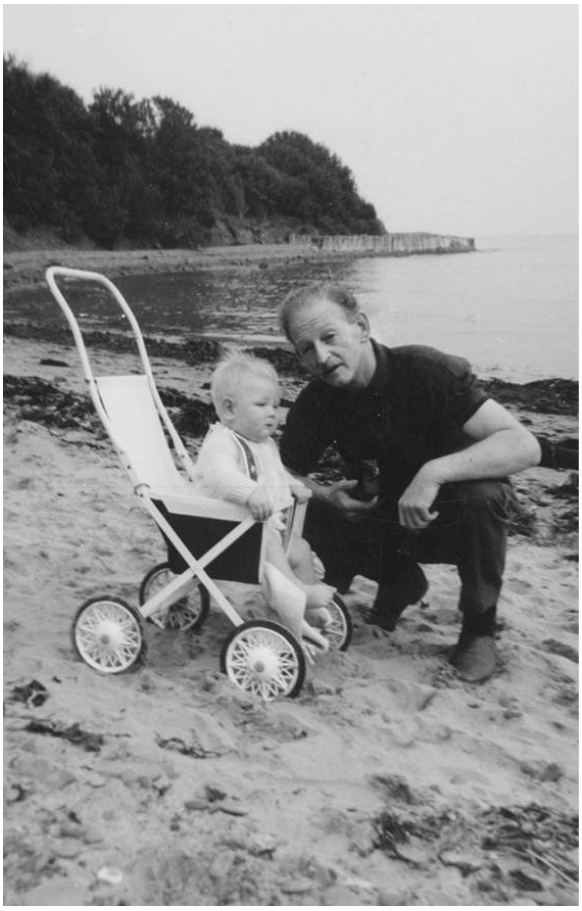
Capítulo 22 “No Surrender”, Tipton/Halford/Faulkner, cortesia de Sony/ATV Music Publishing

[Foto Larry Rostant]



ROB HALFORD é um cantor, compositor e músico inglês. É mais conhecido como vocalista do Judas Priest, banda de heavy metal ganhadora do Grammy, com 20 álbuns lançados até o momento e que continua a fazer turnês. Halford vive entre as Midlands, no Reino Unido, e o Arizona, nos EUA.

** Todas as fotos deste caderno de imagens são do acervo de Sue Halford, exceto quando indicado.*





“Por favor, não me faz entrar no mar! Sou muito novo e tá frio!” Férias divertidas na praia com papai (à esquerda) e mamãe (à direita).



Neném do Beechdale na bike, pouco depois de nos mudarmos para a casa novinha em folha em Walsall.



Eu, mamãe, papai e Sue no jardim dos meus avós, em Birchills, Walsall. Eu adorava passar os fins de semana com eles.



“Pois é, vou me encontrar com a rainha aqui daqui a cinco anos!”: me gabando para Sue e sua amiga, no Arboretum.



Eu e Sue nos preparando para enfrentar a caminhada através da fumaça sufocante da G. & R. Thomas Ltd., a fábrica de ferro-gusa.



Na escola primária. Rapazinho inteligente, não?



Interpretando um rei (o quarto da direita para a esquerda) no presépio das crianças. “Inquieta é a cabeça que carrega uma coroa”? Pode apostar que sim, se ela estiver espetando seu crânio!



Minha família nunca pegava aviões, mas pelo menos nós podíamos observá-los. Sue e eu com alguns amigos do conjunto habitacional em Heathrow, onde ficávamos boquiabertos com os aviões.



Eu aperfeiçoava o meu Gay Gordon na aula de danças tradicionais da escola secundária. Sou o terceiro da esquerda para a direita, na última fileira.



No jardim dos fundos na casa da Kelvin Road, com um recém-chegado surpresa na família: meu irmão, Nigel.



Esta não seria a última vez que eu pegaria “bichinhos” na praia.



Passando por uma fase de veludo cotelê que, felizmente, não durou muito.



Minha irmã Sue e seu cabeludo, Brian, o Leão, que provavelmente ainda tem pesadelos com aquela minha desastrosa aula de direção. Aquele pobre Mini!



Desfrutando da minha paixão adolescente pelas artes cênicas no Walsall Grange Playhouse. “Fiquem de olho nesse garoto!”, recomendava o *Express & Star.*



Eu (o segundo da esquerda para a direita) no Lord Lucifer, que durou pouco e adorava chapéus.



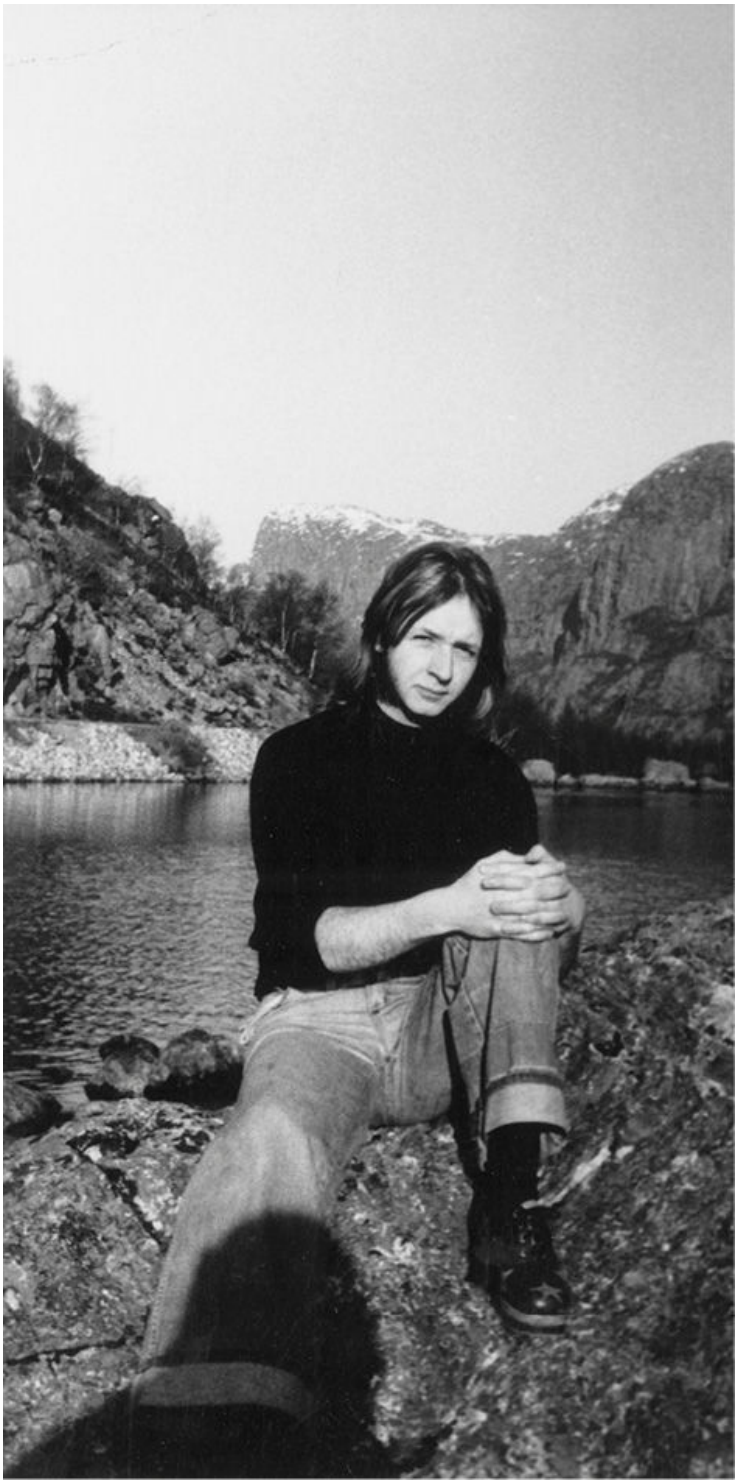
Treinando o vocal numa das primeiras bandas. Eu não era uma grande estrela, mas minha camiseta sim.



Uma rara viagem de trem para um show do Priest, com costeletas à la Mungo Jerry e uma blusa da Harry Fenton. Joia!



O lendário ex-empresário do Priest, Dave “Corky” Corke, com sua namorada, Lynn (à esquerda), e minha meio-namorada, Margie (ao centro).



À beira de um lago, tentando parecer profundo numa das primeiras turnês do Judas Priest.



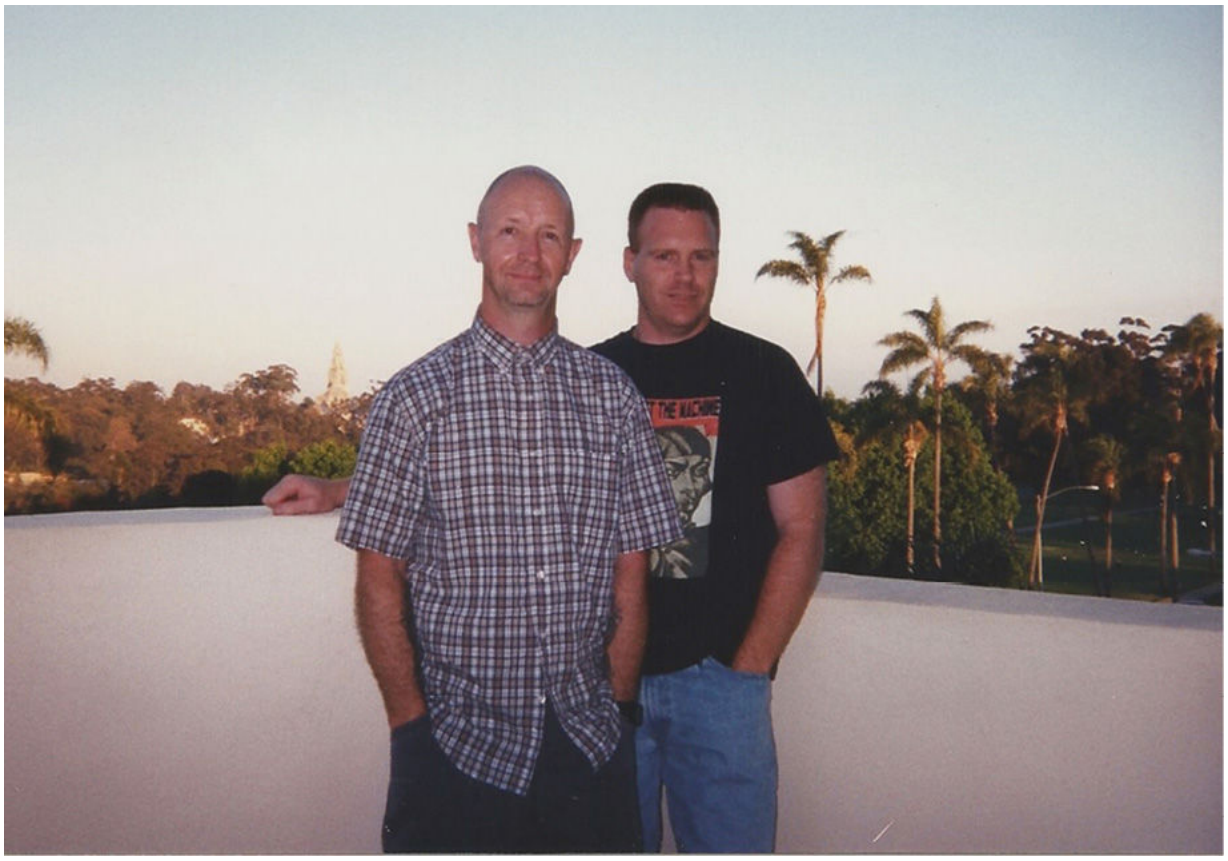
Descarregando a nossa van Mercedes antes de um show num clube de trabalhadores. Bem glamouroso, hein?



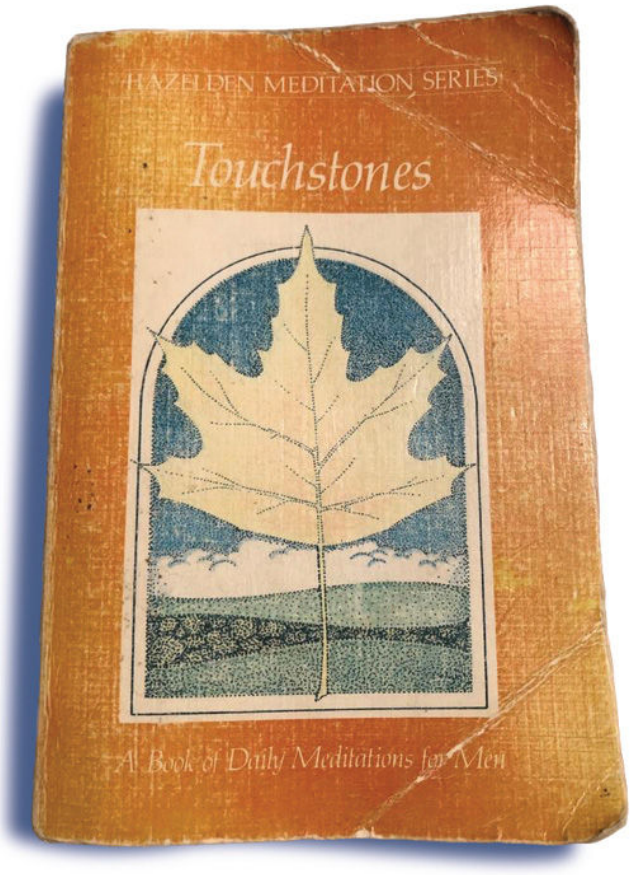
Uma das primeiras fotos de divulgação: Ken, John Hinch, eu e Ian, num ponto turístico local. Não tínhamos dinheiro para pagar por um fotógrafo, então Corky tirou a foto.



Arrasando no Live Aid, na Filadélfia, em 13 de julho de 1985. Foi um dia... movimentado. *[Foto: Amy Sancetta/AP/Shutterstock]*



Com sorte, você encontra A Pessoa. Uma das primeiras fotos com Thomas, minha rocha e minha alma gêmea. *[Acervo pessoal do autor]*



Ardith, minha conselheira de reabilitação que ajudou a salvar minha vida, me deu este livro de meditações. Tenho lido todas as noites nos últimos trinta e quatro anos. *[Acervo pessoal do autor]*



Revisitando as casas de shows mais intimistas com o Fight, meu primeiro projeto solo depois que saí do Priest por acidente: The London Astoria, 1993. *[Foto: Andre Csillag/Shutterstock]*



Aquela embaraçosa fase electro-gótica com o visual de Fu Manchu, no 2wo, em 1998. *[Foto © John Eder]*



O Deus do Metal quando ele não precisava de passe de ônibus. *[Acervo pessoal do autor]*



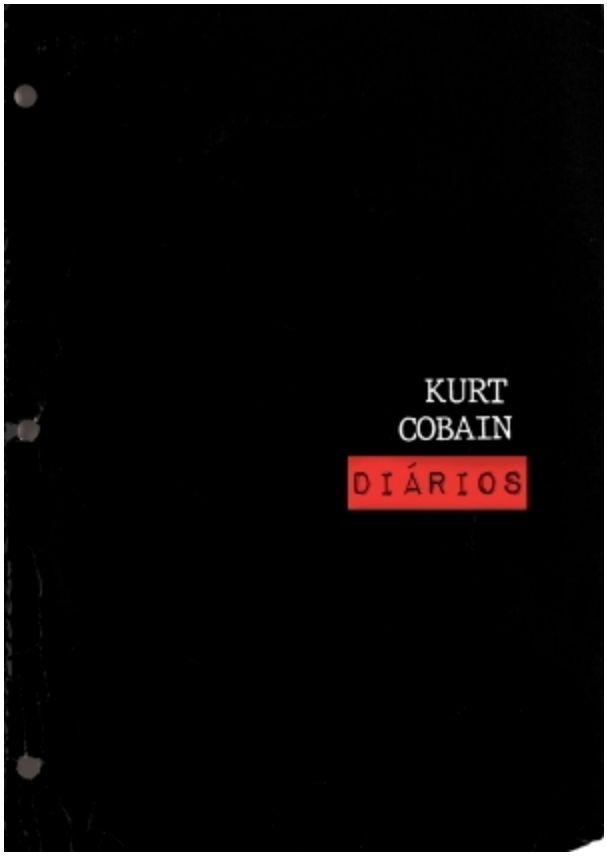
Uma rara selfie com Lemmy, no Chile, em maio de 2015. Infelizmente, ele faleceria naquele ano. *[Acervo pessoal do autor]*



“*Ladies, ladies*!” Com Gaga e Starlight. Phoenix, 2014. *[Acervo pessoal do autor]*



Feliz jubileu de ouro ao Judas Priest: uma banda e uma vida forjadas no Black Country. *[Foto © Travis Shinn]*


KURT
COBAIN
DIÁRIOS

Diários

Cobain, Kurt
9786555370881
576 páginas

Compre agora e leia

O MAIS PRECIOSO RETRATO SOBRE A VIDA E OS PENSAMENTOS DE KURT COBAIN Pela primeira vez, 27 anos depois da morte de Kurt Cobain, seus diários finalmente chegam ao Brasil traduzidos para o português. Durante sua carreira, o líder do Nirvana preencheu cadernos com letras de música, desenhos e reflexões sobre seus planos para a banda, bem como pensamentos sobre fama, o status da música e as pessoas que compraram e venderam sua música. Os Diários revelam um artista que amava música e estava determinado a definir seu lugar na história do rock. Este é o melhor e o mais precioso retrato sobre a vida e os pensamentos de Kurt Cobain, que ele próprio escreveu à mão sem imaginar que um dia se tornaria um documento para a história do rock e um presente para milhões de órfãos do Nirvana. Finalmente, 27 anos depois de sua morte, seus cadernos com letras de música, desenhos e reflexões estão reunidos nesta edição bilíngue, com as anotações do autor originais em inglês e, ao lado, a tradução para o português. Esboços das grandes canções, pensamentos à frente do seu tempo, situações antes e

durante a fama e todo seu desconforto com ela, a relação com as drogas, os sentimentos, as emoções, os desabafos, as ideias. Tudo isso é contado ao leitor por Kurt, da forma mais crua possível. Ler seus Diários é mergulhar na mente de Kurt, que era criativa e genial, mas ao mesmo tempo depressiva e inquieta. Se você ler, você vai julgar.

Compre agora e leia


Tito Gusmão
papo de grana
Faça o dinheiro trabalhar para você.

Papo de grana

Gusmão, Tito
9788581744629
144 páginas

Compre agora e leia

APRENDA A VIVER SEM SER ESCRAVO DO DINHEIRO
"Dinheiro não surge do nada. Você quer? Vai ter que conquistar." Foi a resposta que Tito Gusmão recebeu do pai quando ainda era um menino e queria saber por que não tinha um cartão que seria abastecido automaticamente, o que também é conhecido como mesada. A resposta pavimentou o caminho para uma relação de respeito com o dinheiro desde cedo, e que determinou também a escolha profissional. Tito foi um dos sócios da XP Investimentos e depois fundou a Warren, uma fintech (empresa de tecnologia do segmento financeiro) para desmistificar o mercado financeiro e auxiliar pessoas de todas as idades a investir bem. Em Papo de Grana, Tito mostra como ter uma relação melhor com o dinheiro, como fugir das roubadas (que são muitas) na hora de investir e fazer as escolhas certas para conquistar a independência financeira. Não porque dinheiro tem que ser a coisa mais importante do mundo, mas justamente porque ele é a última coisa com que você deveria se preocupar. Entenda por que seu dinheiro veio do seu tempo Gaste menos do que você ganha

Separe uma grana mensal para investir Livre-se das roubadas Construa objetivos de investimento Gaste com consciência Faça o dinheiro trabalhar para você Conquiste o Dia do F*da-se

Compre agora e leia


TIAGO MATTOS
VAI LÁ
E FAZ
COMO EMPREENDER NA ERA DIGITAL E TIRAR IDEIAS DO PAPEL
PREFÁCIO DE RONY MEISLER
Fundador da Rosenia

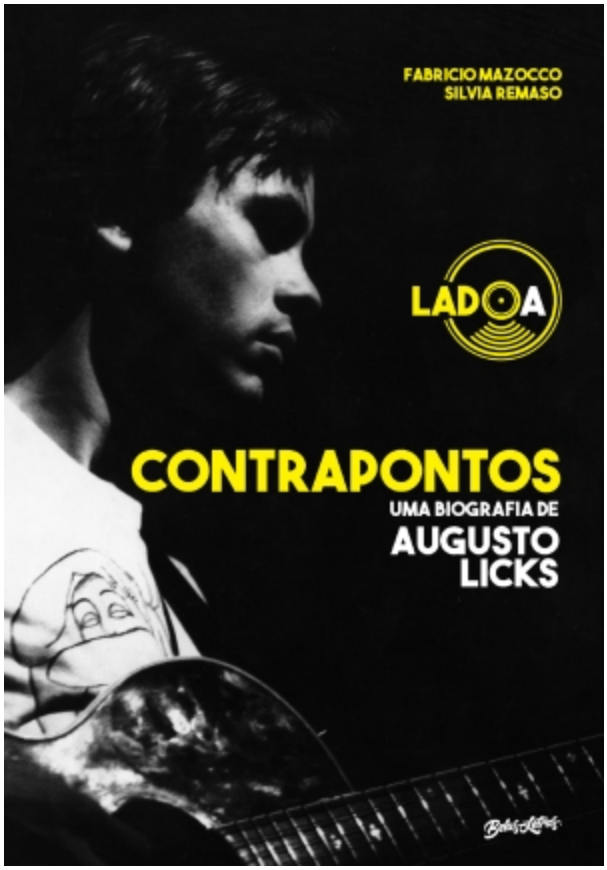
Vai lá e faz

Mattos, Tiago
9788581743660
320 páginas

Compre agora e leia

O mundo está cheio de histórias de empreendedores que começaram do nada. Tiago Mattos, um dos maiores futuristas brasileiros, formado pela Singularity – a universidade erguida no Vale do Silício pelo Google em parceria com a Nasa – vai te mostrar neste livro que, sim, você pode criar uma empresa bem-sucedida do zero se tiver o mindset certo e entender como o mundo está mudando. Porque nunca foi tão fácil fazer. Nunca foi tão fácil fazer um livro, uma música, um filme, uma reunião dos colegas do ensino médio, uma passeata, um partido político, uma casa, um carro, uma declaração de amor, uma viagem ao redor do mundo. Nunca foi tão fácil fazer uma empresa. Nunca foi tão fácil entender que ninguém fará o mundo que você quer por você. Só você.

Compre agora e leia


FABRICIO MAZOCCO
SILVIA REMASO
LADOA
CONTRAPONTOS
UMA BIOGRAFIA DE
AUGUSTO
LICKS

Contrapontos

Mazocco, Fabricio
9788581744780
137 páginas

Compre agora e leia

CONTINUE LENDO ESTA HISTÓRIA NO E-BOOK DO LADO B *Os mistérios de um guitarrista finalmente revelados* No final do ano de 1993 uma das principais bandas brasileiras – Engenheiros do Hawaii – perdeu seu guitarrista, por motivos que nunca foram devidamente esclarecidos. Desde então, ele manteve silêncio sobre sua saída e afastou-se da mídia, recusando-se a dar entrevistas. Fãs usavam redes sociais para tentar descobrir "Por onde anda Augusto Licks?". Voltaria à cena somente em 2008, com o workshop existencial Do Quarto Para o Mundo. Em Contrapontos, finalmente esclarecem-se fatos desconhecidos sobre esse músico que quase não falava em entrevistas nem fazia coreografias, apenas concentrava-se em produzir sons, muitos sons. Os jornalistas Fabricio Mazocco e Silvia Remaso garimparam a infância, a juventude, os tempos de jornalista, a vida nos Estados Unidos e, é claro, os bastidores do trio GLM, incluindo a construção das músicas, as dinâmicas de palco, as gravações, as muitas viagens, até o impacto da separação e suas consequências. **Este é o Lado A do livro, escrito**

pela jornalista Silvia Remaso, que conta a história de Augusto Licks desde sua juventude até suas primeiras vivências musicais. O Lado B, escrito por Fabricio Mazocco, conta a história a partir da entrada de Licks na banda Engenheiros do Hawaii e sua saída em 1993, além de curiosidades sobre o músico em seu período pós-banda. Você pode continuar lendo a história no e-book do Lado B.

Compre agora e leia


ABRACE
SEU
FILHO
THIAGO QUEIROZ
PAIZINHO VÍRGULA

Abrace seu filho

Queiroz, Thiago
9788581744407
152 páginas

Compre agora e leia

CONTEÚDO EXCLUSIVO PARA E-BOOK: UM TEXTO INÉDITO DO AUTOR SOBRE A ESPERA DE UM NOVO BEBÊ "Com este livro você será não só uma mãe ou pai melhor, mas uma pessoa sensibilizada para a preciosidade da vida." Fred Mattos - Psicólogo e palestrante Num mundo em que as pessoas dizem que pais não podem dar muito colo, que não podem dar amor demais, mais um monte de outros "nãos", Thiago Queiroz seguiu por um outro caminho. Ao receber a notícia da gravidez da esposa, passou a viver com os filhos uma história bem diferente da que teve com seu próprio pai, mais afetiva e participativa. E assim ele também criou uma das mais importantes redes sobre paternidade ativa na internet, oferecendo apoio e acolhimento a outros pais que buscam uma forma de se relacionar melhor com seus filhos. Este livro conta como o amor pelos filhos e a disciplina positiva mudaram a história de um homem. E de como ela pode mudar a sua também, se você abrir os braços para seus filhos. Todas as vezes que você abraça seu filho, você se cura um pouco. Todas as vezes que você abraça seu filho, você é abraçado de volta.

Não perca nunca essa oportunidade que a vida lhe dá. Abrace seu filho agora. É o melhor que você pode fazer. Por ele e por você.

Compre agora e leia